

Anderson de Souza Sant'Anna

**CONFIGURAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE DIVERSIDADE E  
VITALIDADE: UM ESTUDO DA RUA SANTA JULIANA (SETE  
LAGOAS, MG)**

Belo Horizonte  
Escola de Arquitetura/UFMG  
2016

Anderson de Souza Sant'Anna

**CONFIGURAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE DIVERSIDADE E VITALIDADE:  
UM ESTUDO DA RUA SANTA JULIANA (SETE LAGOAS, MG)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Teoria, Produção e Experiência do Espaço.

Linha de Pesquisa: Planejamento e Dinâmicas Socioterritoriais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jupira Gomes de Mendonça.

Belo Horizonte  
Escola de Arquitetura/UFMG  
2016

#### FICHA CATALOGRÁFICA

S231c

Sant'Anna, Anderson de Souza.

Configurações socioespaciais de diversidade e vitalidade [manuscrito] : um estudo da rua Santa Juliana (Sete Lagoas, MG) / Anderson de Souza Sant'Anna. - 2016.

299 f. : il.

Orientador: Jupira Gomes de Mendonça.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

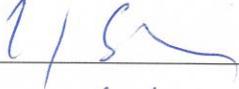
1. Espaço urbano – Teses. 2. Planejamento urbano – Teses. 3. Espaços públicos – Aspectos sociais - Teses. 4. Sete Lagoas (MG) – Ruas – Teses. I. Mendonça, Jupira Gomes de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 711.409815

Tese defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/ NPGAU da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, e aprovada em 23 de junho de 2016 pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Jupira Gomes de Mendonça (Orientadora - EA-UFMG) 

Profa. Dra. Denise Morado Nascimento (EA-UFMG) 

Prof. Dr. Reed Elliot Nelson (Southern Illinois University) 

Prof. Dr. Antônio Moreira de Carvalho Neto (PUC MINAS) 

Profa. Dra. Fátima Bayma de Oliveira (EBAPE/FGV-RJ) 

À Deus;  
à José Alves e Maria Rita Sant'Anna;  
à Tamara e João Gabriel Sant'Anna.

*“Sonho com uma ciência que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, mas as hetero-topias, espaços absolutamente outros; e, forçosamente, a ciência em questão se chamaria, se chamará, já se chama ‘heterotopia’”*

**Michel Foucault**

## AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização deste estudo, em especial:

- À professora Dr<sup>a</sup>. Jupira Gomes de Mendonça, com quem muito tenho aprendido, pela sabedoria, generosidade e incontestável competência na orientação deste estudo;
- A meus pais, José Alves de Sant'Anna e Maria Rita de Souza Sant'Anna, à minha mulher, Tamara Costábile Sant'Anna, e ao amado João Gabriel Costábile Sant'Anna, pelo carinho e suporte afetivo indispensáveis à realização deste projeto de vida;
- Ao professor Dr. Reed Elliot Nelson, pelas valiosas contribuições e apoio na articulação entre dados empíricos e teóricos, considerando os desafios da opção por método inspirado na *Grounded Theory*;
- À professora Dr<sup>a</sup>. Denise Morado Nascimento, pelas pertinentes e sábias considerações tecidas durante o exame de qualificação do projeto que deu origem a este estudo;
- Aos professores Dr. Antônio Moreira de Carvalho Neto e Dr<sup>a</sup>. Fátima Bayma de Oliveira pelas ricas interlocuções em torno da temática deste estudo;
- A todos os professores e colegas do NPGAU, bem como aos alunos dos seminários docentes, pela acolhida e riqueza de contribuições;
- Aos bolsistas do Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas e Liderança da Fundação Dom Cabral, Daniela Martins Diniz, Filipe Oscar Carneiro Fonseca Leal, Iago Vinícius Avelar de Souza, Tamires Moreira Carvalho e ao mestrado Paulo Henrique Gomes Jelihovschi, pelo apoio na aventura da coleta e tratamento de dados;
- Às equipes da Biblioteca Walther Moreira Salles e da Célula de Editoração, da Fundação Dom Cabral, pela presteza e competência no apoio às atividades de levantamento bibliográfico, transcrição, formatação e normalização;
- Aos nossos entrevistados pelo carinho com que me receberam, assim como pela abertura ao contato e compartilhamento de suas vivências, sem as quais não teria sido possível a realização deste estudo.

## RESUMO

Este estudo tem como propósito central apresentar, a partir de marcos teóricos fundamentados em Jane Jacobs e Pierre Bourdieu, resultados de pesquisa desenvolvida com o propósito de investigar relações entre as instâncias “espaço” e “ação social”, considerando como objeto de investigação rua da “periferia” de Sete Lagoas (MG), evidenciada por sua “marginalidade”, não obstante elevado potencial de dinamismo, diversidade e vitalidade. Interessou investigar o que teria essa rua *bricoleur* a nos informar sobre a construção de dinâmicas socioespaciais em que a criatividade, a diversidade e a diferença poder-se-iam constituir fatores de desenvolvimento socioeconômico. De que modo se articulariam, em sua dinâmica, seus principais agentes sociais? Qual o papel, as formas de atuação e que capitais – econômicos, sociais, culturais, simbólicos – seriam por eles mobilizados, em seu cotidiano? Em outros termos, que contribuições epistemológicas, teóricas e metodologias poderiam nos aportar quanto à análise e construção de dinâmicas socioespaciais favorecedoras de diversidade e de inovação? Tendo por base tais questões, objetivou-se: 1. descrever o espaço público objeto da investigação, considerando a prevalência de condições de diversidade, dinamicidade, inovação e vitalidade, conforme propostas por Jacobs (2011); 2. analisar a dinâmica socioeconômica e espacial da rua alvo do estudo, com destaque para formas cotidianas de mobilização e controle social dos diversos capitais – econômicos, sociais, culturais, simbólicos – transacionados pelos principais agentes nela envolvidos (BOURDIEU, 2008); 3. investigar papel, formas de atuação e influência desses diferentes agentes no espaço socioeconômico e espacial estudado, a partir do arcabouço teórico de Bourdieu (2008). Além das contribuições de Jacobs (2011) e Bourdieu (2008) cabe ressaltar, também, aquelas aportadas por Santos (2014), notadamente na compreensão dos elementos intervenientes no espaço urbano em análise. Em termos metodológicos, a pesquisa que subsidiou seus resultados pode ser caracterizada como um estudo de caso, de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de método inspirado na *Grounded Theory*, envolvendo análise documental, observação direta e entrevistas semiestruturadas e em profundidade, auxiliadas pela técnica da fotolinguagem, junto a moradores, empreendedores, trabalhadores, transeuntes, bem como habitantes de bairros limítrofes à rua investigada; autoridades e gestores públicos; urbanistas e formadores de opinião nela residentes ou na cidade. Para o tratamento dos dados coletados foi utilizado o *software* de tratamento qualitativo de dados *N-vivo 8.0*. A partir do conjunto dos dados analisados evidenciou-se que os diferentes agentes sociais envolvidos na dinâmica da Santa Juliana se articulam por meio da mobilização de diferentes capitais culturais, sociais, econômicos, simbólicos, bem como espaciais. Igualmente, diferentes características de diversidade e vitalidade se veem associadas a distintas formas de mobilização de tais capitais. Em outros termos, agrupamentos de agentes sociais específicos, mobilizando distintos capitais – econômicos, culturais, simbólicos, sociais – condicionam e são condicionados por configurações e capitais espaciais igualmente específicos, que resultam em dinâmicas mais ou menos favorecedoras de diversidade e vitalidade.

## ABSTRACT

The core purpose of this study is to present, based on theoretical markers laid down by Jane Jacobs and Pierre Bourdieu, research results developed in order to investigate relationships between the “space” and the “social action” instances. The object of its investigation is a street in the “periphery” of the town of Sete Lagoas (MG) that is known for its “marginality” despite its high potential for dynamism, diversity and vitality. We grew interested in investigating what this *bricoleur* could tell us about the construction of socio-spatial dynamics where creativity, diversity and difference could become factors in socio-economic development. How did its main social actors articulate within its dynamics? What was the role, what were the ways of acting, and what kinds of capital - economic, social, cultural, symbolic - did they mobilize in their daily lives? In other words, what epistemological, theoretical and methodological contributions could they offer us regarding the analysis and construction of socio-spatial dynamics that would lead to diversity and innovation? Based on these issues, our objective was to: 1. describe the public space under investigation by taking into account the prevalent conditions of diversity, dynamicity, innovation and vitality, as proposed by Jacobs (2011); 2. analyze the socio-economic and spatial dynamics of the street being studied, with an emphasis on the everyday forms of social mobilization and control of the various kinds of capitals - economic, social, cultural, symbolic - transacted by the main actors involved in it (Bourdieu, 2008); 3. investigate the role, the ways of acting and the influence caused by different actors on the socio-economic and spatial space studied from the perspective of Bourdieu’s (2008) theoretical framework. In addition to Jacobs (2011) and Bourdieu (2008 ) contributions it should be noted those brought by Santos (2014 ), especially in the understanding of elements involved in the urban space investigated. In methodological terms, the research that supported the results of this study can be characterized as a qualitative case study that was developed through a method inspired by the *Grounded Theory* and involved document analysis, direct observations and semi-structured, in-depth interviews mediated by photo language technique with residents, entrepreneurs, workers, passersby as well as with people who dwell in neighborhoods adjacent to the street investigated; authorities and public managers; urban planners and opinion makers who live either on that street or in the city. The *N-vivo 8.0* qualitative data treatment software was used to analyze the data that was collected. From the set of data that was analyzed it became clear that the different social agents involved in the dynamics of Santa Juliana street articulate themselves by mobilizing different cultural, social, economic and symbolic, as well as spatial, kinds of capital. Similarly, different characteristics of diversity and vitality are associated with different ways to mobilize the kinds of capital involved. In other words, groupings of specific social agents, mobilizing distinct kinds of capital - economic, cultural, symbolic and social – will condition and be conditioned by equally specific settings and spatial capitals that will lead to dynamics that favor diversity and vitality to a greater or lesser extent.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Modelo teórico de análise .....	12
Figura 2. Elementos dos dois circuitos.....	22
Figura 3. Processos e resultados da <i>Grounded Theory</i> .....	80
Figura 4. Situação urbana de Sete Lagoas <i>vis-à-vis</i> a região da rua Santa Juliana .....	89
Figura 5. Região da Santa Juliana .....	90
Figura 6. Santa Juliana: raio de influência .....	91
Figura 7. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	95
Figura 8. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	96
Figura 9. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	98
Figura 10. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	98
Figura 11. Rua Santa Juliana: trecho 1 (residências).....	99
Figura 12. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	101
Figura 13. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	102
Figura 14. Rua Coronel Randolfo Simões, próximo ao início da Rua Santa Juliana.....	104
Figura 15. Início da Rua Santa Juliana, sentido centro-bairro.....	104
Figura 16. Início da Rua Santa Juliana, sentido centro-bairro.....	105
Figura 17. Rua Santa Juliana: trecho 1 (residências).....	105
Figura 18. Rua Santa Juliana: trecho 1 (residências).....	106
Figura 19. Rua Santa Juliana: trecho 1 (residências).....	107
Figura 20. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	108
Figura 21. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	109
Figura 22. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	109
Figura 23. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	110
Figura 24. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	110
Figura 25. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	111
Figura 26. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	111
Figura 27. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	112
Figura 28. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	112
Figura 29. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	113
Figura 30. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	113
Figura 31. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	114
Figura 32. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	114
Figura 33. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	115
Figura 34. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	116
Figura 35. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	116
Figura 36. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	117
Figura 37. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	117
Figura 38. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	118
Figura 39. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	118
Figura 40. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	119
Figura 41. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	120
Figura 42. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	122
Figura 43. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	122
Figura 44. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	123
Figura 45. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	124
Figura 46. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	125

Figura 47. Rua Santa Juliana: trecho 1 (residências).....	126
Figura 48. Rua Santa Juliana: trecho 1 (residências).....	126
Figura 49. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	127
Figura 50. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	128
Figura 51. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	130
Figura 52. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	131
Figura 53. Rua Santa Juliana: trecho 1 (residências).....	132
Figura 54. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	133
Figura 55. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	134
Figura 56. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	135
Figura 57. Rua Santa Juliana: limites e quadras de faces .....	138
Figura 58. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	140
Figura 59. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	141
Figura 60. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	141
Figura 61. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	142
Figura 62. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	143
Figura 63. Rua Santa Juliana: trecho 3 (comércio) .....	147
Figura 64. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	148
Figura 65. Rua Santa Juliana: trecho 4 (grandes empreendimentos) .....	148
Figura 66. Rua Santa Juliana: trecho 2 (serviços) .....	150
Figura 67. “Povaréu danado”.....	154
Figura 68. “Ciência + gambiarra = Santa Juliana” .....	155
Figura 69. “Tu’de’tudo” .....	156
Figura 70. “Misturanga” .....	157
Figura 71. “Butecano” .....	158
Figura 72. “É des-jeito!” .....	159
Figura 73. “Passarelas” .....	160
Figura 74. “Interiozando” .....	161
Figura 75. “É nós” .....	162
Figura 76. “Teias”.....	194
Figura 77. “Santa Juliana: do poirão que só Deus” .....	164
Figura 78. Rua Santa Juliana, trecho 2 (serviços) .....	170
Figura 79. Rua Santa Juliana, trecho 3 (comércio).....	171
Figura 80. Abatedouro, Casa de Carnes Bastos .....	194
Figura 81. Rua Santa Juliana, trecho 3 (comércio).....	188
Figura 82. Empreendedores segundo a perspectiva da localização espacial .....	190
Figura 83. Santa Juliana: trechos principais .....	194
Figura 84. Santa Juliana: percentual de grupamentos de empreendedores por trecho.....	198
Figura 85. Rua Santa Juliana, trecho 3 (comércio).....	201
Figura 86. Rua Santa Juliana, trecho 3 (comércio) .....	202
Figura 87. Modelo de desenvolvimento socioespacial.....	202
Figura 88. Modelo teórico revisitado .....	218

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Características dos dois circuitos da economia .....	21
Quadro 2. Mitos sobre a diversidade .....	50
Quadro 3. Condições de vitalidade espacial.....	51
Quadro 4. Capitais, conforme definições de Bourdieu.....	66
Quadro 5. Grupamentos de empreendedores, segundo habitus e capitais mobilizados .....	74
Quadro 6. Sujeitos de pesquisa.....	82
Quadro 7. Rua Santa Juliana: dados gerais .....	92
Quadro 8. Rua Santa Juliana: imóveis cadastrados, por bairros .....	92
Quadro 9. Rua Santa Juliana: Faces de Quadras e Ruas Transversais .....	137
Quadro 10. Rua Santa Juliana: cronologia de empreendimentos .....	172
Quadro 11. Empreendedores locais: atributos principais .....	184
Quadro 12. Grupamentos de empreendedores, segundo habitus e capitais mobilizados .....	185
Quadro 13. Relações de complementaridade vs. competição .....	200

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Rua Santa Juliana: relação de estabelecimentos comerciais.....	93
Tabela 2. Rua Santa Juliana: ocorrências policiais.....	145
Tabela 3. Linhas de transporte coletivo urbano - diárias.....	151
Tabela 4. Solicitações protocoladas pela câmara municipal – período 2008-2015.....	182
Tabela 5. Santa Juliana: percentual de empreendedores por grupamentos .....	196
Tabela 6. Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - residencial.....	196
Tabela 7. Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - serviços.....	197
Tabela 8. Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - comercial .....	197
Tabela 9. Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - grandes empreendimentos .....	197

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 O “ESPAÇO-MUNDO” NO PÓS CÍRCULO VIRTUOSO DO FORDISMO .....</b>	<b>15</b>
2.1 “Espaço-meso”: a cidade em mutação.....	23
<b>3 “ESPAÇO-ENTRE”: A RUA COMO METÁFORA DE DIVERSIDADE E VITALIDADE.....</b>	<b>26</b>
3.1 Espaços de diversidade e vitalidade: a perspectiva de Jane Jacobs.....	29
3.1.1 Condições que geram diversidade .....	42
3.1.2 Mitos sobre a diversidade .....	49
<b>4 INTERAÇÕES ENTRE AGENTES SOCIAIS: UM OLHAR A PARTIR DA SOCIOLOGIA DE BOURDIEU .....</b>	<b>53</b>
4.1 A teoria da ação prática de Bourdieu.....	54
4.1.1 A gênese do <i>habitus</i> .....	55
4.1.2 A estrutura dos campos sociais.....	59
4.1.3 A noção de capital em Bourdieu.....	62
4.1.4 A lógica da distinção .....	66
4.1.5. O espaço na teoria da ação prática de Bourdieu .....	68
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>75</b>
5.1 Coleta de dados.....	81
5.1.1 Sujeitos de pesquisa.....	81
5.1.2 Instrumentos de coleta de dados .....	83
5.1.3 Estratégia de coleta de dados.....	84
5.2. Tratamento dos dados.....	85
<b>6 DIVERSIDADE E VITALIDADE NA SANTA JULIANA .....</b>	<b>87</b>
6.1 Apresentando a rua Santa Juliana.....	87
6.2 Condições de diversidade e vitalidade na Santa Juliana .....	94
<b>7 TUDO JUNTO, MISTURADO E AO MESMO TEMPO .....</b>	<b>166</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>204</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>221</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>237</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>295</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem suas origens em trajetória, tanto acadêmica quanto profissional, no campo da Administração. E mais particularmente em interesse, para além de pesquisas envolvendo dimensões intra e interorganizacionais, por investigações acerca de relações entre dois construtos ainda pouco considerados em estudos na área: “espaço” e “dinâmica social”. É desse “lugar”, portanto, que deriva a tese que orienta seu desenvolvimento, a qual defende que relações entre grupamentos de agentes sociais específicos, mobilizando distintos capitais – econômicos, sociais, culturais e simbólicos – condicionam e são condicionados por configurações espaciais igualmente específicas, que produzem dinâmicas socioespaciais mais ou menos favorecedoras de diversidade e vitalidade.

Em outros termos, parte-se da consideração de que a dimensão espacial desempenha papel bem mais significativo no tensionamento intrínseco a uma dada dinâmica socioespacial que o considerado na literatura clássica sobre o tema, em particular em estudos de matrizes econômica e geográfica (SANTOS, 2014, 2014a; 2012). Como implicação prática defende-se que diferentes agentes sociais, ao articularem distintos capitais (BOURDIEU, 2010; 2009a; 2008, 1996) – econômicos, sociais, culturais, simbólicos e espaciais – produzem diferentes dinâmicas socioespaciais, mais ou menos favorecedoras de diversidade e vitalidade (JACOBS, 2011).

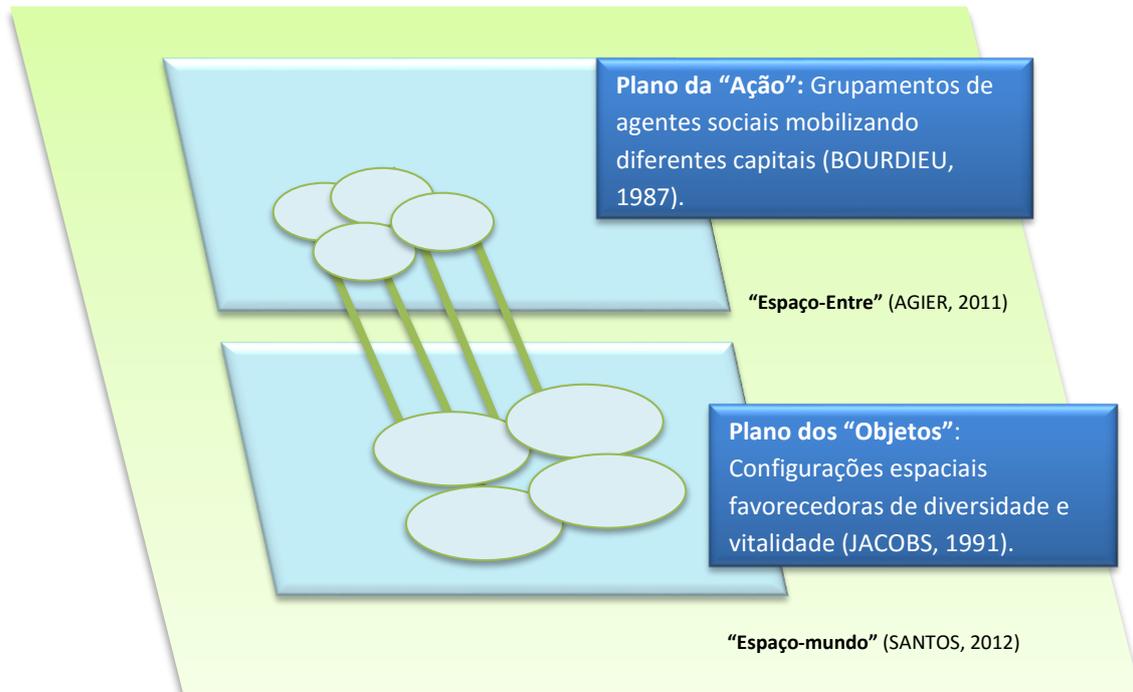
Sobre essas bases, para análise dos dados obtidos da pesquisa empírica conduzida no âmbito deste estudo, foi-se delineando, ao longo de seu desenvolvimento, *framework* teórico-conceitual, em que o “espaço” emerge como categoria “dinâmica” e “relacional” (SANTOS, 2012), constituída por um conjunto indissociável de sistemas de “objetos” e “ações”, cada qual composto por “microespaços” (SANTOS, 2014; 2014a; 2012; 1988)<sup>1</sup> ou “espaços-entre” (AGIER, 2011). Desse modo, para a análise dos “objetos”, fez-se uso do arcabouço teórico de

---

<sup>1</sup> “O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social” (SANTOS, 1988:10)

diversidade e vitalidade, conforme proposto por Jacobs (2011). Já para a investigação das “ações” utilizou-se a “Teoria da Ação Prática”, de Bourdieu (2008). A Figura 1 ilustra o modelo desenvolvido para análise dos dados empíricos coletados.

**Figura 1.** Modelo teórico de análise



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Assim sendo, a questão central que norteou a realização da pesquisa pode ser assim sintetizada: De que forma diferentes agentes sociais, ao se articularem em um dado espaço, mobilizando distintos capitais – econômicos, sociais, culturais, simbólicos – produzem diversidade e vitalidade?

Tendo por base o propósito, objetivo geral e questão de pesquisa acima formulados delineou-se como seus objetivos específicos:

1. Descrever o espaço público objeto da investigação, considerando fatores de diversidade e vitalidade;
2. Analisar formas cotidianas de mobilização de capitais - econômicos, culturais, simbólicos – envolvidos nas relações entre os principais agentes sociais envolvidos;

### 3. Investigar relações entre capitais mobilizados e condições espaciais de vitalidade.

Em outros termos, busca-se investigar o que teria, afinal, essa “rua marginal”, essa espécie de “*l’anormal*” (FOUCAULT, 1982), “*outsider*” (ELIAS e SCOTSON, 2000) ou “*bricoleur*” (LÉVI-STRAUSS, 2012), a nos informar sobre o desenvolvimento de dinâmicas socioespaciais de diversidade e vitalidade (JACOBS, 2011; FLORIDA, 2011)? O que teria a nos informar sobre a construção de “ecologias sociais comunitárias” (HANNAN e FREEMAN, 1984) ou de “*ecologies of innovation*” (GOLDSTEIN, HAZY, LICHTENSTEIN, 2010)? Em outros termos, que contribuições teria a nos aportar quanto à constituição de dinâmicas em que aspectos como a criatividade, a diversidade, a diferença e a inovação possam se revelar como fatores de desenvolvimento e vantagem competitiva (JACOBS, 2011)?

Além da busca em si por respostas a questões como essas, este estudo se justifica, ainda, em nível teórico, ao ampliar pesquisas acerca da multiplicidade de inter-relações que forjam dinâmicas socioespaciais contemporâneas, ampliando possibilidades quanto a novos olhares e contribuições teórico-conceituais-metodológicas que venham a favorecer a construção de ambiências citadinas mais aderentes à diversidade e à vitalidade, elementos centrais de “competitividade” das cidades e, em particular, de bem-estar das pessoas nelas envolvidas. Evidencia-se, nessa direção, as potencialidades quanto à aplicação de arcabouços teóricos ainda pouco explorados em Estudos Organizacionais e Urbanos, notadamente no Brasil, como a perspectiva de Bourdieu (SOUZA e SANT’ANNA, 2014).

Já em termos práticos, justifica-se ao contribuir com subsídios que venham a propiciar o desenvolvimento de políticas e práticas direcionadas à construção de ambiências urbanas favoráveis à diversidade e vitalidade. Nessa direção, propõem-se como objetivos secundários: 1. propiciar subsídios para o delineamento de metodologias e instrumentos de intervenção direcionados ao desenvolvimento de contextos urbanos fundamentados na diversidade e no senso de comunidade; 2. apresentar contribuições para o desenho de metodologias aptas a tais desafios; 3. propiciar elementos para elaboração de políticas e ações orientadas a um desenvolvimento urbano mais inclusivo, participativo e democrático, respeitando as diversidades e riquezas subjacentes às diferenças.

Quanto à sua estrutura, a tese se organiza ao longo de nove capítulos que se seguem a esta Introdução. Nos três capítulos seguintes encontram-se os fundamentos teórico-conceituais utilizados para o embasamento das análises do conjunto dos dados empíricos coletados, bem como dos achados e conclusões deles derivados.

Mais especificamente, o Capítulo 2 apresenta uma contextualização da sociedade contemporânea, fortemente marcada pelas implicações da ruptura, nos anos 1970, do “Círculo Virtuoso do Fordismo” (LIPIETZ, 1985), como a busca por novos padrões de produção e regulação social fundada no que Harvey (1989) irá denominar de “processo de acumulação flexível”. Discorre, também, sobre efeitos dessas transformações sobre a noção de “cidade”, a qual passa a ser submetida, de formas sem precedentes, a dispositivos típicos do arcabouço ideológico e instrumental do *Management*, de base norte americana (FERREIRA, 2007; MARICATO, 2000).

Em seguida, o Capítulo 3 se dedica à apresentação de estudos clássicos desenvolvidos por Jane Jacobs, na década de 1960 e ainda hoje referências centrais na crítica e construção de alternativas a processos convencionais de planejamento urbano. Em particular, atenção é dedicada às suas proposições acerca de fatores espaciais de diversidade e vitalidade, utilizadas como marco-teórico para investigação da unidade de pesquisa alvo deste estudo. Já para a análise das relações dos diferentes agentes sociais envolvidos na dinâmica em estudo fez-se uso, em particular, da “Teoria da Ação Prática”, de Pierre Bourdieu, conforme evidenciado no Capítulo 4.

Delineados os marcos-teóricos, o capítulo 5 é destinado à descrição dos procedimentos metodológicos adotados. Os capítulos 6 e 7, por sua vez, são dedicados à apresentação e análise dos dados empíricos coletados. Assim sendo, no Capítulo 6 se discorre sobre as condições de diversidade e vitalidade presentes no caso investigado. Já, no Capítulo 7, a tônica se dá na discussão dos dados concernentes à dinâmica socioeconômica e espacial estudada, tendo por base as noções de campo, capital e distinção, propostas por Bourdieu. Finalmente, nas Considerações Finais (Capítulo 8) retoma-se à questão de pesquisa e objetivos propostos, visando articulá-los aos principais dados e achados teórico-empíricos do estudo.

## Capítulo 2

### O “ESPAÇO-MUNDO” NO PÓS CÍRCULO VIRTUOSO DO FORDISMO

Adotando como ponto de partida a contextualização do macroespaço - ou “espaço-mundo” (SANTOS, 2014, 2014a, 2012) - tem-se como pano de fundo deste estudo a tônica contemporânea em intervenções e dinâmicas citadinas calcadas nas noções de flexibilidade, inovação, vantagem competitiva e agregação de valor, difundidas a partir da ruptura do chamado “Círculo Virtuoso do Fordismo” (LIPIETZ, 1985) e busca por novos padrões de produção e regulação embasados na noção de “acumulação flexível” (HARVEY, 1989). Tônicas que marcam a *démarche* da cidade pós-fordista (SOJA, 2000), por meio da ampla difusão de noções, tais como: “cidade-empresa” (BORJA e CASTELLS, 1999; HARVEY, 1989), “cidade empreendedora” (HALL, 1995), “cidade-espetáculo” (SÁNCHEZ, 2003) e “cidade global” (FERREIRA, 2007; SASSEN, 1999). Noções fundamentais para a análise e interpretação dos dados obtidos junto ao caso empírico que subsidiou os resultados deste estudo.

De fato, o ocaso do “Círculo Virtuoso do Fordismo”, em meados da década de 1970, acaba por direcionar as empresas – e também as instituições e cidades – a processos sistemáticos de “reestruturação produtiva”, envolvendo estratégias como a intensificação da busca por novos mercados – expressa no movimento de “globalização da economia” – a introdução de novas tecnologias – inicialmente de base microeletrônica e, mais contemporaneamente, digitais – e de modelos de gestão e regulação da força de trabalho mais flexíveis e facilmente reestruturáveis, assim como a ampliação dos sistemas de transporte e comunicação, substituindo a rigidez do modelo fordista por uma “nova ordem flexível de acumulação” (HARVEY, 1989).

Crítico perspicaz dos dispositivos dessa nova ordem, para Ferreira (2007: 115), no caso das empresas, a decisão estratégica é quanto a se espalharem pelo globo – não abrindo mão, porém, de centralizar o comando, o capital e as “*core competencies*” em suas sedes. A proposta é identificar em cada país o que ele pode oferecer de mais vantajoso: mão de obra barata, ausência de restrições ambientais e/ou trabalhistas, proximidade da matéria-prima, benefícios estatais e

vantagens tributárias, beneficiando-se das possibilidades advindas das tecnologias de comunicação que permitam o controle de todo o processo em um único ponto, montando-se o produto final em diversas unidades geograficamente espalhadas (FERREIRA, 2007: 98). Segundo ele,

Não é à toa, por exemplo, que se instalaram no Brasil, desde o início da década de 1990, uma dezena de novas *montadoras* (o nome já diz a restrita função dessa fábrica) automobilísticas que vieram ao país - trazendo a promessa da modernidade - apenas para fazer a fabricação de componentes ‘pesados’ de metalurgia (monobloco, motores) e a montagem de seus carros, deixando o desenvolvimento avançado e a fabricação dos componentes tecnológicos de alto valor agregado para as fábricas dos países-sede, onde as restrições ambientais e trabalhistas são cada vez mais severas (FERREIRA, 2007: 98)

Tal movimento, destaca Ferreira (2007: 115), contempla duas dimensões centrais: por um lado, os “avanços tecnológicos”, promovendo uma crise estrutural, em função do “*paradoxo do aumento da produtividade-desemprego*”, por outro lado – como tentativa de equacionamento desse impasse – a incorporação de “*novos arranjos espaciais-temporais*”, visando sustentar a expansão do sistema capitalista para a periferia, com vistas a possibilitar o acesso a novos mercados de consumo e a mão de obra mais barata e menos politizada.

No âmbito das cidades, tal movimento evidencia-se na difusão de “*discurso ideológico hegemônico que preconiza como inexorável – de forma similar ao que promove a globalização na esfera cultural, política e econômica – o papel ‘modernizante’ das ‘cidades globais’*” (FERREIRA, 2007: 115). Um modelo que se estrutura em torno da ideia de que compete às cidades “prepararem-se” para as “novas” forças da economia global, servindo como suporte físico aos fluxos econômicos e à atuação das empresas.

Sob essa concepção, segundo Sassen (1999), para serem competitivas, as cidades devem ser mais especializadas, mais preparadas para um “novo” tipo de organização econômica, para uma “nova” economia de serviços. Devem, em síntese, se adaptar “*às exigências das ‘transformações globais’ que lhes permitirão um novo papel estratégico*” (FERREIRA, 2007: 115). Se as teorias clássicas sobre cidades propunham investigar seus “atributos”, conferindo-lhes – ou não – a classificação de “cidade-mundial” de primeira ou segunda importância, emerge a necessidade de uma nova matriz teórica “propositiva”, que possa, de forma efetiva, aviar a “receita” necessária a essa “transformação” (FERREIRA, 2007):

De certa forma, trata-se de enterrar definitivamente o modelo funcionalista de planejamento do modelo anterior. Se o fordismo gerou uma matriz funcionalista-modernista-tecnocrática e autoritária, além de rígida, do planejamento urbano, ela agora não tem mais capacidade de responder às exigências de um sistema ‘flexível’ (FERREIRA, 2007: 117).

Autores como Sassen, Castells, Borja especializaram-se no estudo – e consultoria – dessa “nova” modalidade de planejamento urbano, amplamente inspirada nas teorias de gestão empresarial mais afins às demandas das cidades que se pretendem competitivas: “o planejamento estratégico, e sua variante, o marketing urbano” (FERREIRA, 2007: 116). O pressuposto é que:

[...] no mundo da ‘acumulação flexível’, em que dominam as ‘novas’ dinâmicas econômicas da globalização, as cidades devem ser mais competitivas em sua capacidade de oferecer a base física para esse novo cenário e, para isso, devem ser pensadas não mais como cidades, mas sim como empresas. O modelo teórico foi montado a partir da experiência festejada da reurbanização de Barcelona - do que decorre a presença dos urbanistas catalães, realizada em função da escolha da cidade como sede das Olimpíadas de 1992. [...] a urbanização de Barcelona é o caso mais típico de capitalização de um evento internacional de grande porte, que seria retomado posteriormente por outras cidades.

Essa ideia de competitividade difundida aos municípios como forma de adaptação ao papel estratégico imposto pela globalização evidencia, pela escassez de capitais disponíveis e tendência de concentração dos órgãos decisórios – ou “de comando” – uma competição entre si para atraí-los (FERREIRA, 2007), impulsionando a adoção de técnicas do “marketing urbano”, que trazem à tona:

[...] uma série de atributos específicos que constituem [...] insumos valorizados pelo capital transnacional: espaços para convenções e feiras, parques industriais e tecnológicos, oficinas de informação e assessoramento a investidores e empresários, torres de comunicação e comércio, segurança (FERREIRA, 2007).

Segundo Ascher (1995: 173)<sup>2</sup> citado por Ferreira (2007: 118):

[...] ‘o marketing urbano’ se converte em um elemento chave na definição das políticas locais. As autoridades locais buscam, através de todo tipo de meios, atrair investidores; isto supõe, especialmente, infraestrutura incluindo acessos rápidos e cômodos a todas as redes de transporte e de comunicação.

Grandes cidades europeias e norte-americanas, seguindo esse receituário, empreendem grandes operações de “revitalização urbana” em áreas degradadas, geralmente aquelas abandonadas pelo declínio da atividade industrial. Operações urbanas, como as empreendidas por Nova York

---

<sup>2</sup> ASCHER, F. *Métapolis ou l’avenir des villes*. Paris: Odile Jacob, 1995.

e Londres, tornam-se paradigmáticas desse modelo, não por isso sem efeitos colaterais (FERREIRA, 2007). Nas palavras de Ferreira (2007: 120):

[...] o planejamento estratégico estabelece as linhas de gestão para uma ‘cidade empresa’, promove a ‘cidade mercadoria’, que deve ser capaz de ser vendida e, sobretudo, estabelece a estratégia ideológica para que tais políticas sejam aceitas como inquestionáveis e necessárias pela população. Trata-se de promover o ‘patriotismo de cidades’.

Tal construção demanda, portanto, “consensos” entre os agentes locais envolvidos, com vistas a legitimar a “vocação” da cidade, bem como os investimentos públicos requeridos a torná-la atraente aos olhos dos investidores. Por necessitar

[...] gerar “consensos” necessários   sua própria aceita o, o planejamento estratégico insiste fortemente em questões como a gestão participativa e a importância do chamado “terceiro setor”. Por outorgar um papel central e competitivo às cidades, o planejamento estratégico d  especial ênfase aos governos locais (FERREIRA, 2007: 121).

Nesse sentido, apropria-se de discursos t picos dos movimentos urbanos de esquerda:

[...] participa o popular, gestão democrática e descentralizada, a importância dos poderes locais, o papel responsável e cidadão da sociedade civil, a necessidade de o planejamento funcional se distanciar da interven o “de gabinete” em favor de uma abordagem mais próxima das áreas reais que demandam transforma es (FERREIRA, 2007: 121).

Nessa dire o, para Castells (1999: 23):

Há quatro temas essenciais que determinam a resposta local urbana   a o perturbadora da globaliza o. O primeiro, e central,   a existência de atores capazes de gerar uma nova política urbana, uma nova gestão municipal. Sem esta mobiliza o da sociedade civil, articulada politicamente, não se v  de onde poderiam surgir as tendências de mudança. O segundo   um governo municipal inteligente, decidido, honesto, eficaz [...]. O terceiro ponto   a existência de uma estratégia de desenvolvimento econômico, obviamente centrada na iniciativa empresarial privada, em torno de projetos que façam da cidade um ente competitivo [...]. E o quarto ponto   a cria o da cidade, a melhoria da qualidade de vida, através do desenho urbano, da a o cultural, da cria o de centralidade, segurança cidad a a partir a partir do tecido social ativo e da vida de rua, remodela o urbana, integra o do tecido urbano.

Segundo Fischer (1996),   necessário atentar, ainda, para o fato de que, não obstante os processos sociais, econômicos, culturais e populacionais tenderem, de uma maneira geral, a se globalizar, seus efeitos concentram-se nas aglomera es urbanas e requerem atua es políticas integradas e tratamento em nível local. Sob essa perspectiva, a cidade deve ser entendida não

somente como território que concentra um grupo humano e atividades, mas como espaço simbiótico (poder político-sociedade civil) e simbólico (que integra culturalmente e confere identidade coletiva a seus habitantes, tendo um valor de troca com o exterior), que se transforma em um campo de respostas possíveis aos desafios econômicos, políticos e culturais de uma dada época.

Nesse sentido, para a análise das tensões e contradições decorrentes desses processos no interior da cidade, a teoria de Santos (2012) apresenta-se relevante, notadamente, ao destacar o processo de urbanização como resultante da ação de múltiplos vetores, congregando processos de mudança que tomam como central a organização do espaço.

Em *“O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos”*, no entanto, o autor constata que as teorias, típicas da década de 1950, e ainda largamente utilizadas, propugnam uma compreensão da dinâmica de urbanização nos países economicamente menos desenvolvidos, a partir de perspectivas externas à realidade desses países.

Ignoram, portanto, que o espaço desses países se marca pelo descontínuo, pelo instável, que, igualmente, é multipolarizado, submetido e pressionado por múltiplas influências e polarizações decorrentes de diferentes níveis de decisão. Outra característica deriva das desigualdades de renda e consumo entre seus diferentes segmentos sociais, não podendo *“[...] ser estudado como uma máquina maciça”* (SANTOS, 2012: 22).

Visando ir além, sua tese, desenvolvida a partir da ideia central de “seletividade do espaço”, sustenta-se nas noções de “circuitos econômicos”, que se constroem e singularizam em função das diferenças observadas nas esferas econômica e social, das quais decorrem disparidades de situação geográfica e individual, assim como pressões por modernizações. Tais circuitos, constituídos como subsistemas do sistema urbano, evidenciam-se pelas instâncias do “circuito superior” e do “circuito inferior” (SANTOS, 2012).

O “circuito superior” é formado por empreendimentos modernos e hipermodernos, como *“[...] bancos, comércios de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores”*, e o “circuito inferior” é marcado por atividades de pequena dimensão,

envolvendo formas de fabricação não “capital intensivo”, serviços não modernos fornecidos “a varejo” e comércio não moderno direcionado essencialmente às populações pobres, fortemente enraizados e centrados em relações privilegiadas com a região em que se localizam.

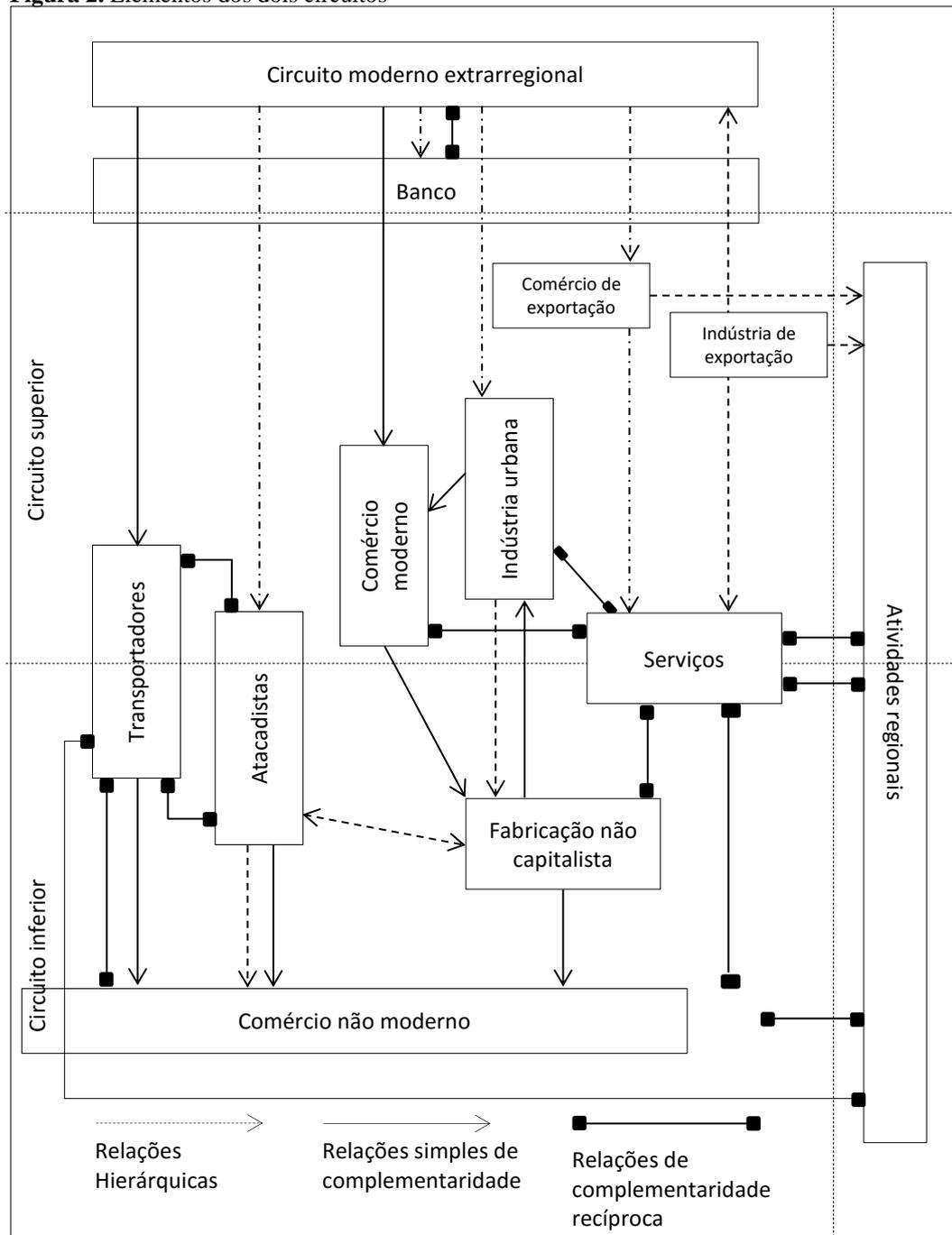
Desse modo, cabe salientar que faz parte do “circuito inferior” a “[...] *pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie. As unidades de produção e de comércio, de dimensões reduzidas, trabalham com pequenas quantidades*” (SANTOS, 2012: 197). Além disso, o “circuito inferior” se notabiliza na compreensão da realidade urbana, constituindo fonte de trabalho, emprego e renda para ampla parcela de sua população, assegurando a sobrevivência – e não a acumulação de capital – dos que nele operam. De acordo com Santos (2012: 201), tal circuito trata-se de “[...] *elemento fundamental da vida urbana [...], por seu papel de abrigo da população pobre, migrante ou originária da cidade, que só raramente pode consumir e trabalhar no circuito moderno*”. Muito embora mantenham relações entre si, o Quadro 1 destaca as principais diferenças entre ambos os circuitos.

**Quadro 1.** Características dos dois circuitos da economia

<b>Característica</b>	<b>Circuito Superior</b>	<b>Circuito Inferior</b>
Tecnologia	Capital Intensivo	Trabalho Intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não obrigatórios
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor ( <i>Haggling</i> )
Crédito	Bancário, institucional	Pessoal, não institucional
Margem de lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas, personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização dos bens	Nula	Frequente
<i>Overhead</i> capital	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

**Fonte:** Santos, 2012, p. 48.

A relação de interdependência entre atividades de ambos os circuitos pode ser visualizada na Figura 2.

**Figura 2.** Elementos dos dois circuitos

Fonte: Santos, 2012, p. 49.

No contexto das cidades contemporâneas, a mediação entre tais circuitos se vê cada vez mais marcada pelo que Hall (1995) denomina “*empreendedorismo urbano*”, por meio do qual o planejador – “*gestor público*” – se confunde com a figura do investidor privado. Para esse autor,

O planejamento convencional, a utilização de planos e regulamentos para guiar o uso do solo pareciam cada vez mais desacreditados. Em vez disso o planejamento deixou de controlar o crescimento urbano e passou a encorajá-lo por todos os meios possíveis

e imagináveis. Cidades, a nova mensagem soou em alto e bom som, eram máquinas de produzir riquezas; o primeiro e principal objetivo do planejamento devia ser o de azeitar a máquina (HALL, 1995: 407).

Sob tal ótica, sintetiza Compans (2005), o intenso movimento de competição entre cidades é sinal de que essa tendência está longe de ser um instrumento meramente técnico, consistindo, em essência, em uma sofisticada estratégia político-argumentativa, destinada a viabilizar certos projetos de “*modernização capitalista*”. Essa observação sugere que a cidade se torna “*empresa*”, cujos equipamentos e serviços tornam-se “*mercadorias*”, e a “*competitividade das empresas*” torna-se “*competitividade da cidade*”, vista como um recurso discursivo da “*nova ordem flexível de acumulação*” (HARVEY, 1989), em que novos papéis e objetivos são atribuídos à administração urbana e a seus distintos agentes (SOUZA, 2003).

Será esse um destino inexorável às cidades? Ou, como sugere o grande mestre do pensamento histórico-materialista: tudo o que tende ao seu ápice já conterà em si os germes de sua própria destruição? Nesse caso, onde estariam sendo gestados? Para autores como Agier (2011) ou Certeau (2012), uma possibilidade de identificá-los consiste em direcionar nosso olhar para o “*fazer a cidade*”, para como os cidadãos se relacionam com ela e entre si.

## 2.1. O “Espaço-meso”: A Cidade em Mutação

Desde meados do século XIX, as cidades – em especial as europeias e estadunidenses – tornam-se locais marcados pela modernidade, com suas oportunidades de trabalho industrial e expansão do setor de serviços atraindo imigrantes do campo bem como de áreas economicamente menos desenvolvidas. Com o crescente afluxo populacional, os centros urbanos atraem a atenção de acadêmicos e pesquisadores das ciências sociais e humanas, notadamente ao abrigarem ampla diversidade cultural, social, política e econômica:

É a partir, sobretudo, da segunda metade do século XIX que pensadores de diferentes orientações passam a se dedicar, de modo mais sistemático, à reflexão e pesquisa sobre o meio urbano, precedidos ou contemporâneos das obras de literatos, especialmente romancistas, como Balzac, Dickens, Proust, Eça de Queiroz e Machado de Assis (VELHO, 2009: 11).

Será, todavia, nos anos 1920, que os estudos urbanos ganharão amplitude no campo das ciências humanas, sendo produzida uma série de estudos em áreas urbanas de intenso adensamento humano e desenvolvimento econômico. Todavia, relega-se a segundo plano os espaços

“precários”, retratando-os, no máximo, como meras aglomerações urbanas densas e blocos monolíticos, aparentemente homogêneos. Em outros termos, como “*espaços nus*”, no dizer de Velho (2009).

Nesse período, estudos relacionados à Escola de Chicago, muito embora sob olhar que apreende a cidade como símbolo da “*primeira forma material da modernidade*”, ensaiam primeiras investigações envolvendo “*espaços-entre*” (AGIER, 2011), como a rua. Tais estudos serão seminais para a ideia de um “*modo de vida urbano*”, que para Wirth (1979) faz com que seus espaços periféricos comecem a ser considerados como *loci* de interações mais “*típicas da cidade*”. Não obstante, ainda se limitam à (re-)produção de categorias bipolares: centro-periferia, público-privado, campo-urbano, casa-rua, familiar-estranho; bem como à recusa de considerarem o protagonismo e a vitalidade social e urbanística do “*locus popular*”, relegando-o a espaço opaco e indefinido de marginalidades.

Tais lacunas, todavia, abrem espaço ao desenvolvimento de novas pesquisas sobre a cidade direcionadas a uma compreensão mais sistêmica das relações simbólicas e intersubjetivas que se estabelecem entre os agentes sociais e os espaços por eles ocupados, englobando uma série de novos elementos a serem observados e colocando seus espaços antes relegados a segundo plano – esquinas, praças, parques e mercados populares – como palcos em que se processa ampla riqueza de relações.

Inicialmente, a “*homogeneidade*” pode parecer dotada de alguma ordem; porém, a uniformidade produz, igualmente, efeitos colaterais, dentre eles a monotonia. Ao buscar uma organização visual, na tentativa de suprimir as diferenças, as cidades estariam, assim, mais fadadas ao fracasso que ao sucesso (JACOBS, 2011). Para Jacobs (2011), harmonizar a diversidade, respeitando a liberdade, assim como a prevalência de uma “*ordem mais complexa*” ao invés da ausência de ordem, apresenta-se como solução.

Nessa mesma linha de raciocínio, para Agier (2011), a cidade – assim como o conjunto dos espaços e processos que a implicam – deveria ser o *locus* por definição das diferenças. Afinal, “[...] *quando nos diferenciamos, nos identificamos aos outros que se diferenciam, e esses processos idênticos de diferenciação passam-se hoje fundamentalmente na cidade, ou pelo menos, nascem lá*” (AGIER, 2011: 88).

O autor acrescenta, ainda, o fato de a rua se apresentar como o “[...] *lugar por excelência da relação, mais que do indivíduo*”. (AGIER, 2011: 168). Logo, a relevância de seu estudo como processo humano, vivo e flexível de produção de diferenças, heterogeneidades, diversidades e do novo.

Em síntese, a cidade – assim como seus elementos e processos – deveria, em si mesma, ser compreendida como um “dispositivo” cultural, em que as condições de interpretação emergentes nas situações cotidianas da vida cidadã apresentar-se-iam como manifestações *par excellence* de sua cultura.

Como a maior parte da diversidade urbana é resultante de quantidade significativa de pessoas diversas, com concepções diversas, assim como de organizações com propósitos distintos (JACOBS, 2009), a diversidade das cidades – seus elementos e processos – encontra-se exatamente nessa “pluralidade” advinda das relações sociais entre seus habitantes, trabalhadores e visitantes.

Adotando, portanto, como premissa a compreensão da rua como metáfora *sine qua non* de “*espaço-entre*” (AGIER, 2011) e, nesse sentido, como “coacervado” de flexibilidade, diversidade e vitalidade, optou-se para fins deste estudo pela adoção do arcabouço teórico delineado por Jane Jacobs, incorporando-o como marco-teórico para a análise das condições espaciais de diversidade e vitalidade junto ao logradouro-alvo da pesquisa.

### CAPÍTULO 3

## O “ESPAÇO-ENTRE”: A RUA COMO METÁFORA DE DIVERSIDADE E VITALIDADE

Para um número crescente de estudiosos urbanos contemporâneos, a rua, na medida em que se apresenta como “[...] num recorte empírico que permite encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de objetos, um recorte etnográfico possível para a exploração e o conhecimento da vida urbana contemporânea de baixo e de dentro” (CORDEIRO, 2008: 9), configura espaço fundamental de observação da vida nas cidades.

Dessa forma, sua observação e o que nos desvela tem sido submetidos a distintas formas de interpretação, incluindo seu estudo como “dispositivo cultural” (AGIER, 2011), “arena política” (MINTZBERG, 2006) e “espaço de disputa” (BOURDIEU, 2010), na medida em que, em tal espaço, o jogo entre identidade e alteridade apresenta-se como lugar privilegiado de observação e análise dos fenômenos relacionais e de diferenciação (CACHADO, 2008). Logo, a relevância atribuída a se melhor compreender quem domina as formas de uso e de se viver a rua.

Da Matta (1997), em *“A Casa e a Rua”*, já aponta para a importância de se considerar a dimensão relacional na análise dos processos socioespaciais, além da relevância de se incorporar a dimensão da rua, com vistas a diferentes leituras e construções da realidade. Nessa linha, cabe, desde já, mencionar o arcabouço teórico de Bourdieu (2009; 2009a; 2010), dadas as suas contribuições significativas à compreensão do jogo entre agentes e como cada um deles mobiliza diferentes capitais para assegurar seu lugar em um dado campo.

Sob tal perspectiva, vale observar que Bourdieu (2010: 135) define a sociedade como um conjunto de campos sociais atravessados por lutas entre os diversos grupamentos que a compõem. Segundo ele, a noção de campo aqui é entendida como:

[...] um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das duas posses.

Ou seja, cada elemento do campo é um agente que comunga de interesses e capitais similares. Cada campo possui suas próprias características, com suas regras e capitais específicos, por possuir uma parte que domina e outra que é dominada e que, de acordo com as assimetrias no acúmulo de capitais por seus componentes, tende a ser marcado por conflitos constantes. O campo poderia ser considerado, desse modo, como um mercado, em que os agentes se comportam como jogadores.

Há que se salientar que não se trataria, portanto, de espaços com fronteiras delimitadas: os campos interagem entre si, muito embora não de forma totalmente autônoma. O limite de um campo seria o limite de seus efeitos, em que tomam parte todos os que são por ele afetados ou nele produzem.

Sob a perspectiva da “Teoria da Ação Prática” de Bourdieu (2010; 2009; 2009a; 2008) – a qual discutiremos mais pormenorizadamente no item 4.1, deste estudo – pode-se, de maneira geral, compreender o espaço e seus lugares – e, em nosso caso, em particular, a rua – como um campo de lutas e interações que nos permite entender como as relações entre os diferentes agentes contribuem para a produção de contextos de diversidade e vitalidade. Isso, na medida em que a produção da cidade e seus diversos lugares e processos encontra-se intrinsecamente relacionado à (re-)produção de discursos, ideologias, relações e práticas sociais.

Conforme reitera Maricato (2000), tal dinâmica nunca se dá unicamente por vias formais. Ao contrário – e muito provavelmente majoritariamente – se dá por disputas informais, sub-reptícias, constituindo característica marcante da produção das cidades e seus lugares.

Logo, a relevância de se considerá-la como campo de forças, mediado por discursos e práticas. É por meio da rua que se pode captar, observar e analisar a vida e a pluralidade existente nas cidades, constituindo-se *in loco* o que o conjunto de seus agentes – protagonistas e ou coadjuvantes – compartilham suas singularidades. Por se constituir um lugar de passagem, circulação, mas também de trocas, conversas de esquina, violência, erotismo, diversidade e,

portanto, de sociabilidade e de construção da civilização, é onde as relações sociais acontecem, quer de forma direta ou indireta.

Em decorrência, as ruas pressupõem a diferença, bem como ampla gama de tipos de diversidade, intrincadamente combinados e mutuamente sustentados, para que a vida urbana funcione adequadamente, de modo que sua população possa se preservar e desenvolver.

Não resta dúvida, ademais, que áreas urbanas com diversidade emergente geram usos desconhecidos e imprevisíveis, assim como perspectivas visuais peculiares. Mas não se trata de um inconveniente da diversidade. Trata-se de questão essencial ou parte dela, estando de acordo com suas atribuições (JACOBS, 1969).

Retomando considerações delineadas por Jacobs (1969), não é difícil considerar que a maior parte da diversidade urbana é criação de quantidade substancial de pessoas diversas, com concepções diversas e de organizações diversas, com propósitos distintos. Para ela, a diversidade encontra-se justamente nessa pluralidade cultural gerada por meio das relações entre seus habitantes:

As cidades monótonas, inertes, contêm, na verdade, as sementes de sua própria destruição e um pouco mais. Mas as cidades vivas, diversificadas e intensas contêm as sementes de sua própria regeneração, com energia de sobra para os problemas e as necessidades de fora delas (JACOBS, 1969:499).

Identificar uma rua e atribuir-lhe uma identidade constitui, portanto, construção complexa, da qual participam características espaciais, seus habitantes, suas atividades, suas formas de vida, assim como suas histórias. Essa, trata-se, em essência, de perspectiva recente, que conta com poucas pesquisas (JACOBS, 2011).

Ainda segundo Jacobs (2011), para se compreender a dinâmica urbana, cabe, ademais, admitir como fundamentais as combinações e misturas de usos dos espaços, não unicamente as aplicações em separado. Se tivermos em mente que a mistura de usos deve ser suficientemente complexa para promover a vitalidade e a perpetuidade, o contato do público e a interação de uso dos espaços devem compreender quantidade significativa de componentes: *“Seja de que espécie for a diversidade gerada pelas cidades repousa no fato de que nelas muitas pessoas*

*estão bastante próximas e elas manifestam os mais diferentes gostos, habilidades, necessidades, carência e obsessões”* (JACOBS, 2011:161).

No mais, é importante ressaltar que pequenez e diversidade não são sinônimos. Ao contrário, a diversidade dos espaços e empreendimentos urbanos deve incluir todas as variações de tamanho, muito embora uma grande variedade signifique maior proporção de pequenos elementos. O espaço urbano é vivo graças ao seu acervo desses pequenos elementos (JACOBS, 1969). Portanto, é necessário descobrir as situações que geram diversidade e, ademais, que razões econômicas e socioespaciais permitem seu surgimento.

### **3.1 Espaços de Diversidade e Vitalidade: A Perspectiva de Jane Jacobs**

Jane Butzner nasceu em Scranton, no estado norte-americano da Pensilvânia, em 1916, mudando-se para New York no meio da grande depressão de 1929. Posteriormente, em 1968, emigra para o Canadá, onde obtém dupla cidadania.

Em virtude da caótica situação econômica decorrente da depressão de 1929, Jacobs desenvolve uma série de atividades profissionais, incluindo atuações como jornalista, o que lhe permite uma abrangente visão da cidade New York e das estruturas que a compõem, fundamentais às suas obras futuras sobre cidade e economia.

Em 1944, Jane casa-se com o arquiteto Robert Hyde Jacobs, figura marcante no desenvolvimento de seu interesse pelo urbanismo e funcionamento das cidades. Com o casamento muda-se para um distrito mais nobre de New York, passando a ter embates com Robert Moses, planejador urbano de Manhattan, que busca transformar o distrito em um espaço “moderno” – porém monótono e fora de contexto – desconsiderando as características de seus habitantes.

Nesse período, já envolvida com a atividade jornalística, Jacobs começa a se destacar como escritora e combativa ativista social, chegando a ser presa em duas ocasiões por críticas às políticas “modernizantes” adotadas pela prefeitura de New York, assim como por objeções à guerra do Vietnã e à então política externa norte-americana, o que acabou por forçar sua mudança para o Canadá.

Em Toronto, Jacobs publica a primeira edição de seu livro mais conhecido “*The Death and Life of Great American Cities*”, em 1961. Lá também publica duas outras obras, envolvendo relações entre cidade e economia: “*The Economy of Cities*”, em 1969, e “*Cities and The Wealth of Nations: principles of economic life*”, em 1985. Além dessas obras, publica mais quatro livros, três deles dedicados a questões filosóficas e sociais - “*Systems of Survival: A Dialogue on the Moral Foundations of Commerce and Politics*”, de 1992, “*The Nature of Economies*”, de 2000, e “*Dark Age Ahead*”, de 2004 - e um quarto, de caráter político - “*The Question of Separatism: Quebec and The Struggle over Sovereignty*”, de 1980 - em que analisa o movimento separatista de Quebec, província predominantemente francófona, do Canadá.

Não obstante sua admiração por Toronto, é Nova York que mais fortemente influencia suas investigações acerca de fatores de dinamicidade e vitalidade de cidades, assim como das causas que levam alguns de distritos a estagnarem ou morrerem enquanto outros se tornam – ou permanecem – socialmente bem-sucedidos.

Sob influência pela “*Big Apple*”, Jacobs irá publicar “*Morte e Vida de Grandes Cidades*” (2011), originalmente lançado em 1961, com o título “*The Death and Life of Great American Cities*”. Nele Jacobs (2011: 13) enfatiza a desconstrução de propostas de processos modernos de reurbanização de cidades, bem como tece severas críticas aos “*infundáveis novos empreendimentos*”, que visam transformar a massa urbana e rural em uma “*papa monótona e nada nutritiva*”. Igualmente, a autora tece críticas à supervalorização, atribuída por tais processos, ao exterior das coisas, em detrimento de seu real funcionamento. Nesse sentido aponta para a descon sideração de usos mistos da cidade, como fatores de vitalidade e segurança.

Para ela, as teorias clássicas de planejamento não assimilam a real importância e necessidades de um urbanismo humano e efetivamente moderno, incluindo o papel desempenhado por uma complexa e densa diversidade de usos e funções que o sustentem, tanto de forma econômica quanto social:

A necessidade que as cidades têm de uma diversidade de usos mais complexa e densa, que propicie entre eles uma sustentação mútua e constante, tanto econômica quanto social. Os componentes dessa diversidade podem diferir muito, mas devem complementar-se concretamente (JACOBS, 2011: 13).

De acordo com Jacobs (2011), para a diversidade de usos e funções da cidade, desempenham papel de relevo suas ruas e calçadas. São elas, segundo ela, seus principais espaços públicos, “*seus órgãos mais vitais*” (JACOBS, 2011:29). Assim sendo, um distrito urbano próspero deve ser seguro para as pessoas, que devem se sentir protegidas em meio ao “mar de desconhecidos”. Logo, a ordem pública não pode ser mantida apenas pelo policiamento. Sob sua perspectiva, em que a civilidade e o cumprimento de leis são rompidos, a segurança não pode existir. Uma rua segura, portanto, deve ser movimentada.

Jacobs (2011), defende, ainda, uma nítida separação entre espaço público e privado. Para ela, no entanto, devem existir “olhos para a rua”, que a contemplem e a tornem mais segura. Relevante, também, é uma rua com movimento ininterrupto de usuários em suas calçadas, além de habitações e comércios que funcionem dia e noite:

O requisito básico da vigilância é um número substancial de estabelecimentos e outros locais públicos dispostos ao longo das calçadas do distrito; deve haver entre eles sobretudo estabelecimentos e espaços públicos que sejam utilizados de noite. Lojas, bares e restaurantes, os exemplos principais, atuam de forma bem variada e complexa para aumentar a segurança nas calçadas (JACOBS, 2011:37).

Mais importante, portanto, que a intervenção externa, é a vigilância exercida por seus próprios moradores. Iluminação pública em uma “rua morta” tem pouco efeito; ou quase nenhum, se projetos de criação de “ilhas urbanas” redundam em interiores seguros, porém em ruas com grandes chances de se tornarem violentas. De acordo com Jacobs (2011), a cidade reurbanizada mata o conceito de território, desprezando a função da rua e com o isso a liberdade da cidade. Ignora-se que a aparente desordem da cidade é o que permite os mecanismos que garantem sua segurança e liberdade:

[...] sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos. Essa ordem compõe-se de movimento e mudança, e, embora se trate de vida, não de arte, podemos chamá-la, na fantasia, de forma artística da cidade e compará-la à dança – não a uma dança mecânica, com os figurantes erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos, mas a um balé complexo, em que cada indivíduo e os grupos têm todos papéis distintos, que por milagre se reforçam mutuamente e compõe todo um ordenado (JACOBS, 2011: 52).

Os contatos entre as pessoas nas ruas são pequenos em sua unidade, mas imprescindíveis e indispensáveis ao se tratar de uma coletividade. As ruas não devem ser impessoais. Para Jacobs (2011), não se trata de questão estética ou emocional, mas de identificação. Quando uma área

carece de vida nas calçadas, os moradores precisam ampliar sua vida privada para terem contato com os vizinhos: devem decidir se compartilham a vida pela calçada ou se não a compartilham. As notícias não correm. Não há companheirismo e nem as trocas de informações que se processam, de forma natural, em uma rua viva. Aparentemente despreziosos, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer vida pública e atrativa na cidade. Crianças sem vigilância podem assumir caminhos inadequados, parques e *playgrounds* restritos tampouco constituem os ambientes mais propícios ao desenvolvimento infantil. Não obstante, a diversão nas calçadas difere de tudo o que elas hoje têm à disposição para brincar e passar o tempo.

As calçadas, todavia, não necessariamente precisam ser planejadas para recreação infantil. Se forem largas o suficiente, já poderão compartilhar espaço de uso com os pedestres. Contudo, as ruas são pensadas unicamente para os carros, gerando calçadas estreitas, o que leva as crianças a brincarem na rua, correndo riscos, ou se prenderem em condomínios fechados e *playgrounds* privados. Eliminar tais riscos e formas pouco coletivas de laço social, por meio da eliminação das ruas abertas, não parece, contudo, ser a melhor opção a ser dada pelo planejamento ortodoxo.

Para ela entender a cidade pressupõe, acima de tudo, analisá-la em sua concretude, não em sua metafísica. Um parque é um local vivo para seus propósitos, no momento que é composto por uma região viva. Ruas mortas e sem diversidade geram parques sem uso e perigosos. Uma variação arquitetônica superficial pode parecer diversidade, mas somente uma conjuntura genuína de diversidade econômica e social, que resulte em pessoas com horários diferentes, faz sentido para um parque e tem o poder de lhe conferir vida:

Uma variação arquitetônica superficial pode parecer diversidade, mas só uma conjuntura genuína de diversidade econômica e social, que resulte em pessoas com horários diferentes, faz sentido para um parque e tem o poder de lhe conferir vida (JACOBS, 2011: 110-111).

Nem os parques nem as ruas são abstrações urbanas. Os planejadores devem, portanto, atentar para os riscos dos “parques genéricos”, bem como acercarem-se de cuidados contra a monotonia ou reproduções de espaços a partir de características de regiões mortas. Igualmente, devem estar atentos à ideia de “bairros autossuficientes”. O ideal do bairro funcional ocorre em cidades pequenas, mas não é algo que deve ser extrapolado para grandes cidades. No mais, a cidade

deve ser capaz de criar uma comunidade com interesses compartilhados, dar condições para que se possam acessar grupos distintos. A gestão das ruas deve ser atribuição de seus moradores, muito embora se reconheça a importância de uma coordenação em escala mais ampla – do bairro, da comunidade ou da cidade – para o endereçamento a questões maiores e forma mais sistêmica.

Nessa direção, destaca a importância da influência de pessoas “eminentes” – ou ditas “personalidades” – nas decisões que envolvem a rua. Para a autogestão do bairro ou comunidade funcionar, os “gestores” devem ter permanência no bairro e reconhecimento pelo público local. Em outras palavras, um bairro ou comunidade não pode ser gerido por pessoas que ficam pouco tempo e não contam com o reconhecimento daqueles que o habitam, trabalham ou o frequentam com constância. Afinal, não são os visitantes ou turistas de uma região, distrito ou rua que os tornam ricos em diversidade. Ao contrário, eles é que são atraídos por essa riqueza e a corroboram.

Ademais, o bairro, a comunidade ou a rua devem ser compreendidos por seus habitantes e representantes como sistemas de combinações de uso. Habitualmente, sua variedade é relacionada ao seu tamanho, ignorando ser a diversidade exatamente o que estimula mais diversidade e o próprio crescimento. Não se reconhece que o urbano é vivo graças à diversidade de seus pequenos elementos.

Em síntese, vizinhanças prósperas não são unidades isoladas. Ao contrário, compõem um contínuo físico, social e econômico. Igualmente, nem sempre a cidade atua em favor da rua. A centralidade dos carros toma a rua como território mecânico, não humano.

Já em *“The Economy of Cities”*, Jacobs (1969) discute sobre causas que levam algumas urbes à estagnação e à decadência, enquanto outras se desenvolvem e enriquecem. Para ela, “[...] *the current theory in many fields - economics, history, anthropology - assumes that cities are built upon a rural economic base*”<sup>3</sup> (JACOBS, 1969:3). Segundo ela, no entanto, tal ideia de que o fornecimento de alimentos, por meio da agricultura, foi a base de origem das cidades não apresenta fundamentos empíricos. Ao contrário, dados arqueológicos sobre caçadores do pré-

---

<sup>3</sup> “[...] *a teoria corrente em muitos campos - economia, história, antropologia - assume que as cidades se erguem sobre uma base econômica rural*” (Tradução Livre).

neolítico e a formação de vilas nesse período, em Çatal Hüyük, atual território da Turquia, refutam tal versão.

Adicionalmente, a observação de que países de indústrias menos desenvolvidas, comparativamente àqueles de indústria mais moderna, apresentavam agricultura também menos avançada levaram-na a inferir que a produtividade agrícola acompanhava o crescimento das cidades, e não o contrário. Para ela, com o desenvolvimento, pelas indústrias, de tecnologias mais modernas, alimentos antes importados passam a ser produzidos em maior escala, permitindo aos agricultores diversificarem a produção. Como resultado: “[...] *it created rural productivity upon a foundation of city productivity*”<sup>4</sup> (JACOBS, 1969: 8).

Sob tal linha de raciocínio, a ideia de primeiro a agricultura e depois a cidade é colocada *sub judice*. Em outros termos, ideias até então largamente aceitas, como a de que as primeiras cidades originárias do desenvolvimento da cultura de grãos, no Oriente Médio, e, a partir daí, expandidas para outras regiões, são contraditas.

Igualmente, a partir da análise de achados de novas descobertas arqueológicas, Jacobs (1969) irá também questionar a antiga ideia de que os assentamentos permanentes eram impossíveis até a agricultura ser inventada. Outro ponto questionado por essa autora é a hipótese de que a escassez de comida levaria as populações a crescerem até o limite da oferta de alimento. Investigações arqueológicas irão confirmar que caçadores antigos não exploravam a oferta de comida até o seu limite.

De acordo com Jacobs (1969), além das evidências empíricas, a tese de que primeiro emerge a agricultura e depois a cidade não é suficientemente explicada, em termos teóricos, pelos economistas, antropólogos, nem sequer pelos arqueólogos. Em linhas gerais, tal afirmativa consistia em um axioma, portanto, aceito sem críticas: “*It seems that everyone has been relying on somebody else’s say-so. At bottom, I think, they are all relying on a pre-Darwinian source*”<sup>5</sup> (JACOBS, 1969: 44).

---

<sup>4</sup> “[...] *tem-se uma produtividade rural estabelecida com base em fundamentos da produtividade da cidade*” (Tradução livre).

<sup>5</sup> “*Parece que todo mundo vem recontando o que outros disseram. No fundo, penso eu, todos estão recontando com base em uma fonte pré-darwiniana*” (Tradução livre).

Concomitantemente, analisando a obra de Adam Smith, “*An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*” (1776), Jacobs (1969) não desconsidera o fato de aquele autor reconhecer que países mais industrializados, comparativamente àqueles tecnologicamente menos avançados, dispunham de uma agricultura mais evoluída e moderna. Todavia, Smith não chegou a questionar como a agricultura se originou. Afinal, isto para ele é tomado como um dado.

De acordo com Smith, a agricultura nada mais consistia do que em um modo pelo qual o homem obtinha seu alimento. Nesse sentido, aponta Jacobs (1969), o autor nada mais fez que converter um “mito” – a história retratada na Bíblia – em uma doutrina econômica, não questionando sua validade. No mais, ignorou que a população pré-agrícola não era apenas caçadora, mas também se constituía de artesãos, construtores e artistas.

Promovendo, desse modo, uma espécie de “arqueologia” da relação entre cidade e economia, Jacobs (1969) irá defender que a expansão das cidades se processa pela adição contínua de trabalho novo. Em outros termos, na medida em que um trabalho novo é adicionado a um antigo, tem-se uma inovação que, por sua vez, cria as bases para a geração de mais trabalho novo, e assim sucessivamente. Desse modo, a adição de trabalho novo seria o mote a explicar o desenvolvimento das cidades, locais, para ela, privilegiados, pelo seu dinamismo, à adição de trabalho novo, inovação e vitalidade.

Jacobs (1969) observa, no entanto, que trabalho novo “não vem do nada”. Ao contrário, defende que o mesmo emerge de trabalho já existente. Ou seja, requer uma “paternidade”. Nesse processo, quando adicionado ao antigo, o trabalho novo agregaria valor ao anterior, o que, repetindo-se de forma sucessiva, possibilitaria uma multiplicação da divisão do trabalho, segundo a fórmula:  $A + D \rightarrow nD$ . Nesta fórmula, A representa o trabalho novo, D, a divisão de trabalho original; e,  $nD$ , as possibilidades indeterminadas para uma nova divisão do trabalho.

Por meio da tese da adição de trabalho novo ao trabalho existente, Jacobs (1969) propõe que economias capazes de criar rapidamente novos produtos e serviços, produzindo divisões sucessivas do trabalho, se desenvolvem com maior velocidade. Ao contrário, economias que geram incrementos de trabalho novo em ritmo inferior às demais tendem, com o tempo, a se tornarem obsoletas.

Jacobs (1969), no entanto, adverte que para cada tipo de inovação pode-se registrar um sem número de imitadores, ideia trabalhada inicialmente pelo economista austríaco Joseph Schumpeter, em sua obra “*A Teoria do Desenvolvimento Econômico*”, de 1911, em que um “enxame” de imitadores copia os empreendedores inovadores e investe para serem capazes de produzir os bens criados pelo inovador. Essa onda de investimentos de capital ativa a economia, gerando prosperidade e aumento do nível de emprego (SCHUMPETER, 1911). Em outros termos, à medida que novos bens e serviços são criados – ou copiados – pela primeira vez, novos “atalhos” podem ser adicionados por novos imitadores, e assim por diante. Porém, a adição de trabalho novo não necessariamente elimina trabalhos antigos. Para a autora, nossos ancestrais – como os romanos – já tinham ideia de que uma “nova economia” deriva de antigas atividades e, portanto, a “vitalidade econômica” se associa, desse modo, ao processo de adição de novos bens e serviços ao sistema de produção e consumo.

Assim sendo, mesmo tendo sistematizado os princípios da divisão de trabalho industrial, não se atentou para o fato primordial: “trabalho novo” surge do antigo. Igualmente, não levou em consideração que a divisão do trabalho, muito embora possa propiciar maior eficiência produtiva, não constitui em si mesma uma forma de desenvolvimento econômico. Em outras palavras, a divisão do trabalho não chega a criar formas tão eficientes de produção a ponto de promover desenvolvimento econômico. Afinal, mesmo economias estagnadas são capazes de apresentar níveis avançados de divisão do trabalho.

Além disso, a autora refuta a ideia de que grandes cidades são ineficientes e impraticáveis, quando comparadas com as pequenas cidades ou vilas (*towns*). Para ela, o rápido crescimento das cidades produz ineficiências não por serem grandes, mas por dificuldades de planejamento. Nessa direção, as cidades inglesas de Manchester e Birmingham lhe parecem emblemáticas. Manchester, uma cidade que fazia as outras parecerem antigas – *old-fashioned* – e Birmingham, pela predominância de pequenas manufaturas, empregando “não mais que uma dúzia de trabalhadores”, algumas ainda menos (JACOBS, 1969: 87).

Nesse contexto, Birmingham não possuía quase nada comparada com a grande e impressionante Manchester, chamada na ocasião de “cidade do futuro”. Sua profunda especialização e eficiência na produção de manufaturados de algodão, fatores de sua ascensão, constituiu-se, no

entanto, a causa de seu declínio, na medida em que outras cidades conseguiam se tornar especializadas e tão produtivas na produção das manufaturas de algodão quanto ela própria. Birmingham, porém, pela diversidade e heterogeneidade de suas atividades, não se torna obsoleta como Manchester. Sua indústria fragmentada e constituída por pequenos e diversos ramos e segmentos se mostrou capaz – muito embora com menor número de empregados e com maior número de empresas de menor porte – de adicionar trabalho novo, tornando-se, ao longo do tempo, maior e mais produtiva que Manchester. Em suma, a economia de Birmingham permaneceu viva e atualizada, enquanto a de Manchester não. Para Jacobs (1969), tais diferenças concentram-se no tamanho.

A partir da análise de casos como o de Manchester-Birmingham, Jacobs (1969) irá concluir que a fórmula de adição de trabalho dada por:  $D + A \rightarrow nD$  apresenta-se válida, porém insuficiente. À fórmula original de Jacobs é adicionada uma nova variável – “Tentativa e Erro” (TE) – uma forma de evidenciar que a criação de algo novo nem sempre é bem-sucedida e que, portanto, os agentes econômicos criam e tentam fazer algo que logre sucesso. O termo de erro são as falhas, muitas das criações não são úteis para a economia ou não são adequadas para os interesses correntes. A fórmula completa seria  $D + nTE + A \rightarrow nD$ , o processo se torna mais complexo à medida que a economia se desenvolve, e as demandas dos agentes econômicos se tornam mais complexas com as especificidades de cada atividade e do novo trabalho criado.

Além disso, evidencia que, ao não criar valor, o trabalho novo não se apresenta satisfatório, reduzindo a fórmula a apenas:  $D + nTE$ , sem qualquer resultado prático sobre a adição de trabalho novo. Como derivada, conclui-se que o desempenho de uma cidade na geração desse tipo de trabalho pode ser rapidamente alterado, dependendo de sua capacidade de sustentar a criação de trabalho novo, permitindo-lhe barrar a estagnação e mantê-la próspera.

Jacobs (1969) observa, ainda, que a “fuga de trabalhadores” de indústrias que não sustentam a inovação contínua, em particular de profissionais mais qualificados, tende a favorecer a transferência de *know-how* para outras indústrias, estimulando novas ondas de inovação e, de forma virtuosa, a criação de novos empreendimentos inovadores.

Aprofundando a análise das relações entre “desenvolvimento” e “eficiência”, Jacobs (1969) dedicará um capítulo à discussão da dinâmica capital-trabalho. Como resultado, destaca as

alterações no trabalho como pré-condição social essencial ao desenvolvimento econômico e à mobilidade social.

Direcionando-se para aspectos mais diretamente vinculados ao cotidiano das cidades, Jacobs (1969) irá discorrer sobre o poder de indústrias alternativas – como a da reciclagem – evidenciando, já em fins da década de 1960, as possibilidades de criação de trabalho novo, a partir dessa nova categoria de empresas. Tanto que pressagia uma série de tecnologias de reciclagem, ressaltando seu papel na minimização de impactos para o meio ambiente e para a sociedade, incluindo a diminuição da poluição pela redução do consumo de combustíveis e redução de emissões de dióxido de enxofre e de carbono.

Igualmente, antecipando-se à crise hídrica contemporânea, Jacobs (1969: 116) já ressalta as dificuldades de se trabalhar com resíduos à base de água, principalmente aqueles derivados da indústria de mineração, os quais demandam fins adequados: *“Certainly one of the hardest problems will be to find ways of mining - or, to look at it the other way around purifying - great volumes of unavoidably polluted fresh water swiftly, cheaply and at the size of pollution”*<sup>6</sup>.

Para ela, economias em desenvolvimento certamente demandarão mais recursos naturais, por isso tendem a ser mais implacáveis com a natureza. No entanto, argumenta que mesmo economias estagnadas podem utilizar de forma pouco efetiva seus recursos naturais. Desse modo, defende que, em ambos os casos, a adição de inovações, via trabalho novo, pode se constituir importante estratégia contra a depredação do meio ambiente.

Adicionalmente, defende que o contingente populacional em si também não constitui causa de pobreza. Se isso fosse verdadeiro, questiona Jacobs (1969), como então explicar que nem todos os países com pequena população são ricos? Ou, ao contrário, por que nem todas as nações com grande população são vítimas de mazelas da pobreza, de forma proporcional ao seu número de habitantes? Para a autora, o que está em jogo é o fato de que a pobreza não tem causas, mas, sim, a prosperidade. Em outros termos, a pobreza é uma resultante da “letargia” da cidade, da região, do país ou de um bloco de países, na incorporação de trabalho novo, de inovação.

---

<sup>6</sup> *“Certamente um dos problemas mais difíceis será o de encontrar outras formas de mineração - ou de olhar para ela buscando possibilidades outras que minimizem seus impactos ambientais - que, por exemplo, reduzam o grande volume de água potável poluída pelo processo, bem como permitam mecanismos de operação menos agressivos e mais baratos”* (Tradução livre).

Ainda segundo ela, a riqueza de uma cidade deriva, igualmente, de sua habilidade em estabelecer transações econômicas com outras localidades, posicionando-se como uma economia “secundária”, ao invés de “primária”. Em outras palavras, como uma economia apta a agregar valor aos seus *commodities*, a partir de inovações em seus produtos, serviços e sistemas produtivos.

Para Jacobs (1969), a riqueza de uma cidade está diretamente associada à sua competência em promover retroalimentações sucessivas entre os sistemas produtivos de suas indústrias e o mercado consumidor. Seu mérito, portanto, subjaz em sua capacidade de reorientar e reinventar de forma contínua seus sistemas de produção à oferta de bens de maior valor agregado, permitindo-lhe vantagens competitivas como “exportadora” de inovações e “trabalho novo”.

Ainda na visão da autora, tal sistema de reciprocidade – mercado-produção-inovação-mercado-produção-inovação – não deve ser fomentado apenas quando a cidade está se constituindo ou sua economia em expansão, mas, igualmente, quando se encontra estabelecida e diversificada. Não importa quão complexa a cidade se torne, para Jacobs (1969), seu desenvolvimento se dará por sua competência em criar trabalho novo e capacidade em exportar os produtos e serviços dele advindos.

Sob tal sistema de reciprocidade, a indústria será fatalmente levada a extrapolar os limites de seu espaço geográfico, ensejando e suprindo demandas de outras localidades. Nesse contexto, a economia da cidade se expande. Para Jacobs (1969), uma cidade pequena comumente apresenta uma economia escassa, na medida em que a maioria dos itens que produz é consumida diretamente por sua própria população e cidades vizinhas. De fato, seu sistema de reciprocidade não pode ser comparado ao de cidades com economias mais desenvolvidas e diversificadas.

Gradativamente, ao incorporar à sua economia, por tentativas e erros, maior diversificação e diferenciação, uma pequena e jovem cidade pode vir a apresentar algumas características “fora do comum”, permitindo-lhe desenvolver ou aprimorar sistemas produtivos tradicionais que lhe possibilitem uma sofisticação de sua pauta de “exportações”. Reitera-se, desse modo, a tese de que o desenvolvimento local se fundamenta nos processos de diversificação e diferenciação da economia:

*I am arguing, rather, an 'epigenesis' theory of cities: the idea that a city grows by a process of gradual diversification and differentiation of its economy, starting from little or nothing more than its initial export word and the suppliers to that work<sup>7</sup> (JACOBS, 1969: 129).*

Desse modo, embora, de fato, cidades possam surgir como centros de trocas, entrepostos de armazenagem ou pontos de confluência de fluxos populacionais e de comércio, para Jacobs (1969), as teorias clássicas da economia parecem permanecer com a compreensão das cidades como aqueles antigos postos de comércio e armazenagem, tendendo a descrições fortemente deterministas. Contudo, evidências empíricas sistematicamente contradizem tal determinismo. Afinal, se uma cidade nasce como centro produtor de bens, os comerciantes e mercadores logo a transformarão em entreposto de seus produtos. Ou, caso nasça como um ponto de armazenagem de produtos, esforço considerável será empreendido para a adição da manufatura e comércio.

Ao diversificar suas indústrias, diferenciando sua pauta de exportações, a cidade tende a incrementar a economia e a renda local. É o chamado “efeito multiplicador das exportações”. Para Jacobs (1969), tal efeito compreende também um aumento das “importações”, que em parte será incorporado à produção de “bens de exportação”. Logo, quanto maior o conjunto de industriais de bens e serviços de exportação de uma cidade, maior será o efeito multiplicador.

Além disso, a magnitude desse efeito será tão maior quanto a sua geração por um conjunto diversificado de empreendimentos locais, permitindo irradiar o impulso criador, compondo uma rede ou cadeia de inovação.

Sob tal perspectiva, as cidades não podem ser explicadas apenas por sua localização. Cidades não são estruturas completamente ordenadas. Ao contrário, para Jacobs (1969), seu desenvolvimento se processa pela produção de novos bens e serviços.

Como seus livros anteriores, “*The Nature of Economies*” envolve intensa pesquisa e trabalho intelectual. Ideias e *insights* são tomados em empréstimos de diversos campos – Biologia,

---

<sup>7</sup> “Argumento, em vez disso, com uma teoria 'epigenesis' das cidades: a ideia de que a cidade cresce por um processo de diversificação gradual e de diferenciação da sua economia a partir de pouco ou nada mais do que a sua primeira experiência de exportação de trabalho e produtos” (Tradução livre).

Teoria da evolução, Antropologia, Economia – e cuidadosamente tecidos dentro de uma complexa, mas sucinta, trama intelectual. E, assim como em “*The Economy of Cities*”, Jacobs (2000) reitera a ideia de que é mais importante a diversificação que a especialização. Também se refere aos benefícios da acumulação de capital humano e seus efeitos benéficos para a preservação ambiental. Além disso, agrega uma visão menos misantrópica da vida humana que os “economistas ecologistas”, bem como um melhor entendimento do processo de mercado que os “ecologistas industriais”, abrindo novas perspectivas de análise.

Já o último livro de Jacobs, “*Dark Age Ahead*”, publicado em 2004, aborda riscos de “colapso” da civilização pelos sinais já visíveis em economias, como a norte-americana. Após capítulo introdutório em que delinea fatores que levarão a humanidade a uma “era das trevas”, Jacobs (2004) elenca formas de evitá-la. A ideia central do livro não é na direção de um colapso total, do fim do mundo, mas da derrocada de uma cultura e estilo de vida: o norte-americano.

Sua principal preocupação não é com tempos econômicos difíceis ou com a perda de influência política desse país, mas a “amnésia em massa” de sua população, decorrente do “apagamento” de narrativas passadas, bem como de habilidades e ideias. Para Jacobs (2004), o colapso advirá não da incapacidade de adaptação às mudanças, mas da derrocada de preceitos fundamentais que as suportam, como o senso de comunidade e de sociabilidade. Segundo ela, basta notar que cidades são construídas para carros, ao invés de construídas para pessoas; comunidades são sufocadas, famílias são privadas da convivência em comunidade e a própria democracia já não é forma de legitimar os governos.

Ao longo desse percurso Jacobs irá, todavia, receber críticas de diversos autores por suas ideias consideradas por demais “inocentes”. Além disso, não foi poupada por sua defesa incontestada das cidades como único lugar capaz de gerar dinamismo e qualidade de vida. Críticas advieram também do fato de Jacobs não possuir diploma em nível superior, bem como pela alegada “inconsistência teórica” de seus achados, não raro, rotulados de “amadores” e “não científicos”. Como não visava escrever teoria para descrever o mundo, mas o descrever de forma direta, na sua cotidianidade, críticas também eram atribuídas às suas fontes, que, além de referências “clássicas”, incorporavam passagens bíblicas, assim como matérias de jornais da época. Não obstante, é incontestado o papel de sua obra na produção de novas ideias e enfoques metodológicos, impressionantemente à frente de seu tempo e de incontestada contemporaneidade.

De toda forma, revisão sistemática do conjunto das obras de Jacobs apresenta-se significativa ao demonstrar a contemporaneidade de suas ideias, quer na oposição a propostas de planejamento urbano que enfatizam a separação de usos e funções da cidade, quer às tentativas de utilização de áreas verdes como utopia de recuperação de formas de vida próximas da natureza.

Suas críticas ao planejamento urbano “moderno ortodoxo” do século XX, permanecem cheias de força, principalmente, no contexto atual em que planos e práticas modernistas, baseadas nos princípios de Le Corbusier, dos quais Jacobs é combatente ganham dimensões na criação de cidades ex-nihilo, como a capital do Estado de Tocantins, com seu plano urbanístico de feições tipicamente modernistas, inspiradas nos planos pilotos de Brasília e Goiânia; e, ainda, hoje, vítima da falta de vitalidade urbana.

A contemporaneidade de suas ideias ainda se faz notar, igualmente, como contraponto à atual proliferação de *shoppings centers* e condomínios fechados; ao cercamento de vias e ruas, convertidas em vias de acesso restrito; à sensação de insegurança que isola e discrimina; ao emprego de segurança privada (e privativa), à limitação do direito à cidade, aos processos de revitalização e requalificação que visam converter as cidades em “obras de arte”, ignorando que as mesmas têm natureza própria e uma lógica complexa, que depende da interação de múltiplos agentes e fatores, como a alta densidade urbana, o intenso uso das ruas e calçadas públicas, a mistura de usos, quadras curtas da preservação da memória por meio de seus prédios antigos, os olhos para a rua. Em outros termos, da diversidade geradora de intensidade, de trabalho novo, inovação, criatividade e vitalidade (REIS, 2010).

### ***3.1.1 Condições que geram diversidade***

Embora os resultados sejam complexos e os ingredientes que os produzem tendam a variar, tal complexidade fundamenta-se em relações econômicas tangíveis, que, em princípio, são muito mais simples que as intrincadas combinações que possibilitam. Nesse caso, é importante compreender como as cidades podem gerar uma mistura suficiente de usos, uma diversidade suficiente – por uma tensão suficiente de áreas urbanas – para preservar a própria civilização.

Segundo Jacobs (2011), existem quatro condições espaciais indispensáveis para gerar uma diversidade “exuberante” nos distritos e ruas.

*Condição 1: A rua, e sem dúvida o maior número possível de segmentos que a compõem, deve atender a mais de uma função principal: de preferência, a mais de duas. Estas devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infraestrutura (JACOBS, 2011: 167).*

Nenhum bairro ou rua, seja ele bem estabelecido, famoso ou prospero, seja ele, por qualquer razão, densamente povoado, pode desconsiderar a necessidade da presença de pessoas ao longo do dia sem com isso frustrar seu potencial de gerar diversidade (JACOBS, 2011).

As pessoas devem frequentar as ruas em horários diversificados, de modo que haja grande circulação ao longo do dia. Essa necessidade da presença de pessoas na vizinhança, além de criar segurança nas ruas, contribui para dar vida aos empreendimentos locais. Os estabelecimentos comerciais assim como as ruas precisam de frequentadores. Essas distintas combinações de usos diversos da cidade não são, portanto, uma forma de caos. Ao contrário, representam uma forma de organização complexa e altamente desenvolvida, que possibilita que a cidade crie diversidade e mantenha-se viva (JACOBS, 2011).

É importante salientar que o total absoluto de pessoas que utiliza as ruas e a maneira como essas pessoas se distribuem ao longo do dia são duas coisas distintas. Essa distribuição só é eficaz quando a mistura de pessoas na rua, em determinado momento do dia, é razoavelmente proporcional ao número de pessoas presentes em outros horários.

Segundo Jacobs (2011), as áreas urbanas debilitadas ou fracassadas passam por dificuldades não tanto pelo que têm, mas pelo que não têm. Dessa forma, é quase impossível promover a revitalização dessas áreas apagadas, com carências das mais graves e mais difíceis de suprir, a não ser investindo em outras ruas e bairros apagados onde tenha restado ao menos um ponto de partida que proporcione uma melhor redistribuição das pessoas ao longo do dia.

Portanto, quanto maior o êxito das cidades na geração de diversidade e vitalidade, em qualquer uma de suas áreas, *“obviamente maiores serão as probabilidades de elas obterem êxito também em outras zonas, inclusive, provavelmente as mais desencorajadoras”* (JACOBS, 2011:195).

*Condição 2: A maioria das quadras da rua deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes* (JACOBS, 2011: 197).

Vizinhanças isoladas, separadas têm tudo para serem abandonadas. No caso do predomínio de quadras longas, mesmo as pessoas que estejam na vizinhança pelas mesmas razões serão mantidas tão afastadas que se impede a formação de combinações razoavelmente complexas de usos urbanos compartilhados (JACOBS, 2011).

Por natureza, quadras longas neutralizam as vantagens potenciais que as cidades propiciam aos numerosos empreendimentos pequenos e específicos, isso na medida em que necessitam de cruzamentos muito maiores de pedestres para atrair fregueses e clientes (JACOBS, 2011). As quadras longas também dificultam as misturas e a presença de pessoas diferentes, em horários distintos.

O “mito” de que um grande número de ruas com quadras curtas é um “esbanjamento” urbano consiste em dogmas do planejamento urbano ortodoxo, como aqueles preconizados por teóricos da “Cidade-Jardim” e da “*Ville Radieuse*”, que criticam o uso do solo para ruas, defendendo-o com grandes áreas verdes planejadas: *“Ruas frequentes e quadras curtas são valiosas por propiciar uma rede de usos combinados e complexos entre distintos usuários do bairro. Ruas frequentes não são um fim em si mesmas. Elas são um meio para um fim”* (JACOBS, 2011:205).

Concomitantemente, as ruas ajudam a gerar diversidade só pela maneira como atuam. A maneira como funcionam – atraindo para si misturas de usuários – e os resultados que proporcionam – como o crescimento da diversidade – estão intimamente ligados. Consistem em uma relação recíproca (JACOBS, 2011).

*Condição 3: A rua deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser compacta* (JACOBS, 2011: 207).

As cidades precisam de mesclas de prédios novos e antigos para cultivar as misturas de diversidade. Elas precisam especificamente dos prédios antigos para incubar uma nova diversidade (JACOBS, 2011).

Segundo Jacobs (2011), as cidades necessitam tanto de prédios antigos, sem os quais provavelmente seria impossível obter ruas e bairros vivos, quanto de novos. Ao falar de prédios antigos, trata-se de uma boa porção de prédios antigos simples, comuns, de baixo valor, incluindo alguns prédios antigos deteriorados.

Se uma área da cidade tiver apenas prédios novos, os empreendimentos que venham a existir nesse local estarão limitados àqueles que podem arcar com os custos elevados desses novos edifícios. Portanto, somente atividades com elevado giro alto e grau de padronização, ou muito subsidiadas, conseguiriam arcar com os custos das novas construções (JACOBS, 2011). Mas bares de bairro, restaurantes típicos, por exemplo, instalam-se em prédios antigos e proporcionam diversidade.

O problema de prédios antigos é que, inevitavelmente, não resultam senão da idade, e como tudo que é antigo, se deteriora. Mas segundo Jacobs (2011), uma área urbana em tal situação não fracassa por ser velha, ao contrário, a área é velha por ter fracassado.

Uma área urbana bem-sucedida se torna uma espécie de “celeiro natural” de construções, dessa forma, ano após ano, alguns prédios antigos são substituídos por novos. Logo, com o passar do tempo, emerge uma mistura constante de edifícios de várias idades e de vários tipos. Trata-se de processo dinâmico em que o que era novo acaba se tornando velho em meio à variedade.

É importante salientar que nada em uma rua ou bairro que tenha vitalidade parece velho ao ponto de ser eventualmente substituído por algo novo; essa utilidade do antigo não é uma questão pura e simples de excelência ou de charme arquitetônico (JACOBS, 2011).

*Condição 4: Deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos. Isso inclui alta concentração de pessoas cujo propósito é morar lá (JACOBS, 2011: 221).*

As pessoas reunidas em concentrações de tamanho e densidade típicos de grandes cidades podem ser consideradas um bem positivo, na medida em que são desejáveis fontes de vitalidade, bem como por essa ampla aglomeração representar, em um espaço geográfico, “exuberante” riqueza de diferenças e opções, sendo muitas dessas diferenças singulares, imprevisíveis e acima de tudo valiosas só por existirem (JACOBS, 2011).

Altas densidades habitacionais significam grande quantidade de moradias por m<sup>2</sup>, isso, no entanto, não tem relação alguma com superlotação. Muitas pessoas em uma moradia, se considerarmos o número de cômodos que ela possui, é algo diferente do número de moradias na área.

Além das pessoas que moram na rua, uma alta densidade deve conter boa parte de desconhecidos que trabalham ou transitam por lá. A presença desses desconhecidos contribui para a diversidade local e aumenta a segurança.

Segundo Jacobs (2011), para as ruas se tornarem seguras, são necessárias três características principais. Primeiro, deve ser nítida a separação entre espaço público e espaço privado. O espaço público e o privado não podem desvincular-se, como normalmente ocorre em subúrbios norte-americanos ou em grandes conjuntos habitacionais.

Segundo, devem existir “olhos para a rua”, os olhos daqueles que podemos chamar de “proprietários naturais da rua”. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua. Eles não podem estar nos fundos ou em um lado morto para a rua, deixando-os cegos.

Terceiro, a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar, na rua, o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas, dentro dos edifícios da rua, a observar as calçadas.

Quando as ruas são seguras, as chances de ter elevado número de frequentadores diários são altas. Outro requisito básico da vigilância é um número substancial de estabelecimentos e outros locais públicos dispostos ao longo das calçadas; deve haver entre eles, sobretudo,

estabelecimentos e espaços públicos que sejam utilizados de noite. Lojas, bares e restaurantes atuam de forma bem variada e complexa para aumentar a diversidade e a segurança nas calçadas.

Primeiro, por proporcionarem às pessoas motivos concretos para utilizar as calçadas onde esses estabelecimentos existem. Segundo, na medida em que eles fazem com que as pessoas percorram as calçadas, passando por locais que, em si, não teriam interesse para uso público, mas se tornam frequentados e cheios de gente por ser caminho para outro lugar.

Entretanto, essa influência não vai muito longe; devem, portanto, existir muitos estabelecimentos comerciais para preencher com pedestres os trechos da rua que não dispõem de espaços públicos ao longo das calçadas. Deve haver, além do mais, um comércio bem variado, para levar as pessoas a circularem por todo o local.

Terceiro, nesses locais, os próprios lojistas e outros pequenos comerciantes costumam incentivar a tranquilidade e a ordem; “detestam” que os clientes fiquem preocupados com a segurança.

Quarto, a movimentação de pessoas a trabalho ou que procuram um lugar para comer e beber constitui em si mais um atrativo para mais pessoas (JACOBS, 2011).

Desse modo, para que uma rua ou um bairro possua uma diversidade “exuberante”, uma capacidade de unir os mais diferentes gostos, habilidades, necessidades, em uma mesma região, é necessário que essa rua possua uma densidade alta de pessoas circulando, tanto de dia quanto de noite, uma mistura de prédios novos e antigos, que comportem os mais diversos serviços, assim como ruas e quadras curtas que facilitem a circulação e onde as pessoas possam se encontrar:

Associadas, tais condições criam combinações de usos economicamente eficazes. Nem todos os distritos dotados dessas quatro condições produziram uma diversidade comparável à dos outros. O potencial de distritos distintos difere por muitas razões; mas, com essas quatro condições plenamente atendidas (ou o mais próximo possível de sua plena consecução na realidade), o distrito deverá ter condições de desempenhar seu potencial, seja ele qual for (JACOBS, 2011:165).

Em síntese, Jacobs (2011) aponta como características-chave de diversidade de um distrito ou rua: 1. capacidade de atender a mais de um segmento de forma a sempre ter pessoas transitando;

2. dispor de quadras curtas; 3. contar com uma combinação de edifícios com idades e estado de conservação variados; 4. dispor de densidade suficiente de pessoas, principalmente moradores, mas também em trânsito. Segundo a autora, o somatório desses quatro pontos resulta em combinações de usos economicamente eficazes.

Além disso, ressalta como componentes relevantes para tal efetividade: 1. necessidade de usos principais combinados; 2. atendimento a mais de um segmento principal; 3. movimentação de pessoas de forma contínua; 4. usos que combinem com o perfil da rua e nunca o contrário; 5. usos principais como âncoras; 5. prevalência de escritórios, comércios, escolas e moradias como tipos comuns de uso principal.

Para Jacobs (2011), usos principais de forma isoladas não se apresentam eficientes. Para sê-los, deve-se ter a combinação de pelo menos dois tipos, propiciando uma “diversidade derivada” de usos. Além da combinação de usos, a autora reitera que sua eficiência significa que a rua ser utilizada em diferentes horários, tanto diurnos quanto noturnos.

O importante é o resultado cotidiano da mescla que gera a sustentação econômica. A segregação, ao contrário, acaba por gerar desequilíbrios estruturais na eficiência dos usos. Para Jacobs (2011), muito da decadência de cidades americanas decorre de sua “segregação dos usos”, como se representasse um “planejamento urbano ordenado”. Em essência, tais casos desconsideram, por exemplo, que os centros das cidades são “centros” por possuírem essa diversidade de usos principais bem combinados.

Jacobs (2011) aponta, também, para a relevância da concentração de pessoas com diversidade de propósitos, inclusive de moradores. É pouco provável, no entanto, que subsista diversidade com poucas pessoas para a compor. A segregação de pessoas e seu deslocamento para outros contextos – por exemplo, condomínios residenciais ou conjuntos habitacionais criados – ao impactarem, de forma direta a densidade habitacional, provocam mudanças também nas interações humanas e na vivacidade do espaço.

Aprimorar a densidade habitacional e das interações entre seus componentes pressupõe fortalecer diversos aspectos da diversidade. A densidade pode ser ruim quando se dá por meio de padronização de edifícios. Ao contrário, quanto maior a variedade, melhor: “*O próprio*

*processo de aumentar as densidades, paulatina, mas continuamente, pode resultar também em variedade crescente e, portanto, dar lugar a densidades finais altas sem padronização”* (JACOBS, 2011: 239)

### **3.1.2 Mitos sobre a diversidade**

Más interpretações sobre o papel da diversidade para a vida das cidades criam falsos mitos sobre a mistura de usos, os quais relacionam a diversidade com ruas “malsucedidas”. A ideia de que a mistura de usos é feia e provoca congestionamentos e estimula usos nocivos é reflexo de espaços que não têm muita, mas pouca diversidade.

A crença de que a diversidade está relacionada à má aparência implica que as misturas de usos se assemelham a bagunça, e mais, implica que lugares marcados pela homogeneidade de usos têm melhor aparência e são mais eficientes, o que, segundo Jacobs (2011), não reflete a verdade.

A homogeneidade de usos pode parecer inicialmente dotada de alguma ordem, porém essa uniformidade gera monotonia e impede que as ruas tenham grande circulação de serviços e pessoas. E mesmo que a diversidade de usos esteja associada à diversidade de idade dos prédios, pode, às vezes, se contaminar da monotonia típica das quadras muito longas.

Ao buscar uma organização visual centrada na tentativa de suprimir as diferenças, as cidades estão fadadas ao fracasso. Buscar harmonizar, visualmente, a diversidade urbana, respeitando a liberdade, é, como já reiterado, questão fundamental: *“A diversidade urbana não é intrinsecamente feia. Isso é um erro de julgamento, e dos mais banais. Porém, a falta de diversidade é, por um lado, naturalmente deprimente e, por outro, uma grosseria caótica”* (JACOBS, 2011:253).

Outro equívoco comum é relacionar a diversidade a problemas no trânsito. A verdade é que o congestionamento de trânsito é provocado por veículos e não pelas pessoas em si.

Em lugares onde a densidade urbana é baixa ou em que as combinações de usos não são frequentes, qualquer ponto de atração particular pode resultar em congestionamentos. A inexistência de uma diversidade ampla e concentrada pode levar as pessoas a usarem automóveis por qualquer motivo (JACOBS, 2011). Os espaços ocupados pelas ruas e

estacionamentos fazem com que tudo fique mais distante e intensifique ainda mais o uso de automóveis (JACOBS, 2011):

Em áreas urbanas diversificadas e densas, as pessoas ainda caminham, atividade que é impossível em subúrbios e na maioria das áreas apagadas. Quando mais variada e concentrada for a diversidade de determinada área, maior a oportunidade para caminhar. Até as pessoas que vão de carro ou de transporte público a uma área viva e diversificada caminham ao chegar lá (JACOBS, 2011: 255).

O Quadro 2 apresenta uma síntese dos principais mitos sobre a diversidade, conforme apontados por Jacobs (2011) e anteriormente abordados.

**Quadro 2.** Mitos sobre a diversidade

Diversidade de usos	Diversidade de usos não é caos. É uma organização complexa e desenvolvida. A diferença não é “feia”. É dinâmica e foge do monótono e repetitivo das organizações homogêneas. A homogeneidade de usos se torna monótona; tentar diversificar o aspecto nesse contexto é produzir distinções apenas superficiais.
Trânsito	O congestionamento é causado por carros, não por pessoas. Se existe diversidade, maiores são as oportunidades para caminharem. Também há a oportunidade de usar transporte público, se isto for atrativo para os usuários.
Heterogeneidade de construções	As disposições das ruas e dos imóveis, residenciais ou comerciais, não têm que obedecer a um padrão ou ser apenas para atender o distrito em que estão localizados. São misturas singulares que trazem vida ao local. As cidades têm capacidade de oferecer algo a todos, mas só por quê e quando são criadas por todos.

**Fonte:** Elaborada pelo autor, a partir de Jacobs, 2011.

Para Jacobs (2011), esses “mitos” são alguns dos “bichos-papões” que fazem as cidades combaterem a diversidade. Essas crenças ajudam a moldar as diretrizes do zoneamento e atrapalham o planejamento urbano. Como já foi dito, essas distintas combinações não são uma forma de caos, são organizações extremamente complexas que permitem às cidades se manterem vivas.

Em suma, a principal mensagem deixada por Jacobs (2011) é que precisamos de todos os tipos de diversidade, intrinsecamente combinados e mutuamente sustentados, sendo isso necessário para que a população das cidades e de seus diversos lugares possa crescer e se desenvolver.

Não nos resta dúvida de que as áreas urbanas com diversidade emergente geram usos desconhecidos e imprevisíveis e perspectivas visuais peculiares. Mas não se trata de um

inconveniente da diversidade. Trata-se da questão essencial, ou parte dela. Isso, segundo Jacobs (2011), está de acordo com uma das atribuições centrais das cidades.

Basicamente, a maior parte da diversidade urbana é criação de uma quantidade inacreditável de pessoas diversas, com concepções diversas e de organizações diversas e com propósitos bastante distintos. A diversidade das cidades se encontra justamente nessa pluralidade cultural gerada por meio das relações sociais entre seus habitantes:

As cidades monótonas, inertes, contêm, na verdade, as sementes de sua própria destruição e um pouco mais. Mas as cidades vivas, diversificadas e intensas contêm as sementes de sua própria regeneração, com energia de sobra para os problemas e as necessidades de fora delas (JACOBS, 2011:499).

Os bairros e ruas são, portanto, lugares sociais e economicamente convenientes para que surja a diversidade por si só e atinjam seu potencial máximo, desde que possuam boas combinações de usos, ruas frequentes, densa mistura de idades das construções e elevada concentração de pessoas (JACOBS, 2011), conforme sintetizado no Quadro 3.

**Quadro 3.** Condições de vitalidade espacial

Condições de Vitalidade	A rua, e, sem dúvida, o maior número possível de segmentos que a compõem, deve atender a mais de uma função principal: de preferência a mais de duas. Essas devem garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infraestrutura.
	A maioria das quadras da rua deve ser curta, ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes.
	A rua deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, e incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser compacta.
	Deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos. Isso inclui alta concentração de pessoas cujo propósito é morar lá.

**Fonte:** Elaborada pelo autor, a partir de Jacobs (2011).

Ademais, as cidades em que a diversidade é presente, fruto das relações sociais entre seus indivíduos e também de condições estruturais que atendam a população, acabam por eliminar muitos problemas. Assim, as cidades vivas detêm uma capacidade quase natural de compreender, comunicar, planejar e inventar as condições para enfrentar dificuldades.

Como resultante, suas ruas e bairros – como se espera verificar junto ao logradouro-alvo deste estudo – passam a ser dotados de amplo potencial gerador de diversidade, com grande multiplicidade de usos econômicos e sociais, os quais, devidamente combinados e articulados, configuram-se em candidatos ao tipo de vitalidade que, segundo Jacobs (2011), mantém as cidades em movimento. Igualmente apontam para a relevância do papel de seus agentes, notadamente na articulação dos múltiplos elementos capazes de fomentar, permitir e sustentar tal vitalidade, criando e inovando as condições para a geração de “trabalho novo”, diversidade e inovação, não raro, irradiando-as para novos contextos (JACOBS, 2011; 1975).

#### CAPÍTULO 4

### INTERAÇÕES ENTRE AGENTES SOCIAIS: UM OLHAR A PARTIR DA SOCIOLOGIA DE BOURDIEU

Como marco teórico para análise das relações entre diferentes agentes sociais envolvidos na dinâmica da rua – objeto deste estudo – adotou-se o arcabouço teórico de Bourdieu, em particular, conceitos-chave de sua “Teoria da Ação Prática”. Cabe salientar que a opção quanto à utilização de tal abordagem decorre de sua utilização em pesquisas anteriores desenvolvidas pelo autor junto a processos contemporâneos de reconversão de funções econômicas de cidades e de requalificação de espaços urbanos (OLIVEIRA, SANT’ANNA, DINIZ, 2015; SANT’ANNA *et al.*, 2013; OLIVEIRA, SANT’ANNA e DINIZ, 2012; SANT’ANNA *et al.*, 2011), tendo-se apresentado profícua, notadamente, ao contribuir para a descrição e compreensão da forma como os agentes sociais investigados disputam e/ou estabelecem alianças para a posse de capitais – econômicos, sociais, culturais e simbólicos – que lhes permitam o domínio em seus campos de atuação (SOUZA e SANT’ANNA, 2012).

Em outros termos, parte-se da compreensão de que os agentes sociais, dotados de *habitus* similares ou distintos, bem como de capitais distribuídos de modo desigual, se inter-relacionam no interior de um espaço social, em que se desenrolam conflitos e coalisões na busca da manutenção ou transformação do estado vigente de poder e ou dominação (BOURDIEU, 2010, 2009, 2009a, 1990).

Nessa direção, com vistas a investigar articulações entre diferentes agentes sociais envolvidos na dinâmica da rua – objeto da investigação deste estudo – toma-se como referência tal arcabouço, com destaque para as noções de *Habitus*, Campo, Capital e Distinção.

#### 4.1 A Teoria da Ação Prática de Bourdieu

Em linhas gerais, os estudos desenvolvidos por Bourdieu têm-se firmado, ao longo do tempo, como uma das importantes vertentes na área das Ciências Sociais, influenciando pesquisas nos campos da Sociologia, Antropologia, História e dos estudos organizacionais e urbanos em diversos países.

O autor se propõe novos olhares para as pesquisas que tratam da mediação entre os agentes sociais e a sociedade, buscando estabelecer uma análise relacional e generativa entre agente e estrutura. Os seus estudos inovam, também, ao investigar objetos empíricos pouco pesquisados (sociedades tribais, sistemas de ensino, processos de reprodução); ao integrar diferentes áreas de conhecimento, buscando alcançar uma ciência social unificada e transdisciplinar; ao superar dicotomias tradicionais no campo científico (macro e microsociologia, perspectivas “objetivistas” e “subjetivistas”); ao tratar de noções operatórias, tais como *habitus*, reprodução, poder simbólico, capital, distinção, campo, dentre outros (BOURDIEU, 2010).

Nessa perspectiva, sua obra é difícil de ser situada em relação a uma escola do pensamento ou abordagem teórica, já que seus estudos buscam integrar diferentes percepções, anteriormente consideradas incompatíveis por pesquisadores mais ortodoxos:

Diante da tentativa de elaborar uma teoria regional dos fatos culturais capaz de compatibilizar as contribuições dos fundadores - (...) Marx, Weber e Durkheim - num esforço de compensar carências e omissões derivadas da perspectiva unilateral que assumiram, muitos poderiam, apressadamente, qualificar tal projeto de “ecclético”, pluralista, sincrético e, até mesmo, pensar em *bricolage*. Na verdade, o que Bourdieu pretende é retificar a teoria do consenso por uma concepção teórica capaz de revelar as condições materiais e institucionais que presidem à criação e à transformação de aparelhos de produção simbólica cujos bens deixam de ser vistos como meros instrumentos de comunicação e/ou conhecimento (MICELI, 2009, p. XII)<sup>8</sup>.

Uma de suas contribuições será, portanto, a tentativa de superar o antagonismo entre abordagens “objetivistas” e “subjetivistas”, posições emblemáticas e aparentemente conflitantes no âmbito das Ciências Sociais. Tal separação emerge como ponto central de reflexão dos estudos do autor, que assume ser possível estabelecer um diálogo – “conversações” – entre elas ao se articular, dialeticamente, agente social e estrutura. A esse tipo de abordagem epistemológica, Bourdieu (2009) denominará “conhecimento praxiológico”: “*Se abordei de*

---

<sup>8</sup> MICELI, S. A força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

*maneira um pouco pesada essa oposição (objetivismo e subjetivismo), é porque a intenção mais constante e, a meu ver, mais importante de meu trabalho foi superá-la”* (BOURDIEU, 1990, p. 152).

No mais, o autor supera visões de estruturas desprovidas de sujeitos, distanciando-se do subjetivismo, que desconsidera a gênese social das condutas individuais. Nesses termos, Bourdieu assume que o indivíduo é concomitantemente produto e produtor da história, ou seja, o agente social faz a sua história, porém em um meio que o condiciona (BOURDIEU; ORTIZ, 1994). Em linhas gerais, as premissas epistemológicas do autor podem ser assim sintetizadas:

Se eu tivesse que caracterizar o meu trabalho em duas palavras, (...) eualaria de *constructivist structuralism* ou de *structuralism constructivist*. Por estruturalista ou estruturalismo quero dizer que existem no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito – estruturas objetivas independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas ou representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais em particular do que chamo de campos e grupos (...) (BOURDIEU, 1990, p. 149).

É a partir das noções de *habitus* e de campo social – dois construtos interligados – que Bourdieu buscará se aventurar na articulação entre os planos objetivo e subjetivo.

#### **4.1.1 A gênese do *habitus***

Souza e Sant’Anna (2014), em revisão preliminar de literatura sobre a sociologia de Bourdieu, destacam o *Habitus* como um conceito central em suas abordagens, estando presente na base da reprodução da ordem social, constituindo-se como mediador privilegiado entre as instâncias do individual e do coletivo. Segundo Bourdieu (2004: 21), o *habitus* “[...] trata-se de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento” (BOURDIEU, 2004: 21).

Em termos históricos, a noção de *habitus* deriva de antigo conceito aristotélico-totemista repensado por Bourdieu, que evolui dentro de suas próprias obras, passando de conceito determinista a mais aberto, incorporando possibilidades de autonomia de ação dos agentes (BOURDIEU, 2004). Nessa direção, para Bourdieu (2009: 87):

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como

princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Desse modo, o *habitus* é um sistema de disposições que os indivíduos adquirem no processo de socialização. Em outros termos, são modos de agir, fazer, perceber, sentir e pensar, interiorizados como resultado das condições de sua existência. Contudo, não é uma imposição, mas uma disposição de sentido, fornecendo ao agente uma direção de comportamento, a partir de sua relação com a sociedade, a estrutura e a ação. Ainda permite a produção de pensamentos, percepções e do conjunto das ações levadas a cabo nas condições particulares de sua produção, evidenciando, uma liberdade, não obstante, controlada:

O *habitus* é uma capacidade infinita de engendrar em toda liberdade (controlada) produtos – pensamentos, percepções, expressões, ações – que sempre têm como limites as condições historicamente e socialmente situadas de sua produção, liberdade condicionada e condicional que ele garante está tão distante de uma criação de imprevisível novidade quanto de uma simples reprodução mecânica dos condicionamentos iniciais (BOURDIEU, 2009: 91).

É, nessa direção, um sistema de “classificação”, que limita as escolhas dos indivíduos, um sistema de “classificação” anterior à ação, que, na forma interiorizada, permite ao agente agir sem precisar lembrar, necessariamente, das regras observadas para tal. Desse modo, “[...] através do *habitus*, temos um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente” (BOURDIEU, 1990: 159).

Em termos estruturais, o *habitus* é composto por duas dimensões. Uma primeira, composta pelos princípios de valores morais que de forma interiorizada regulam a conduta dos indivíduos; e, uma segunda, compreendida pela postura ou forma de disposição do corpo e suas relações, sendo essas duas partes, no entanto, indissociáveis. Em linhas gerais, o *habitus* compõe a raiz daquilo que define a personalidade dos indivíduos. Assim sendo, até mesmo as preferências e gostos constituem produtos do *habitus*.

Em relação ao gosto, inserido nos sistemas de disposições do *habitus*, Bourdieu (2008) sugere que ele representa a preferência manifestada pelo agente, revelando as diferenças “inevitáveis” entre os indivíduos e grupos. Logo, o gosto revela o espaço dos estilos de vida bem como um

tipo de dominação “suave” (violência simbólica), em que se apresentam ocultas relações de dominação:

Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2008: 162).

O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas (BOURDIEU, 2008: 13).

O *habitus* é, também, considerado fator de “distinção”, produto dos processos de socialização e da trajetória social dos indivíduos. Assim sendo, a cada “classe” corresponde um *habitus* específico, que produz práticas distintas, as quais se organizam por meio de diferentes capitais. Nas palavras do autor, o *habitus* constitui:

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. Cada condição é definida, inseparavelmente, por suas propriedades intrínsecas e pelas propriedades relacionais inerentes à sua posição no sistema das condições que é, também, um sistema de diferenças, de posições diferenciais, ou seja, por tudo o que a distingue de tudo o que ela não é e, em particular, de tudo o que lhe é oposto: a identidade social define-se e afirma-se na diferença (BOURDIEU, 2008:164).

Para a sociologia de Bourdieu, todos os indivíduos biológicos, sendo produto das mesmas condições e de mesmos *habitus*, seriam, *a priori*, idênticos. Cada indivíduo é nada mais que uma variante de um *habitus*, de uma “posição de classe”, sendo o princípio da diferença entre os *habitus* individuais uma decorrência de trajetórias sociais distintas. Ou seja, existe um *habitus* de “classe” e, dentro desse, algumas variações, que repercutem as individualidades, produtos das trajetórias individuais. Segundo Bourdieu (2009: 100):

O princípio das diferenças entre o *habitus* individuais reside na singularidade das trajetórias sociais, às quais correspondem séries de determinações cronologicamente ordenadas e irredutíveis umas às outras: o *habitus* que, a todo momento, estrutura em função das estruturas produzidas pela experiências anteriores as experiências novas que afetam essas estruturas nos limites definidos pelo seu poder de seleção, realiza uma integração única, dominada pelas primeiras experiências, das experiências estatisticamente comuns aos membros de uma mesma classe. Com efeito, o peso particular das experiências primitivas resulta, no essencial, do fato de que o *habitus* tente a garantir sua própria constância e sua própria defesa contra a mudança mediante a seleção que ele opera entre as informações novas, rejeitando, em caso de exposição fortuita ou forçada, as informações capazes de questionar a informação acumulada e, principalmente, desfavorecendo a exposição a tais informações.

Nesse sentido, o *habitus* é entendido como relevante fator de reprodução social. Os agentes, quando dotados de mesmo *habitus*, não precisariam entrar em acordo para agir de uma dada maneira. Cada um, acreditando obedecer a um gosto individual, concordaria, de forma inconsciente, com os outros. Sob tal perspectiva, a prática coletiva deve sua unidade ao *habitus* coletivo, que cria a ilusão da escolha, quando os agentes estão apenas mobilizando o *habitus* que os modelaram.

Em outras palavras, o *habitus* está diretamente relacionado à prática, ou melhor, ela é resultado dela, mas não somente. Bourdieu (2008: 97) chega a propor uma fórmula para sua compreensão: “[*Habitus*) (Capital)] + Campo = Prática”. Partindo dessa fórmula, o *habitus* se traduziria em estilos de vida, julgamentos morais, políticos e estéticos que permitem estratégias individuais e coletivas.

Em adição, Bourdieu lembra que, para se compreender a constituição do *habitus*, é necessário conhecer sua história, gênese e estruturas vigentes na sociedade, em um dado campo, em particular. As funções sociais seriam, portanto, ficções, na medida em que se forjam a partir de uma imagem social – por meio da representação – e, para serem cumpridas, necessitam de adesão dos agentes ao jogo social. O *habitus* seria, assim, um fator explicativo da lógica de funcionamento da sociedade.

O *habitus* está, desse modo, vinculado às diversas instituições de socialização que o indivíduo perpassa, ao longo de sua trajetória social. Tais instituições – como a família e a escola – apresentam, nesse sentido, papel importante na interiorização do *habitus*. A criação pedagógica na família é vista como a produtora do “*habitus* primário”, valores e princípios que são, posteriormente, transformados e diversificados, a partir das experiências escolares:

A análise de Bourdieu tende, assim, a enfatizar a importância de se estudar o modelo de estruturação do *habitus* através das instituições de socialização dos agentes. Considera a socialização como um processo que se desenvolve ao longo de uma série de produções de *habitus* distintos (BOURDIEU; ORTIZ, 1994, p. 18).

Bourdieu enfatiza, ademais, que o *habitus* possui características que se incorporam ao agente, levando-o a se tornar o próprio agente que reproduz, internamente, as estruturas externas do mundo. Contribui, ainda, de forma sutil e, não raro, inconsciente, para a reprodução da ordem social. Logo, o *habitus* tende a assegurar sua própria permanência ao longo do tempo, bem

como rejeitar novos conhecimentos que questionam o padrão de comportamentos e valores existentes (BOURDIEU, 2009, 2010):

Pela “escolha” sistemática que ele opera entre os lugares, os acontecimentos, as pessoas suscetíveis de ser frequentadas, o *habitus* tende a se proteger das crises e dos questionamentos críticos garantindo-se um meio ao qual está tão pré-adaptado quanto possível, ou seja, um universo relativamente constante de situações apropriadas para reforçar suas disposições oferecendo o mercado mais favorável aos seus produtos. Por isso, embora transponível, o *habitus* é um sistema durável e relativamente constante (BOURDIEU, 2009: 96).

Também é a forma pela qual as instituições encontram sua realização. A propriedade se apropria do proprietário, sob a forma de estruturas geradoras de práticas, conformes à sua lógica e exigências (BOURDIEU, 2009). Contudo, o *habitus não* é um destino, sendo um produto da história: ele está sujeito a novas experiências e a ser por elas afetado. Ele é duradouro, porém não imutável.

De fato, Bourdieu, quando propõe o conceito de *habitus*, pretende evidenciar que o ser humano é um ser social, que seus comportamentos e ações – até as que se julgam “naturais” – são produtos da organização social. Visa, também, tratar a lógica das práticas nos diferentes campos e mecanismos dessa reprodução social. Juntamente com o *habitus*, o conceito de campo ocupa lugar de destaque na Teoria da Ação Prática de Bourdieu.

#### **4.1.2 A estrutura dos campos sociais**

Apesar de tanto Bourdieu quanto Karl Marx tratarem a realidade social como relações entre classes historicamente em luta, a maneira como o primeiro constrói a teoria do espaço social pressupõe rupturas com a teoria marxista (GONÇALVES, 2010). Para Bourdieu, a posição social não se refere apenas à posição nas relações de produção, mas à posição ocupada nos diferentes campos sociais. Bourdieu considera o campo social como um espaço multidimensional, o qual não deve ser tratado unicamente pela dimensão econômica, devendo considerar, também, as lutas simbólicas que ocorrem nos diferentes campos que o constituem (BOURDIEU, 2010):

A construção de uma teoria do espaço social implica uma série de rupturas com a teoria marxista. Ruptura com a tendência para privilegiar as substâncias – neste caso, os grupos reais, cujo número, cujos limites, cujos membros, etc. se pretende definir – em detrimento das *relação*; ruptura com o economicismo que leva a reduzir o campo social, espaço multidimensional, unicamente ao campo econômico, às relações de produção econômicas constituídas assim em coordenadas da posição social; ruptura,

por fim, com o objetivismo, que caminha lado a lado com o intelectualismo e que leva a ignorar as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos (BOURDIEU, 2010: 133).

Assim sendo, Bourdieu define a sociedade como um conjunto de campos sociais atravessados por lutas entre classes. Cada campo é, desse modo, marcado por agentes sociais providos de mesmos *habitus*, sendo a relação entre *habitus* e campo uma relação de condicionamento: o campo estrutura o *habitus*. Em “*O poder simbólico*”, Bourdieu (2010: 135) busca sintetizar a noção de campo como:

[...] um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das duas posses.

Ou seja, cada elemento do campo é um agente que comunga de interesses e capitais similares. Cada campo possui suas próprias características, com suas regras e capitais específicos. Por possuir uma parte que domina e outra que é dominada, de acordo com o acúmulo de capitais que detém, o campo tende a ser marcado por conflitos constantes. Ele poderia ser considerado, desse modo, como um mercado, ou, ainda, como um jogo, em que os agentes se comportariam como jogadores.

Há que se salientar que não se trataria, portanto, de espaços com fronteiras delimitadas: os campos, muito embora não sejam totalmente autônomos, interagem entre si. O limite de um campo seria o limite de seus efeitos, em que tomam parte todos os que são afetados por tais efeitos ou nele os produzem.

Uma propriedade central do campo social é, dessa forma, sua perspectiva relacional. O *habitus*, as classes sociais e os capitais que os agentes mobilizam só podem ser visualizados uns em relação aos outros. A dinâmica entre esses elementos é o que constitui o espaço de relações de forças:

É preciso pensar *relacionalmente*. Com efeito, poder-se-ia dizer, deformando a expressão de Hegel: *o real é relacional*. Ora, é mais fácil pensar em termos de realidades que podem, por assim dizer, ser vista claramente, grupos, indivíduos, que pensar em termos de relações. É mais fácil, por exemplo, pensar a diferenciação social com forma de grupos definidos como populações, através da noção de classe, ou mesmo de antagonismos entre esses grupos, que pensá-la como forma de um espaço de relações (BOURDIEU, 2010: 27).

Para Bourdieu (2010), cada campo é dotado de lógica e história própria, o que permite compreender sua relativa autonomia em relação aos outros. Nessa direção, campos diferentes só poderiam funcionar na medida em que se vislumbraassem agentes que lhes proporcionassem recursos, contribuindo para manter suas estruturas ou, de forma condicionada, transformá-los. A posição dos agentes no campo social dependeria, assim, de sua posição no espaço social. Em decorrência, a configuração dos agentes no campo social seria reflexo da estrutura social. Em outros termos, apesar de possuírem lógicas próprias, os campos são atravessados por clivagens idênticas às que opõem às classes sociais.

Ainda que cada campo tenha uma lógica de funcionamento própria, Bourdieu (2010) destaca algumas características universais: 1. a inserção em um campo exige a internalização de suas leis de funcionamento; 2. a estrutura do campo é reflexo das posições ocupadas pelos agentes e do volume de capitais por eles detidos e, por fim; 3. a sua natureza dinâmica. Em relação ao último aspecto, as lutas travadas pelos agentes em busca da conservação ou de alteração da estrutura de posições tornam-no espaço permanente de mudanças. A coesão que pode ser visualizada em seu interior, em determinado momento, tem origem no conflito e nas negociações, e não em algum tipo de autodesenvolvimento imanente da sua estrutura. Bourdieu (2010: 69) acrescenta:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender tudo aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não como geralmente se julga, reduzir ou destruir.

Conforme já destacado, Bourdieu compara o campo com o mercado, com a relação entre produtores e consumidores. Os produtores são indivíduos que detêm algum capital específico e lutam entre si a fim de conquistarem capital suficiente para dominarem o campo. Nesse sentido, o campo é um espaço de forças opostas, sendo o capital um meio e um fim:

Efetivamente, podemos comparar o campo a um jogo (embora, ao contrário de um jogo, ele não seja o produto de uma criação deliberada e obedeça a regras, ou melhor, a regularidade que não são explicadas e codificadas). Temos assim móveis de disputa que são, no essencial, produto da competição entre os jogadores; um investimento no jogo, *illusio* (de *ludus*, jogo): os jogadores se deixam levar pelo jogo, eles se opõem apenas, às vezes ferozmente, porque têm em comum dedicar ao jogo, a ao que está em jogo, uma crença (*doxa*), um reconhecimento que escapa ao questionamento [...] e essa colusão está no princípio de sua competição e de seus conflitos. Eles dispõem de trunfos, isto é, de cartas mestras cuja força varia segundo o jogo: assim como a força

relativa das cartas muda conforme os jogos, assim também a hierarquia das diferentes espécies de capital (econômico, cultural, social, simbólico) varia nos diferentes campos (BONNEWITZ, 2003: 61).

O objetivo desse jogo do mercado é acumular o máximo de capital, desde que respeitadas as suas regras. Ademais, as formas de jogar, conforme indicado, seriam relativas à quantidade de capital dos jogadores, ou seja, jogadores em posições dominantes tendem a ser conservadores. Já jogadores em posições dominadas tenderiam a ser mais contestadores, senão subversivos. Buscando avançar nessa caracterização, discorre-se, mais detalhadamente, no subitem, a seguir, sobre sua noção de capital.

#### **4.1.3 A noção de capital em Bourdieu**

Conforme já enunciado, segundo Bourdieu (2010), os campos organizam-se, hierarquicamente, no interior do espaço social, de poder e de dominação, a partir de capitais. Em outros termos, as diferentes formas de capital permitem estruturar o espaço social. Desse modo, para compreender como se organiza tal espaço, torna-se relevante uma análise dos diferentes tipos de capitais mobilizados:

A posição de um determinado agente no espaço social pode ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies -, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital (BOURDIEU, 2010, p. 135).

Sob essa ótica, convém, de antemão, salientar que Bourdieu, diferentemente de Karl Marx, não limita o conceito de capital à dimensão econômica. Para ele, o capital se acumula por meio de operações de investimento, transmite-se pela herança e permite extrair lucros segundo a oportunidade de seu detentor em operar as aplicações mais rentáveis. A partir dessa compreensão, Bourdieu (2010) distingue quatro tipos de capitais: econômico, cultural, social e simbólico.

Segundo Bourdieu, o capital cultural apresenta-se sob três formas: no estágio incorporado, no estágio objetivado e no estágio institucionalizado, sendo, em todas essas manifestações, resultante, *a priori*, do conjunto de qualidades intelectuais transmitidas pela família ou adquiridas junto ao sistema escolar. Nas palavras de Gonçalves (2010: 57):

No primeiro caso, [Bourdieu] pressupõe um trabalho de inculcação e assimilação (*habitus*), não podendo ser transmitido instantaneamente, necessitando de investimento de tempo pelo agente, e não podendo ser acumulado, morre com o agente. No segundo, tratando-se de suportes materiais, estes podem ser transmitidos como propriedade, porém requerem uma condição específica para serem desfrutados: as disposições incorporadas que permitem apreciá-los. No terceiro caso, remete-se ao certificado escolar, documento jurídico que comprove a competência cultural do agente, mas que tem relativa autonomia em relação a este, por exemplo, com o reconhecimento social deste documento pode variar conforme o período histórico, ou quando em comparação com outros, concedidos por diferentes instituições.

Para Bourdieu (2009), o capital cultural institucionalizado tem uma propriedade relevante, na medida em que o título escolar tem um valor formal e socialmente garantido, estando isento de questionamentos de terceiros e de comprovação contínua:

O título escolar, como a moeda, tem um valor convencional, formal, juridicamente garantido, portanto livre das limitações locais (diferentemente do capital não escolarmente certificado) e das flutuações temporais: o capital cultural que se alguma forma ele garante de uma vez por todas não necessita ser continuamente provado (BOURDIEU, 2009: 222).

O capital social, por sua vez, envolve a manutenção das relações sociais que englobam tanto os indivíduos quanto o coletivo, acumulando-se pelo processo de socialização; isto é, pela “[...] *rede de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento, ou a um conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns [...], mas também são unidos por ligações permanentes de utilidade*” (NOGUEIRA; CATANI, 2005: 67).

Já o capital econômico é constituído pelos diferentes fatores de produção e pelo conjunto dos bens econômicos, como bens materiais, renda, patrimônio. É importante frisar que, para Bourdieu (2009), a riqueza não necessariamente é fator de capital econômico. Para que se comporte como capital, é necessário, segundo ele, levar em conta sua relação com o campo: “*a riqueza não pode funcionar como capital senão em relação com o campo propriamente econômico, que supõe um conjunto de instituições econômicas e um corpo de agentes especializados, dotados de interesses e de modos de pensamento específicos*” (BOURDIEU, 2009: 205).

Por último, o capital simbólico, que faz referência aos outros capitais e a eles se associa, na medida em que não existe sozinho, nem é independente dos demais, agregando valor. Nas palavras de Bourdieu (2009: 196):

O capital simbólico é esse capital denegado, reconhecido como ilegítimo, isto é, ignorado como capital (o reconhecimento no sentido de gratidão suscitado pelos benefícios que podem se derivar de um dos fundamentos desse reconhecimento), constitui, sem dúvida, com o capital religioso, a única forma possível de acumulação quando o capital econômico não é reconhecido.

Nesse trecho, Bourdieu enfatiza a relação entre capital social e capital econômico: o capital econômico não age senão sob a forma *eufemizada* do capital simbólico (BOURDIEU, 2009). Contudo, essa reconversão não acontece de forma automática, ela necessita, obrigatoriamente, de um conhecimento da lógica econômica (BOURDIEU, 2009:198):

[...] o capital simbólico traz tudo o que pode ser colocado sob o nome de *esba*, isto é, a rede de aliados e relações que se tem (e que se mantém) por meio do conjunto dos engajamentos e das dívidas de honra, dos direitos e dos deveres acumulados ao longo das gerações sucessivas e que pode ser mobilizado nas circunstâncias extraordinárias. Capital econômico e capital simbólico estão tão inextricavelmente mesclados que a exibição da força mental e simbólica representada pelos aliados prestigiosos é de natureza e trazer por si benefícios materiais, em uma economia da boa-fé na qual uma boa reputação constitui a melhor e talvez a única garantia econômica.

Outra característica importante do capital simbólico é a forma como legitima o poder econômico, o qual, relacionado à posição do agente, proporciona poder ou dominação sobre o campo:

O capital simbólico confere poder e legitimidade - poder simbólico - ao agente ou grupo que o possui, a partir de seu reconhecimento dentro de determinado campo. Essa posse também está relacionada à posição do agente dentro do campo, e se dá em relação aos demais agentes, pressupondo o “desconhecimento da violência que se exerce através dele” (BOURDIEU, 2009:198).

De acordo com Bourdieu (2010), na medida em que a luta no interior de um dado campo é motivada pelo desejo de acúmulo de capital simbólico, o campo, além de ser um espaço social de conflitos e negociações, incorpora uma dimensão simbólica importante. Enquanto espaço simbólico, ele é organizado segundo a lógica da diferença, isto é, de um traço distintivo ou certa qualidade que só existe em relação a outras propriedades. Os indivíduos de um dado campo buscam se distinguir e preservar uma identidade social própria, seja através do nome da família, da profissão, da posse de bens, do cargo que ocupam, das instituições a que se vinculam, dentre outros meios. Nesses termos, o capital simbólico é o critério de diferenciação mais importante para a definição da posição relativa, no interior do campo de seus membros:

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias

de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distinção, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio (BOURDIEU, 2010: 145).

Assim, para Bourdieu (2008, 2010), as disputas pela apropriação dos bens econômicos, sociais ou culturais são lutas simbólicas pela posse desses sinais distintivos. Aquelas classes que detêm as propriedades simbólicas tendem a impor, em conformidade com seus interesses, sua visão de mundo aos demais grupos. Portanto, os sistemas simbólicos cumprem esse papel de legitimar o poder e a dominação de uma classe sobre outra:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) (BOURDIEU, 2010: 11).

No Quadro 4 são sumarizados os principais capitais considerados por Bourdieu.

**Quadro 4.** Capitais, conforme definições de Bourdieu

<b>Capitais</b>	<b>Escopo</b>	<b>Exemplos</b>
Econômico	Recursos associados aos fatores de produção (terra, fábrica e trabalho) e aos ativos econômicos, como a renda e os bens materiais. Pode ser acumulado e reproduzido por meio de estratégias de investimento econômico e de outros mecanismos associados à obtenção ou à manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis.	Terra, trabalho, dinheiro, patrimônio, bens materiais
Cultural	Corresponde ao conjunto de conhecimentos, habilidades e qualificações intelectuais transmitidas pela família e pelas instituições escolares ao longo da vida do indivíduo. O capital cultural pode adquirir três formas: 1. o estado incorporado, como uma característica durável do corpo (a forma de falar); 2. o estado objetivo, como a posse de bens culturais; 3. o estado institucionalizado, decretado por instituições de ensino.	Valores familiares, obras de arte, títulos acadêmicos e os títulos nobiliários no contexto de sociedades aristocráticas.
Social	O capital social corresponde à agregação de recursos atuais ou potenciais que têm estreita conexão com a rede de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento entre indivíduos e grupos. Envolve a manutenção das relações sociais individuais e coletivas, acumulando-se pelo processo de socialização.	Rede de relacionamentos e os recursos que podem ser acessados a partir dessas conexões.
Simbólico	Está relacionado à acumulação de prestígio, honra e de reconhecimento social por um indivíduo/grupo que preserva sob seu domínio os recursos considerados essenciais num determinado campo. A posse do capital simbólico não implica, necessariamente, domínio de uma propriedade “objetiva”, e sim de um recurso simbólico que foi legitimado pelos atores sociais num campo específico, podendo não ser relevante em outro espaço social. Deter e manter a posse sobre esses recursos simbólicos requer muito investimento, tempo e disposição pessoal para reafirmar as visões de mundo e sistemas classificatórios vigentes.	Síntese dos capitais econômicos e culturais que foram reconhecidos como legítimos em determinado campo social.

**Fonte:** Elaborada pelo autor, com base em Bourdieu, 2010.

Em suma, a mobilização de diferentes capitais, de diferentes formas, em diferentes volumes e em diferentes campos, constitui elemento central à distinção, tema igualmente recorrente nos estudos de Bourdieu, notadamente, em seus estudos teórico-empíricos (BOURDIEU, 1989, 1996, 2008).

#### **4.1.4 A lógica da distinção**

A posição dos agentes, a que comumente se refere Bourdieu, apresenta-se dependente do volume e da estrutura do capital que detém, e dentre o conjunto desses capitais, para ele, o cultural e o econômico estabelecem os critérios mais significativos de distinção dos agentes.

Além disso, para esse autor, a posição em relação ao volume de capital contrasta aqueles agentes mais fortemente dotados de capital, comparativamente àqueles mais fracamente dotados; ou seja, hierarquiza-os em “alta” e “baixa” escala social, tomando como referência a quantidade de capital acumulado.

Já em relação à estrutura do capital, é significativo apontar, também, a relevância atribuída pelo autor à constituição de seu volume total, na medida em que aqueles agentes, cujo capital econômico se sobrepõe ao cultural, tendem a se opor àqueles com propriedades contrárias. É essa forma de distinção que, segundo Bourdieu (2009; 2008), permite diferenciá-los, na dimensão social, em um mesmo espaço. Como resultado, o espaço social somente pode funcionar por meio dessa lógica de distinção, em que os agentes, tanto individuais quanto coletivos, interiorizam a vontade de criar identidades sociais próprias, que lhes permitam coexistir socialmente.

Bourdieu (1996; 2007; 2008b) também reforça a cultura como outro importante fator de distinção. Tal definição de cultura é considerada, no sentido sociológico, como um conjunto de valores e práticas adquiridas e compartilhadas por uma pluralidade de pessoas. Ademais, conforme observa Bonnewitz (2003: 95), a adoção do termo cultura será adotado, não raro, no plural – *culturas* – o que “*remete à noção de pluralismo cultural. Assim, no seio de uma mesma cultura, podem existir grupos que não compartilham as práticas e as representações dominantes*”. Todavia, segundo Bourdieu (2008), os membros das diferentes classes sociais se distinguem não tanto pelo grau segundo o qual reconhecem a cultura, mas pelo grau segundo o qual a conhecem.

Essa relação com a cultura é, na medida em que depende da posição do agente no espaço social, diferente de “classe” para “classe”. As classes dominantes, por exemplo, tendem a criar um poder distintivo que tem por função assegurar suas posições, por meio de uma estratégia de distinção - manutenção do *status quo*:

Do lado dos dominantes, todas as estratégias essencialmente defensivas, visam conservar a posição ocupada, portanto, perpetuar o status quo, ao manter e fazer durar os princípios que servem de fundamento à dominação. Quanto aos dominados, estes só terão possibilidades de se impor no mercado através de estratégias de subversão que não poderão prodigalizar, a prazo, os ganhos denegados a não ser com a condição de derrubarem a hierarquia do campo sem contrariarem os princípios que lhe servem de fundamento (BOURDIEU, 2008: 32).

Para melhor compreender essa lógica de manipulação e aplicação da distinção, é relevante retomar a questão do poder simbólico e, para tal, analisar outro importante conceito na sociologia de Bourdieu: a noção de dominação. Para se abordá-la, vale, ainda, retomar à analogia por ele adotada para explicar os campos sociais e, no interior dos mesmos, os jogos que se desenrolam e nos quais os jogadores se colocam em constante conflito com vistas a capitais que lhes permitam dominá-lo:

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fração dominada (letrados ou intelectuais e artistas, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização (BOURDIEU, 2010: 12).

Por meio de tal analogia, é possível apreender que os agentes dominantes devem criar e construir sua reputação, levando os dominados a acreditarem em seus méritos. É assim que emerge o poder simbólico, o qual permite que uma classe “dominante” estabeleça uma cultura “dominante”:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 2010: 10).

Em síntese, a cultura que une a classe dominante – intermediário de comunicação – é a mesma que a separa dos dominados – instrumento de distinção–, legitimando as distinções entre as culturas – designadas como subculturas – e definindo sua distância em relação àquela dominante.

#### ***4.1.5 O espaço na teoria da ação prática de Bourdieu***

Em relação à noção de espaço, a discussão em torno dos construtos *Espaço Físico* e *Espaço Social* constitui, sem dúvida, elemento presente em diversos estudos de Bourdieu, bem como em análises sobre sua produção. De modo geral, embora reconheça a distinção entre ambos os conceitos, a ênfase é atribuída à compreensão de ambos os construtos sob uma perspectiva

relacional. Não obstante, portanto, intrinsecamente relacionados, Bourdieu (1989: 138) reitera para a diferença entre eles, bem como sua não coincidência:

Estes dois espaços nunca coincidem completamente; no entanto muitas diferenças que, geralmente, se associam ao efeito do espaço geográfico, por exemplo, a oposição entre centro e periferia, são o efeito da distância no espaço social, quer dizer, da distribuição desigual das diferentes espécies de capital no espaço geográfico (BOURDIEU, 1989, p.138).

O recurso à lógica relacional, utilizada por Bourdieu, é corroborada por Santos (1988: 10), para quem:

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois têm um papel na realização social.

Alguns aspectos da compreensão atribuída por Bourdieu (1989) ao espaço físico merecem, no entanto, considerações. Em primeiro lugar, há certas ambiguidades observadas em relação à sua articulação com noções fundamentais à sua teoria da ação prática, como as noções de campo e capital. À primeira vista, a impressão é que o espaço físico não constitui elemento da tessitura das relações entre ambos os espaços, mas um efeito da trama. Um fator que somente pode ser apreendido como efeito, como depósito compulsório, não como capital em circulação.

Em segundo lugar, mesmo superando noções clássicas da economia, da sociologia e mesmo da geografia, que definem o espaço físico como mero suporte às relações sociais, Bourdieu (1989: 142) parece, igualmente – não obstante o expediente relacional – negar atribuir-lhe os mesmos recursos de análise, disponibilizados à outra face da moeda: o espaço social. Tal se evidencia, por exemplo, pela ausência em sua teoria de um “capital geográfico ou espacial”:

[...] Como é possível apreender concretamente essas relações objetivas, irreduzíveis às interações em que se manifestam? Essas relações objetivas são as relações entre as posições ocupadas nas distribuições dos recursos que são ou podem se tornar operantes, eficientes, a exemplo dos trunfos em um jogo, na concorrência pela apropriação dos bens raros que têm lugar nesse universo social. Esses poderes sociais fundamentais são, de acordo com minhas pesquisas empíricas, o capital econômico, em suas diferentes formas, e o capital cultural, além do capital simbólico, forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas. Assim, os agentes estão distribuídos no espaço social global, na primeira dimensão de acordo com o volume global de capital que eles possuem sob diferentes espécies, e, na segunda dimensão, de acordo com a estrutura de seu capital,

isto é, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital, econômico e cultural, no volume total de seu capital.

Em outras palavras, na busca de respostas às indagações sobre como e de que forma a localização em um dado ponto do espaço pode afetar a representação que os agentes têm de sua posição no espaço social e, portanto, de sua própria prática, a saída se dá pela via da investigação de como tais agentes – e os objetos – situam-se em um lugar do espaço social, quer por sua posição relativa quanto a outros, quer pela distância que os separa. A referência é, portanto, o campo social:

Com efeito, o espaço social tende a se retraduzir, de maneira mais ou menos rigorosa, no espaço físico sob a forma de um determinado arranjo distributivo dos agentes e das propriedades. Consequentemente, todas as distinções propostas em relação ao espaço físico residem no *espaço social reificado* (ou, o que dá no mesmo, no *espaço físico apropriado*), que é definido - para falar como Leibniz - pela *correspondência entre uma determinada ordem de coexistência dos agentes e uma determinada ordem de coexistência das propriedades* (BORDIEU, 1989: 132).

Santos (1998, p.81) é categórico ao afirmar que:

Cada homem vale pelo lugar onde está, o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, dependente de sua localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria situação.

Ainda, segundo Bourdieu (2001:134) “[...] *os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço*”.

Ademais, poder-se-ia denotar, não raro, certo entendimento do espaço físico como obstáculo à livre circulação dos demais capitais: sociais, econômicos, culturais, simbólicos. Isto, quer em decorrência de sua natureza material, o que requereria maiores investimentos em sua mobilização; quer por dificuldades em lidar com rugosidades, as quais lhe incorporam maior complexidade, em virtude de análises temporais:

Uma parte da *inércia* das estruturas do espaço social resulta do fato de que elas estão inscritas no espaço físico e que não poderiam ser modificadas senão ao preço de um *trabalho de transplantação*, de uma mudança das coisas e de um desenraizamento ou de uma deportação de pessoas, as quais suportam transformações sociais extremamente difíceis e custosas. [...] O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos

importantes (em função de seu capital e também de sua distância física desses bens, que depende também de seu capital). É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado (BOURDIEU, 1997: 161).

No mais, complementa Bourdieu (2013: 134):

O espaço social não é o espaço físico, mas ele tende a se realizar de forma mais ou menos completa e exata nesse espaço. O que explica que tenhamos tanta dificuldade de pensá-lo enquanto tal, em estado separado. O espaço, tal como nós o habitamos e como o conhecemos, é socialmente marcado e construído. O espaço físico só pode ser pensado como tal por meio de uma abstração (geografia física); ou seja, ignorando-se decididamente tudo o que ele deve ao fato de ser um espaço habitado e apropriado, isto é, uma construção social e uma projeção do espaço social, uma estrutura social em estado objetivado (por exemplo, a casa *kabyle* ou a planta de uma cidade), a objetivação e a naturalização de relações sociais passadas e presentes.

Tais precauções visam, segundo Bourdieu, evitar que o espaço se transforme em armadilha aos pesquisadores, ao lhes condenar a abordagens substancialistas, que deixam escapar o fato de os espaços físicos, por exemplo, uma rua, ao reunirem negociantes de quadros, antiquários, casas de alta costura, calçadistas, pintores, decoradores, isto é, todo um conjunto de comércios que têm em comum o fato de ocuparem posições elevadas em seus campos respectivos, só poderem ser compreendidos naquilo que têm de mais específico, a começar por seus nomes, mas também por suas características, natureza, qualidade e preço dos produtos oferecidos, qualidade social da clientela, em relação com os comércios pertencentes ao mesmo campo, mas situados em outras regiões do espaço (BOURDIEU, 2008a). Assim, na medida que apenas concentra os polos positivos de todos os campos, esse espaço não tem em si mesmo sua verdade. Ela só pode ser pensada em relação a outras ruas, que não é nada além da privação (relativa) ou superação (relativa) de capitais (BOURDIEU, 2013). Ainda segundo Bourdieu (2004:153):

Esse modo de pensamento relacional está no ponto de partida da construção apresentada em *La distinction*. Mas há uma grande probabilidade de que o espaço, isto é, as relações, escape ao leitor, apesar do recurso a diagramas (e à análise fatorial): de um lado, porque o modo de pensamento substancialista é mais fácil, mais "natural"; e, depois, porque, como muitas vezes acontece, os meios que se é obrigado a empregar para construir o espaço social e para torná-lo manifesto podem esconder os resultados que eles permitem alcançar. Os grupos que se devem construir para objetivar as posições que eles ocupam escondem essas posições, e então, por exemplo, o capítulo do *La distinction* consagrado às frações da classe dominante é lido como uma descrição dos diferentes estilos de vida dessas frações, em vez de se verem ali posições no espaço das posições de poder - que chamo de campo do poder.

Vale salientar que Lefèvre (1972: 134), sob o enfoque do materialismo histórico, já apontava que as propriedades e características do espaço urbano decorrem das interações, estratégias, êxitos e fracassos dos grandes grupos sociais – classes, frações de classe, governo – que ali se

defrontam e criam o que denomina “isotopias” – lugar dos iguais – e “heterotopias” – lugar do outro, ao mesmo tempo implicado e excluído. De toda forma, como bem sintetiza Catharina (2005), o que existe para Bourdieu é um espaço de relações ou interações em uma dada estrutura, na qual a reunião dos mais próximos em um espaço geográfico e social é provável, mas não necessária: as pessoas mais distantes no espaço geográfico e social podem se aproximar e interagir em um espaço comum.

Enfim, para ele, o que organiza os agentes sociais em espaços físicos e sociais distintos é o volume global de capital possuído em diferentes espécies, de acordo com o valor que apresentam nos diferentes espaços sociais, reconhecendo para tal quatro tipos diferentes de capital: econômico, cultural, social e simbólico. Sob tal perspectiva, observa Lindón (2011: 154):

El sujeto siempre está inserto en una estructura social dentro de la cual ocupa una posición, la cual usualmente se define de manera múltiple. Esta posición se ubica en una trama social que casi siempre implica cierto capital cultural, social, simbólico, político..., y también cierto capital geográfico, así como alguna competencia geográfica.

Embora Bourdieu assim como Giddens e Elias sejam considerados e reconhecidos como importantes teóricos da agência, alterando a forma de se tratar a teoria da ação, tema igualmente de significativa importância para autores anteriores, como Parsons e mesmo Weber (MONTAGNER, 2007), a teoria de Bourdieu não tem estado imune a críticas por parte de colegas sociólogos, tais como Mendras, Touraine e Boudon (BOUDON; BOURRICAUD, 1993).

Para Mendras, Bourdieu ficou por demais preso à noção tradicional de estrutura social, dividida em “classes” em luta. Outra crítica, endereçada por Alain Touraine, é que ele estudou a *sociedade industrial*, já coexistindo uma *sociedade pós-industrial*, com características peculiares, tanto na abordagem dos conflitos quanto dos agentes. Além disso, a sociologia de Bourdieu é considerada por demais estatística, a-histórica e, por mais que ele tenha tentado explicar que o *habitus* conceda um certo espaço de liberdade ao agente, muitos o acusam de determinista, desconsiderando a autonomia dos agentes sociais (BOUDON; BOURRICAUD, 1993).

Independentemente de tais críticas, a perspectiva de Bourdieu tem assumido lugar de prestígio junto à comunidade científica. Sua abordagem de campo fez dele um ícone nas ciências sociais francesas. Sua trajetória diversa, tanto política quanto intelectual, possibilitou-lhe colocar-se como um dos cientistas sociais do século XX mais engajados e mundialmente lidos. Além disso, o enfoque amplo que propiciou à sociologia da educação e à sociologia da sociologia, bem como o enfoque científico que proporcionou às Ciências Sociais, como um todo, são base de referência em ampla gama de pesquisas e teorias contemporâneas (BOUDON; BOURRICAUD, 1993).

Quanto a estudos envolvendo a aplicação de noções associadas à sociologia de Bourdieu na análise de dinâmicas socioespaciais cabe ressaltar, no Brasil, pesquisas destinadas à investigação de dinâmicas de reconversão de funções econômicas de cidades (SANT'ANNA *et al.*, 2013; OLIVEIRA, SANT'ANNA e DINIZ, 2012; SANT'ANNA *et al.*, 2011) e de requalificação de espaços urbanos (OLIVEIRA, SANT'ANNA, DINIZ, 2015).

As contribuições do arcabouço teórico de Bourdieu (2010) na descrição e compreensão da forma como diferentes agentes sociais, investigados por esses autores (OLIVEIRA, SANT'ANNA, DINIZ, 2015; SANT'ANNA *et al.*, 2013; OLIVEIRA, SANT'ANNA e DINIZ, 2012; SANT'ANNA *et al.*, 2011), mobilizam distintos capitais justificam a opção pela utilização do mesmo como referência na análise, *a posteriori*, dos dados empíricos coletados para fins desta pesquisa. Além disso, por meio da “Teoria da Ação Prática”, Sant’Anna *et al.* (2011) propõem e, posteriormente, Oliveira, Sant’Anna, Diniz (2015), Sant’Anna *et al.* (2013) e Oliveira, Sant’Anna, Diniz (2012) validam “tipologia” de empreendedores tendo por base análise de capitais – econômicos, sociais, culturais e simbólicos – por eles aplicados com vistas ao domínio do campo dos negócios em que se inserem. O Quadro 5 contempla uma síntese dos grupamentos de empreendedores propostos por Sant’Anna *et al.* (2011), incluindo atributos e capitais que caracterizam os *habitus* de cada um deles, os quais foram utilizados no confronto com os achados empíricos deste estudo.

**Quadro 5.** Grupamentos de empreendedores, segundo *habitus* e capitais mobilizados

Grupamentos	Subgrupamentos	Atributos
Empreendedores Tradicionais	Empreendedores Remanescentes	Simplicidade, sabedoria, conhecimento tácito, naturalidade, emoção, recato, família, conservadorismo.
	Empreendedores Pioneiros	Erudição, cultura, requinte, sofisticação, nobreza, refinamento, bom gosto, estilo, beleza, distinção, elaboração, respeito, justiça, bravura, coragem, dignidade, postura, atitude, elegância, charme, etiqueta, classe, discricção, essência, prestígio, reputação.
Empreendedores Modernos	Empreendedores Negociais	Curto prazo, lucro imediato, <i>marketing</i> , agressividade, competitividade, resultado financeiro, crescimento, expansão, diversificação, negócios.
	Empreendedores Profissionais	Qualificação, profissionalismo, gestão, cientificidade, qualidade, certificação, competência, modernidade, responsabilidade social, preservação ambiental, ecologia, cidadania empresarial, desenvolvimento sustentável, politicamente correto.
Empreendedores Pós-modernos	Empreendedores <i>Camaleões</i>	Improvisação, imitação, informalidade, cópia, “jeitinho brasileiro”, senso de oportunidade, aventura, risco, flexibilidade, adaptabilidade.
	Empreendedores Vanguardistas	Arte, criação, novo, originalidade, subjetividade, sensibilidade, independência, vanguarda, intelectualidade, autonomia, liberdade, polêmica, visão crítica, transgressão, desconstrução, provocação, contestação, sensibilidade, desprendimento.

Fonte: Sant’Anna *et al.* 2011, p. 397.

Delineados os marcos teóricos centrais à análise dos dados derivados da pesquisa que subsidiou os resultados deste estudo, discute-se, a seguir, suas contribuições à questão proposta; isto é: de que forma diferentes agentes sociais, ao se articularem em um dado espaço, mobilizando distintos capitais – econômicos, sociais, culturais, simbólicos (BOURDIEU, 2010) – produzem diversidade e vitalidade (JACOBS, 2011)?

## *Capítulo 5*

# **METODOLOGIA**

Em termos metodológicos, tendo em vista a tipologia tradicional de métodos de pesquisa (BRUYNE, HERMAN, SCHOUTHEETE, 1991), desenvolveu-se investigação de campo, de natureza qualitativa, conduzida por meio de estudo de caso único.

Segundo Azevedo (2001), as estratégias qualitativas se adaptam melhor à análise, em profundidade, de fenômenos complexos. Além disso, por irem além da produção de medidas e do registro, criam possibilidades de compreensão dos significados e características situacionais apresentadas pela população, contribuindo para a percepção de fatos e fenômenos de forma mais sistêmica.

Já de acordo com Bonoma (1985), os estudos de casos devem refletir o contexto no qual se inserem as ações, assim como a dimensão temporal em que ocorrem os fatos. Sua qualidade exige acurada percepção sobre o que analisar. Mais que sobre a realidade objetiva, o caso é construído tomando como referência a interpretação que o pesquisador elabora sobre eventos e informações.

Yin (2005), por sua vez, ressalta que os estudos de caso são estratégias utilizadas em diversas situações que contribuem para a compreensão de fenômenos sociais intrincados, permitindo uma investigação que preserva as características sistêmicas e significativas dos eventos da vida real, os ciclos de vida individuais, os processos institucionais e as dinâmicas socioespaciais vividas.

Igualmente, sob a perspectiva de Eisenhardt (1989), as pesquisas desenvolvidas por meio de estudos de casos visam ao entendimento da dinâmica existente em um determinado contexto. Soy (2005) também considera fundamental esse método no reconhecimento de questões

complexas de um determinado problema, bem como na confirmação e fortalecimento de conhecimentos já definidos em pesquisas anteriores.

De forma similar, Yin (2005) afirma que os estudos de casos permitem a investigação de um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes. Em função disso, a investigação por meio de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única, em que há muito mais variáveis de interesse que fontes de dados. Como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, em que os dados deverão convergir em formato de triângulo, e se beneficia do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. Yin (2005) ressalta ainda que uma pesquisa via estudo de caso pode incluir tanto estudo de caso único quanto de casos múltiplos, além de evidências quantitativas. Para fins desta pesquisa optou-se pelo estudo de caso único, pois, análogo a um experimento, ele é apropriado a várias circunstâncias, dentre elas: 1. quando representa um caso decisivo ao se testar uma teoria bem-formulada; 2. quando descreve um caso raro ou extremo; 3. quando o caso é revelador, e o pesquisador tem a oportunidade de observar e analisar um fenômeno previamente inacessível à investigação científica (YIN, 2005).

Embora seja comum a crítica de que os estudos de caso forneçam pouca base para se fazer uma generalização científica, eles são generalizáveis a proposições teóricas e não a populações ou universos, segundo afirma Yin (2005). Nesse sentido, o estudo de caso não representa uma *amostragem*. O objetivo do pesquisador é expandir e generalizar teorias (generalização analítica), e não enumerar frequências (generalização estatística). Ainda segundo o referido autor, o poder diferenciador do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências: documentos, entrevistas, observações. Essa posição também é apresentada por Bruyne, Herman e Schoutheete (1991), que englobam, em sua tipificação, instrumentos múltiplos, como entrevistas, questionários, observação direta e análise documental.

No caso das pesquisas sob tal desenho, a seleção do caso constitui decisão crucial, na medida em que tem implicações diretas na relevância dos resultados. Tal escolha, portanto, não pode ser aleatória, mas intencional, orientada para a riqueza com que o fenômeno se apresenta (EISENHARDT, 1989; YIN, 2005). Com base nessa premissa, foi realizada pesquisa empírica

junto à rua Santa Juliana, localizada na cidade de Sete Lagoas (MG), haja vista sua caracterização como caso “emblemático” para o atingimento dos objetivos propostos para este estudo.

Ademais, considerando a carência, no Brasil, de pesquisas similares a esta e a premissa de que a adoção de metodologias mais positivistas, como *surveys*, ou instrumentos psicométricos trariam o risco de impor, indevidamente, lógicas ou categorias cognitivas de um campo ou contexto social a outro, ocultando observações que poderiam escapar aos quadros teóricos já consolidados (DEY, 2007; PADGETT, 2004; DENZIN e LONCOLN 2000; LINCOLN e GUBA 1985), optou-se por um estudo de campo de inspiração na *Grounded Theory*, de cunho mais etnográfico (GLASER, 1992, 1978; GLASER e STRAUSS, 1967) sem, no entanto, negligenciar fontes históricas e documentais sobre a cidade e região em análise.

Concebido, originalmente, por Glaser e Strauss (1967), o método da *Grounded Theory* passa a ser utilizado mais amplamente em pesquisas qualitativas, referindo-se ao desenvolvimento teórico induzido pela análise de dados empíricos, por meio de uma perspectiva de casos, ao invés de centrada em modelos teóricos, categorias e variáveis previamente estabelecidas (STRAUSS, 1987; STRAUSS e CORBIN, 1990; GLASER, 1992; BRYMAN, 2001).

Tendo por base tais características, o primeiro passo da pesquisa consistiu na coleta e sistematização de dados históricos sobre a rua e seus arredores. Na sequência, foram procedidas entrevistas junto a respondentes que vivenciaram diferentes períodos de seu desenvolvimento, têm ou tiveram algum envolvimento pessoal ou contato com pessoas identificadas como, pessoalmente, envolvidas com a mesma. Para tal, foi adotada a técnica de *amostragem intencional*, selecionando-se um conjunto representativo de agentes sociais envolvidos em sua dinâmica.

Com o desenrolar do estudo foram procedidas revisões sobre a literatura pertinente, as quais reorientaram as entrevistas e suscitaram novas frentes de interpretação dos dados obtidos, resultando em documentos preliminares de trabalho. Cabe salientar que as entrevistas variaram de estrutura e tempo, tornando-se mais seletivas à medida que o estudo evoluía. No geral, envolveram aspectos de cunho pessoal, a relação do entrevistado com a rua, suas percepções quanto às mudanças socioeconômicas, culturais, políticas e urbanísticas, ao longo do tempo; a

história e estrutura e relação do empreendimento – ou instituição – com a qual mantém envolvimento e a rua, assim como sua visão quanto ao passado, presente, e expectativas quanto ao futuro da Santa Juliana.

Diferentemente de métodos mais tradicionais de pesquisa em que se visa à descrição de uma dada situação *vis-à-vis* a um modelo teórico, categorias e variáveis definidos *a priori*, na *Grounded Theory* o objetivo reside em sua contribuição para a formulação de novas categorias e/ou variáveis. Ao longo da coleta, da codificação e da análise dos dados obtidos, o próprio desenvolver do levantamento empírico desses dados sugere quais serão os sujeitos de pesquisa, onde encontrá-los e quais aspectos a ser analisados. A definição dos sujeitos de pesquisa é, portanto, um processo contínuo, que se encerra quando as categorias geradas são estabelecidas e validadas (saturação teórica).

Nessa direção, a codificação (*coding*) representa processo central da *Grounded Theory*. Ela consiste na leitura e releitura constantes dos dados obtidos (textos) para se identificar variáveis, categorias, conceitos ou propriedades teoricamente relevantes ou socialmente consistentes com o objetivo e objeto do estudo.

Strauss e Corbin (1990) destacam três tipos de codificação: aberta, axial e seletiva. A codificação aberta busca dar nomes, estabelecer conceitos e descrever o fenômeno a partir dos dados obtidos. A cada momento o pesquisador deve se perguntar: "de que isso se trata?" e "a que está se fazendo referência?". Essa análise resulta no surgimento de substantivos/verbos (partes do mundo estudado) e adjetivos/advérbios (propriedades dessas partes). O resultado principal da codificação aberta é, portanto, a identificação de conceitos, que refletem partes da teoria associada aos termos extraídos, em tempo real da análise dos dados. Já os esboços iniciais das relações entre esses conceitos representam as hipóteses. Busca-se, desse modo, a geração exaustiva de categorias mutuamente exclusivas, representadas por um conjunto de códigos referentes a diversas impressões, críticas e fatores convergentes sobre o tema da pesquisa.

Paralelamente, a codificação axial é responsável pelo estabelecimento das relações entre os conceitos obtidos na codificação aberta. Os possíveis relacionamentos entre eles podem derivar do contexto entre as partes, dos efeitos de causa e consequência e dos temas-chave de suas interações.

Por último, a codificação seletiva consiste de definição de categorias centrais que possam agregar categorias menores e conceitos relacionados. A proposta é o desenvolvimento de uma "árvore" de relacionamentos na qual tudo esteja ligado, partindo do pressuposto de que uma categoria central sempre irá existir.

Cabe salientar que as categorias são definidas como conceitos mais elaborados, que têm a função de representar o fenômeno estudado. Elas podem incorporar dois ou mais conceitos e apresentar relações entre si, compreendendo um maior nível de abstração. As categorias também podem incorporar outras menores, tornando-se centrais (BRYMAN, 2001), e, a partir do momento em que elas assumem atributos e aspectos, passam a deter propriedades.

Uma preocupação marcante da *Grounded Theory* é a estreita proximidade entre os dados e a teoria gerada. Isso indica que, no método, as categorias e conceitos codificados não possuem alto nível de abstração, refletindo fortemente o contexto analisado. A garantia da fidelidade aos dados ocorre por meio de uma comparação constante do fenômeno observado com as categorias geradas.

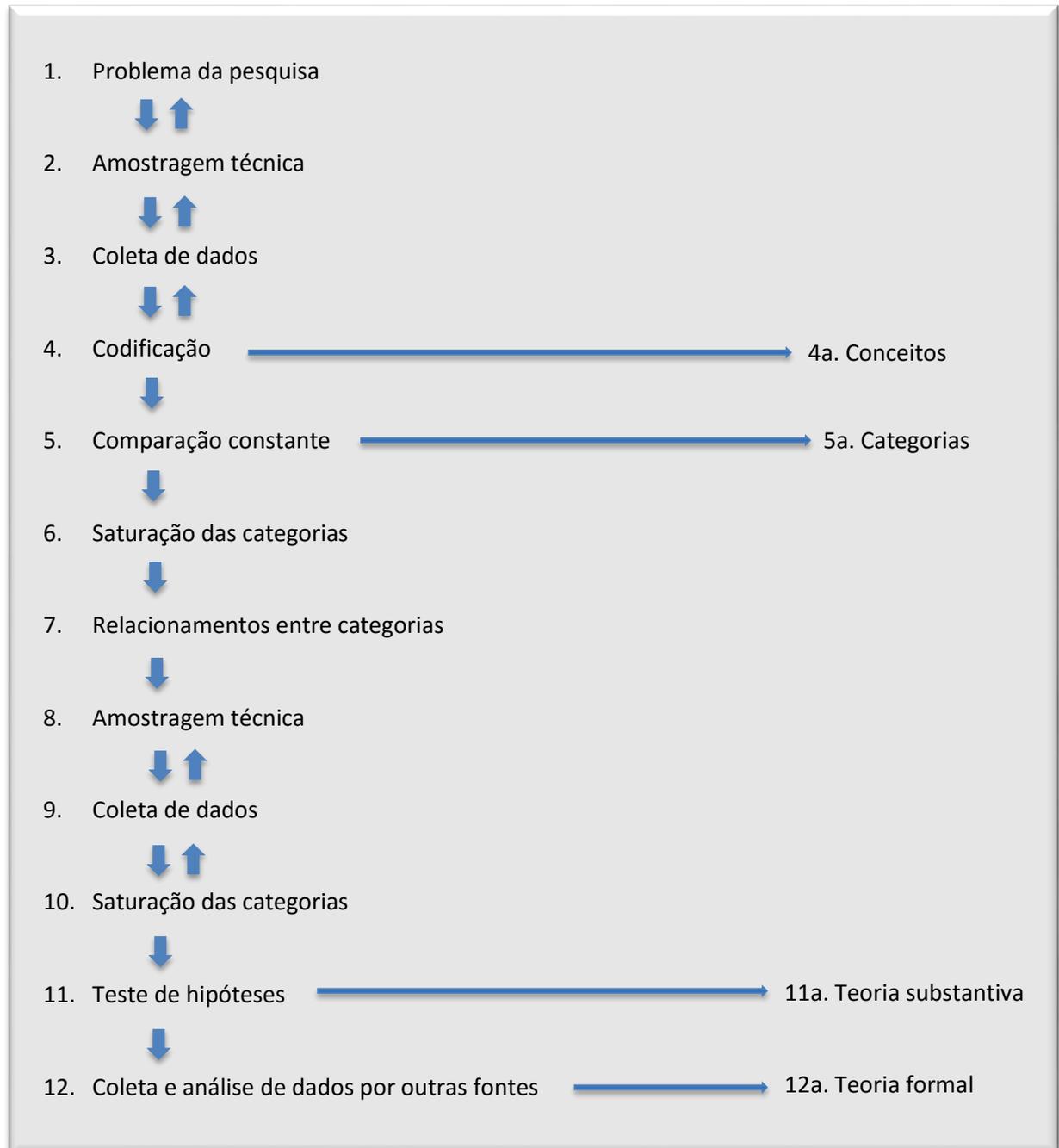
No caso de dados provenientes de fontes diversas (estudos de casos múltiplos, por exemplo), uma ferramenta útil consiste na separação e comparação dos dados em duplas ou em grupos de análise (GERSICK, 1988). Isso evita que uma das fontes possa influenciar as demais (EINSENHARDT e GRAEBNER, 2007).

As teorias representam um esquema estruturado que envolve as categorias, suas relações e propriedades induzidas pela análise dos dados. Os trabalhos sobre *Grounded Theory* definem dois tipos gerais de teorias: substantiva (requer maior evidência empírica) e geral (possui maior nível de abstração) (BRYMAN, 2001).

Não se constata, todavia, um processo estabelecido para a *Grounded Theory*. Em decorrência, vários estudos acadêmicos apresentam diferenças quanto à adoção do método (SUTTON, 1987; ISABELLA, 1990; GIOIA e THOMAS, 1996). A própria indução teórica, a partir da análise dos dados, e a dependência da amostragem/saturação teóricos inibem a formação de um padrão.

De qualquer forma, a Figura 3 visa apresentar as principais etapas e resultados do processo de adoção da *Grounded Theory*, conforme sistematizado por Bryman (2001).

**Figura 3.** Processos e resultados da *Grounded Theory*



**Fonte:** Adaptado de Bryman, 2001, p. 52.

Pelo esquema proposto por Bryman (2001), a *Grounded Theory* inicia-se com a definição do problema geral de pesquisa. A partir daí os sujeitos de pesquisa são escolhidos de acordo com sua potencial contribuição teórica. Os dados necessários são então coletados e, posteriormente,

codificados, gerando *conceitos*. Por meio da comparação constante entre *conceitos* e *atributos* são estabelecidas *categorias*, as quais são saturadas com a *codificação*. As relações entre as categorias são, então, exploradas de modo que hipóteses sobre suas conexões possam emergir. A partir daí busca-se mais dados por *amostragem teórica*, e a análise dos mesmos prossegue até que ocorra nova saturação teórica. As categorias definidas estabelecem *hipóteses* que são novamente testadas e verificadas, acarretando uma teoria substantiva. A teoria substantiva é explorada com o auxílio de outras fontes pelas quais foi induzida, para que seja possível gerar uma teoria formal.

Analisando o processo da *Grounded Theory*, conforme proposto por Bryman (2001), observa-se que do primeiro ao quarto passo ocorre um movimento constante nos sentidos de ida e volta. Em linhas gerais, mais dados acarretam uma maior codificação, que irá demandar uma maior amostragem, o que irá impactar na pergunta da pesquisa, e assim em diante.

Uma qualidade importante para o pesquisador é, todavia, sua *sensitividade teórica*. A experiência e conhecimento acumulados fazem com que o *trânsito* pela teoria fundamentada seja facilitado por uma identificação eficiente da saturação teórica, e que a teoria seja fielmente induzida por uma relação íntima entre coleta e codificação dos dados. A codificação e geração de categorias são as etapas que demandam maior esforço por parte do pesquisador, e os *softwares* de auxílio em análises de dados qualitativos podem ser especialmente úteis nesses estágios da pesquisa.

## **5.1 Coleta de dados**

### **5.1.1 Sujeitos de pesquisa**

Quanto ao público-alvo, a pesquisa envolveu transeuntes, empreendedores, trabalhadores e moradores da rua-alvo do estudo (Rua Santa Juliana) e bairros circunvizinhos. Envolveu, também, agentes públicos, urbanistas e formadores de opinião da cidade de Sete Lagoas (MG). No total, a pesquisa envolveu 41 entrevistados, sendo 14 empreendedores, 7 gestores, 7 moradores, 2 transeuntes, 4 trabalhadores, 1 político, 5 servidores públicos e 1 formador de opinião, sendo 2 entrevistados, concomitantemente, líderes comunitários, selecionados por conveniência e disponibilidade (QUADRO 6).

**Quadro 6.** Sujeitos de pesquisa

<b>Natureza</b>	<b>Ramo de Atividade/Função</b>	<b>Entrevistado N°</b>
Empreendedor	Salão de Beleza	1
	Salão de Beleza	2
	Comércio de Produtos Agropecuários	3
	Comércio de Artigos para Informática	4
	Comércio de Tintas	5
	<i>Lan House</i>	6
	Comércio de Produtos Agropecuários	7
	Açougue	8
	Clínica Odontológica	9
	Farmácia	10
	Casa Lotérica	11
	Padaria	12
	Peixaria	13
	Mercearia	14
Gestor de Empreendimento Local	Comércio de Artigos Musicais	15
	Franquia de Artigos de Confeção	16
	Supermercado	17
	Comércio de Artigos de Confeção	18
	Comércio de Materiais Elétricos	19
	Farmácia	20
	Instituição Financeira	21
Morador	Moradora	22
	Morador	23
	Moradora	24
	Morador	25
	Moradora	26
	Morador	27
	Moradora	28
Transeunte	Transeunte	29
	Transeunte	30
Servidor Público	Servidor Público Estadual (Governo Estadual)	31
	Servidora Pública Municipal (Prefeitura Municipal)	32
	Servidora Pública Municipal (Prefeitura Municipal)	33
	Servidora Pública Municipal (Prefeitura Municipal)	34
	Servidora Pública Municipal (Prefeitura Municipal)	35
Trabalhador de Empreendimento Local	Restaurante	36
	Comércio de Artigos de Confeção e Moda	37
	Comércio de Autopeças	38
	Farmácia	39
Político	Vereador	40
Formador de Opinião	Jornalista e Urbanista	41

Cabe mencionar que a realização do estudo junto a esse grupo se deu em função do propósito de se investigar, a partir da análise da dinâmica socioespacial vivenciada pela rua-alvo do estudo, elementos favorecedores à sua diversidade e vitalidade (JACOBS, 2011), assim como diferentes capitais são articulados nesse processo (BOURDIEU, 2008).

No mais, convém ressaltar que a escolha da Rua Santa Juliana como unidade de pesquisa deveu-se a fatores como sua importância e representatividade na estrutura geoeconômica local, bem como traços que sinalizam para a diversidade de usos e funções, potencial de geração de vitalidade socioeconômica e cultural, conforme evidenciam dados obtidos em estudo anterior direcionado à investigação de processo contemporâneo de reconversão de funções econômicas vivenciado pela cidade que a contém: Sete Lagoas (SANT'ANNA *et al.*, 2012; NELSON e SANT'ANNA, 2012)

### **5.1.2 Instrumentos de coleta de dados**

Quanto à coleta de dados, vale registrar que a mesma se baseou no uso de instrumentos múltiplos. Seguindo a tipificação de Bruyne, Herman, Schoutheete (1991) foram conduzidas análises documentais, incluindo entrevistas semiestruturadas e observação direta, com 15 visitas *in loco* à rua e adjacências.

Para as entrevistas, adotou-se como principal instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), assim como a metodologia de fotolinguagem, associada à técnica de evocação de imagens, por meio de fotografias produzidas pelos próprios entrevistados (MASSA, 2013; GIUST-DESPRAIRIES, 2004; KILIMNIK, 2000; SELLTIZ *et al.*, 1974).

Cabe destacar, ainda, a importância da observação direta – do tipo não-participante (ANDEREGG, 1978) – para a obtenção de dados e verificação *in loco* das “condições” de diversidade e vitalidade, conforme delineadas por Jacobs (2011).

Não obstante a adoção de abordagem de tipo *Grounded Theory*, vale registrar, também, ao longo da pesquisa, consideração a conceitos da literatura em Ciências Sociais e Estudos Urbanos, incluindo autores como Santos (2012), Jacobs (2011) e Bourdieu (2010), que pudessem orientar e refinar nossas indagações.

Além disso, vale registrar que a utilização combinada de várias fontes de evidências: entrevistas, análise de documentos e matérias veiculadas na mídia local, observação direta e

fotolinguagem possibilitaram o confronto das informações obtidas a partir de cada fonte, conferindo maior confiabilidade aos resultados.

### **5.1.3 Estratégia de coleta de dados**

No que se refere, por sua vez, à estratégia de coleta de dados, o estudo compreendeu três etapas principais. Uma primeira, envolvendo análise documental e de matérias divulgados na mídia local sobre a Rua Santa Juliana. Nessa etapa, procurou-se descrever a rua, sua história, evolução, moradores, empreendimentos, articulação com outras ruas, bairros adjacentes e com a cidade como um todo, lideranças locais, assim como sua situação atual e desafios para o futuro.

Uma segunda etapa envolveu levantamento sistemático de dados *in loco*, os quais permitiram caracterizá-la a partir das “condições” de vitalidade. Para tal, foram realizadas 12 visitas *in loco* à rua, o que possibilitou identificar, quarteirão a quarteirão, aspectos, tais como: 1. tamanho (extensão) das quadras; 2. tipos, combinação de funções, usos e sequenciamento espacial dos imóveis (residenciais, comerciais, públicos, terrenos vagos); 3. características dos imóveis (padrão construtivo, tamanho, estilo arquitetônico, idade, estado de conservação); 4. número de moradores; 5. número, funções e tipos de comércios e seu sequenciamento espacial; 5. fluxo de pedestres, em diferentes dias e horários, e propósitos de uso do logradouro; 6. equipamentos e serviços públicos disponíveis; 7. fluxo de veículos (bicicletas, veículos de passeio, caminhões, ônibus), em diferentes dias e horários; 8. ocorrências policiais na rua e entorno.

Já a etapa seguinte envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas e em profundidade, visando a melhor apreender a dinâmica socioeconômico-espacial e cultural da rua, com destaque para formas cotidianas de mobilização e controle social dos diversos capitais – sociais, culturais, econômicos, simbólicos – transacionados pelos agentes sociais nela envolvidos, a partir do arcabouço teórico de Bourdieu (2008). As entrevistas, realizadas no período de agosto de 2014 a dezembro de 2015, foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise, totalizando cerca de 2.500 minutos de gravação, registradas em mais de 350 laudas de digitação.

Além das entrevistas foi também empregada, junto a 11 participantes do estudo, metodologia de fotolinguagem associada à técnica de evocação de imagem (MASSA, 2013; GIUST-

DESPRAIRIES, 2004; KILIMNIK, 2000; SELLTIZ *et al.*, 1974), a qual, diferentemente de teorias, metodologias e técnicas que visam examinar fenômenos sociais em exterioridade ao sujeito, destinam-se a apreender a produção de significações na relação intersubjetiva entre os sujeitos. De acordo com Massa (2013), a imagem encadeia o pensamento sustentado por processos de mobilidade metafórica, autorizando o trabalho associativo, permitindo ao pesquisador se aproximar do modo como as pessoas as compreendem, usam-nas e, desse modo, constroem sentido.

Em estudos organizacionais pode-se identificar, igualmente, a aplicação de técnicas subjetivo-projetivas, dentre elas, a Zaltman Metaphor Elicitation Technique<sup>TM</sup> – ZMET<sup>TM</sup>, desenvolvida por Zaltman e Coulter (1995). Originalmente adotada para auxiliar profissionais de publicidade no entendimento de modelos mentais de consumidores, a ZMET<sup>TM</sup>, atualmente, tem inspirado o desenvolvimento de aplicações em outros contextos organizativos (KRAFT e NIQUE, 2002). Nesse campo, Kilimnik (2000), Custódio (2013) e Gomes (2014), inspirando-se na metodologia proposta por Zaltman e Coulter (1995), fazem uso de imagens e fotografias, com vistas a investigar trajetórias de carreira de indivíduos em transições profissionais.

## 5.2 Tratamento dos dados

Para o tratamento dos dados obtidos por meio de entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo, por categoria (BARDIN, 2014; RICHARDSON, 1985). Tal procedimento consiste no uso de técnicas de sistematização, interpretação e descrição do conteúdo das informações coletadas, a fim de compreender o discurso, aprofundar suas características e extrair os detalhes mais importantes. Dessa forma, foi possível examinar várias dimensões dos relatos dos entrevistados e construir inferências a partir deles. Para facilitar essa etapa, foram geradas categorias de análise com base na literatura e revisadas à luz das evidências da pesquisa (EISENHARDT, 1989; GODOY, 1995).

Além de cuidadosa análise manual dos dados obtidos em cada entrevista, empreendeu-se, também, exame por meio do *software* de tratamento qualitativo de dados *N-vivo 8.0*, seguindo o processo de codificação e categorização, conforme indicado por Flick (2009).

Cabe, no entanto, mencionar que a análise mecânica variou pouco da leitura subjetiva das transcrições. Ambas identificaram diversos temas em oposição e categorias adotadas pelos entrevistados para distinguir e descrever seus membros. A partir do histórico da rua, combinado com as análises das categorias cognitivas emergentes das entrevistas, foi possível, também, identificar distintos tipos de empreendedores.

Isto posto, com base unicamente nas informações obtidas por meio das entrevistas e presentes nos dados de campo, foram experimentadas diferentes formas de categorização da dinâmica, fatores de vitalidade e capitais mobilizados pelos diferentes agentes sociais investigados. Novas rodadas de entrevistas foram realizadas com vistas a complementar os dados já obtidos e, somente esgotadas as formas mais óbvias de caracterização implícitas nos dados empíricos, recorreu-se à literatura (SANTOS, 2012; JACOBS, 2009; 2011; BOURDIEU 2010; 2009a; 2009b; 2008a; 2008b; 2007; 1996a; 1996b; 1989), com vistas a enriquecer a compreensão conceitual. Finalmente, foram tecidas ponderações quanto a implicações do estudo para lacunas na literatura existente.

Desse modo, buscou-se, primeiramente, identificar categorias (MILES e HUBERMAN, 1994), representadas por um conjunto de códigos referentes a diversas impressões, críticas e fatores convergentes sobre o tema de estudo. Desse conjunto de códigos, descritos como de primeira ordem, foram estabelecidas relações de proximidade, causa e efeito, o que possibilitou a identificação de categorias de segunda ordem, baseadas em descrições mais abrangentes (GIOIA e THOMAS, 1996).

Finalmente, para o tratamento das fotografias fornecidas pelos entrevistados adotou-se a metodologia da fotolinguagem associada à técnica de evocação de imagens, nos moldes preconizados por Massa (2013) e Kilimnik (2000). Nesse sentido, previamente à realização das entrevistas, foram disponibilizadas, com vistas ao registro de imagens da rua, do entorno e de seus empreendimentos – se fosse o caso –, 15 câmeras fotográficas descartáveis, de 30 poses, das quais se obteve retorno por parte de 11 participantes, selecionados por conveniência e disponibilidade. As câmeras foram posteriormente recolhidas, após o prazo de uma semana, devidamente etiquetadas e encaminhadas para revelação, resultando em 239 fotografias. Durante a realização das entrevistas semiestruturadas e em profundidade, as fotos foram apresentadas e individualmente comentadas por seus respectivos autores.

## *Capítulo 6*

### **DIVERSIDADE E VITALIDADE NA SANTA JULIANA**

Conforme já salientado, como objeto de investigação foi considerada a Rua Santa Juliana, situada na cidade de Sete Lagoas (MG), a qual constitui importante eixo de desenvolvimento econômico local (BOLSON, 2011), sendo a principal via de acesso da região central da cidade às plantas industriais de grandes empresas – como a IVECO-FIAT, a AMBEV, Carterpillar – e seus “cinturões” de fornecedores, instalados nos limites da localidade com a vizinha cidade de Jequitibá, pela MG-238 e, desta, a partir da MG-323, para os municípios de Baldim e São Vicente, bem como para a Serra do Cipó e Confins.

#### **6.1 Apresentando a Rua Santa Juliana**

Com a implantação de grandes indústrias na região, a partir dos anos 1980, a Rua Santa Juliana vive período de intensa expansão econômica, com implantação de diversificado comércio, incluindo lojas de varejo, materiais de construção, oficinas mecânicas, agências de automóveis e, mesmo, agência bancária.

De forma similar, condomínios de classe média e média alta começam a se instalar às margens da MG-238, os quais têm pela Santa Juliana única via de acesso à região central de Sete Lagoas. A rua é também margeada por significativo número de bairros populares e de baixa renda, conferindo-lhe diversidade de usuários, funções e usos.

Como única via de acesso de Sete Lagoas, pela MG-238, a municípios vizinhos como Jequitibá, Santana de Pirapama, Baldim, São Vicente, dentre outros, assim como para as unidades da IVECO-FIAT, AMBEV e unidades industriais que compõem seus cinturões de fornecedores, a Santa Juliana emerge, nos anos 1990, como exemplo típico de recente “eixo de desenvolvimento” de Sete Lagoas, expandindo-se de forma significativa como centro de compras e negócios e impulsionando a descentralização urbana.

Em decorrência, a expansão do comércio nos 18 quarteirões e cerca de 22 ruas que cruzam seus cerca de 2 quilômetros de extensão configuram a Rua Santa Juliana como afluyente centro de compras e serviços, com significativo potencial de retenção de consumidores oriundos tanto das áreas rurais próximas, bairros populares e conjuntos habitacionais de baixa renda, quanto de condomínios de classes média e alta localizados ao longo da MG-238, acompanhando fenômeno similar ao observado por Mendonça (2002: 56), em estudo na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), em que:

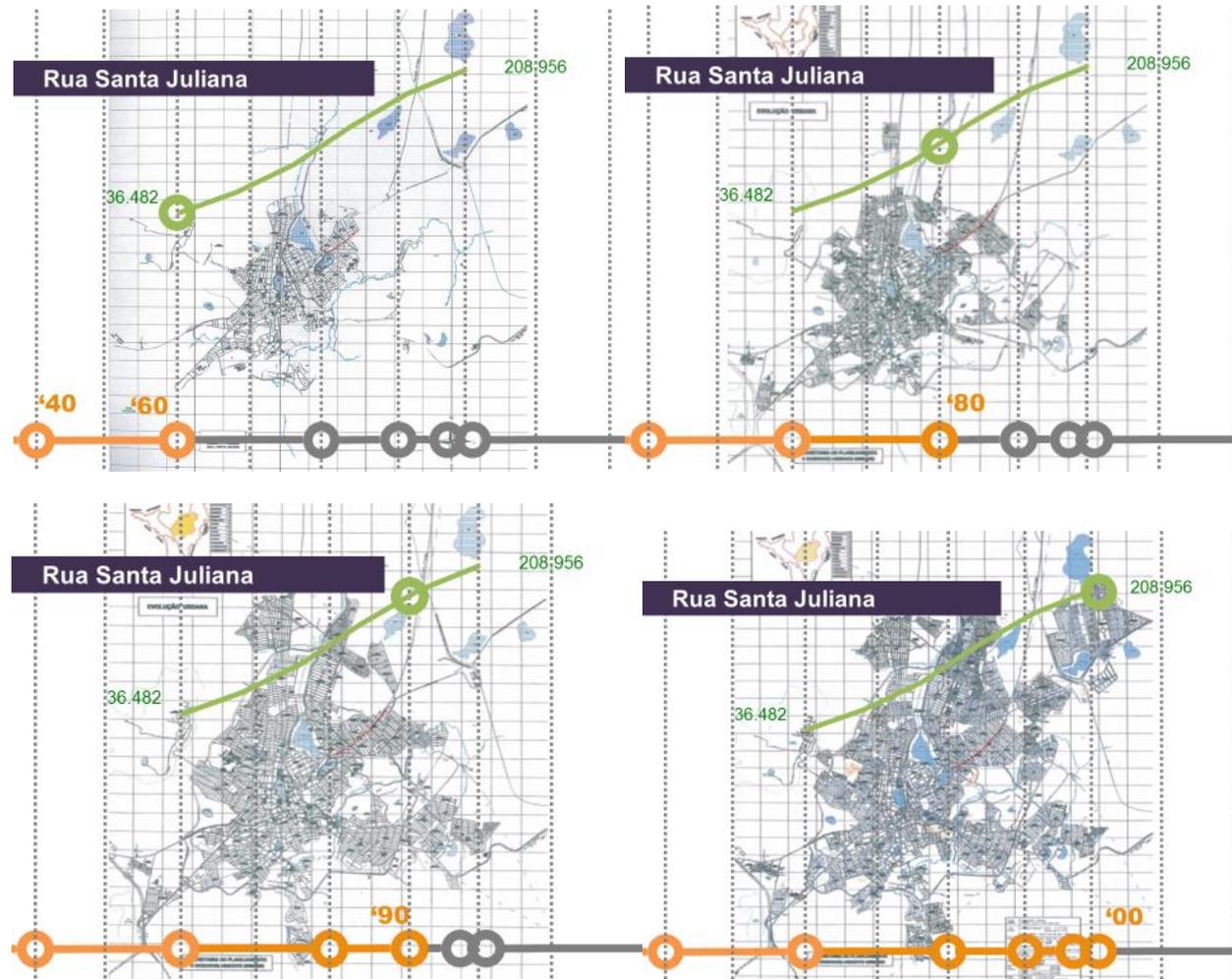
[...] com o espraiamento das categorias dirigentes e das classes médias, e com a expansão territorial do mercado capitalista de produção de moradias tem início, simultaneamente, a implantação de novos tipos de loteamento, destacando-se os sítios de recreio e os condomínios fechados.

Beneficiada por sua posição “fronteiriça” e de “borda”, a região da Santa Juliana tem atraído grandes redes de supermercados locais e nacionais (Grupo Santa Helena, Apoio Mineiro), franquias de grandes redes nacionais de comércio (Hering), concessionárias e revendas de veículos e motos (Honda Motos) e mesmo agência bancária (SICOOB), extrapolando, pouco a pouco, a oferta de produtos tipicamente populares, estimulando maior diversidade e dinamismo da rua e região:

Sete Lagoas passa a contar com mais uma agência da cooperativa SICOOB Credisete. A cooperativa, que hoje tem mais de 5 mil associados funciona como uma rede bancária que presta assistência aos clientes. Localizada na Avenida Santa Juliana, no número 3.164, a agência é a primeira na cidade que está situada fora da região central. Segundo o gerente da SICOOB Credisete, Leonardo Costa Chaves, a localização dessa agência tem como objetivo movimentar a área que já tem um lado comercial muito forte. “Nossa ideia era criar uma agência em um lugar onde a região comercial é muito forte, que é o caso da Avenida Santa Juliana. Isso é um fato importante porque a gente está dentro de uma comunidade que pode ser fortalecida com uma cooperativa como a SICOOB”, afirma (JORNAL SETE LAGOAS, 05/10/2010).

O processo de diversificação do parque industrial, vivenciado por Sete Lagoas (MG), a partir da década de 1990, tem resultado no que Monte-Mór (2005) define como “urbanização extensiva”, atribuindo à região da Santa Juliana um caráter cada vez mais forte de “centralidade local”. A Figura 4 apresenta, sob uma perspectiva longitudinal, a região da Rua Santa Juliana, comparativamente ao perímetro urbano de Sete Lagoas, nas décadas de 1960, 1980, 1990 e 2010, em que tais noções se evidenciam.

**Figura 4.** Situação urbana de Sete Lagoas *vis-à-vis* a região da rua Santa Juliana



**Fonte:** Adaptado de Castro, 2015, pp. 4-8.

A análise dos dados da Figura 4 revela nítida expansão urbana de Sete Lagoas, no período em análise, no sentido da região em que se localiza a Rua Santa Juliana, corroborando seu papel como “eixo de desenvolvimento” e única via de ligação entre o centro comercial tradicional da cidade e grandes empresas instaladas nos limites com os municípios de Jequitibá, Baldim, São Vicente e Funilândia.

Como via exclusiva de ligação entre o centro comercial tradicional da cidade e a nova “periferia”, a região da Santa Juliana emerge como eixo indutor e principal artéria dessa nova centralidade, afirmando-se como dinâmico centro comercial e de serviços, dotado de equipamentos públicos como escolas, centros médicos, templos religiosos, estabelecimentos de lazer e diversão, minimizando a necessidade de seus moradores e de seu entorno, bem como aqueles que vêm de municípios vizinhos, de acessarem o centro tradicional da cidade, retroalimentando sua importância econômica e espacial. Na Figura 5, a linha branca ilustra a extensão da rua.

**Figura 5.** Região da Santa Juliana

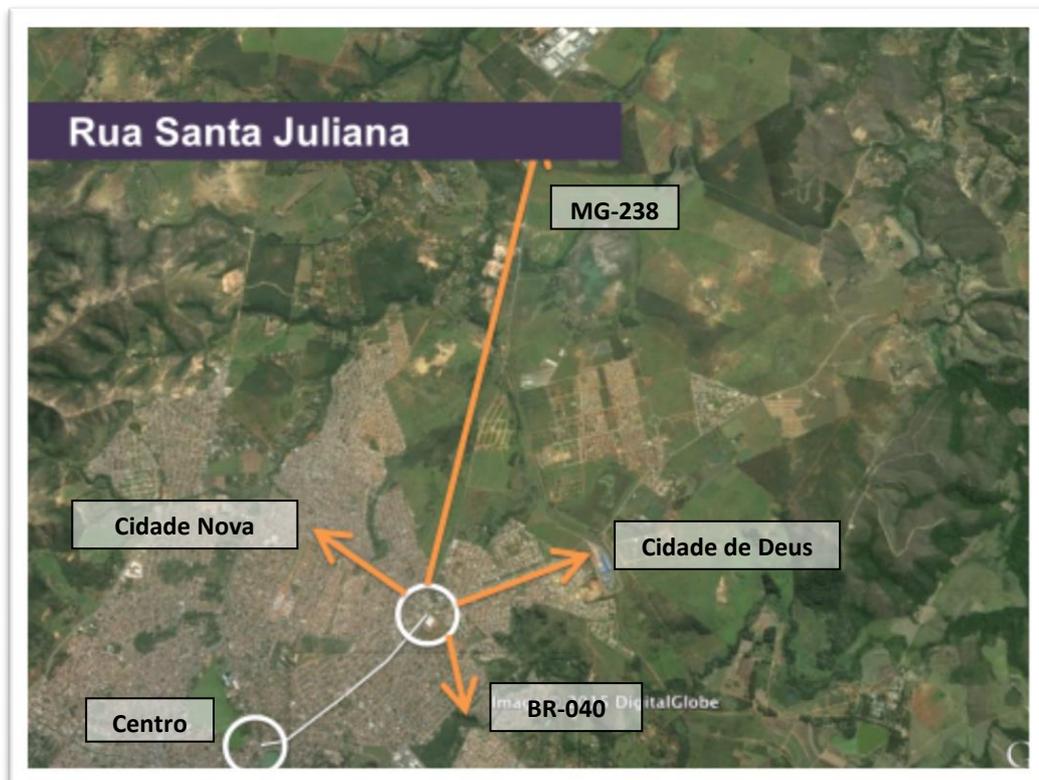


**Fonte:** Adaptado do Google por Castro, 2015, p. 10.

Vale registrar a elevada densidade demográfica dos bairros que margeiam a rua – Braz Filizolla, Emília, Brejinho, São Vicente, São João, Boa Vista, Montreal – bem como sua extensão. Em um dos extremos, a rua faz fronteira com a MG-238, que liga Sete Lagoas a diversos municípios da região. No outro extremo, a Santa Juliana faz divisa com o bairro Boa Vista, tendo-se, um pouco mais adiante, a região central da cidade.

A Figura 6 apresenta uma visão geral da Rua Santa Juliana, permitindo vislumbrar sua localização considerando a região central de Sete Lagoas (círculo branco mais à esquerda) e sua área de influência (setas em amarelo, partindo do círculo branco, mais à direita). Quanto a tais áreas de influência, a seta laranja maior indica seu raio de influência sobre a MG-238, com destaque para as grandes empresas e condomínios industriais localizados em sua extensão. As duas setas laranja de tamanho intermediário apontam para seu raio de influência junto aos grandes conjuntos habitacionais de baixa renda da cidade. Já a seta laranja menor indica seu raio de influência sobre grandes condomínios de alto-luxo recém construídos em Sete Lagoas, visando, sobretudo, atender aos profissionais mais graduados das grandes empresas entrantes.

**Figura 6.** Santa Juliana: raio de influência



**Fonte:** Castro, 2015, p. 9.

Especificamente em relação ao logradouro, levantamento do *site* Informações do Brasil (2014) indica a existência, na Santa Juliana, de 422 endereços, com predomínio de domicílios particulares (241), seguidos daqueles para fins comerciais (168). Já o quantitativo de moradores na rua é estimado em 836 habitantes, com renda per capita estimada em R\$ 628,00 (QUADRO 7).

**Quadro 7.** Rua Santa Juliana: dados gerais

<b>Dados Gerais</b>	<b>Nº</b>
Total de endereços	422
Domicílios particulares	241
Estabelecimentos de ensino	1
Estabelecimentos de saúde	2
Estabelecimentos de outras finalidades (comerciais, religiosos, outros)	168
Quantidade estimada de moradores nesse logradouro	836
Rendimento médio estimado de moradores nesse logradouro	R\$ 628

**Fonte:** Informações do Brasil, 2014.

Complementando esses dados, o relatório disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014) salienta, para os 422 endereços existentes, a prevalência de 484 imóveis, distribuídos nos bairros limítrofes à rua, conforme disposto no Quadro 8.

**Quadro 8.** Rua Santa Juliana: imóveis cadastrados, por bairros

<b>Bairro</b>	<b>Nº de Imóveis Cadastrados</b>
São João	164
Emília	141
São Vicente	106
Brejinho	33
Olinto Alvim	23
Braz Filizolla	10
Luxemburgo	5
Interlagos II	2
<b>TOTAL</b>	<b>484</b>

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sete Lagoas, 2014.

Em relação aos estabelecimentos comerciais, informações do *site* Apontador (2014) indicam como principais ramos de atividades em atuação na Santa Juliana, em ordem decrescente: Confeccões e Vestuário (14%), Equipamentos e Materiais de Construção (12%), Automóveis e Autopeças (12%) e Alimentação e Bebidas (12%) (TABELA 1).

**Tabela 1.** Rua Santa Juliana: relação de estabelecimentos comerciais

<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Confecções e Vestuário	21	14%
Construção	18	12%
Veículos e Autopeças	17	12%
Alimentação e Bebidas	17	12%
Açougues e Peixarias	11	7%
Farmácias e Drogarias	7	5%
Restaurantes	6	4%
Eletricidade e Energia	5	3%
Móveis e Decoração	4	3%
Transporte	4	3%
Vidros e Acessórios	4	3%
Máquinas e Ferramentas	3	2%
Mecânicas e Oficinas	3	2%
Combustíveis	3	2%
Jogos	2	2%
Saúde	2	1%
Entretenimento	2	1%
Esportes	2	1%
Gráfica	2	1%
Industrial	2	1%
Informática	2	1%
Livrarias e Papelarias	2	1%
Presentes	2	1%
Educação	1	1%
Propaganda	1	1%
Floricultura	1	1%
Locação de Máquinas	1	1%
Produtos Agropecuários	1	1%
Beleza	1	1%
<b>Total</b>	<b>147</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Apontador, 2014.

Conforme será abordado em detalhes no Capítulo 5, a dinâmica socioespacial vivenciada pela Rua Santa Juliana denota fatos, personagens e instituições que se revelaram importantes. Se, por um lado, as estatísticas apontam para o crescimento econômico local, com inúmeros estabelecimentos comerciais; por outro lado, relatos evidenciam que tal processo se vê marcado por antíteses e contradições, bem como alianças e coalisões que denotam distintos capitais – econômicos, culturais, simbólicos e, por que não também, espaciais – em competição, evidenciando disputas por poder e *status*, bem como a adoção de dispositivos e estratégias de distinção inter e intragrupo que a compõem (BOURDIEU, 2008; 1996).

Tais contradições evidenciam-se, por exemplo, por meio de pares antitéticos, amplamente presentes nos relatos obtidos e relevantes para a compreensão da dinâmica social observada. Dentre eles, cabe destacar contradições entre 1. Centro-Periferia; 2. Veteranos-Novatos; 3. Conservadores-Orientados a Resultados; Competição-Complementariedade; 5.

Empreendedores-Moradores. Diante dessas contradições, resultados de análises de conteúdo, por categoria (FLICK, 2009), realizadas com o auxílio do *software* do *N-vivo 8.0* e demais, permitiram, ao final, identificar as principais implicações das transformações econômico-espaciais, na trama social que caracteriza a Santa Juliana.

Em decorrência, seu trânsito intenso, seu comércio variado, as opções de serviços, a mistura de prédios e ocupações, os diferentes estilos arquitetônicos, a confluência de pessoas de distintas classes sociais, comportamentos, gostos e propensões de consumo lhe conferem o *status* de “caótica”, conforme recorrentemente retratada pela imprensa local – Jornal Sete Lagoas, Jornal Sete Dias, Jornal Boca do Povo, Tribuna da Imprensa, Revista Fansine. Menos eufemísticas são descrições que a associam a “bagunça”, “feiúra”, “sujeira”, “desorganização” e “desordem”; isto, supõe-se, em decorrência, de seu aparente caráter “*bricoleur*” (STINCHFIELD, NELSON, WOOD, 2009; LÉVI-STRAUSS, 2012).

Concomitantemente, registram-se referências à adoção de mecanismos que permitam “arrumá-la”, “ordenar seu trânsito”, “embelezar seu espaço”, “‘revitalizar’ ou ‘requalificar’ seus prédios antigos e de acabamentos precários”, bem como “diminuir a circulação de veículos, bicicletas e transeuntes”. Curiosamente, iniciativas opostas ao preconizado por Jacobs (2011), para quem o objetivo seria ampliar a vitalidade e diversidade de um espaço – seja uma rua, um bairro ou uma comunidade – por meio de valorização da “ordem” complexa que regula a dinâmica dos logradouros de elevada vitalidade (JACOBS, 2011). No capítulo, a seguir, apresentar-se-á análise da Rua Santa Juliana, a partir da perspectiva dos diferentes agentes sociais pesquisados.

## **6.2 Condições de diversidade e vitalidade na Santa Juliana**

Empregando o arcabouço teórico delineado por Jacobs (2011), como base para a análise das condições de diversidade e vitalidade do espaço público pesquisado – Rua Santa Juliana - inicialmente apresentam-se achados de análise qualitativa dos dados coletados junto a seus empreendedores, moradores, transeuntes, trabalhadores, lideranças, políticos e formadores de opinião. Por meio deles busca-se evidenciar a presença das quatro condições de diversidade e vitalidade propostas por essa autora: 1. diversidade de usos e funções; 2. tamanho das quadras; 3. mistura entre edifícios novos e antigos; 4. densidade de pessoas.

Assim sendo, a primeira condição tem como foco fatores vinculados à pluralidade de usos e funções de um dado espaço. Para Jacobs (2011), um distrito ou uma rua deve atender a mais de uma função principal, assegurando a presença de pessoas no local por motivos diferentes, utilizando boa parte de sua infraestrutura instalada:

Nos últimos anos o comércio da Santa Juliana foi fortalecido e se diversificou. Quem necessita consertar o carro, comprar remédios ou fazer as compras do mês não precisa sair da região. Em um trecho de aproximadamente mil metros da rua é possível encontrar de tudo. Além das tradicionais opções de lojas de bairro a Santa Juliana ganhou laboratório para exames médicos, consultórios odontológicos e filias de lojas tradicionais como FELT Elétrica e Bandeirante Motos. Em 2011, o Sicoob Credisete inaugurou na rua a primeira agência bancária fora da região central de Sete Lagoas. O PAC Afonso Guimarães Cota está localizado no número 3164 e oferece todos os serviços que um grande banco pode disponibilizar. "Nenhum banco disponibilizou serviços para estes bairros. Aqui está uma população que merece ser atendida muito bem, estamos fazendo isto de forma pioneira", avalia Leonardo Chaves Costa, diretor presidente do Sicoob Credisete (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

**Figura 7.** Rua Santa Juliana: Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

Grande número de relatos obtidos junto aos entrevistados deste estudo aponta, inclusive, para percepções quanto ao papel da Santa Juliana como principal eixo de serviços e comércio da região, permitindo aos habitantes em seu extenso raio de influência opções, poupando-os de deslocamentos à região central de Sete Lagoas. Referências a expressões, tais como “Agora não precisa nem mais ir ao centro” são recorrentes:

Nós não tínhamos padaria, não tínhamos (...) nada, a gente tinha que ir lá no centro pra comprar. (Relato, Entrevista 23).

Aqui mesmo, não precisamos ir ao centro. É lógico que tem coisas que só são resolvidas lá, mas compras, contas, abrir conta, lotérica, sacolão, supermercado, mercearia, bar, lanchonete, restaurante, temos tudo aqui. (Relato, Entrevista 25).

Aqui é bem viável para tudo, não é? Aqui você tem facilidade de tudo, você não precisa de ir até o centro [...] eu considero aqui como um novo centro [...] aqui tem estrutura, aqui tem lotérica, tem banco, açougue, farmácia, tem mercearia, posto de gasolina, são três postos. (Relato, Entrevista 27).

Mudou tudo, né, porque nós temos tudo hoje, hoje a gente tem até banco. Tem tudo. (Relato, Entrevista 28).

[...] a maioria dos clientes fala que é mais cômodo fazer as compras aqui do que ir ao centro por questão de tempo e praticidade, então fica bem mais fácil eles estarem consumindo aqui. Pelo menos a maioria. (Relato, Entrevista 4).

Dados do Apêndice B permitem um panorama detalhado dos empreendimentos da Santa Juliana, por ramo de atividade. Acrescentam-se a esses dados empreendimentos individuais – ambulantes, feirantes, prestadores de serviços – formais e informais, que têm na Santa Juliana sua fonte econômica de sobrevivência.

**Figura 8.** Rua Santa Juliana: Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

Igualmente, dados de entrevistas salientam incremento da diversidade após a implantação de grandes empresas na região, com destaque para as plantas industriais da Iveco e da Ambev:

Aqui, por aqui, não tinha comércio nenhum não, a gente ia comprar tudo lá embaixo no centro, de ônibus. Eu encontro tudo aqui. Assim, a Santa Juliana é um comércio e uma via para outros bairros, que já tem tantos bairros ali na frente, né? (Relato, Entrevista 2).

Modificou tudo. Quando nós viemos morar aqui, praticamente não tinha asfalto nenhum, só tinha terra, comércio praticamente nenhum, o ponto de ônibus deixava a gente só até no Montreal. Tinha que vir a pé, um poeirão que só Deus. A gente nem acreditava onde a gente estava morando. Depois da Ambev, o comércio só veio aumentar, tanto é que tem banco, tem várias casas lotéricas, várias farmácias, açougue. Não tinha nada não aqui, não tinha comércio, não tinha emprego. (Relato, Entrevista 10).

Porque aqui tem estrutura, aqui tem banco, aqui tem lotérica, açougue, farmácia, tem mercearia, posto de gasolina, são três postos. Aqui é bem viável para tudo, não é? Aqui você tem facilidade de tudo, você não precisa de ir até o centro. (Relato, Entrevista 22).

Além do aumento do número de estabelecimentos comerciais e sua diversificação, relatos apontam também para sensível melhoria na qualidade dos produtos e serviços ofertados, bem como nos processos de atendimento ao cliente. Para um número significativo de respondentes, tais alterações encontram-se diretamente associadas às mudanças nos perfis dos consumidores, sobretudo de trabalhadores e profissionais de grandes corporações instaladas na região, mais sofisticados e exigentes.

Em decorrência, apontam para o fato de grande número de estabelecimentos comerciais tradicionais terem sido compelidos a se adequarem às mudanças no perfil do mercado consumidor, incorporando iniciativas para uma maior profissionalização dos empreendimentos, melhor seleção e capacitação de seus profissionais. Considerações também são procedidas quanto a melhorias de suas instalações físicas, quer por meio de reformas nos antigos imóveis, quer na edificação de novos, adotando-se padrões construtivos mais modernos e eficientes. Igualmente, constata-se maior preocupação com a qualidade dos equipamentos, sistemas de iluminação, vitrines, assim como com o visual das fachadas e calçadas:

Lojas antigas... o povo tá melhorando elas... fazendo lojas mais novas, né!? Estrutura bem mais nova do que era há um tempo atrás. Casa mais antiga... eles estão vendendo... e derrubando pra fazer loja mesmo (Relato, Entrevista 1).

**Figura 9.** Rua Santa Juliana: Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 10.** Rua Santa Juliana: Trecho 3 (Comércio)

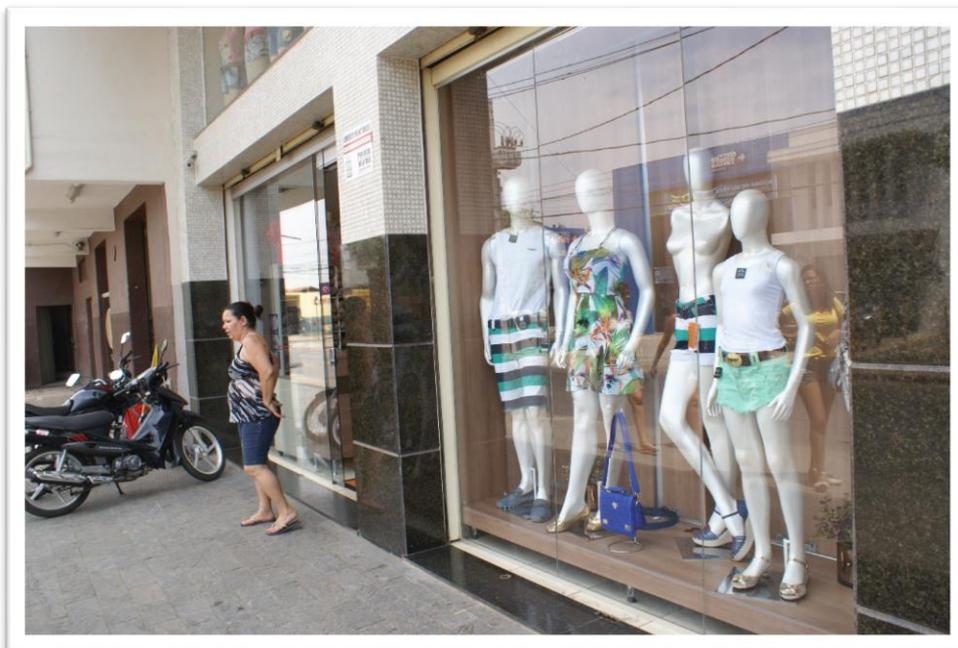


Foto: Anderson Sant'Anna

Para tal intensificação do comércio, acompanhada de elevação do grau de adensamento populacional nos bairros populares de seu entorno, dados das entrevistas apontam para a ampliação da demanda por unidades habitacionais destinadas justamente a abrigar o volume de trabalhadores incorporado pelas novas plantas industriais e suas respectivas cadeias de

fornecedores e prestadores de serviços. Como consequência, evidenciam um papel cada vez mais relevante da Santa Juliana como pivô de uma nova centralidade, emergente no contexto do crescimento dos bairros que a circunvizinham:

Fora do centro a nossa rua é a mais destacada. Isso porque ela dá saída pra cinco cidades e ainda tem ainda uma outra coisa, que nós estamos mais ou menos agora, que nós éramos o último dos bairros o último dos moradores depois do nosso bairro aqui ainda tem mais quatro bairros, pra lá vai virando quase um bairro centro, é onde já veio pra cá, nós já temos bancos, aqui temos casa lotéricas, temos aqui depósito de material de construção, temos 3 bons depósitos de material de construção, temos aqui três postos de gasolina nessa rua, temos aqui quatro farmácia nessa rua, você vê que é. [...] Então temos tudo isso aqui, hoje você mora na Rua Santa Juliana, você fica aqui um ano sem precisar ir ao centro da cidade pra comprar qualquer coisa: tecidos, tecidos em metro é confecções e tudo em geral que a gente encontra aqui. (Relato, Entrevista 23).

Nó aumentou demais, aumentou muito. Comércio? São muitos. Vários. [...] Ah... montou lotérica, montou banco. Aqui melhorou bastante. Que não tinha né!? Só no centro. [...] Se tem aumentado gente? Aumentou bastante, nú! Muitos lotes que aqui eram vagos já estão todos com construção. Estão construindo mesmo. Melhorou demais. (Relato, Entrevista 23).

**Figura 11.** Rua Santa Juliana: Trecho 1 (Residências)

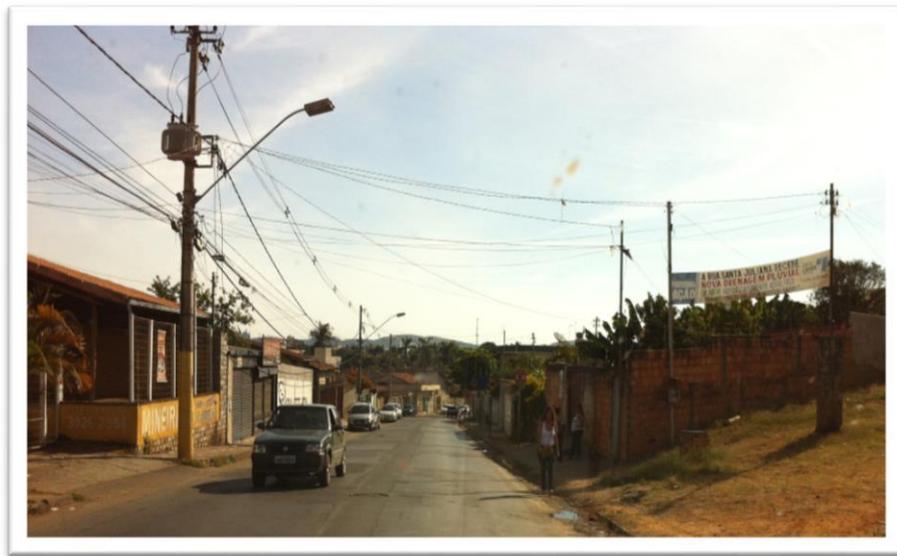


Foto: Anderson Sant'Anna

Para diversos entrevistados, se há 10 ou 15 anos a Santa Juliana não passava de uma via de passagem, de acesso da zona rural à zona urbana de Sete Lagoas, hoje constitui um de seus principais eixos comerciais, competindo, inclusive, com o tradicional comércio da região central da cidade:

Não está compensando muito ir lá para o centro. Nas cidades vizinhas, o povo está vindo para essa região aqui comprar. Eu tenho cliente que me compra nessa loja que não vai mais na loja do centro. (Relato, Entrevista 1).

Eu sei que não preciso ir no centro, vou aqui perto. Essa questão de ser uma via de ligação do centro e estar perto de uma lagoa, de bairros que também estão crescendo. Eu acho que isso é um diferencial. [...] Comércio que é mais perto de casa e não precisa de ir no centro para poder buscar. (Relato, Entrevista 4).

Fácil acesso de produtos, uma variedade de coisas, dentista, supermercado, padaria. Tanto serviço, mecânico, borracharia, tudo o que você precisar tem na Santa Juliana, são poucas as coisas que você precisa sair daqui do bairro para procurar em outro lugar. (Relato, Entrevista 20).

Cabe salientar que tal expansão industrial da região não se vê, todavia, acompanhado no mesmo ritmo pela produção de novas unidades habitacionais. A procura por imóveis se amplia, trazendo como efeito elevação significativa dos valores de aquisição, locação e de transferência de pontos comerciais. Nessa direção, relatos indicam como alternativa cada vez mais comum a transformação de unidades residenciais em unidades para fins comerciais, pressionando ainda mais o mercado imobiliário de habitações, com impactos, dada a escassez, nos valores de compra ou locação.

Tal fenômeno, como observa Jacobs (2011), denota preocupação, na medida em que alterações radicais e abruptas no perfil dos residentes podem resultar em impactos nem sempre positivos na cultura e no estilo de vida locais. Além disso, implicações podem também vir a ser sentidas pela redução da diversidade atualmente constatada no logradouro, com consequências nos índices de violência, assaltos, delinquência juvenil e consumo de drogas, pela eliminação de dispositivos que operam na qualidade de “olhos da rua” (JACOBS, 2011).

Em outros termos, uma expansão desenfreada pode acabar por converter a Rua Santa Juliana em uma “via” destinada unicamente à passagem de veículos e pessoas, com baixa interação social. Para tal, parecem significativas ações que valorizem a combinação entre comércio e residência, favorecendo a vitalidade da rua em diferentes horários, assim como um melhor aproveitamento das ruas transversais, por exemplo, para estacionamento de veículos e atividades comerciais e de serviços de melhor margem de lucro e, portanto, incapazes de sustentar uma locação de imóveis na própria Santa Juliana:

De uma certa forma pra gente que é residencial [...] Daqui uns dias vai ser meio raro também. (Relato, Entrevista 2).

Eu acho que vai só crescendo o comércio [...] Cada vez mais e mais. [...] A via passa a ser cada dia mais um corredor, já estão construindo loteamentos próximo da Iveco. Você quase não vê, na Santa Juliana, residencial mais e eu acho que a tendência é essa: continuar crescendo e pessoal buscar cada vez mais vir pra cá. (Relato, Entrevista 4).

Hoje nós temos no comércio um fluxo bem maior de clientes. A valorização da rua aumentou muito, e o pessoal vendeu os imóveis que foram transformados em comércio. (Relato, Entrevista 3).

Não vai ter lote e casa mais, só comércio, literalmente só comércio. Essas poucas casas que têm aqui, eu acredito que daqui uns três, quatro anos, não vai ter mais não. (Relato, Entrevista 4).

**Figura 12.** Rua Santa Juliana: Trecho 3 (Comércio)

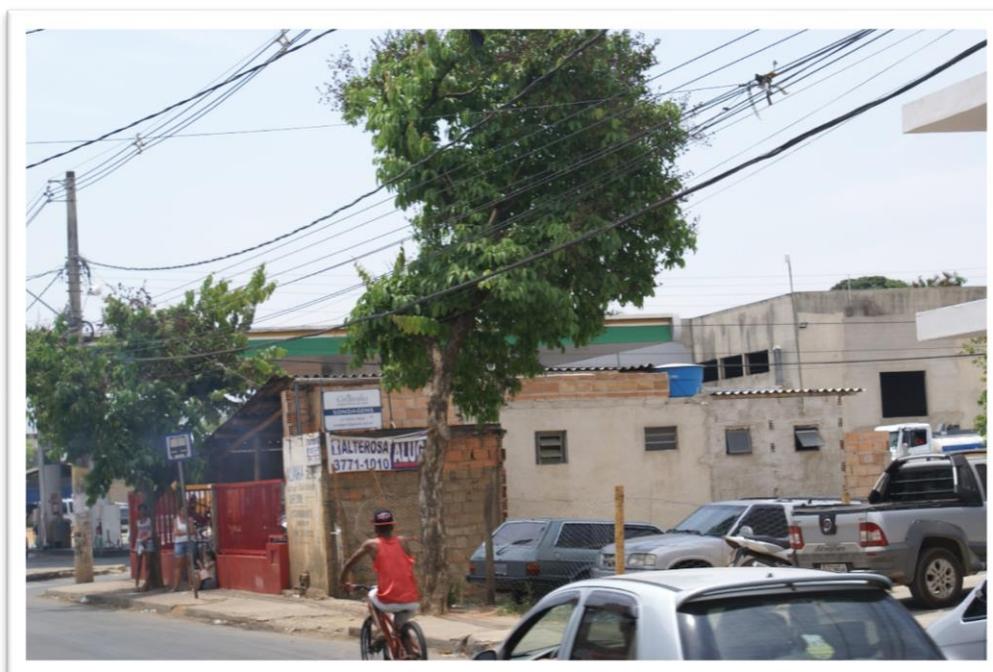


Foto: Anderson Sant'Anna

A conversão de usos residenciais em comerciais, para um significativo número de pesquisados, é fomentado também por fatores como a intensificação do trânsito de veículos de passeio, ônibus e caminhões; dificuldades de estacionamento e garagem para veículos de seus moradores, bem como aumento dos níveis de poluição sonora, visual e do ar. Igualmente, registram-se menções quanto a níveis crescentes de estresse decorrente, dentre outros fatores, do intenso adensamento populacional, do constante fluxo de pessoas e veículos, bem como de sensação de insegurança, quer por ameaças e riscos existentes na própria rua, quer em seu entorno.

Como efeito, depoimentos fazem menção à intensificação da evasão de moradores mais antigos, estimulada, além dos fatores citados, pela influência de familiares mais jovens, menos apegados ao local e a noções como as de vizinhança e comunidade, bem como mais facilmente seduzíveis pela valorização imobiliária e expectativas quanto à aquisição de imóvel de melhor padrão construtivo, em áreas residenciais mais nobres.

Como resultante desse panorama, alterações no perfil de usos do logradouro não se apresentam de todo desprezíveis. Alguns respondentes chegam mesmo a discorrer sobre riscos e fragilidades no equilíbrio do “ecossistema” da rua como um todo. Um dos entrevistados aponta, por exemplo, temeridade em face da possibilidade de declínio da tradição lusa, herdada por grande número de moradores mais antigos da Santa Juliana, de conjugar em imóveis geminados usos residencial e comercial. Ainda segundo tal respondente, um número significativo desses antigos moradores, em grande parte migrantes de cidades rurais próximas, vislumbraram na Rua Santa Juliana a possibilidade de morar em Sete Lagoas – favorecendo o acesso de familiares a melhores serviços de saúde, educação e oportunidades de trabalho – mantendo, todavia, proximidade, pela MG-238, a suas cidades natais.

**Figura 13.** Rua Santa Juliana: Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

O tamanho da rua, associado à existência de diferentes características morfológicas, econômicas e sociais ao longo de sua extensão, nos permitiu, após minuciosa análise de seus

usos e funções, a identificação de quatro distintos trechos, com características peculiares, não obstante vistas em seu conjunto como fortemente sinérgicos e integrados em um todo orgânico.

Um primeiro trecho se estende do início da rua, na Praça José Lucídio de Avelar, rotatória que separa a Rua Santa Juliana, de sua antiga continuidade – a Rua Coronel Coronel Randolpho Simões –, a qual a liga à região central da cidade, às proximidades do cruzamento com a Rua Joaquim Xavier das Chagas. Tal trecho caracteriza-se pelo uso predominantemente residencial. Um segundo trecho estende-se ao longo do intervalo entre as ruas Joaquim Xavier das Chagas e Versilia da Silva Clementina, tendo como principal característica a concentração dos principais equipamentos públicos e de lazer da rua. Já o intervalo compreendido entre o cruzamento da Santa Juliana com a Rua Versilia da Silva Clementina e a Rua Iara distingue-se pelo comércio intenso e vigoroso. Finalmente, o intervalo que segue do cruzamento com a Rua Iara ao final da Santa Juliana caracteriza-se pela presença de empreendimentos de maior porte. Em linhas gerais, tais trechos se estendem dos números 1 a 1.000, 1.000 a 2.000, 2.000 a 3.500 e 3.500 a 4.500; doravante, respectivamente denominados de “Residencial”, “Serviços”, “Comercial” e “Grandes Empreendimentos”

Em relação ao primeiro trecho, depoimentos definem-no como o intervalo da rua com maior concentração de habitações residenciais, sendo a presença de estabelecimentos comerciais pouco pronunciada. Nas fotos, a seguir, é possível visualizar, respectivamente, a Rua Coronel Randolpho Simões, da qual desmembram-se a Santa Juliana, a Praça José Lucídio de Avelar e o início da via, propriamente dita.

**Figura 14.** Rua Coronel Randolpho Simões, próximo ao início da Rua Santa Juliana



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 15.** Praça José Lucídio de Avelar e Início da Rua Santa Juliana, Sentido Centro-Bairro



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 16.** Início da Rua Santa Juliana, Sentido Centro-Bairro



Foto: Anderson Sant'Anna

Já as fotos seguintes comportam uma visão mais detalhada desse primeiro trecho da rua, onde, de fato, pode-se constatar bom número de casas, assim como pequenos barracões, em sua maioria antigas e de baixo padrão construtivo.

**Figura 17.** Rua Santa Juliana, Trecho 1 (Residências)



Foto: Anderson Sant'Anna

Mais recentemente, com a valorização imobiliária da região, relatos apontam para novas edificações, incluindo prédios com maior número de pavimentos, bem como caracterizados pela ênfase em duplo uso: comercial, no piso térreo, e residencial, no segundo pavimento. Tais

construções distinguem-se, também, pelo melhor padrão construtivo e maior cuidado com detalhes do acabamento.

**Figura 18.** Rua Santa Juliana, Trecho 1 (Residências)



Foto: Anderson Sant'Anna

Em linhas gerais, quanto mais se aproxima do início do logradouro, maior é a presença de casas e da subdivisão de lotes para habitações destinadas à complementação de renda de seus proprietários, via aluguel. Como resultante dessa concentração de imóveis antigos, da baixa variedade de usos e funções, de quadras extremamente longas e monótonas, tem-se, nesse trecho, menor circulação de transeuntes. Corroborando o preconizado por Jacobs (2011), a tal conjunção de fatores associa-se a menor vitalidade econômica e social desse intervalo, comparativamente aos demais:

Aqui ainda eu acho que é mais residência. Então o fluxo aqui ainda é um pouquinho menor do que lá na frente. Na frente o movimento ainda é mais intenso. (Relato, Entrevista 4).

Isso também manda muito. Lá embaixo é mais casa, mais residência, começou a crescer foi do posto para cá. Aí você começa a observar que tem mais comércio. (Relato, Entrevista 26).

Muitas residências deram lugar para novos comércios. É exatamente a parte mais residencial da rua é no início, perto da rotatória do bairro Boa Vista. Ali tem mais moradores. (Relato, Entrevista 6).

**Figura 19.** Rua Santa Juliana, Trecho 1 (Residências)



Foto: Anderson Sant'Anna

À medida em que se desloca no sentido centro-bairro, vão-se notando alterações na configuração arquitetônica, bem como na dinâmica socioeconômica da rua, com menor número de residências e maior concentração, nesse trecho, de equipamentos públicos e estabelecimentos comerciais, em especial, estabelecimentos direcionados a serviços, lazer e recreação. É nele que se encontra, por exemplo, a Escola Estadual Dr. Olinto Satyro Alvim, com intenso tráfego de pessoas e veículos, em específico, nos horários de início e término das atividades letivas.

**Figura 20.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

É nesse trecho que se localiza, também, um dos poucos equipamentos públicos de lazer da Santa Juliana: o campo do Eucalipal, com suas duas quadras de futebol: adulto e infantil. Seu entorno é amplamente utilizado pela população da rua e de bairros vizinhos, sendo sede de diversos campeonatos locais de futebol amador, bem como palco de eventos comunitários e comemorações. A ausência de praças e de outros equipamentos públicos de recreação e lazer ao longo de toda a extensão da rua converte tal trecho no principal local de encontro e sociabilidade da região:

Terminou no último sábado (28) a Copa Sênior Futebol de Sete Lagoas/2015. Oito times disputaram o torneio na cidade, mas somente as equipes do Bosque e Ribeirão das Neves chegaram à final no Campo do Eldorado. Com gol de falta do atacante Toni, o time do Bosque comandado pelo treinador Edgar, venceu pela primeira vez o torneio. Jogadores ofereceram a conquista ao eterno presidente, Senhor Augustinho. Há seis anos o ex-presidente da Liga Eclética Desportiva Setelagoana (LED'S), Luís Gonzaga juntamente com Liliane Carvalho organizam a competição. Após o jogo houve entrega de premiação. Depois da partida, jogadores foram para a Peixaria Santa Juliana, tradicional ponto de confraternização da equipe, onde comemoraram o título. (SETELAGOAS.COM.BR, 30/11/2015).

O Campo do Eucalipal situado na Avenida Santa Juliana em Sete Lagoas foi palco nesta segunda-feira (10) da missa de celebração da família e principalmente para um dos precursores do esporte na cidade, o senhor João da Cunha. Nome este que denomina uma das Copas mais respeitadas de futebol do município. Jogadores, amigos e familiares estiveram presentes e externaram a gratidão pelas obras feitas principalmente pelo esporte amador. A Liga Eclética da cidade, liderada pela presidente Leia Dias, coordenou a 17ª Copa João da Cunha apresentando o time campeão deste ano, o Alírio Pinturas. (SETELAGOAS.COM.BR, 12/08/2015).

**Figura 21.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 22.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

A proximidade geográfica com o campo do Eucalipal, a Escola Dr. Olinto Satyro Alvim, aliada à vizinhança com a principal igreja católica da região – Igreja de São Sebastião, localizada a poucas quadras da escola, no sentido bairro-centro – tornam esse trecho atrativo para empreendedores, em particular, envolvidos em atividades de lazer e recreação, bem como

empreendedores individuais – proprietários de carrinhos e barracas de alimentos e bebidas – e *bricoleurs*.

**Figura 23.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 24.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

Nesse intervalo, notabiliza-se a larga calçada em frente ao campo de futebol, a qual, nos finais de semana e feriados, é palco de disputa por espaço entre transeuntes, motoristas em busca de vaga de estacionamento, bancas de camelôs de produtos os mais diversos, bem como barracas de frutas e verduras. É, inclusive, nesse trecho, no lado oposto da via, que se localiza a “Peixaria Santa Juliana”, de propriedade do líder comunitário e ex-candidato a vereador da região, o

“Peixeiro”, ponto tradicional de lazer tanto de moradores dos bairros vizinhos quanto de visitantes de diferentes regiões da cidade.

**Figura 25.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 26.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

Além de uma série de bares e restaurantes populares, o trecho é reduto de salões de beleza, barbearias, *ateliers* de tatuagem, academias de musculação e de lutas marciais, *lan houses*, clínicas dentárias, laboratórios de análises clínicas e casas lotéricas.

**Figura 27.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 28.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

O trecho abriga, ainda, a Capela de Santa Emília e três templos evangélicos: Igreja Pentecostal da Flor Gloriosa, Catedral da Fé e Igreja Manancial Missão e Vida. A duas quadras da Escola Satyro Alvim, esquina da Santa Juliana com a Rua Guimarães Rosa, no sentido centro-bairro, tem-se a Igreja de São Sebastião.

**Figura 29.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 30.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

Já o trecho seguinte da rua irá se distinguir pelo predomínio de quadras curtas, comércio intenso e variado, fluxo elevado de pessoas e diversidade de prédios, com diferentes padrões construtivos e idades. Em outros termos dispõe do conjunto das condições de diversidade e vitalidade evidenciados por Jacobs (2011). Nesse intervalo, pessoas circulam em todos os momentos do dia e também à noite. Além disso, os residentes das edificações de dois pavimentos comuns no trecho - em que no primeiro pavimento instalam-se cômodos comerciais

e, no andar superior, residências – são, em operação, os “olhos da rua”, fator também referenciado por Jacobs (2011) como favorecedor da segurança pública.

**Figura 31.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 32.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

Aproximando-se do cruzamento com a Rua Guaraci, na direção da rodovia MG-238, uma nova paisagem vai se delineando com a presença de edificações mais novas, de padrão construtivo mais elaborado, definindo o espaço de transição para um novo trecho da via, fortemente marcado pela atração de empreendimentos de maior porte e capital econômico:

A nova agência, quarta do Sicoob Credisete em Sete Lagoas, fica na rua Santa Juliana, 3164, bairro Braz Filizolla. O prédio que a abriga tem arquitetura diferenciada e foi planejado para oferecer conforto para associados, clientes e funcionários. Seis profissionais (um gerente, dois caixas, um atendente, um auxiliar de gerência e uma telefonista) são os responsáveis pelo atendimento. A agência contará com um terminal de autoatendimento que funcionará de 6h às 22h. A localização permite vislumbrar grande movimento já que aquela região é a que mais se desenvolve no município. Outro ponto positivo é a ligação com a área industrial onde funcionam as fábricas da Iveco e Ambev. “Chegamos primeiro nesta região e hoje colhemos ótimos resultados. Agora, neste segmento, o Sicoob Credisete sai na frente e certamente terá sucesso. Uma cooperativa que sabe trabalhar no interior certamente vai trabalhar muito bem para estes bairros” disse Eduardo Rios, diretor do Grupo Felt (COOPERANDO, 15/10/2010)

**Figura 33.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Grandes Empreendimentos)



Foto: Anderson Sant'Anna

A demanda por maiores extensões de terreno, a presença de edificações mais recentes e modernas – e, portanto, com valores de aluguéis impeditivos a grande número de micro e pequenas empresas – são alguns dos fatores explicativos da prevalência, nesse trecho, de empreendimentos de maior porte, como a concessionária Bandeirante Honda Motos, a Lamifer, Luguel Mac, a Felt Elétrica e a unidade Primavera, da rede local de supermercados Santa Helena.

**Figura 34.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 35.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)



Foto: Anderson Sant'Anna

A diversidade de usos e funções encontra-se, também, segundo Jacobs (2011) diretamente relacionada com a pluralidade de seus usuários. Nesse quesito, a Rua Santa Juliana, uma vez mais, apresenta-se exemplar. Não obstante o maior contingente de usuários da via ser dos bairros de seu entorno – majoritariamente famílias operárias, das classes econômicas “C” e “D” – a relação de frequentadores de seu comércio tem-se diversificado, incluindo tanto representantes da zona rural próxima à via, das pequenas cidades vizinhas, de bairros populares

e conjuntos habitacionais de baixa renda, como a “Cidade de Deus” e “Orozimbo Macedo”, quanto de condomínios de classes média e alta localizados nas proximidades e ao longo da MG-238.

**Figura 36.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 37.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Anderson Sant'Anna

O perfil? [...] É a classe mais carente. A gente vai propor um preço menor, porque o pessoal é mais carente. O que não dá certo lá no centro, entendeu? Foi uma ideia legal, uma boa sacada do dono. (Entrevista 5).

É o público do bairro mesmo. A gente tem consumidores mais frequentes, mais íntimos exatamente pelo fato deles voltarem sempre, a gente já vai criando uma relação de amizade. Então acho que o diferencial seria esse. Tem um público mais fiel, digamos. (Entrevista 6).

O perfil agora está mudando por causa dessas empresas. Então, está tendo um perfil mais avançado, coisas melhores, coisas que não tinham antigamente. Mas agora está bem diversificado: desde uma pessoa mais simples, mais pacata até uma pessoa mais pra frente, vamos dizer assim. (Entrevista 4).

**Figura 38.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 39.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Barraginhas (Divulgação)

Diversas lojas de materiais agropecuários, floriculturas e depósitos de materiais de construção constituem, igualmente, paradas quase obrigatórias no deslocamento de sítiantes e proprietários de casas de campo localizadas na zona rural próxima, bem como às diversas em construção.

**Figura 40.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)



Foto: Anderson Sant'Anna

Depoimentos apontam também para a atratividade do logradouro para profissionais mais qualificados da Ambev, Iveco e de seus fornecedores instalados na região, quer pela conveniência de compras nas padarias, sacolões de hortigranjeiros, farmácias e drogarias, açougues, quer por grandes redes de supermercados, tais como o Primavera (Rede Santa Helena) e o Apoio Mineiro, localizados nas proximidades do final da rua Santa Juliana.

**Figura 41.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)



Foto: Anderson Sant'Anna

Quando o tema é trânsito, há uma preocupação dos comerciantes quanto a propostas de eliminação da mão-dupla. Coerentemente com a perspectiva defendida por Jacobs (2011), o fluxo de veículos é compreendido não como problema. Ao contrário, é reconhecido pelos empreendedores locais como fator de diversidade e vitalidade.

Para muitos, inclusive, estimulados a uma opinião diante de uma suposta inevitabilidade de adoção da mão-única na via, o melhor seria que o sentido do tráfego permanecesse no sentido Centro - MG-238. Segundo eles, tal sentido constitui-se estratégico, inclusive, tendo os imóveis e pontos comerciais localizados nesse lado da rua maior valor de venda e locação. Tal caráter estratégico explica-se, na visão desses respondentes, pelo fato de seus principais concorrentes localizarem-se no centro comercial tradicional da cidade – nas proximidades da Lagoa Paulino e na estação central de transbordo de passageiros dos coletivos.

Além disso, na medida em que um grande contingente de operários e trabalhadores das grandes empresas localizadas na região reside nas proximidades, o seu deslocamento para o trabalho continuaria requerendo o acesso à Santa Juliana. No mais, salientam ser a MG-238 a principal fronteira de crescimento imobiliário de Sete Lagoas, conectando a Santa Juliana não somente aos bairros e conjuntos habitacionais populares, como também à zona rural e aos condomínios residenciais e industriais em expansão:

Geralmente quem está aqui é quem vai no comércio ali, é quem está aqui no bairro. Quem é de fora geralmente está de carro, para ali quando é preciso. Mas quem está a pé é quem está no bairro, pois está tudo próximo. Eu acho que isso facilita. (Relato, Entrevista 37).

Frequenta aqui a redondeza mais aqui do que o centro, ainda muito mais agora, o jeito que tá está bem bacana a rua, não tá compensando muito ir lá pro centro das cidades vizinhas, o povo está vindo pra essa região aqui comprar. (Relato, Entrevista 27).

Ainda segundo os entrevistados, o equacionamento das questões de trânsito não consiste na adoção ou não de mão-única. Ao contrário, passa por discussões mais amplas e ações mais efetivas de planejamento e melhoria da infraestrutura da via, a qual possa permitir uma maior otimização de seu tráfego e uso. A carência de placas de sinalização, de faixas de pedestre, de pontos de coletivos mais bem estruturados, o estado precário do asfaltamento, a não padronização e mau uso das calçadas, a ausência de um plano paisagístico, a falta de educação para o trânsito e a impunidade dos agentes envolvidos com o tema constituem, na visão dos entrevistados, os verdadeiros focos a serem perseguidos, com resultados significativos na melhoria na qualidade de vida dos usuários e trabalhadores da via:

Quem transita pela rua Santa Juliana em horários de pico corre perigo. Esta é a avaliação de moradores e comerciantes da rua que é o principal corredor de acesso à Iveco e Ambev e ainda a importantes cidades da região. A falta de sinalização e fiscalização e a imprudência dos motoristas são apontadas como os principais causadores de acidentes e obstrução do trânsito considerado por muitos como caótico. O Sete Dias percorreu grande parte da Santa Juliana e os depoimentos seguem a mesma linha. A rua recebe um trânsito pesado de carros, ônibus coletivos, caminhões, motos e bicicletas. O trecho mais perigoso fica próximo aos bairros Montreal, Emília e Braz Filizolla. "O grande problema é que não existe fiscalização. Bicicleta, por exemplo, não tem espaço e nem preferência. Se vacilar o ciclista é atropelado mesmo", comenta o morador Washington André de Lima. Paulo Domingos Nunes da Silva que mora próximo à rua há 26 anos também reclama da imprudência dos motoristas. "Passar por aqui no início da manhã ou no fim da tarde é um risco de vida. Não respeitam nem a faixa de pedestre em frente à escola (Olinto Satyro Alvim)", completa. O comerciante Edilson Alves da Silva, da Tabacaria Uai, sugere que a Prefeitura instale quebra-molas ou radares para evitar a alta velocidade dos veículos. "Vejo acidentes todos os dias. Os veículos deveriam circular em no máximo 40km/h, mas a velocidade deles vai muito além disso", explica (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

**Figura 42.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 43.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

No dia 14 de outubro de 2011, o vereador Marcelo Freitas de Oliveira - Lico - apresentou junto a Câmara Municipal de Sete Lagoas o Pedido de Providência N° 860/2011 que solicita em caráter de urgência/urgentíssima que seja feita a Limpeza Pública na Rua Santa Juliana, principalmente próximo ao n° 1.437, bairro São João I, na cidade de Sete Lagoas. Tal solicitação se deve ao fato de a mesma se encontrar em péssimo estado, tornando-se risco para toda a população residente nas proximidades, riscos de saúde visto que neste local pode haver vários focos do mosquito da Dengue (PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, 04/02/2012).

Além das demandas relativas ao trânsito, uma série de pedidos de providências e requerimentos de limpeza da via, assim como capina de lotes vagos são pleiteados por diferentes vereadores da cidade, em resposta a demandas de moradores e comerciantes da região (APÊNDICE C).

**Figura 44.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

É relevante constatar, igualmente, o engajamento de gestores escolares, professores e pais, moradores e comerciantes locais em ações destinadas à implantação de passarela, ou pelo menos de marcação de faixas de pedestres em pontos de alta circulação de estudantes, como em frente à Escola Satyro Alvim e à Escola Alípio Maciel, localizada no final da Santa Juliana, sentido centro-bairro (APÊNDICE D).

Matéria veiculada em jornal local, todavia, dá notícias de projeto de pintura de faixas de pedestre na cidade, mencionando a Santa Juliana como uma das vias a serem beneficiadas:

A Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Segurança, Trânsito e Transporte (Seltrans), está realizando marcações de faixas de pedestres em diversos pontos da cidade. O serviço já foi realizado em frente à Escola Municipal Alípio Maciel de Oliveira, localizada no cruzamento da Avenida Prefeito Alberto Moura (Perimetral) e a Rua Santa Juliana. Nesta terça-feira (19) também tinha realização na Avenida Dr. Renato Azeredo, no cruzamento com a Rua Renato Feio. De acordo com a Seltrans, a marcação de faixas de pedestres é de grande importância, sobretudo na área escolar, uma vez que visa proporcionar maior segurança aos pedestres, principalmente para as crianças, pais e professores (FANZINI, 19/05/2015)

**Figura 45.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)



Foto: Anderson Sant'Anna

De fato, registra-se na esquina entre a Santa Juliana e a Av. Prefeito Alberto Moura (Perimetral), principal via de acesso a bairros populares, como o Nova Cidade – antigo conjunto habitacional popular “Morro Vermelho” –, e ao conjunto habitacional Orozimbo Macedo, faixa de pedestres em frente à Escola Alípio Maciel; porém, até a conclusão deste estudo, a Escola Estadual Olinto Satyro Alvim, ainda não havia sido contemplada.

Com o crescimento do volume de problemas, resultantes do rápido crescimento da região, passa a desempenhar papel relevante a mobilização de comerciantes da Santa Juliana – em especial aqueles ligados à Rede de Comerciantes Protegidos – RCP. Por meio de parcerias e ações junto a entidades de classe, como a Câmara de Dirigentes Lojistas de Sete Lagoas – CDL-Sete Lagoas e o Sindicato do Comércio de Sete Lagoas – SindiComércio-Sete Lagoas, assim como de articulação de veículos da imprensa e vereadores, uma importante conquista foi obtida em 2011, com a convocação pela Câmara Municipal de uma primeira audiência pública para discussão dos problemas na Santa Juliana e levantamento de sugestões de equacionamento:

Em 2011, uma audiência realizada na Câmara Municipal debateu os problemas da Santa Juliana. A principal revelação que assustou vereadores e autoridades presentes foi relativa ao número de acidentes ocorridos na via em um curto espaço de tempo. De acordo com números da Polícia Militar, 100 ocorrências de trânsito envolvendo vítimas haviam sido registradas (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

**Figura 46.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Leonardo Martins

Proposta pelos vereadores Marcelo Coopersetta e Gilberto Doceiro, a audiência, realizada em dezembro de 2011, compreendeu uma participativa discussão acerca dos recorrentes problemas de trânsito, infraestrutura e segurança vivenciados pela rua (ANEXO A).

Além dos vereadores requerentes, a sessão contou com as participações do Secretário de Trânsito, representante da Secretaria de Planejamento e Gestão, da Secretaria de Obras, do comerciante Wanderson Machado, representando os comerciantes, de moradores, representantes das empresas de transporte coletivo Turi e Cofermetta e motoristas usuários da rua:

Trânsito caótico, perigo para motoristas, ciclistas e pedestres e um saldo de 100 acidentes em 2011 motivaram a realização de uma Audiência Pública sobre a rua Santa Juliana, uma das principais vias de acesso a dezenas de bairros, ao novo distrito industrial do município e saída para as cidades de Jequitibá, Baldim e Santana de Pirapama (JORNAL SETE DIAS, 08/12/2011).

Ufa! Até que enfim o trânsito da Rua Santa Juliana será debatido por nossos políticos. Toda população antecipadamente agradece e ao que parece o terrível “corredor da morte” está com seus dias contados (JORNAL SETE DIAS, 15/12/2011).

Durante a audiência, a apresentação de dados fornecidos pela Polícia Militar dava conta – para o período de janeiro a novembro de 2011 – de 43 acidentes com vítimas e outros 57 sem vítimas, ocasionados em sua maioria pela ineficiência de infraestrutura da Santa Juliana:

Na manhã desse domingo (6), um acidente tirou a vida de um jovem na rua Santa Juliana. O dia ainda não havia amanhecido e os moradores da região acordaram com o barulho da batida. Rafael Batista Amorim de 29 anos transitava pela rua quando colidiu em uma placa de sinalização, a batida foi tão forte que o carro que dirigia, um Fiat Palio,

tombou. Policiais que faziam o patrulhamento avistaram o acidente e detectaram o rapaz preso entre as ferragens, aparentemente sem vida. O Corpo de Bombeiros e o SAMU trabalharam juntos no desencarceramento da vítima, mas constataram o óbito no local. No veículo não havia outros passageiros. A perícia da Polícia Civil encontrou no veículo um copo sujo com substância aparente a vinho e uma lata de cerveja lacrada (SETELAGOAS.COM.BR, 06/07/2015).

**Figura 47.** Rua Santa Juliana, Trecho 1 (Residências)



Foto: Acervo Setelagoas.com.br.

Ainda segundo dados da Polícia Militar, o maior número dos registros de acidentes de trânsito ocorridos na Santa Juliana envolvia choques entre motoqueiros e ciclistas, em sua maior parte, nos finais de semana.

**Figura 48.** Rua Santa Juliana, Trecho 1 (Residências)



Foto: Renato Alexandre

Os dados sobre o trânsito e as reiteradas reclamações em relação às precárias condições de mobilidade na Santa Juliana culminaram na implantação, em agosto de 2011, de sinalização vertical proibindo a parada e o estacionamento de veículos no lado esquerdo da via, sentido centro-bairro:

Já estão sendo instaladas na rua Santa Juliana, sentido bairro/centro, as placas de proibido parar e estacionar. A medida visa uma maior fluidez no trânsito da região. A ideia inicial era que a via fosse usada em apenas um sentido, mas através de reuniões e pedidos do SindComércio, ficou definido que, apenas um lado da via, tivesse o estacionamento permitido. Comerciantes do local estão convencidos de que o trânsito vai melhorar na região, mas com relação ao movimento de clientes, o clima é de incertezas. Com uma loja na rua há quatro anos, Carlos André, aposta que “o trânsito vai melhorar no local, mas para o comércio pode ser ruim”, teme. Já Héber Gonçalves não acredita que haverá piora no comércio. O funcionário de uma loja de acessórios para carro acha que “para o comércio creio que não vai interferir, não. Mas o trânsito vai melhorar demais, devia proibir dos dois lados”, diz. (SETELAGOAS.COM.BR, 06/08/2012).

**Figura 49.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Marcelo Paiva

Ainda como efeito da proibição de parada e estacionamento em um dos lados da via registrou-se a busca por alternativas: estacionamentos próprios, fomento ao uso de ruas transversais – opção ainda hoje pouco explorada –, transformação de lotes vagos em estacionamento e recuo das construções, permitindo vagas para clientes.

**Figura 50.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

Não obstante avaliação inicial positiva de comerciantes, moradores e frequentadores da rua, críticas passam a ter como alvo a “timidez” das medidas adotadas, retomando-se as mobilizações da comunidade por melhorias mais profundas:

‘Não adiantou nada, carros param a todo momento’, revela Washington Lima. A nova sinalização ainda trouxe transtornos para a comerciante Fabiana Barbosa, do Depósito Nacional. O depósito de material de construção localizado em frente ao campo do Eucalipal perdeu o espaço de "carga e descarga" e ganhou um ponto de ônibus: ‘Já enviei quatro ofícios para a prefeitura tentando mudar essa placa de lugar. Quando chegam os produtos na minha loja não dá para descarregar e os caminhões vão embora para atender a rota. Fico sem estoque. A mudança é simples, mas parece que falta administração na cidade’, desabafa (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

Novos debates e iniciativas comunitárias são então articulados visando sensibilizar a atenção e novos encaminhamentos por parte dos agentes públicos. Para tal, uma vez mais, a influência dos comerciantes junto a seus órgãos de classe e à imprensa assume papel decisivo:

Em recente encontro promovido pela Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Antônio Garcia Maciel, o Toninho Macarrão, representou a Secretaria Municipal de Obras e revelou que a Santa Juliana vai receber investimentos para recapeamento asfáltico e drenagem pluvial. "Os investimentos serão do Ministério das Cidades na ordem de R\$1.976.600,00, mais contrapartida do município no valor de R\$171.878,26. A obra será iniciada assim que os projetos forem aprovados pela Caixa Econômica Federal", comentou. A Secretaria de Trânsito também deverá colocar em prática um novo projeto de sinalização da rua nos próximos meses (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

O aprofundamento das reivindicações resulta, em outubro de 2013, em nova audiência pública. Convocada pelos vereadores Toninho Rogério (PMDB), Renato Gomes (PV) e Claudinei Dias

(PT), o encontro contou com a presença do Secretário de Trânsito e representantes da Secretaria de Obras, da Secretaria de Desenvolvimento, bem como de membros da direção do CDL-SL, comerciantes e moradores da rua e bairros vizinhos:

Trazer opiniões diversas para ajudar a melhorar o trânsito de umas das ruas mais tradicionais de nossa cidade, a Santa Juliana", assim o presidente da Câmara Municipal, vereador Márcio Paulino (PMN) abriu e justificou a Audiência Pública realizada na tarde desta quarta-feira (30), no plenário Deputado Wilson Tanure. Presidindo a sessão, o vereador Marcelo Cooperselitta (PMN), lembrou que em 2011 outra audiência já havia discutido o assunto. "Na oportunidade, tivemos alguns problemas resolvidos com a instalação de placas e a proibição de estacionamento em um dos lados. Essa audiência é prá dar continuidade aos inúmeros projetos que temos para a Santa Juliana", informou o parlamentar, lembrando que algumas medidas, como a instituição de mão única, poderão não agradar a todos. "Por isso estamos aqui para discutir e saber a opinião da população", completou. Ao final da sessão, ficou claro entre os presentes que os recursos de R\$ 2 milhões já garantidos para a nova pavimentação da via e a instalação de placas contribuirão para melhorar o tráfego, independentemente de mudanças de sentido, que necessitariam de melhor estudo técnico por parte do Executivo Municipal. A Prefeitura aguarda agora a autorização da Caixa para dar início ao processo licitatório (CÂMARA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, 07/11/2013).

Levantamento de pedidos de providência e requerimentos encaminhados por vereadores à prefeitura são indicadores do envolvimento de moradores e, mais amplamente, de comerciantes na sensibilização dos agentes públicos. Cabe destacar que do total de 90 solicitações formalizadas no período entre 2008 a 2015, 34 referem-se a demandas em torno de questões relativas a trânsito e mobilidade (APÊNDICE E). Associado a tais demandas registra-se, ao longo desse período, crescimento expressivo de pedidos de providências e requerimentos para melhorias e/ou correções na pavimentação asfáltica (APÊNDICE F).

As conquistas obtidas pela comunidade refletem-se, também, na retomada de demandas históricas relacionadas à redução de acidentes e à maior segurança da via, por exemplo, melhorias no sistema de iluminação pública. (APÊNDICE G).

Como resultado mais relevante, em fevereiro de 2014, a prefeitura finalmente anuncia a autorização da Gerência de Desenvolvimento Urbano de Sete Lagoas – GIDUR – e da Caixa Econômica Federal – CEF – para processo licitatório de obra de infraestrutura urbana e viária da Santa Juliana, compreendendo intervenções de pavimentação e drenagem, envolvendo recursos da ordem de R\$ 2,17 milhões:

Quase um ano depois, e para a alegria de todos aqueles estabelecidos ao longo da Santa Juliana, as obras finalmente começaram. Eduardo Rios, diretor de uma empresa com filial no perímetro, foi um dos que apostaram na revitalização: “As obras, não só da Santa Juliana como em toda a cidade, nos trarão mais conforto e segurança em breve. É preciso acreditar em nossa cidade. Cobrar das autoridades e, acima de tudo, fazer nossa parte. O desenvolvimento e a melhoria têm que acontecer em todos os níveis, da cidade às nossas casas”. E concluiu: “Assim teremos a Sete Lagoas que tanto queremos. Que venham mais e mais obras” (CDL SETE LAGOAS, 16/07/2014).

Antiga demanda dos moradores e comerciantes, a obra aprovada é recebida como importante passo na eliminação de problemas clássicos, incluindo a precariedade dos sistemas de esgoto, drenagem, escoamento de águas pluviais e pavimentação asfáltica, cujos impactos se viam evidenciados a cada período chuvoso.

**Figura 51.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anônimo (Internet)

**Figura 52.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anônimo (Internet)

O volume de solicitações encaminhadas à Prefeitura Municipal, na forma de solicitações de providências e requerimentos de vereadores locais, é igualmente ilustrativo dos problemas enfrentados pela Santa Juliana associados ao saneamento básico e à sua pavimentação asfáltica (APÊNDICE H).

Isto posto, em abril de 2014 dá-se o início das obras de qualificação das redes de água e esgoto:

Está em andamento as obras de qualificação das redes de água e esgoto da Rua Santa Juliana. Porém, o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) necessita da colaboração dos moradores no sentido de não molharem a via, visto que é impossível executar o asfaltamento caso a pista – mesmo em pequenos trechos - esteja molhada. O mesmo pedido é feito aos residentes das ruas adjacentes, visto que a água acaba escoando para a Santa Juliana. O projeto de qualificação e troca das redes será feito por etapas, com início na Praça José Lucídio de Avelar passando pelos trechos entre as ruas Agostinho Monteiro, Estela Figueiredo Chassim até o cruzamento da rua Guimarães Rosa. Posteriormente, a Secretaria de Obras vai promover total recapeamento da via nos pontos que sofreram intervenções. O SAAE, em parceria com a Secretaria de Trânsito, promoveu a sinalização da via, bem como a divulgação, através de panfletos, sobre o andamento da obra. O material foi distribuído nas residências da rua Santa Juliana e também nas ruas próximas. Lamentavelmente, algumas faixas foram destruídas por vândalos. O trânsito está sendo interditado somente nos quarteirões que estão sendo revitalizados (SAAE EM FOCO, 30/05/2014).

**Figura 53.** Rua Santa Juliana, Trecho 1 (Residências)



Foto: Prefeitura Sete Lagoas (Divulgação)

No conjunto de conquistas recentes da comunidade cabe destacar a efetividade das estratégias empregadas na mobilização do setor público, por meio do envolvimento de entidades de classe, tais como o SindiComércio-Sete Lagoas e o CDL-Sete Lagoas, com ações articuladas junto a vereadores locais (APÊNDICE I):

Morador do bairro Olinto Alvim, Luiz Mãozinha é figura fácil na Rua Santa Juliana e adjacências. Ex-vereador, com mandatos de 1996/1999 e 2000/2004, ele ainda cobra melhorias para a região e principalmente para a rua, que corta os bairros Boa Vista, Olinto Alvim, Braz Filizola, Montreal, Emília, São Vicente e parte do São João. "Desde quando era vereador já lutava para que a Santa Juliana fosse mão única; passaram-se oito anos e nada. Poucas intervenções sofreu a via nos últimos oito anos, para não dizer nenhuma", conta (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

Além das melhorias obtidas, mobilizações ainda se fazem notar em relação a demandas latentes, como a instalação de posto móvel da Polícia Militar, melhorias na acessibilidade viária com a implantação de rampas, faixas de pedestres e piso tátil, bem como a construção de “rodoanel” ligando a MG-238 à BR-040. Ao permitir desafogar o trânsito de veículos de carga na Santa Juliana, o “rodoanel” tem sido considerado alternativa consistente à adoção de mão-única:

Representando a Secretaria Municipal de Obras, a engenheira Renata Resende lembrou que os recursos da ordem de R\$ 2 milhões já direcionados para a rua irão solucionar grande parte dos problemas. "Estamos pensando principalmente na mobilidade urbana. Para isso estamos criando rampas e faixas de pedestres. Foi considerada a realidade atual e não foi feito nenhum estudo de mudança na circulação. Vamos reconstruir praticamente toda a via", anunciou. Para o secretário municipal de

Trânsito e Transporte (Seltrans), Cel. Sílvio Augusto de Carvalho, a Santa Juliana é uma via com dimensões para o trânsito local, mas que hoje está com um trânsito regional. "Temos que tirar o trânsito pesado da Santa Juliana e estamos criando maneiras para isso. O problema é que a via é o principal acesso aos bairros da região Norte e outros municípios", ponderou. O secretário disse que a instituição da mão única não seria viável. "O que se pretende é direcionar parte do seu movimento para a Av. Norte Sul e para a Av. Perimetral, pois essas vias possuem dimensões maiores para comportar esse trânsito", sugeriu (JORNAL DO LEGISLATIVO, 31/10/2013).

Já em relação aos equipamentos públicos e suas implicações sobre o fluxo de pessoas – condição indicada por Jacobs (2011) como fundamental à vitalidade espacial – convém mencionar na Santa Juliana os papéis desempenhados pela Escola Estadual Dr. Olinto Satyro Alvim, direcionada ao ensino de jovens e adultos, em nível fundamental e médio; da Escola Municipal Alípio Maciel de Oliveira, localizada no cruzamento da Av. Prefeito Alberto Moura (Perimetral) e Rua Santa Juliana, assim como do Campo do Eucalipal.

**Figura 54.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Prefeitura Sete Lagoas (Divulgação)

A circulação nas proximidades das escolas nos horários de início e término dos horários letivos aliada à coincidência com as mudanças de turnos de trabalho das empresas do entorno intensificam o fluxo de veículos e pessoas, com impactos negativos na mobilidade, porém positivos, segundo proprietários de diversos empreendimentos locais, tais como padarias, açougues, mercearias, drogarias e farmácias, academias de musculação, salões de beleza, consultórios dentários e barbearias. Além, sem dúvida, de comerciantes dos bares e botecos

instalados ao longo da rua, em particular, junto ao campo do Eucalipal, que têm nos *happy hours* importantes fontes de faturamento.

Nesse cenário, soma-se ao aumento da circulação de transeuntes, veículos escolares, veículos de transporte de trabalhadores, coletivos, ônibus intermunicipais, o saudável e intenso fluxo de bicicletas. É interessante apontar a significativa concentração de estabelecimentos comerciais destinados a venda e reparos, comercialização de peças e acessórios para bicicletas, constituindo o ramo “verdadeira instituição local”, pouco a pouco, no entanto, impactada pelo crescimento na frota e utilização de motocicletas.

**Figura 55.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 56.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

Vale ainda ressaltar que moradores, incluindo aqueles de bairros adjacentes, têm na Santa Juliana principal ponto de encontro, diversão, sociabilidade e compras. Tal fato, sem dúvida, não passa despercebido dos comerciantes. Ao contrário, ampla gama de ramos de atividade irá se dedicar especificamente a esse público e a tais funções.

Lojas de brinquedos, presentes e bijuterias, confecções e vestuário populares, como já considerado, são algumas das naturezas de empreendimentos recorrentes na Santa Juliana. Para as novas gerações, somam-se, ainda, inovações, tais como *lan houses*, *ateliers* de tatuagens, academias de musculação, salões de beleza e lojas especializadas em cosméticos e perfumaria, sem deixar de ressaltar os bares e botequins, incluindo a promoção de campeonatos de *videogames*, torneios esportivos, praças de recreação, apresentações musicais, dentre outros. Celebrações religiosas, incluindo a rotina de missas e cultos, contribuem, igualmente, para a diversificação e constância no fluxo de pessoas no local.

Nos finais de semana, tal fluxo se eleva, em particular nas proximidades do campo do Eucalipal. Além da população local, a região atrai frequentadores de diferentes classes sociais, bairros da cidade e mesmo de localidades vizinhas.

Apesar da diversidade de usos e funções, assim como do elevado fluxo de pessoas, respondentes evidenciam a ausência de praça, bem como de políticas mais elaboradas de utilização do

potencial de lazer, recreação e integração existente, por exemplo, o campo do Eucalipal. Relatos destacam ainda o predomínio de estabelecimentos privados de entretenimento, com destaque para a paixão local – os “botecos” – e, recentemente, junto ao público mais jovem, das *lan houses*:

É porque eu vou todo dia na lagoa. Porque aqui na Santa Juliana não tem um lugar para você sentar, não tem uma praça. (Relato, Entrevista 8).

Eu acho que essa rua virou tão comércio que a gente nem tem muito relacionamento. É mais assim: chega, oi... oi... E entra. Eu acho interessante o que a gente vê muito nos outros bairros, você vê criança na rua. Nessa rua, você não vê ninguém, só carro. (Relato, Entrevista 2).

Tais observações encontram repercussão na esfera pública, como demonstram encaminhamentos de vereadores para melhorias no campo e estruturação de novos espaços de lazer e recreação (APÊNDICE J).

Outro indicador de diversidade de ruas, distritos e cidades, segundo Jacobs (2011), é o tamanho das quadras. Para ela, a maioria dos quarteirões da rua deve ser curto, com oportunidades frequentes de se dobrar esquinas. E complementa: vizinhanças isoladas têm tudo para ser abandonadas. Em geral, os dados coletados junto à Rua Santa Juliana atendem a esse requisito, notadamente, em seu trecho de maior vitalidade comercial – e, muito provavelmente, por influência do atendimento a esse quesito.

Inclusive, corroborando a perspectiva de Jacobs (2011), quando se compara tal característica junto ao trecho da rua com maior dinamismo e intensidade, quer do fluxo de pessoas, quer de usos e funções – trecho de comércio intenso –, com aquele de menor vitalidade – o primeiro intervalo da rua – evidencia-se, nitidamente, diferenças nos tamanhos de suas quadras.

No primeiro trecho tem-se o domínio de praticamente um único quarteirão. O primeiro cruzamento será registrado praticamente no início do trecho de transição com o comércio de alta intensidade, caracterizado por um aumento do fluxo de pessoas, de usos e funções da via, por meio de equipamentos públicos e de lazer. Nesse trecho, a distância entre as quadras diminui, fenômeno que vai se aprofundar no trecho seguinte, reduzindo no final da rua, dominada por empreendimentos de maior porte e, nesse sentido, com quadras mais extensas.

Relatos apontam também que a variedade de usos e funções assim como o intenso fluxo de pessoas ao longo das 33 faces de quadras e 28 diferentes ruas que transversalizam os 2.519 metros de extensão da Santa Juliana (QUADRO 9).

**Quadro 9.** Rua Santa Juliana: Faces de Quadras e Ruas Transversais

	<b>Sentido Centro-Bairro</b>	<b>Sentido Bairro-Centro</b>
<b>Faces de Quadras</b>	19	14
<b>Ruas Transversais</b>	Praça José Lucídio de Avelar Rua Iracema Alves Chamon Rua Nossa Senhora da Guia Rua Santa Ediges Rua Guimarães Rosa Rua Cristóvão Colombo Rua José Ferreira Fraga Rua Joaquim Xavier das Chagas Rua Virgínia Gonçalves Pires Rua Antônio Carlos Almeida Rua Jaci Rua Juraciara Rua Guaraci Rua Guanumbi Rua Hirara Rua Pequiá Rua Iara Rua Rio Cipó Rua Padre Tarcísio Gonçalves Avenida Prefeito Alberto Moura	Praça José Lucídio de Avelar Rua Santa Cruz Rua do Cruzeiro Rua Agostinho Monteiro Rua Stela de Figueiredo Chassim Rua Guimarães Rosa Rua Morro São João Rua Versília da Silva Clementina Rua Ipanema Rua Juraciara Rua Guaraci Rua Guanumbi Rua Hirara Rua Iara Avenida Sabará Avenida Prefeito Alberto Moura

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

A Figura 57 permite uma visão geral da Santa Juliana, considerando suas faces de quadras e ruas que lhes são transversais, desde seu nascedouro, como continuação da Rua Coronel Randolfo Simões, na Praça José Lucídio de Avelar, até seu final, no cruzamento com a Avenida Prefeito Alberto Moura, na rotatória de acesso à MG-238.

**Figura 57.** Rua Santa Juliana: limites e quadras de faces



**Fonte.** Adaptado pelo autor de Google Maps, 2016.

No que tange às suas características morfológicas cabe destacar, sobretudo em seu trecho mais central, a prevalência de imóveis geminados ou muito próximos uns dos outros, favorecendo os deslocamentos a pé e a interação entre seus diferentes usuários:

Aqui facilita muito para o comércio, o quarteirão pequeno. É a praticidade, a gente se encontra aqui e dois minutos eu estou aqui na outra. (Relato, Entrevista 26).

Então [...]. Eu não tinha pensado nisso, realmente os quarteirões são curtos. (Relato, Entrevista 28).

Não obstante as facilidades decorrentes do reduzido espaço entre as quadras, relatos obtidos junto aos respondentes relevam que a circulação de pessoas pela via acaba por ser impactada por outros fatores, conforme já evidenciado: a ausência de pavimentação nos passeios públicos, o estreitamento dessas calçadas em vários pontos da via, a competição por “espaço” – inclusive nas calçadas –, com veículos, bicicletas, motos, ônibus e caminhões. Somam-se a isso queixas quanto a um rápido e desordenado crescimento do fluxo de veículos e ônibus, sem correspondentes melhorias na mobilidade da região:

É uma rua muito movimentada para a largura que tem, até mesmo a pavimentação dela, está muito sucateada (Relato, Entrevista 24).

A Santa Juliana especificamente, nesses dois aspectos, não existe estacionamento, o trânsito é muito difícil, muito pesado, as calçadas em muitos pontos são muito estreitas. [...] Um caos (Entrevista 27).

Eu acho que ela está ficando muito cheia, o trânsito. Eu acho nesse ponto de vista piorou. A gente vê a dificuldade do povo até pra atravessar de tanto movimento. Só à noite ela é um pouco mais tranquila. Aqui é bagunça, é uma “misturanga”: é carro, moto, bicicleta, gente levando menininho para a escola. [...] (Relato, Entrevista 2).

**Figura 58.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)

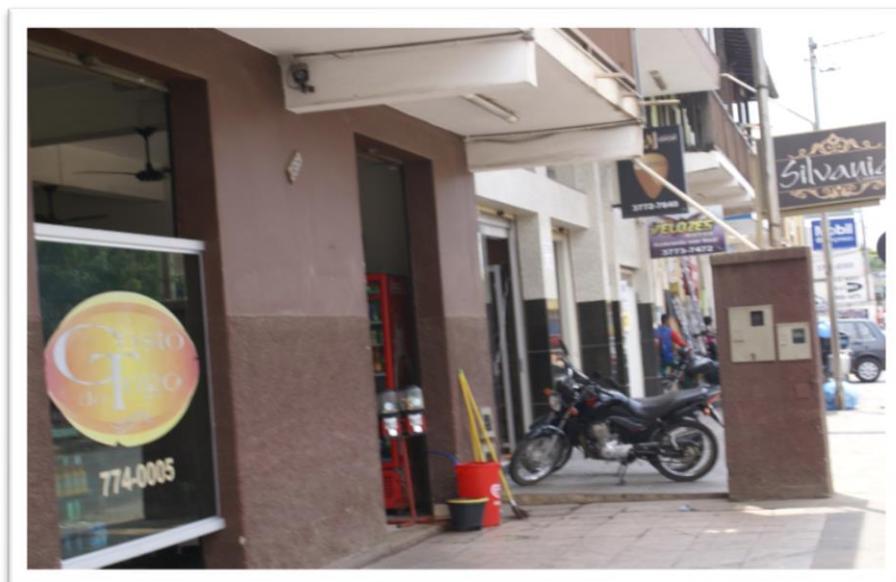


Foto: Anderson Sant'Anna

Já quanto à combinação de edifícios novos e antigos, Jacobs (2011) observa que a rua deve ter uma mistura de edifícios com idades e estados de conservação variados e incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimentos econômicos variados. Tal condição pode ser observada na Rua Santa Juliana. Um primeiro ponto verificado é que a disposição e a estrutura da rua e dos imóveis (residenciais ou comerciais) não possuem um padrão. Tais combinações singulares trazem vida ao local. Portanto, a rua tem capacidade de oferecer algo para diferentes públicos, confirmando a premissa de Jacobs (2011). Conforme salienta a autora, se uma área da cidade tiver apenas prédios novos, os futuros empreendimentos estarão limitados àqueles que podem arcar com os custos elevados desses novos edifícios, o que não é o caso da Rua Santa Juliana. Ela é um “*mix*” de casas e prédios antigos e construções mais novas, construídas, especialmente, após a instalação das grandes empresas.

Sobre a combinação de edifícios novos e antigos, os achados sugerem que o movimento de abertura de novos comércios e empreendimentos (com características estéticas mais “modernas”) tende a ampliar essa mistura de tipos. A própria diversidade comercial, sobretudo no trecho central, permite que essa combinação ocorra:

Agora eles estão construindo muito prédio novo também aqui (Entrevista 11).

Em relação a prédios novos e antigos, aqui tem muitos bairros novos sendo construídos, aqui na saída da cidade então isso também nos ajuda muito (Entrevista 17).

**Figura 59.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

Para Jacobs (2011), uma área urbana bem-sucedida torna-se uma espécie de “celeiro natural” de construções, dessa forma, ano após ano, alguns prédios antigos são substituídos por novos. Logo, com o passar do tempo, emerge uma mistura constante de edifícios de várias idades e de vários tipos. Trata-se de processo dinâmico, em que o que era novo acaba se tornando velho em meio à variedade.

**Figura 60.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 61.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)

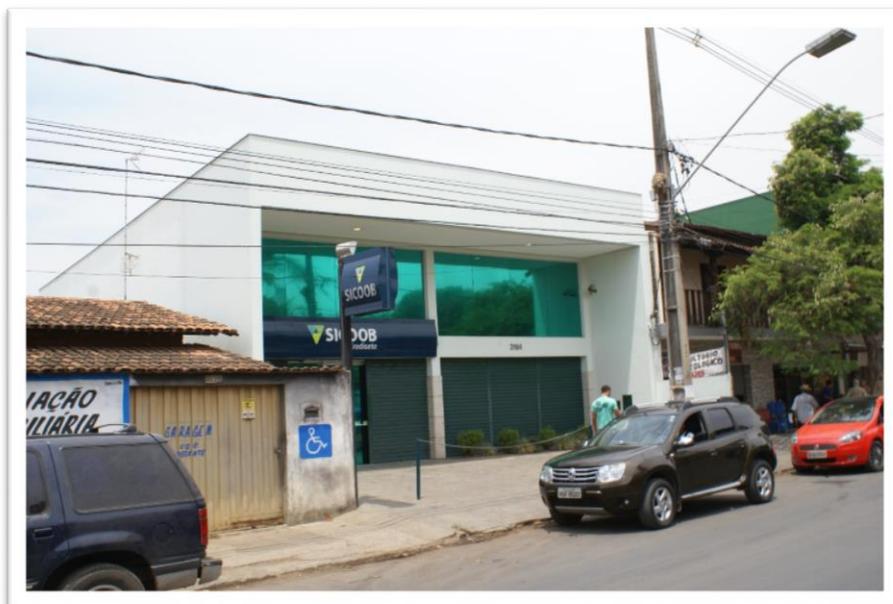


Foto: Anderson Sant'Anna

Igualmente, é unanimidade entre os respondentes a percepção de que a Rua Santa Juliana contempla a condição relativa à diversidade de pessoas: elevada densidade de pessoas em horários variados (moradores, desconhecidos, pessoas que trabalham ou transitam por lá). Segundo Jane Jacobs (2011), deve haver uma densidade alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos. Isso inclui alta concentração de pessoas cujo propósito é morar lá. Essa circulação intensa contribui para a diversidade local e a segurança.

Ao dispor de um comércio diversificado e por ser a única via de acesso às grandes empresas e certas cidades vizinhas, a Rua Santa Juliana conta com um fluxo significativo de pessoas e veículos durante o dia e a noite. Soma-se ao intenso tráfego de ônibus municipais, carros, motos e bicicletas, a circulação de transporte particular fretado para levar os funcionários das organizações que atuam às margens da MG-238.

**Figura 62.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Renato Alexandre

A circulação de pessoas e veículos é destacada pela maioria dos entrevistados, sendo que parte deles percebe esse movimento de forma negativa, como se a rua fosse um local “caótico”, de “passagem”:

Circulação é direto. É dia e noite. Isso aqui não para inclusive de noite, se você vier aqui nove horas da noite, vai ver que tem um movimento. É essa barulhada na sua cabeça o dia inteiro. É isso aí vai apaziguar lá pras dez e meia, onze horas (Entrevista 7).

Essa rua é um corredor de trânsito para muitos bairros dessa região. Passa muitas pessoas que vão pro serviço de bicicleta, de moto, de ônibus. Então tem um trânsito intenso com pico de manhã, a tarde tem muito ônibus. O dia todo. Até a noite. Dá um bom movimento na rua até umas 22 horas. Bares, tem lanchonete (Entrevista 3).

Pessoa, bicicleta, moto. É o tempo todo. Aqui é o tempo todo o dia inteiro, a rua movimentada o tempo todo. Inclusive à noite, na hora que a gente está fechando a loja (Entrevista 4).

Essas linhas de ônibus que nós temos aqui devem movimentar mais de 1.000 pessoas por dia. E a lotação sempre cheia (Entrevista 12).

É... O pessoal fala muito mal da rua por causa do movimento (Entrevista 8).

Alguns moradores se preocupam com a possibilidade de a Rua Santa Juliana se transformar em uma “via”, isto é, em unicamente um espaço de passagem. Tais entrevistados alegam, no entanto, como fundamental para mantê-la no *status* de “rua”, a presença de pessoas que tenham forte conexão com a localidade e a utilizem como espaço de residência e de integração social.

Revelam, ainda, um receio de que a rua vire circulação de mão única, podendo prejudicar a densidade de pessoas que circulam na região e as atividades comerciais.

Então o fluxo estava péssimo aqui. Mas hoje já deu uma melhorada bem bacana. Agora estacionando só de um lado, melhorou bem (Entrevista, 19).

O crescimento do comércio aqui foi bem satisfatório nesse período, e a questão da rua ter tido um lado proibido para estacionar, isso aí melhorou muito a questão de acidente, dificilmente passava um dia sem acidente. Sempre tinha uma batida só de veículos e muitas com vítimas, principalmente de moto. Desde essa época que eu trabalho aqui, sempre foi uma rua muito comercial (Entrevista 3).

Depende da política. O pessoal fica batendo na tecla de colocar mão única aqui. Se colocar mão única, você pode contar os dias dessa rua. Comércios todos vão fechar (Entrevista 7).

Vale ressaltar, dentre o conjunto de propostas discutidas na segunda audiência pública sobre a Rua Santa Juliana, realizada em outubro de 2014, a adoção de “mão-única”. Como resultado, nova polêmica se instaura – a adoção ou não de “mão única” – ativando nova agenda de mobilizações de moradores e, em particular, de comerciantes com estabelecimentos na via:

O SindComércio foi acionado pelos comerciantes da rua Santa Juliana por não estarem de acordo com as mudanças propostas pela Secretaria Municipal de Trânsito em transformar o trânsito da via em mão única, devido ao crescente trânsito e acidentes no local. Buscando atender seus representados, o SindComércio de imediato agendou uma reunião com o então Secretário de Trânsito Alex Gonçalves, na qual teve a oportunidade de ouvir a opinião dos empresários da rua. Após tal reunião, foi encaminhado ao sindicato um ofício expedido pela secretaria solicitando uma pesquisa com os lojistas sobre a viabilidade de proibir o estacionamento do lado direito da Santa Juliana, sentido bairro/centro. De acordo com a pesquisa, foi constatado que a maioria dos comerciantes consideram satisfatória a medida sugerida pela prefeitura. Sendo assim, a Secretaria de trânsito informou que as alterações serão concluídas até o final de julho (SINDCOMÉRICO SETE LAGOAS, 12/06/2012)

Aconteceu no último dia 24, na Secretaria Municipal de Trânsito, uma reunião com o Secretário, Sr. Alex Gonçalves Meneses, representantes do Sindicato do Comércio de Sete Lagoas e comerciantes da rua Santa Juliana. O objetivo da mesma foi discutir sobre as possíveis consequências que a alteração para mão única na referida rua, sugerida pela secretaria, traria ao comércio daquela região. Na oportunidade, os empresários apresentaram propostas a fim de solucionar os problemas no trânsito da via (SINDICOMÉRICO Sete Lagoas, 30/06/2012).

Outro aspecto associado à densidade de pessoas é a segurança. Segundo Jacobs (2011), para uma rua se tornar segura, são necessárias, no mínimo, duas características: primeiro, devem existir “olhos para a rua”, que a contemplem e a tornem mais segura; segundo, a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente. Essas duas condições estão presentes na Rua Santa Juliana, porém não se têm revelado suficientes para torná-la segura.

Em relação à violência, dados da Polícia Militar de Sete Lagoas (2010) davam conta, quando do anúncio de implantação, em 2010, do Programa Municipal “Olho Vivo”, de decréscimo no quantitativo de ocorrências policiais registradas na via. De 34 ocorrências registradas no período de fevereiro a abril de 2009 para 24, no mesmo período de 2010, conforme detalhado na Tabela 2.

**Tabela 2.** Rua Santa Juliana: ocorrências policiais

Nº de Ocorrências	Período 1	Período 2	Implantação “Olho Vivo”
	Fev/2009 a Abr/2009	Dez/2009 a Fev/2009	Fev/2010 a Abr/2010
	34	25	24

**Fonte:** 25º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, 2010.

O programa “Olho Vivo” consiste no videomonitoramento de imagens geradas por câmeras estrategicamente distribuídas em regiões com altos registros de ocorrências de criminalidade contra o patrimônio, constituindo importante instrumento para a prevenção e repressão de criminalidade nas áreas instaladas. Os equipamentos são ligados a uma Central, instalada em batalhões da Polícia Militar, que acompanham movimentações suspeitas, evitando que crimes aconteçam. As câmeras têm alcance de 800 metros, a partir do local onde estão instaladas:

A Assembleia de Minas (ALMG) aprovou, na última semana, Requerimento do deputado Duílio de Castro (PMN), que solicita ao Governador Antônio Anastásia, através da Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS), a extensão do projeto Olho Vivo para bairros de Sete Lagoas. O pedido do parlamentar, que passou pela Comissão de Segurança Pública da ALMG e, em seguida, foi apreciado e aprovado em Plenário, propõe a instalação de câmeras nas ruas Policena Mascarenhas, Santa Juliana e Professor Abeylard: “Tendo em vista o fluxo intenso no comércio de Sete Lagoas, será necessária a extensão do projeto Olho Vivo, uma vez que a população e os estabelecimentos comerciais estão expostos aos riscos das ações de criminosos, que aproveitam de situações inesperadas para efetuarem atos delituosos. É importante destacar as questões de segurança, para coibir furtos ou qualquer outro delito naquelas localidades”, justificou o parlamentar setelagoano. Em Sete Lagoas, este projeto foi implantado em 2010, uma parceria da SEDS, Polícia Militar e Prefeitura Municipal, com a instalação de 27 câmeras que realizam monitoramento 24h por dia (JORNAL SETE DIAS, 17/09/2013)

Até a conclusão deste estudo, câmeras do “Olho Vivo” ainda não tinham sido instaladas na Santa Juliana.

Dados mais recentes, obtidos junto ao 25º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, com sede em Sete Lagoas (2014), todavia, revelam, para 2013, 223 ocorrências oriundas do logradouro, com destaque para o aumento dos registros de furto (39 casos, sendo 37 consumados); 37 de roubo (33 consumados) e 20 registros de ameaça de furto.

No *ranking* dos logradouros mais violentos do município – logradouros com o maior número de registros de crimes violentos –, a Rua Santa Juliana ocupava, em 2013, a oitava posição, com 33 registros de crimes violentos (25º BPM-MG, 2014).

Em relação ao primeiro semestre de 2014, dados do 25º BPM-MG (2014) reportam um total de 90 ocorrências oriundas da rua-alvo deste estudo, com destaque para 24 registros de roubo (22 consumados) e 8 de furto (7 consumados). Nesse mesmo período, a Rua Santa Juliana ocupava o quinto lugar no *ranking* dos logradouros mais violentos de Sete Lagoas. Dados de pedidos de providências e requerimentos submetidos por vereadores locais informam ações que evidenciam a preocupação de comerciantes e moradores com a segurança pública na Santa Juliana e entorno, sugerindo ações corretivas e de prevenção, conforme ilustra os dados do Apêndice K.

Ainda de acordo com dados do 25º BPM-MG (2014), registra-se elevado número de jovens e adolescentes como alvos das ocorrências oriundas do logradouro. A maior parte referente a pequenos furtos, comumente associados ao consumo e tráfico de drogas:

Na madrugada de quarta-feira (02), por volta de 3h, na Rua Santa Juliana, Bairro Santa Maria em Sete Lagoas, uma guarnição policial militar avistou um veículo de cor prata com placa do município de Santa Luzia estacionado e um homem entrando no veículo, devido ao avançar da hora e o veículo ser de outro município, o indivíduo foi abordado. O suspeito, de 23 anos, durante a vistoria no veículo os policiais militares localizaram no porta-malas um revólver calibre .38 carregado com 6 cartuchos, a arma que não estava devidamente registrada. O suspeito foi preso em flagrante delito e conduzido juntamente com a arma e munições para a Delegacia de Polícia Civil (FANZINI, 23/04/2012).

Na madrugada do dia 11, durante patrulhamento preventivo da Polícia Militar pelo Bairro Emília, uma guarnição abordou na Rua Santa Juliana dois menores, um de 14 e outro de 16 anos. Com eles a PM apreendeu nove pedras de crack, uma faca e um revólver calibre 22, carregado com seis cartuchos intactos. Os menores infratores foram apreendidos e conduzidos à delegacia de polícia juntamente com a droga e os demais materiais que foram encontrados com eles (FANZINI, 13/02/2008).

Como decorrência do aumento dos níveis de criminalidade e na espera da implantação das câmeras do Programa Municipal de Segurança “Olho Vivo”, comerciantes locais aderiram ao

programa RCP, uma parceria com o CDL-Sete Lagoas e a Polícia Militar. A rede opera por meio da troca de informações entre os lojistas, sempre que deparam com “movimentos suspeitos” nas proximidades de seu comércio, e compartilhamento das informações que possam prevenir furtos, roubos, assaltos, golpes e outras ocorrências que afetam os estabelecimentos comerciais e clientes das lojas da rua. Periodicamente, policiais militares se reúnem com os comerciantes para avaliar seu desempenho e transmitirem informações úteis. Os estabelecimentos que integram a RCP são identificados por uma placa:

Os lojistas da Rua Santa Juliana colocaram em prática a primeira Rede de Comerciantes Protegidos (RCP) de Sete Lagoas. No final de maio, após várias reuniões para conhecimento e troca de informações, distribuíram a placa indicativa de participação do programa da Polícia Militar (PM). O RCP tem como proposta incentivar a vigilância informal para diminuir o índice de roubo, nos moldes do Rede de Vizinhos Protegidos, já em prática em 170 ruas da cidade. As placas foram colocadas em ponto visíveis dos comércios. “Não basta apenas debater. Segurança são ações práticas. É isso que estamos fazendo aqui”, disse o tenente-coronel Antônio Librelon de Oliveira, comandante do 25º Batalhão de Polícia Militar de Sete Lagoas, que participou da reunião dos comerciantes. Já notamos que os índices de ocorrências na Santa Juliana diminuíram. Flávio Rios Fonseca, da Felt Mix, uma das lojas participantes da Rede, disse que, com a orientação da PM, mudou algumas coisas no seu comércio, como um melhor posicionamento das câmaras de segurança. “Fizemos uma simulação de assalto. O *WhatsApp* (Aplicativo de smartphone usado pelos comerciantes para troca imediata de informações) funcionou bem”. E completa: “O problema do outro também é nosso. Temos que entender isso” (CDL SETE LAGOAS, 22/08/2014).

**Figura 63.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)



Foto: CDL-Sete Lagoas (Divulgação)

Além das ações da polícia e da RPC, a adoção de medidas de segurança privada – incluindo cercas elétricas, câmeras de videomonitoramento, contratação de vigilantes e de segurança privada – já constituem realidade em diversos pontos da via:

**Figura 64.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

**Figura 65.** Rua Santa Juliana, Trecho 4 (Grandes Empreendimentos)

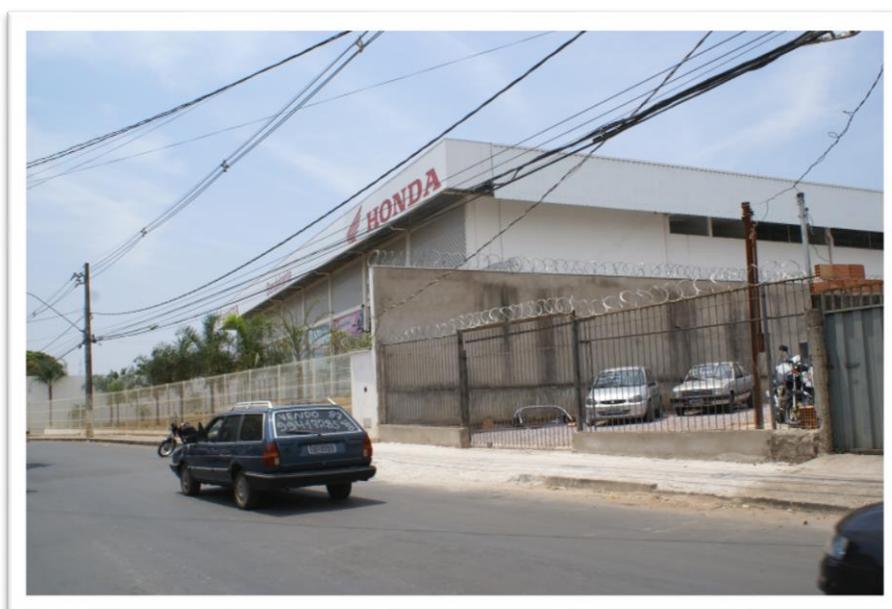


Foto: Anderson Sant'Anna

Tal conjunto de dados permitem uma vez mais, reiterar a relevância e atualidade das considerações delineadas por Jacobs (2011) quanto a fatores associados à segurança de uma via ou distrito com elevada diversidade e vitalidade. De fato, o crescimento do número de grandes empreendimentos, com horários comerciais de funcionamento; a venda de imóveis anteriormente direcionados a moradia para fins meramente comerciais; a transformação da rua em via de passagem ou meramente com função comercial são alguns dos fatores apontados

pelos entrevistados como explicativos das alterações tanto quantitativa, quanto qualitativas nos indicadores de segurança pública no local.

Além disso, o esgarçamento das relações de vizinhança é comumente apontado como fator de expansão no número de ocorrências policiais, principalmente envolvendo adolescentes e jovens. Se tais grupamentos são, em grande número, conhecidos dos comerciantes mais antigos, cujos avós ou pais constituem, não raro, componentes de seus portfólios de clientes, o crescimento no número e na taxa de rotatividade dos novos empreendimentos acabam tendo como consequência a ruptura de tais laços de vizinhança e de dispositivos tácitos de controle social, favorecendo o crescimento de pequenos delitos, comumente associados ao tráfico de drogas. Certamente, a ausência desses comerciantes, o incremento na redução do número de moradias e a intensificação dos processos de alteração de tradicionais padrões imobiliários, como a mescla de residências e estabelecimentos comerciais - convertendo os primeiros nos segundos - tende a repercutir nos indicadores de segurança, bem como em alterações no perfil de crimes. Estudos desenvolvidos, mais contemporaneamente, por autores como Soja (2013) e Sennet (2005), e, no Brasil, dentre outros, por Caldeira (2000), corroboram tais achados.

Os efeitos são, nessa direção, diretamente associados ao dispositivo descrito por Jacobs (2011) como “olhos da rua”. Para ela, a mistura de residências e comércios, a existência de prédios com portas e janelas voltadas para a rua, a presença e circulação de moradores de diferentes faixas etárias, durante o dia e à noite, os vínculos de vizinhança, embora ainda em certo grau prevalentes na Santa Juliana, parecem, todavia, perder espaço com sua acelerada transformação em via eminentemente comercial.

Em outros termos, a vigilância exercida pelos moradores – e também, como indicada por Jacobs (2011), por mendigos habituais, flanelinhas, coletores de recicláveis e até mesmo desocupados e figuras caricatas locais, que passam o dia - e a noite - perambulando pela rua, por seus estabelecimentos públicos e botequins, dormindo sob suas marquises ou em seus espaços públicos abertos – desempenha papel importante como “olhos da rua”, favorecendo a segurança.

**Figura 66.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)

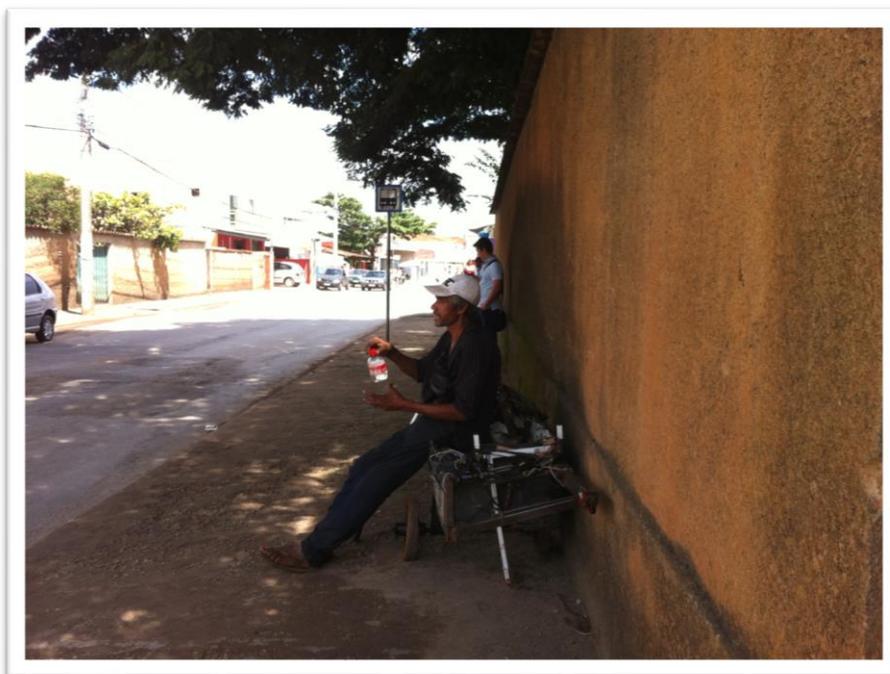


Foto: Anderson Sant'Anna

A qualidade da iluminação pública, igualmente, constitui dispositivo clássico de segurança, assim como o fluxo de pessoas na via, em diferentes momentos do dia e da noite, e a apropriação efetiva dos espaços públicos de lazer e recreação, pela comunidade. A redução da capacidade de operação dos “olhos da rua” pode, no entanto, ser inferida de ampla gama de relatos sobre a recente escalada da violência na via:

Pode caprichar nas trancas, porque é uma rua perigosa. Já ouvimos falar muito de assalto na lotérica, eles já sofreram e sofrem muito isso aí (Relato, Entrevista 7).

E esse Açaí, em dois anos, no máximo, já foram assaltados, acho que pelo menos duas vezes. [...] Já melhorou muito de uns tempos pra cá, porque tinha muitos jovens que davam problema. Eles tentando entrar aqui direto e querendo roubar (Entrevista 4).

Com certeza, o índice de assalto na rua aumentou muito. Quando tinha um patrulhamento no bairro, esse número de assaltos era bem pequeno. Só que de um período pra cá, já deve ter mais de três anos, tirou esse patrulhamento e aí passou a ter mais assaltos. Inclusive tem comércio aqui que já foram assaltados três vezes seguidas num pequeno espaço de tempo (Relato, Entrevista 3).

A gente fica aqui à mercê, né? Sabe, você não vê polícia aqui mais, antigamente passava, eles colocavam policial e ficavam andando na rua aqui, entendeu, mas tem bem tempo já que não tem mais. E esse Açaí aqui tem um ano e pouco que eles estão aí. Dois anos no máximo, já foram assaltados acho que pelo menos duas vezes (Relato, Entrevista 9).

Paralelamente, relatos também indicam como a parceria entre comerciantes e a Polícia Militar foi importante iniciativa para lidar com a violência e a insegurança. De toda forma, tal dimensão ainda se configura como crítica:

Agora a gente tem uma parceria com a Polícia Militar. Tem um grupo que a gente chama de comércio protegido, que é como se fosse a rede de vizinhos protegidos. Então a política também escolheu aqui para começar esse projeto, que é um projeto novo, teste-piloto. Qualquer coisa que acontece com relação à segurança, a gente manda nesse grupo. Então é uma forma de contato bacana, porque eu fico sabendo de tudo (Entrevista 6).

Tem a reunião mensal, geralmente é a primeira segunda-feira do mês, aí vai o representante da polícia, vai o representante geralmente de cada loja. E aí geralmente é dica de segurança, a gente conta, né, o que que está acontecendo (Entrevista 4).

Ainda em relação ao fluxo de pessoas e veículos, dados da Tabela 3 indicam fluxo diário de 43 linhas de transporte coletivo municipal.

**Tabela 3.** Linhas de transporte coletivo urbano - diárias

Linhas	Sentido	Volume Diário
Interlagos		10
Dona Silvia	Centro-Bairro	3
Cidade de Deus		11
Interlagos		10
Dona Silvia	Bairro-Centro	2
Cidade de Deus		7
<b>TOTAL</b>		<b>43</b>

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014)

Soma-se ao tráfego de coletivos a circulação de ônibus fretados para o transporte de trabalhadores das empresas instaladas na MG-238, bem como os pontos de paradas de ônibus intermunicipais – semiurbanos – que trafegam diariamente pela via, notadamente, nos horários de “pico”:

**LEI Nº 5722, DE 25 DE NOVEMBRO DE 1998.**

**FIXA ITINERÁRIOS URBANOS E PONTOS DE PARADAS A SEREM OBSERVADOS PELOS VEÍCULOS UTILIZADOS NO TRANSPORTE COLETIVO SEMIURBANO E REVOGA LEI Nº 5633, DE 31 DE JULHO DE 1998.**

O Povo do Município de Sete Lagoas, por seus representantes, votou, e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Os veículos utilizados no serviço de transporte coletivo classificado como

semiurbano, pelo Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Minas Gerais - DER/MG, operando no Município de Sete Lagoas, deverão cumprir os seguintes itinerários, tendo como ponto de partida e chegada o Terminal Rodoviário Deputado Renato Azeredo:

### III - VEÍCULOS QUE UTILIZEM A MG-238:

- a) sentido Sete Lagoas/Jequitibá/Baldim/Brejinho/Santana de Pirapama: Rua Santa Juliana: defronte dos nº 2030, 2672 e 3550; trevo da Rua Santa Juliana com Av. Perimetral (Interlagos);
- b) sentido Santana de Pirapama/Brejinho/Baldim/Jequitibá/Sete Lagoas: trevo da Rua Santa Juliana com Av. Perimetral (Interlagos); Rua Santa Juliana, defronte dos nº.: 2030, 2672 e 3550 (PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, 25/11/1998).

A relevância do transporte coletivo é corroborada pelo quantitativo de pedidos de providências e requerimentos apresentados por vereadores da Câmara Municipal, conforme dados disponíveis no Apêndice L.

Não obstante os problemas, carências e limitações, o conjunto dos dados revela-se significativo não apenas ao corroborar empiricamente a condição de vitalidade-alvo das análises neste item do estudo (JACOBS, 2011), mas, sobretudo, ao evidenciar o papel proeminente do fator espaço geográfico como elemento protagonista de vitalidade econômica, cultural e social. Tal relevo evidencia-se, por exemplo, na negativa dos respondentes quanto a visões que ainda insistem em caracterizar o espaço como “morto” ou apenas como uma “moldura” sobre a qual se operam as relações sociais. Ao contrário, os dados apontam para sua relevância e papel destacado como importante “capital” a ser mobilizado nas diferentes estratégias direcionadas ao domínio do campo em que se processam as relações na Santa Juliana.

Nessa direção, uma consequência da análise do conjunto dos dados apresentados neste subitem diz respeito à maior relevância a ser atribuída, inclusive na “Teoria da Ação Prática”, de Bourdieu, ao “capital espacial”, aparentemente pouco destacado – ou, não raro, diluído nas análises em torno dos capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos:

Além de dados obtidos de observações diretas – do tipo não participante –, entrevistas semiestruturadas e levantamento de dados secundários – documentos e noticiário local –, a pesquisa contemplou também a adoção da metodologia de fotolinguagem (MASSA, 2013) associada à técnica de evocação de imagens (KILIMNIK, 2000).

Para tal, foram distribuídas a 15 participantes das entrevistas semiestruturadas câmeras fotográficas descartáveis, com 30 poses, solicitando-lhes como subsídio à realização das

entrevistas retirarem fotos de aspectos da rua que melhor a representassem. Como resultado, foi obtida a devolução de 11 máquinas, permitindo um total de 239 fotos. Os relatos permitiram corroborar achados quanto às principais características, tensões, contradições, alianças e coalizões presentes na dinâmica da Santa Juliana, posteriormente categorizadas por meio de pares antitéticos: 1. Centro-Periferia; 2. Veteranos-Novatos; 3. Conservadores-Orientados a Resultados; 4. Competição-Complementariedade; 5. Empreendedores-Moradores. Além disso foi possível corroborar, sobre a rua, significantes recorrentes no conjunto das entrevistas, tais como: “movimento”, “crescimento”, “bricolagem”, “improviso”, “diversidade”, “coo-competição”, “sociabilidade”. A seguir, destacam-se fotos produzidas pelos pesquisados, visando retratar o “espírito” da rua (FIGURAS 67 a 77).

Figura 67. “Povaréu danado”



Foto: Entrevistado

Homem, Proprietário *Empreendimento Bricoleur*, 35 anos.

**Figura 68.** “Ciência + Gambiarra = Santa Juliana”



Foto: Entrevistado

Homem, Proprietário *Empreendimento Bricoleur*, 40 anos.

**Figura 69.** “Tu’de’tudo”



Foto: Entrevistado

Homem, Gerente *Empreendimento Moderno*, 34 anos.

**Figura 70.** “Misturança”



Foto: Entrevistado

Mulher, Proprietária *Empreendimento Tradicional*, 46 anos.

**Figura 71.** “*Butecano*”



Foto: Entrevistado

Mulher, Gerente *Empreendimento Moderno*, 35 anos.

**Figura 72.** “É des-jeito!”



Foto: Entrevistado

Mulher, Trabalhadora *Empreendimento Tradicional*, 27 anos.

**Figura 73.** “Passarelas”



Foto: Entrevistado

Mulher, Trabalhadora *Empreendimento Tradicional*, 22 anos.

**Figura 74.** “*Interiozando*”



Foto: Entrevistado

Mulher, Trabalhadora *Empreendimento Tradicional*, 35 anos.

**Figura 75.** “É nós”



Foto: Entrevistado

Homem, *Morador*, 19 anos.

**Figura 76.** “Teias”



Foto: Entrevistado

Mulher, *Morada*, 32 anos.

**Figura 77.** “Santa Juliana: Do poeirão que só Deus”



Foto: Entrevistado

Homem, *Morador*, 46 anos.

Relevante salientar que os títulos que dão nome às Figuras 67 a 77 foram atribuídos pelos próprios entrevistados. Além disso, faz-se oportuno considerar, por meio de relatos associados às fotografias por eles produzidas, a construção de narrativas que reforçam o caráter *bricoleur* da via, bem como preocupações quanto ao seu futuro: Afinal, como manter, em face do intenso processo de crescimento, sua capacidade de “adaptação” e o “senso de comunidade” que caracterizaram suas origens? Dentre as possíveis respostas a tal questão, a “cooperação” apresenta-se como significante recorrente.

Finalmente, quanto ao futuro da Santa Juliana, a maior parte dos entrevistados destaca suas tendências de expansão e de consolidação como “centralidade local”. Concomitantemente, apontam para os desafios a serem superados, em particular, aqueles ligados à “infraestrutura física” e à “segurança”. Um temor é que a Santa Juliana se converta em “via de passagem”, caracterizada por intenso tráfego de veículos e imóveis para fins unicamente comerciais, perdendo os traços que lhe conferem o *status* de “rua”. Em outros termos, os próprios fundamentos de sua vitalidade.

## Capítulo 7

### TUDO JUNTO, MISTURADO E AO MESMO TEMPO

Na medida em que o desenvolvimento territorial é forjado por uma rede de agentes, com interesses plurais, que operam nos espaços local e global, como forma de buscar a inovação e a competitividade, identificar os elementos direcionadores dessas relações e dispositivos utilizados em sua manifestação apresenta-se basilar à compreensão das bases para o desenvolvimento de políticas e intervenções em prol de um desenvolvimento local efetivamente (2004) sustentável.

Na análise de relações entre diferentes agentes sociais em dinâmicas espaciais de reconversão de suas funções econômicas, Sant’Anna *et al.* (2013), Oliveira, Sant’Anna, Diniz (2012) e Sant’Anna *et al.* (2011) apontam para tensões, distinções e contradições vivenciadas em quatro temas centrais: 1. entre áreas geográficas da cidade; 2. entre nativos e não nativos; 3. nos modelos de negócios e filosofia dos moradores e empreendimentos locais; 4. nas relações entre esses agentes e demais membros da comunidade.

No que tange às tensões e contradições entre as áreas geográficas da cidade, por meio da teoria de Santos (2012), é possível, também, evidenciar a relação de interdependência entre atividades dos dois circuitos – “Circuito Superior” e “Circuito Inferior” – na dinâmica da Santa Juliana e região com a presença de grandes empreendimentos e empresas multinacionais modernas, instituição financeira, grandes redes de varejo associados a ampla gama de pequenos empreendimentos não modernos. Nessa direção, grandes redes de supermercados – Apoio Mineiro e Santa Helena – concorrem com armazéns e pequenos estabelecimentos de varejo, articulando – e conjugando – capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos singulares.

Enquanto os grandes estabelecimentos irão se distinguir pela mobilização de capitais econômicos e simbólicos (BOURDIEU, 2010), tais como variedade de produtos e marcas, conforto interno, facilidade de estacionamento, descontos e promoções; os menores tendem a explorar outros capitais, incluindo localização geográfica mais próxima a outros comércios e

serviços, pontos comerciais com calçadas largas, em quadras curtas e adjacentes aos bairros populosos do entorno, favorecendo o acesso a pé, o conhecimento do mercado e perfil dos consumidores, o relacionamento interpessoal e a expressão na “linguagem” do consumidor, o atendimento pessoal, o compromisso com os “fregueses” e, em particular, formas alternativas de crediário (SANTOS, 2012).

Igualmente, Santos (2005) permite, à luz da dinâmica do processo de urbanização, melhor visualizar a tensão decorrente de diferenças em relação ao “meio técnico-científico-informacional”. As tensões entre a especialização do território e não mais a diversidade na oferta de produtos e serviços direcionados às características e necessidades locais também se fazem sentir. As tecnologias digitais e de gestão orientadas pela racionalidade instrumental expressam-se no meio material, bem como no imaginário social. A dimensão simbólica – denominada por Santos (2005) “psicosfera” – corrobora para justificar e induzir mudanças de comportamento. Excesso de trânsito, barulho, incômodo, mudança na rotina de vida, bagunça, caos são alguns dos argumentos que vão ao encontro de “circuito inferior”, tanto na queixa de moradores quanto em matérias divulgadas pela mídia.

Talvez, “bagunça organizada” seja uma expressão mais adequada, compatibilizando duas formas de organização aparentemente antagônicas. A rua é uma “bagunça”, na medida em que as regras emergem, não se fazem verdades absolutas; cada empreendimento do “circuito inferior” é singular, cada um de seus comerciantes tem seu modo específico de operar. São vários tipos de empreendimentos que coabitam no espaço, cada qual buscando se distinguir pela mobilização de capitais econômicos, sociais, culturais, simbólicos e espaciais específicos. Por outro lado, é organizada, ao compreender acontecimentos que se processam segundo uma rotina diária de operação. No entanto, diferentemente de uma lógica mecanicista de produção, própria da engenharia e da gestão moderna, a racionalidade é orientada pelos métodos práticos, criados, apropriados e compartilhados pelos empreendedores, configurando a rua como realidades “organizadas”, possibilitando a autorregulação e a adaptabilidade constantes, por meio de arranjos, “gambiarras”, “jeitinhos”, combinações e permutações (SANTOS, 2012; 2002; TEDESCO, 1999; GARFINKEL, 1990).

Tal dinâmica inclui, também, misturas entre trabalho regulado e não regulado. Recorrendo, uma vez mais, a Santos (2012: 203), pode-se apontar que

o emprego no circuito inferior é uma realidade difícil de definir, pois compreende tanto o trabalho mal remunerado como o trabalho temporário ou instável. [Logo,] em que critérios se apoiar para separar emprego e subemprego, de um lado, e subemprego e desemprego, de outro? E que dizer do trabalho irregular?

De qualquer modo, as formas de regulação e adaptação das relações de trabalho na Santa Juliana operam segundo dispositivos que se espraiam, ocupando o conjunto do espaço, possibilitando inovações, mas também que todos sejam controlados e controlem. Respeitando normas consuetudinárias, a rua acolhe, socializa, mas, igualmente, exclui (SANTOS, 2012).

Já quando o tema se direciona à análise das relações entre os agentes sociais envolvidos na dinâmica da Santa Juliana, a primeira constatação é de dificuldade quanto a se obter referências de “lideranças” locais. Se, por um lado, tal achado pode sugerir a ausência de protagonistas, por outro lado, pode ser indicativo de formas mais coletivas de se exercer influência, sem maiores protagonismos individuais. Poderia, ainda, refletir pouca relevância – ou importância – atribuída a tal dimensão. De qualquer forma, o conjunto dos dados empíricos aponta para a ausência de unanimidade quanto a nomes de destaque nas iniciativas locais e, em particular, nas conquistas recentemente obtidas para o logradouro.

Dentre os empreendedores mais recentes, a dificuldade de apontar líderes locais é ainda mais nítida, muito embora esperada em virtude da pouca inserção na comunidade local. Não obstante, sugerem novas formas de mobilização:

Eu acho que tem mais a organização de todos. Todos sentam juntos e pensam: vamos fazer isso e aquilo. Não pode é não ter organização, faltar organização. O importante é cada um, como “líder” tentar comunicar um com o outro para ter aquela visão mais coletiva e falar assim: “isso está nos prejudicando. Fulano, você pode fazer alguma coisa?” O segredo é ter comunicação (Relato, Entrevista 37).

Eu não sei. Estou há pouco tempo aqui. Não faço ideia das lideranças locais (Relato Entrevista 9).

Agora na questão da Rede [Rede de Comerciantes Protegidos] eu ainda não participei de nenhuma reunião. Eu não cheguei a participar, não, eu marquei de ir, mas é uma vez no mês e não deu para eu ir. Mas eu pretendo participar. Mas tem, eles se reúnem, e juntos têm conquistado muita coisa (Relato, Entrevista 3).

Muito embora relatos possam sugerir, em relação aos empreendedores mais recentemente instalados no logradouro, posturas mais individualistas e pragmáticas, com forte orientação de seus negócios a resultados e à incorporação de metodologias e práticas de gestão mais

científicas, outros fazem menção à habilidade de novos entrantes na compreensão de valores, crenças e jeito de ser locais, por exemplo, o diretor da Felt Elétrica, Eduardo Rios. Reconhecido como fortemente engajado nas iniciativas ligadas à segurança pública, suas ações têm sido reconhecidas por diversos respondentes pelo empenho e capacidade de assimilação do estilo local, muito provavelmente, por sua origem na cidade. Por seu protagonismo na criação da Rede de Comerciantes Protegidos da Santa Juliana, Rios tem sido, repetidamente, apontado como uma das principais lideranças emergentes. Suas habilidades na articulação, domínio da linguagem local e de sua decodificação e encaminhamento a entidades de classe, como o CDL-Sete Lagoas e o SindComércio-Sete Lagoas, colocam-no como importante porta-voz e elo de conexão entre as demandas locais e representantes políticos da cidade.

Já os empreendedores mais antigos, fatores como o vínculo histórico com a comunidade e o amplo conhecimento do mercado local lhes conferem nítidos elementos de diferenciação e vantagem competitiva. As conexões, relacionamentos e reputação historicamente construídos junto a vizinhos e clientes – “fregueses” – favorecem laços fortes de confiança e intensos vínculos afetivos, permitindo-lhes posições privilegiadas nas dinâmicas de influência e formação de opinião local.

Nessa direção, destacam-se relatos sobre figuras locais, como o comerciante José Aparecido – “Peixeiro” – ex-candidato a vereador e liderança comunitária de relevo na região, quer pelos fatores mencionados quer ainda por seu envolvimento em diversas iniciativas sociais e de melhoria das condições de vida local:

O comerciante José Aparecido, o Peixeiro, é outro líder da região e há 12 anos está à frente da Peixaria Santa Juliana. Candidato a vereador na última eleição – não foi eleito, mas teve expressivos 723 votos – cobra maior atenção da Prefeitura de Sete Lagoas. "O trânsito é intenso e rápido, mas não existe faixa de pedestre, nem mesmo em frente à E. E. Sátiro Alvim. Também precisamos de um sistema de captação de águas pluviais. Toda enxurrada que vem das ruas Tropical e Av. Mantena desemboca com mais de um metro de altura na Santa Juliana", conta (JORNAL SETE DIAS, 09/09/2013).

**Figura 78.** Rua Santa Juliana, Trecho 2 (Serviços)



Foto: Acervo José Aparecido “Peixeiro”

A complementariedade de conhecimentos, habilidades e atitudes entre moradores e comerciantes, em particular os mais antigos, é, igualmente, e de forma reiterada, apontada como potencialmente significativa à obtenção de novas melhorias para a rua. Segundo relatos, caso se verifique uma bem articulada conjugação entre capitais “simbólicos”, aportados pelos moradores e comerciantes mais antigos, e capitais “econômicos” e “gerenciais”, incorporados pelos novos entrantes, ter-se-ia a possibilidade de resultados mais eficazes, isto, por meio da integração entre legitimidade e profundo conhecimento da realidade local, seus valores, crenças e comportamentos, propiciados pelos primeiros, à energia, formação acadêmica e redes de relacionamentos dos segundos.

Desse modo, a habilidade dos novos entrantes em superar “barreiras invisíveis”, associadas a códigos não verbais, aos “conhecimentos tácitos” e ao jeito de ser local – como a “mineiridade” –, revela-se essencial a uma inserção mais efetiva na dinâmica local. Superar obstáculos como a “desconfiança”, o “estranhamento”, provocados por choques geracionais de estilo de vida e comportamentos pouco familiares às relações tradicionalmente registradas pelos moradores, bem como a idealização de modelos de negócios e de gestão pouco aderentes ao perfil do mercado local são apontados como principais desafios àqueles que ali passam a residir ou a construir seus negócios.

Em outros termos, relatos apontam para a dominância de uma forte cultura relacional, com traços, ainda hoje, marcados por arquétipos como os “laços de amizade” e de “parentesco”, conferindo destaque às “origens comuns” e competências associadas ao manejo de capitais sociais e relacionais.

Práticas de gestão comuns a diversos empreendimentos locais denotam a relevância de relações de confiança, bem como de relações comerciais que se notabilizam pelo interpessoal e pela informalidade, como o “fiado”, a “caderneta” e outras formas de crédito. No mais, a tecnologia para se planejar o negócio é bastante artesanal, e os empreendimentos são dotados de poucos equipamentos informatizados (SANTOS, 2012):

Os clientes mais antigos têm mais confiança, mas os outros também fazem bastante isso, deixam a chave e falam assim: “vai lá em casa e busca o carro”. E... Isso tem demais (Relato, Entrevista 7).

A gente tem fiado [...] Aqui sem fiado, sem crediário, ninguém vende. A renda per capita aqui é muito baixa, muito baixa (Relato, Entrevista 39).

**Figura 79.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)

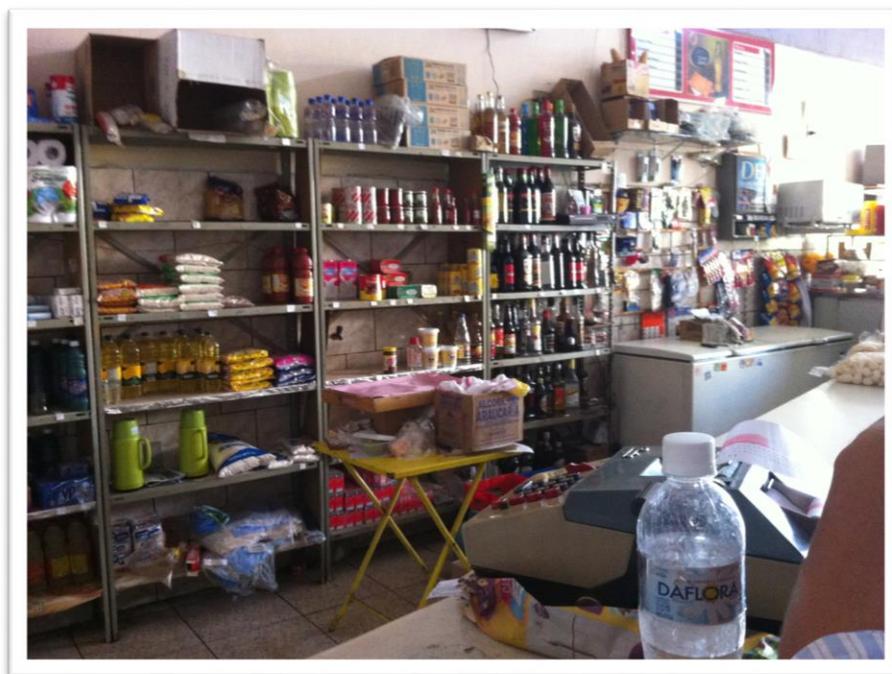


Foto: Entrevistado

Nesse contexto, o principal fator de distinção entre empreendedores mais antigos e mais recentes sustenta-se nas “formas de fazer negócio”. Reportando a termo recorrentemente empregado pelos respondentes, a diferenciação encontra-se na “sabedoria” desses

comerciantes, tanto em ler adequadamente o ambiente e assimilar as tendências, adaptando-as à gramática local, quanto em ofertar mercadorias e serviços aderentes aos gostos e padrões de consumo do mercado, por meio de uma linguagem facilmente internalizada por seus clientes e fornecedores, permitindo-lhes maior flexibilidade e poder de barganha.

A capacidade de articulação desse conjunto de capitais e competências apresenta-se determinante quando na análise da longevidade dos empreendimentos mais antigos. O Quadro 10 apresenta a expansão vivenciada pelo comércio na Santa Juliana, apontando o quantitativo de empreendimentos, atualmente cadastrados na via, por ano de fundação.

**Quadro 10.** Rua Santa Juliana: cronologia dos empreendimentos

Ano	Número de Estabelecimentos Comerciais ainda Ativos
<b>1976-1989</b>	30 estabelecimentos: bares, varejo alimentício, serviços básicos (chaveiro, costureira, eletricista, dentre outros), sendo 13 novos estabelecimentos inaugurados entre os números 2.501 e 3000.
<b>1990-1995</b>	64 estabelecimentos: bares, varejo diversificado (brinquedos, calçados, vestuário, dentre outros), serviços básicos (chaveiro, costureira, eletricista, dentre outros), serviços especializados (locadora, buffet para eventos), sendo 27 novos estabelecimentos inaugurados entre números 1.500 e 3.000.
<b>1996-2000</b>	103 estabelecimentos: bares, varejo diversificado (brinquedos, calçados, vestuário, perfumaria, jornais e revistas, revenda de automóveis, dentre outros), serviços básicos (chaveiro, costureira, eletricista, dentre outros), serviços especializados (locadora, buffet para eventos, jogos eletrônicos, consultorias, clínicas odontológicas, dentre outros), sendo 46 novos estabelecimentos inaugurados entre números 1.500 e 3.000, 27 entre 2.500 e 3.000 e 11 acima do número 3.500.
<b>2001-2005</b>	98 estabelecimentos: bares, varejo diversificado (brinquedos, calçados, vestuário, perfumaria, jornais e revistas, revenda de automóveis, dentre outros), serviços básicos (chaveiro, costureira, eletricista, dentre outros), serviços especializados (locadora, buffets para eventos, jogos eletrônicos, consultorias, clínicas odontológicas, dentre outros), sendo 43 novos estabelecimentos inaugurados entre números 2000 e 3.000 e 10 acima do número 3.000.
<b>2006-2010</b>	130 estabelecimentos: bares, varejo diversificado (brinquedos, calçados, vestuário, perfumaria, jornais e revistas, revenda de automóveis), serviços básicos (chaveiro, costureira, eletricista, dentre outros), serviços especializados (locadora, buffet para eventos, jogos eletrônicos, consultorias, clínicas odontológicas, academias de musculação, dentre outros), sendo 28 novos estabelecimentos inaugurados entre números 2500 e 3.000.
<b>2011-2014</b>	206 estabelecimentos: bares, varejo diversificado (brinquedos, calçados, vestuário, perfumaria, jornais e revistas, revenda de automóveis), serviços básicos (chaveiro, costureira, eletricista, dentre outros), serviços especializados (locadora, buffets para eventos, jogos eletrônicos, motel, consultorias, clínicas odontológicas, academias de musculação, dentre outros), sendo 34 novos estabelecimentos inaugurados entre os números 2500 e 3.000: maior distribuição ao longo da via.

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Pelos dados do Quadro 8, é possível constatar, no período que se estende de meados da década de 1970 até o final dos anos 1980, baixa diversidade de funções, com destaque para bares e

prestadores autônomos de serviços, tais como chaveiros, pedreiros, costureiras, carpinteiros, eletricitas, dentre outros (APÊNDICE M).

Já pelos dados do Apêndice N pode-se constatar, dentre os atuais empreendimentos ativos na Santa Juliana, 67 abertos no período entre 1990 e 1995, envolvendo 14 tipos distintos de ramos de atividade.

Ainda segundo dados da Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014), entre 1996 e 2000, registra-se a abertura de 103 dos empreendimentos atualmente em operação na Santa Juliana, sendo 19 inaugurados em 2000, ano do início das obras de instalação da planta da Iveco, na MG-238. O conjunto dos empreendimentos, naquele momento, é ainda de baixa diferenciação, com destaque para o comércio varejista e de prestação de serviços básicos, como manicure, barbeiro e serralheiro.

Entre 2001 e 2005, por sua vez, é registrada a abertura de 98 novos empreendimentos dentre os atualmente cadastrados para o logradouro, ainda com o domínio de estabelecimentos voltados ao comércio varejista e serviços básicos (APÊNDICE O). O período 2001 a 2005, por sua vez, contribuirá com 100 novos empreendimentos dos atuais, registrando ampliação significativa na diversidade de atividades (APÊNDICE P). O processo de diversificação do comércio na Santa Juliana será, portanto, incrementado no período 2001-2005, mantendo o ritmo expansionista ao longo dos anos de 2006 e 2010. Nesse intervalo, é possível verificar aumento significativo no volume de novos empreendimentos, 130 dos quais ainda ativos, a maior parte deles representada pelo comércio varejista. Destaque, no entanto, cabe ser dado à atração de serviços especializados, como clínicas odontológicas e escritórios de consultoria e contabilidade (APÊNDICE Q).

O maior salto na diversificação dos usos e funções da Santa Juliana se dará, todavia, entre os anos de 2011 a 2014, com 206 novos empreendimentos ainda em operação, envolvendo 27 diferentes ramos de atividades (APÊNDICE R).

Dentre os principais fatores de crescimento e diversificação, notadamente a partir dos anos 2000, relatos reiteram a instalação de grandes plantas industriais na região, como a Iveco, em 2000, e a AmBev, em 2010. A emergência da região da MG-238 como novo distrito industrial,

tendo na Santa Juliana principal eixo de acesso a Sete Lagoas, é, de forma recorrente, indicada como fator que confere à rua uma posição geográfica estratégica na atração de novos empreendimentos comerciais e de serviços:

É, depois também que instalaram aquelas fabricas, né!? Da Iveco e tal, aqui cresceu muito (Relato, Entrevista 1).

Carro? Passa muito carro, passa os ônibus da Iveco. Tudo aqui. Aí fica [...] Tem vez que assim nos horários de pico [...] A rua fica assim com muito movimento (Relato, Entrevista 2).

A rua sempre foi muito movimentada, né!? Agora com a Iveco fez foi movimentar mais ainda, né!? (Relato, Entrevista 14).

A Santa Juliana hoje é uma rua, uma estrada e praticamente um início de rodovia. São três coisas em uma só (Relato, Entrevista 12).

Olha, pessoas circulando tem sempre, até porque aqui é um ponto de ônibus e carro passa toda hora, então principalmente no início, a gente percebia que as pessoas ficavam olhando, tipo: “Ah, uma loja nova”. Ficam sempre olhando pra ver se tem loja nova. Mas como eu falei eu gosto muito da movimentação da rua por causa disso, as pessoas veem as lojas, veem o crescimento (Relato, Entrevista 8).

Para esses empreendedores, consonante com o defendido por Jacobs (2011), tais transformações locais são diretamente correlacionadas à vitalidade de seus empreendimentos locais, bem como à emergência de novas oportunidades de negócios:

Tem muita oportunidade. Para hoje a pessoa começar uma empresa ela tem, no entanto, que saber o que faz. Então, estando aqui, a gente vê. Tem a movimentação, tem a cidade crescendo para esse lado. Então se a pessoa realmente souber o que faz, souber fazer uma coisa legal, pode dar certo sim. Então eu vejo muita oportunidade aqui. E eu estou insistindo (Relato, Entrevista 14).

Aqui é um dos melhores pontos da cidade. O cara desce da Iveco. Ele recebeu o pagamento dele. Ele vai no barzinho, a mulher dele vai na feira, vai na loja de presentes, vai na farmácia, tudo aqui (Relato, Entrevista 11).

Se você souber colocar bem uma placa na porta da sua loja ou pintar bonitinho, o pessoal vai passar e vai falar: ‘O que é aquilo ali?’ Às vezes, a criança está no carro e fala: ‘Pai eu vi uma *lan house*’. E ele vem aqui e fala: “Eu não tinha visto, meu filho que estava no carro e viu a sua loja pintada ali e tal”. Eu estava acabando de pintar a loja. Então, a visibilidade e o fluxo de pessoas aqui estão ajudando muito (Relato, Entrevista 6).

Tanto a pé quanto de carro é muito, mas muito movimento mesmo. [...] Inclusive de noite também tem movimento. [...] De noite, o fluxo aqui é muito grande. É que eles usam essa rota aqui pra atravessar, para chegar nos outros bairros lá na frente. Então, o movimento é de dia por causa do comércio e de noite também (Relato, Entrevista 37).

O movimento é à noite e pela manhã. A noite principalmente por causa da Iveco, né!? Os ônibus da Iveco passam todos aqui. Todo mundo indo e voltando (Relato, Entrevista 26).

Um corte transversal nos dois planos que compõem o modelo teórico delineado para a análise da dinâmica da Santa Juliana - plano dos objetos e plano das relações - permite, igualmente, vislumbrar, em plena operação, os dois circuitos da economia descritos por Santos (2008): os Circuitos *Superior* e *Inferior*.

Conforme salienta Santos (2008), muito embora com origens comuns nos processos de “modernização tecnológica” ambos os circuitos se articulam com impactos seletivos sobre a dimensão espacial. Isto, dadas as diferenças na difusão de informação e de novas formas de consumo, bem como nas tecnologias e formas de organização incorporadas pelos empreendimentos.

Nessa direção, exame dos negócios da Santa Juliana - *Empreendimentos Tradicionais* e *Empreendimentos Bricoleurs* - evidencia características típicas do *Circuito Inferior vis-à-vis* o *Circuito Superior*: tecnologia “trabalho intensivo”; organização primitiva; capitais reduzidos; emprego volumoso; assalariamento não obrigatório; estoques em pequena quantidade e qualidade inferior; preços submetidos a discussão entre vendedor e comprador (*haggling*); crédito pessoal e não institucional; margem de lucro elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume dos negócios; relações diretas e personalizadas com a clientela; custos fixos desprezíveis; publicidade nula; frequente reutilização dos bens; *overhead capital* dispensável; ajuda governamental nula ou quase nula; dependência direta do exterior reduzida ou nula (SANTOS, 2008). Isto, com reflexos diretos na mobilização - ou não - de capitais econômicos, sociais, culturais, simbólicos e também espaciais.

Como observa Santos (2008: 266), tais características – bem como os capitais aplicados em sua operacionalização – não agem isoladamente. Ao contrário fazem parte de uma rede de relações que se inscreve em situações que variam no tempo e no espaço. Em relação ao tempo, “[...] para a mesma cidade, um fator poderá contribuir para o crescimento de um circuito depois do outro, em função do momento histórico responsável por um certo arranjo funcional”. Já quanto ao espaço “[...] as combinações das variáveis tomam formas particulares de acordo com o lugar”.

De fato, alterações na organização dos transportes coletivos - e ou individuais - acarretariam impactos significativos nas estratégias de complementaridade e na concorrência entre

empreendimentos de ambos os circuitos atuantes no raio de influência da Santa Juliana. Igualmente, a abertura - ou resistência - à incorporação de atividades “modernas” pelas populações dos bairros populares de seu entorno, bem como das recém-chegadas das cidades rurais vizinhas pode requerer manejo singular de capital cultural. De forma similar, em nível do capital econômico, a instância do crédito e, em particular suas formas não-institucionais – crédito pessoal – apresentam-se fundamentais ao circuito inferior, assegurando a manutenção ou a criação de suas atividades não-modernas.

Um outro aspecto associado ao entrelaçamento dos dois circuitos, conforme aportado por Santos (2008), diz respeito à associação direta entre os dispositivos do circuito superior e a esfera da produção, empiricamente constatado no caso das grandes empresas situadas na extensão da Santa Juliana – Ambev, Iveco, Carterpillar. Isto, enquanto a massa dos empreendimentos da rua se dirige preponderantemente ao “consumo”, às necessidades cotidianas da população, aos dispositivos do circuito inferior. Nesse sentido, poder-se-ia explicar, inclusive, conflitos e contradições vivenciados pelos empreendimentos comerciais “modernos” da via. Posicionados no “espaço-entre” circuitos lhes são demandadas competências que permitam mediar os impactos da adoção de mecanismos de circuito estranho ao local. Ainda fracamente permeada por uma classe média – cujos gostos e padrões de consumo tendem a se ligar, por “efeito-demonstração”, ao circuito superior – a realidade da Santa Juliana apresenta-se um desafio ao comércio moderno, com seus produtos padronizados e indivisíveis, bem como pelo caráter impessoal das relações entre os agentes.

Muito provavelmente em virtude desse aspecto, não obstante a elevada densidade de empreendimentos na Santa Juliana, não se obtêm relatos quanto a acirramento da concorrência. O discurso da “concorrência saudável”, da “ajuda mútua”, da “complementaridade” e da “competição com a região central da cidade, e não entre eles” é recorrente.

De qualquer forma, do processo de diversificação constatado se pode extrair especificidades entre os empreendimentos como, por exemplo, a adoção, pelos empreendimentos do *Circuito Inferior - Empreendimentos Tradicionais e Empreendimentos Bricoleurs* - de procedimentos de gestão mais “simples” e “menos burocráticos”, em particular nos processos de financiamento e gestão da inadimplência, promoções e descontos, bem como de “vendas casadas”, dificilmente possibilitadas nos empreendimentos maiores, mais impessoais e padronizados.

A predominância de tais modelo de negócios e gestão, bem como a própria pulverização das atividades dos empreendimentos do logradouro pode, a partir de Santos (2008), ser explicada em bases tanto socioeconômicas, quanto espaciais. Por um lado, não se pode ignorar o custo de transporte como fator restritivo ao acesso dos consumidores ao comércio da região central da cidade, impulsionando as compras locais. Igualmente, a densidade, variedade e distribuição das lojas, bem como o tamanho reduzido das quadras nas áreas mais comerciais da via, não podem ser desprezados como favorecedores das possibilidades de compras a pé ou os custos de entrega a domicílio a serem pagos pela clientela dos bairros populares, vizinhos à Santa Juliana. Por outro lado, a própria dimensão dos *Empreendimentos Tradicionais e Bricoleurs* constitui uma adaptação a um consumo pequeno e irregular. Da mesma forma, as vendas fracionadas e em pequenas quantidades, no microvarejo, são francamente aderentes à renda da população local. Porém, indiscutivelmente, serão as políticas de atendimento e crédito, os componentes essenciais à vida desses empreendimentos (JACOBS, 2011; BOURDIEU, 2010; SANTOS, 2008).

De fato, o intenso convívio local, os fortes laços de relacionamento com parentes, amigos e familiares de seus clientes, as relações de amizade e de “compadrio” permite à maioria desses empreendedores redução nos custos de transação e formas de gerenciamento mais flexíveis. Quer pelo “fiado” - ou mesmo formas criativas de “escambo” - estoques são girados, negócios não diretamente associados ao empreendimento vão sendo incorporados, assegurando a reprodução de dispositivos centrados no conhecimento local e nas redes de relacionamento. Características as quais compreendem componentes tácitos - *savoir-faire* - dificilmente explicitáveis e formalizáveis, senão apreendidos no cotidiano local das relações e do “fazer negócio”. Logo, mais sutis e de internalização mais delicada, por parte dos empreendedores mais recentes.

De fato, muitos dos acordos e desentendimentos entre agentes locais dependem do conhecimento e compartilhamento do significado do discurso social, que é tácito. São as regras não ditas, mas executadas. Compreender seus múltiplos significados requer, no entanto, competência social e conhecimento do contexto.

Uma vez mais, retomando à noção de *Circuito Inferior* (SANTOS, 2008), tais capacidades dizem diretamente respeito à habilidade de conduzir economicamente o “negócio”, compreender o “texto” social, impresso nos pequenos detalhes que singularizam as relações, mas que não se oferecem em manuais. A aprendizagem das regras e da “arte” do negócio se dá no dia-a-dia. Conforme salienta Sato (2012), alcançar a posição de empreendedor no universo da rua é um processo, em que a convivência vai, aos poucos, circunscrevendo os limites e as possibilidades. A capacidade de escuta e formas específicas de articulação tempo-espaço conferem a esse grupo abordagens e metodologias de mediação e antecipação de conflitos que são, portanto, singulares.

Uma vez mais, os nossos dados parecem corroborar Santos (2008: 277), quanto afirma que no contexto do “Terceiro Mundo”, novas abordagens teórico-metodológicas se fazem necessárias à compreensão da natureza específica de sua dinâmica sócio-econômico-espacial, sendo essa última dimensão – espacial – imperiosa na medida em que sua organização “[...] pelos dois circuitos compreende: 1. as atividades capazes de uma macroorganização do espaço; 2. as atividades incapazes de uma macroorganização do espaço”. E acrescenta, “[...] o Estado e as atividades do circuito moderno, em particular os monopólios e as firmas multinacionais, constituem os dados essenciais da macroorganização do espaço. As atividades do circuito inferior têm seu alcance limitado a espaços restritos”.

No caso da Santa Juliana, no que tange à defesa de seus interesses junto aos agentes públicos, os dispositivos são, igualmente, de forte componente relacional. O apelo a laços de parentesco e de amizade, a “troca de favores eleitorais”; a intermediação de um terceiro, de um “conhecido comum” na negociação; a “fala mansa”; a “costura pelas bordas” são algumas das táticas descritas como típicas de empreendedores mais antigos. Em geral, as demandas direcionam-se a melhorias na infraestrutura urbana – tapa-buracos, consertos no sistema de água e esgoto, limpeza da via e capina de lotes, troca de lâmpadas da rede de iluminação pública, alterações na rota e em pontos de coletivos e intensificação de rondas policiais.

Concomitantemente, registram-se depoimentos que dão conta do descaso do poder público frente a um planejamento mais de longo prazo. Não obstante, registra-se volume significativo de pedidos de providências e requerimentos, protocolados por agentes do legislativo junto à prefeitura, envolvendo ampla gama de demandantes e temas:

Eu vejo sim, lideranças. Igual tem o Vaguinho, da Cê Ki Sabe, o Adão Bastos ali da Casa de Carnes Bastos. O Zé da Mantena, o Tião da mercearia. As pessoas mais antigas no bairro. Isso porque, a partir do momento que você tem um comércio, que você tem dez clientes, você entra em liderança. Se você candidatar a vereador e ganhar dez votos, você já é um líder. Você tem dez pessoas que confiam em você (Relato, Entrevista 13).

[...] Eu era o presidente da Associação Comunitária do Bairro Emília, aí fomos de casa em casa, pegamos o nome da rua, o nome dos moradores, o número da casa e levamos. Assim se podia fazer o padrão na casa dele, daqueles que autorizo, levei aquele pedido todo lá pro Eustáquio, lá na Elétrica Canaã. Daí ele veio e fez o padrão, daí mais ou menos uns 40 ou 50 dias, a Cemig já estava com os postes aí iluminando o bairro todo. Aí foi, foi aquela evolução (Relato, Entrevista 23).

Por exemplo, diminuiu muito o número de acidentes de trânsito na rua, porque nós mesmos cortamos na própria carne, reunimos duas vezes ali na Felt Elétrica com técnicos da companhia local de trânsito, a Celtrans, depois com o prefeito e mais uma reunião com o Clube de Diretores Lojistas e com mais outras autoridades e ficou decidido que eles queriam colocar mão única aqui. Ai nós não aceitamos, nós optamos então por privar o estacionamento de um lado da rua. Estacionar só de um lado, deixando o outro lado ser proibido de estacionar. Então fizeram assim (Relato, Entrevista 23).

Agora que eles da prefeitura estão começando a mexer aqui. Dizem que vai melhorar, que vão colocar uma faixa de pedestre aqui na porta da escola. Tirei várias fotos aí pra ver o horário que os meninos estão saindo da escola, é difícil a faixa de pedestre aí. Já pedimos várias vezes a faixa de pedestre e eles não fizeram (Relato, Entrevista 2).

*E quanto aos moradores, você sabe se tem algum vereador que representa vocês?*  
Não. Isso eu não sei te falar, eu acho que a rede, a rede de vizinho também ainda não tem aqui (Relato, Entrevista 28)

Com a ampliação do comércio e atração de empreendimentos de maior porte – mais “profissionalizados” –, mudanças podem ser notadas tanto na emergência de novas lideranças quanto no estilo por elas adotado. Nessa direção, uma promissora possibilidade consiste em uma maior articulação entre comerciantes e moradores na direção de comportamentos mais coletivos. Ao invés da busca por soluções pessoais, por meio de redes tradicionais de relacionamento, posicionamentos poderiam ser articulados via grupos ou associações, como a RCP:

É o seguinte: muitas vezes as ações sociais principalmente, elas surgem, emergem normalmente de um problema que a pessoa passou. Às vezes, você tem uma entidade que cuida de câncer e aí vai ver alguém que perdeu um parente muito querido resolveu abraçar essa causa. E essa rede não surgiu por isso não, porque eu nunca tinha sido assaltado quando eu montei a rede, quando nós montamos a rede, nunca. Aliás, pelo contrário, depois de um ano de rede eu fui assaltado pela primeira vez lá, mas o índice de criminalidade da rua caiu muito, caiu 30, 40%, entendeu? Mas é o risco que a gente corre. [...] Então, a rede surgiu, como eu disse naturalmente, a gente conversando, vamos fazer, começou alguns a se reunirem, a CDL me parece que demandou isso na época, me procuraram, na época o gerente era o Tarcísio. E a gente: “não, vamos fazer

sim”. E começamos a nos reunir e agora mensalmente tem a reunião (Relato, Entrevista, 19).

A experiência desenvolvida junto à RCP é recorrentemente apontada por seu papel na interação de distintos capitais – econômicos, sociais, culturais, simbólicos. Isto, na medida em que se constitui em *loco* privilegiado de articulação entre a “sabedoria” dos mais antigos e a capacidade econômica e acadêmica dos gestores e empresários dos grandes empreendimentos recém-implantados na rua:

Agora a gente tem uma rede de contatos, a gente chama de rede de vizinhos que a gente mantém contato sempre devido pra gente aqui ainda é bom que a gente está mais distante, então questão de assalto essas coisas a gente tem a Rede. [...] É uma parceria com a polícia militar, né, então a gente tem um grupo que a gente chama de comércio protegido, é como se fosse a rede de vizinhos protegidos, então a polícia também escolheu aqui pra começar esse projeto, que é um projeto novo, né, um projeto teste piloto pra testar exatamente por causa disso, por causa do fluxo, por ser um centro comercial novo, então o nosso relacionamento é esse, a gente tem esse relacionamento a gente tem um grupo no *WhatsApp*, então qualquer coisa que acontece com relação à segurança a gente manda nesse grupo, então é um contato, eu acho que é uma forma de contato bacana, porque eu fico sabendo de tudo, que se acontecer uma coisa lá na frente eu sei aqui através desse *WhatsApp*, a gente faz reunião mensal, então o contato que a gente tem de comerciante é esse e eu acho que é um contato legal, porque a gente está todo mundo junto, se eu precisar de qualquer coisa eu conheço o Rene ali, daí, meu Deus, eu esqueci, mas da loja aqui da frente então, se eu precisar, eu sei que eu posso contar com ele [...] eu sei que eu posso contar com todo mundo, então todo mundo, eu conheço todo mundo, porque a gente vai nas reuniões, então a gente tem esse contato [...]. É, o Eduardo cede o espaço pra gente [...] Mensal, geralmente, é a primeira segunda-feira do mês, aí vai o representante da polícia, vai o representante geralmente de cada loja. [...] Segurança é assunto das reuniões (Relato, Entrevista 11).

A capacidade “antropofágica” dos diferentes agentes envolvidos – com seus diferentes *backgrounds*, conhecimentos e habilidades – caso abertos à assimilação das diferenças, convertendo-as no fortalecimento de uma causa comum, é descrito como fator preponderante para a efetividade do grupo na conquista de objetivos mais abrangentes e de longo prazo. Tais abertura, flexibilidade e plasticidade do grupo em integrar especificidades, limitações e pontos fortes são salientados como fator crucial de conversão de causas pontuais e isoladas em propostas comuns e coletivas, favorecendo diferentes grupamentos de agentes envolvidos.

A ideia de levar o assunto para o coletivo, formalizar, priorizar e identificar os canais e formas mais adequadas de pressão política, incluindo relações mais institucionalizadas – e não meramente personalistas – com outras entidades, tais como o CDL-Sete Lagoas, o SindiComércio-Sete Lagoas, a Polícia Militar; além do acesso – por meio das áreas de comunicação dos grandes empreendimentos – à imprensa local, são indicados como fatores centrais à maior visibilidade e força na defesa dos interesses em jogo.

Um mérito do movimento parece ter sido sua opção em partir do “meio”, para “baixo” e de “baixo” para “cima”. Isto é, um passo a passo, envolvendo: 1. articulação entre as demandas locais, a partir da mobilização de comerciantes ou gestores profissionais dos empreendimentos de maior porte instalados na rua, muitos dos quais com experiências prévias na articulação de redes, como a RCP, em suas sedes e ou filiais; 2. envolvimento de parceiros legitimamente reconhecidos pela comunidade local, muitos deles já objeto de relacionamento de comerciantes locais, tais como a Polícia Militar, o CDL-Sete Lagoas, o SindiComércio- Sete Lagoas e imprensa; 3. engajamento desses diferentes parceiros em reuniões, encontros e debates, incluindo convites a gestores públicos e político, iniciativas cruciais para a implicação do “topo” e do estabelecimento de canais para endereçamento e acompanhamento de pedidos de providências e requerimentos legislativos, assim como projetos técnicos desenvolvidos por secretarias e órgãos da administração pública, bem como ações de planejamento de mais longo prazo envolvendo a Santa Juliana e região.

Relatos evidenciam, nesse sentido, o papel de relevo assumido pela temática da segurança, elemento aglutinador dos diferentes agentes sociais envolvidos com a rua. Muito embora comerciantes entrevistados tenham manifestado certo ceticismo, bem como “receios” ou “desconfianças” quanto a um envolvimento direto na RCP, foi unânime o reconhecimento de sua causa e apoio, mesmo que indireto. Muitos dos entrevistados, no entanto, justificavam a não participação direta na rede alegando preferir esperar pelos primeiros resultados, evitando, desse modo, a inserção na “primeira onda”. Para vários deles, tal “precaução” associa-se, não raro, ao tamanho:

[... ] somos tão pequenos e, comparando com muitos, nossos recursos financeiros, intelectuais e até técnicos vão contribuir muito pouquinho. Ihhh... ainda mais se comparar com os grandes comércios daqui (Relato, Entrevista 3).

Outros, sob perspectivas mais individualistas declaram que,

[...] melhorias [...]. Sim, mas vão acabar melhorando pra todos. Assim, sou muito modesto, meu comércio é pequeno demais. Vamos aguardar pelas melhorias que um grupo tão forte como a Rede pode conseguir. Não vejo necessidade de um estabelecimento como o meu lá não (Relato, Entrevista 3).

O aumento dos índices de criminalidade, os assaltos e furtos constantes aos comércios e moradores locais, assim como a violência no trânsito constituíram, no entanto,

indiscutivelmente, os “estopins” para uma reação comunitária mais “orquestrada” e “organizada”, convertendo-se em uma “causa” de visibilidade e reconhecimento, muito embora ainda sem maiores articulações, por parte do conjunto de moradores e comerciantes da rua, bem como por lideranças comunitárias dos bairros que a margeiam:

Nós temos uma rede de segurança de lojistas do Santa Juliana que inicia aqui na escola e para só lá em cima, na Felt, na saída do trevo (Relato, Entrevista 1).

Em questão de segurança tem uma reunião mensal com a Polícia Civil (Relato, Entrevista 17).

Além da violência, problemas associados à infraestrutura viária e de mobilidade foram paulatinamente incorporados à pauta das reuniões da RCP, possibilitando a ampliação do escopo do grupo e a aplicação também para eles de abordagens mais coletivas e participativas. Dados apresentados sobre pedidos de providência e requerimentos apresentados por vereadores locais à prefeitura municipal, no período 2008 a 2015, corroboram os relatos obtidos por meio de entrevistas. Por eles, registram-se 91 solicitações entre pedidos de providências e requerimentos, sendo 65 relativas a melhorias na mobilidade urbana, 11 a limpeza pública e capina de lotes vagos, 11 a melhorias na infraestrutura de saneamento e rede pluvial e de esgoto, 3 a melhorias na iluminação pública e uma direcionada a melhoria nos equipamentos de lazer e recreação. Outras 4 solicitações associam-se a melhorias na segurança pública, conforme sintetizado na Tabela 4.

**Tabela 4.** Solicitações protocoladas pela Câmara Municipal – Período 2008-2015

<b>Esfera</b>	<b>Número de Pedidos de Providências e Requerimentos</b>
Mobilidade Urbana	65
Limpeza Pública	11
Saneamento Básico	11
Segurança Pública	4
<b>TOTAL</b>	<b>91</b>

**Fonte:** Elaborada pelo autor a partir de dados da Câmara Municipal de Sete Lagoas (2015).

Um dado, no entanto, fundamental refere-se à redução da mobilização e envolvimento de moradores e usuários frequentes da Santa Juliana nas reuniões promovidas pela RCP, bem como em causas associadas à rua. Muito embora, como o próprio nome sinaliza, a rede tenha como foco os comerciantes, seria significativo a parceria também com moradores e usuários habituais.

Tal constatação, inclusive, vale destacar, não se apresenta de forma isolada. O conjunto dos relatos e documentos analisados evidencia uma redução sistemática da participação de moradores da Santa Juliana em iniciativas voltadas às causas associadas à via. Quer em decorrência da expansão desenfreada do número de estabelecimentos comerciais, quer pela diminuição do número de moradias, o fato é que os comerciantes assumem papel cada vez mais protagonismo nas pautas e decisões que envolvem a vida cotidiana da rua. Análise de requerimentos apresentados por vereadores, junto à Câmara Municipal, são ilustrativos da substancial diminuição, ao longo do tempo, do número de pleitos decorrentes de solicitações de moradores e demais usuários da via, comparativamente aos proprietários e gestores de estabelecimentos comerciais locais.

Tais dados, indiscutivelmente, evidenciam-se também nos próprios achados deste estudo, os quais fundamentam-se em documentos e relatos, inclusive de moradores e usuários da via, que parecem unânimes em apontar maior protagonismo de agentes da iniciativa privada, que de agentes públicos e cidadãos que residem ou são usuários da via, nas questões que a concernem. Em outros termos, as lideranças tradicionais parecem vir sendo sistematicamente substituídas por novas lideranças, associadas aos empreendimentos de maior porte, capazes de mobilizar, como fatores de distinção e de domínio do campo, capitais econômicos e culturais (intelectuais) em maior escala.

Nessa direção, os dados permitem, inclusive, evidenciar distinções entre os próprios empreendedores, os quais se apresentam longe de constituir uma “classe” monolítica. Uma primeira categorização pode ser apreendida a partir do par antitético “Veteranos- Novatos”. Por meio dele é possível identificar um primeiro grupamento de empreendedores – “Veteranos” – ainda caracterizado por fortes laços sociais e afetivos com o local, tendo grande parte dos comerciantes residência na rua ou bairros do entorno. Relações de confiança e de vizinha influenciam amplamente as práticas comerciais, incluindo a venda “fiado” e cadernetas”.

Já o segundo grupamento – “Novatos” – compreende empreendedores que estabelecem posicionamentos mais profissionais, sob premissas mais utilitaristas, visando ao resultado econômico-financeiro do negócio. Nesse sentido, constata-se menor proximidade com a comunidade – grande parte não reside na rua ou em bairros adjacentes – sendo as relações com o entorno mediadas por perspectivas mais utilitaristas, pautadas por propósitos e interesses

diretamente associados aos resultados do negócio. Ênfase é atribuída à profissionalização dos processos internos de gestão, com a adoção de tecnologias, metodologias, e instrumentos de controle. O Quadro 11 apresenta as principais características distintivas entre empreendedores mais antigos – Veteranos – *vis-à-vis* os mais recentes.

**Quadro 11.** Empreendedores locais: atributos principais

Grupamento de Empreendedores por Tempo de Atuação	Atributos
Veteranos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Menor nível de escolaridade.</li> <li>• Negócios consolidados.</li> <li>• Negócios calcados no conhecimento do ambiente, fortes laços de confiança e relacionamento interpessoal.</li> <li>• Envolvimento com questões pertinentes à rua, mais vinculado a necessidades do negócio.</li> <li>• Modelos de negócios e gestão calcados na tradição e/ou improvisação.</li> <li>• Elevada ênfase na mobilização de capital social.</li> </ul>
Novatos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior nível de escolaridade.</li> <li>• Negócios em fase de expansão.</li> <li>• Elevada incorporação de metodologias e instrumentos formais de gestão.</li> <li>• Envolvimento com questões pertinentes à rua, mais vinculado a oportunidades para o negócio.</li> <li>• Estudo prévio antes de abrir o empreendimento, maior tônica no planejamento, formalização e padronização.</li> <li>• Elevada ênfase na mobilização de capital cultural.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Igualmente, análise de relatos dos entrevistados quanto a características distintivas – capitais – mobilizados pelo conjunto dos empreendimentos da Santa Juliana (Apêndice B) permite, quer manualmente, quer por meio do *software* de tratamento qualitativo de dados *N-Vivo*, evidenciar a prevalência dos atributos: improvisação, imitação, informalidade, cópia, “jeitinho brasileiro”, senso de oportunidade, gambiarra, “misturanga”, bagunça, caos, freguês, aventura, risco, flexibilidade, adaptabilidade, simplicidade, sabedoria, conhecimento tácito, naturalidade, emoção, antigo, tradição, recato, família, feiura, confusão, desorganização, conservadorismo, qualificação, profissionalismo, gestão, cientificidade, qualidade, competência, modernidade, evolução, infraestrutura, atualização, cliente, *marketing*, diferenciação, beleza, tecnologia, organização, inovação, novo, avanço, aparência, luxo, desenvolvimento sustentável, politicamente correto.

Tais dados, coletados por meio de nossa *Grounded Theory*, ao serem, *a posteriori*, confrontados com achados de pesquisas desenvolvidas por Sant’Anna *et al.* (2011), Oliveira, Sant’Anna, Diniz (2014; 2012) e Sant’Anna *et al.* (2013), permitiram a identificação de inúmeras similaridades. Mais precisamente, ao se agrupar os dados obtidos junto à Santa Juliana tendo por base a tipologia proposta por Sant’Anna *et al.* (2011) foi possível constatar na dinâmica comercial da Santa Juliana, com exceção dos “*Empreendedores Pioneiros*”, “*Empreendedores Vanguardistas*” e “*Empreendedores Negociais*”, primazia dos demais grupamentos e subgrupamentos (QUADRO 12).

**Quadro 12.** Grupamentos de empreendedores, segundo *habitus* e capitais mobilizados

<b>Grupamentos</b>	<b>Subgrupamentos</b>	<b>Atributos</b>
Empreendedores Tradicionais	Empreendedores Remanescentes	Simplicidade, sabedoria, conhecimento tácito, naturalidade, emoção, recato, família, conservadorismo.
Empreendedores Modernos	Empreendedores Profissionais	Qualificação, profissionalismo, gestão, cientificidade, qualidade, certificação, competência, modernidade, responsabilidade social, preservação ambiental, ecologia, cidadania empresarial, desenvolvimento sustentável, politicamente correto.
Empreendedores Pós-modernos	Empreendedores <i>Camaleões</i>	Improvisação, imitação, informalidade, cópia, “jeitinho brasileiro”, senso de oportunidade, aventura, risco, flexibilidade, adaptabilidade.

**Fonte:** Adaptado de Sant’Anna *et al.*, 2011, p. 397.

As categorias obtidas na dinâmica investigada na Rua Juliana ao serem posteriormente transpostas para a tipologia de Sant’Anna *et al.* (2011) permitiu, ademais, constatar que aos *empreendedores tradicionais remanescentes* contrapõem – por meio de disputas, coalisões e alianças, de forma manifesta ou latente – os *empreendedores modernos profissionais*. Enquanto os primeiros denotam forte apego à “linhagem familiar”, ao “nome de família”, assim como à vinculação a um “clã familiar específico”, com forte ligação afetiva ao local, bem como a sua história familiar e pessoal, os *empreendedores profissionais*, já em bom número com empreendimentos na rua, podem ser comumente distinguidos pela busca frenética e incansável por resultados e pela adoção de lógicas de negócios centradas em técnicas mais modernas de gestão. Diferentemente dos *empreendedores tradicionais remanescentes*, que buscam forjar uma imagem de seus empreendimentos associada a valores mais humanistas, alicerçados em um projeto ético, calcado na valorização do humano e do local, os *empreendedores profissionais* comumente são descritos como focados no curto prazo, no lucro.

Já *empreendedores pós-modernos camaleões*, no geral, compõem-se de indivíduos com poucos recursos financeiros, comparativamente aos *empreendedores tradicionais e modernos*, constituindo seus empreendimentos na base do “jeitinho”, da “gambiarra” e da improvisação, copiando o estilo de negócios mais formalmente estruturados e incorporando alternativas e produtos de qualidade e procedência, não raro, duvidosas, e normalmente se voltam ao público de mais baixo poder aquisitivo. Típicos *bricoleurs* (STINCHFIELD; NELSON; WOOD, 2009; LÉVI-STRAUSS, 2012), eles se distinguem dos demais grupamentos pela flexibilidade, adaptabilidade, capacidade em assumir riscos e elevado senso de oportunidade. Frequentemente encontram-se inseridos na economia informal.

Sob uma perspectiva dos modelos de negócios e gestão adotados pelos empreendedores identificados na Santa Juliana, tendo por base as categorias propostas por Sant’Anna *et al.* (2011) – *Empreendedores Remanescentes, Empreendedores Profissionais e Empreendedores Camaleões* –, poder-se-ia, também, propor uma visão de acordo com a posição ocupada por eles no par antitético: “*Conservadores-Orientados a Resultados*”.

Dessa forma, no primeiro grupo – “Conservadores” – poderíamos, preponderantemente, identificar empreendedores veteranos. Já no segundo grupo, poderíamos facilmente visualizar ampla presença de empreendedores mais recentes, concentrando negócios, preponderantemente, mais “modernos”, conduzidos por meio de relações mais instrumentais, mais orientadas para o curto prazo e para o lucro mais imediato. Igualmente, pautam-se por serem mais pragmáticos em relação à comunidade e às suas políticas de inserção e relacionamento com seus membros. Exceções a esse padrão podem, sem dúvida, ser identificadas; entretanto, como tipos ideais, essas duas categorias provavelmente refletem as diferenças marcantes que dividem, à primeira vista, os empreendimentos da rua.

Nessa direção, é ilustrativo ressaltar que, muito embora, no conjunto, as características de cada grupamento explicitem comportamentos e ações típicas de seus respectivos *habitus*, isto não impede a incorporação de elementos de outros grupamentos, desde que possam representar agregação de valor aos empreendimentos e novos fatores de diferenciação competitiva. É possível, por exemplo, identificar típicos *Empreendedores Tradicionais Remanescentes* que introduzem sofisticadas metodologias e instrumentos de gestão sem, todavia, alterarem seu estilo típico. Ou seja, as inovações são “lidas”, decodificadas e assimiladas, de acordo com o

*habitus* e competências essenciais, não o contrário. Em outras palavras, a assimilação de características de outros grupamentos se verifica e contribui para o intercâmbio de competências, processos de mudanças e de diferenciação; porém a assimilação tende a se dar a partir da “gramática” que fundamenta cada grupamento.

Desde 2004 a o Abatedouro do Adão proprietário das casas de Carne Bastos vem atendendo às normas ambientais adequando seu frigorífico às condições higiênicas exigidas pelo meio ambiente. E no início, ainda sem opções de adequação, não existiam empresas a oferecer sistema de tratamento de dejetos, e a Embrapa que estava testando um sistema topou o desafio. Foram construídos três lagos lonados estabilizadores de dejetos, que atenderam às suas necessidades de momento, com sucesso. Posteriormente, o sistema foi expandido com outras tecnologias, já facilmente encontradas no mercado. “Fico satisfeito de ter participado desse desafio desde o início, e vendo carne hoje tranquilo da qualidade!”, diz Adão Bastos (BARRAGINHAS, 14/04/2013).

**Figura 80.** Abatedouro, Casa de Carnes Bastos



Foto: Barraginhas (Divulgação)

**Figura 81.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Barraginhas (Divulgação)

Assim sendo, poder-se-ia, inclusive, especular que mudanças que desconsiderem o *habitus* evidenciarão “hibridizações” (SANTOS, 2012; LATOUR, 1994) que, ao contrário de agregarem valor à diferenciação, redundariam em dissonância cognitiva (perda de identidade), com implicações sobre a atratividade do empreendimento tanto em relação a clientes quanto a potenciais. Em termos práticos, os dados sugerem que mudanças e inovações devem levar em conta sua aderência ao *habitus* prevalente. Não são, portanto, mudanças e novas tecnologias, em si, que caracterizam e distinguem, mas a forma como são articuladas e incorporadas ao *habitus* local.

Por analogia, poder-se-ia supor que as mudanças mais efetivas ocorrem por um processo que se poderia denominar “antropofágico”: inovações são identificadas, decodificadas segundo o *habitus* de cada empreendimento, assimiladas e incorporadas considerando a adesão ao que a torna singular, dentro do quadro de referência de seu *habitus*, eliminando o restante.

Isso sugere que a incorporação de novas tecnologias – inclusive de gestão – demanda processo que envolve cuidadosa análise de “mudanças e permanências”, em que melhorias para atração de novos nichos de mercado podem redundar na descaracterização de formas já legitimadas de relacionamento. Como consequência, nem clientes habituais se identificam com o

empreendimento nem consumidores potenciais são capazes de lhe atribuir julgamento aderente aos seus *habitus*.

Outro dado significativo diz respeito à possibilidade de se considerarem os empreendedores atuantes na Santa Juliana a partir de sua posição no espaço geográfico da rua. Em particular, considerá-los sob a perspectiva dos quatro principais trechos que a definem: *Residencial, Serviços, Comércio e Grandes Empreendimentos*.

Como visto, no primeiro trecho, que compreende o intervalo entre o início da rua, na Praça José Lucídio de Avelar, até as proximidades do Campo do Eucaliptal (número 2.000), tem-se nítido predomínio de imóveis residenciais, com presença de poucos estabelecimentos comerciais:

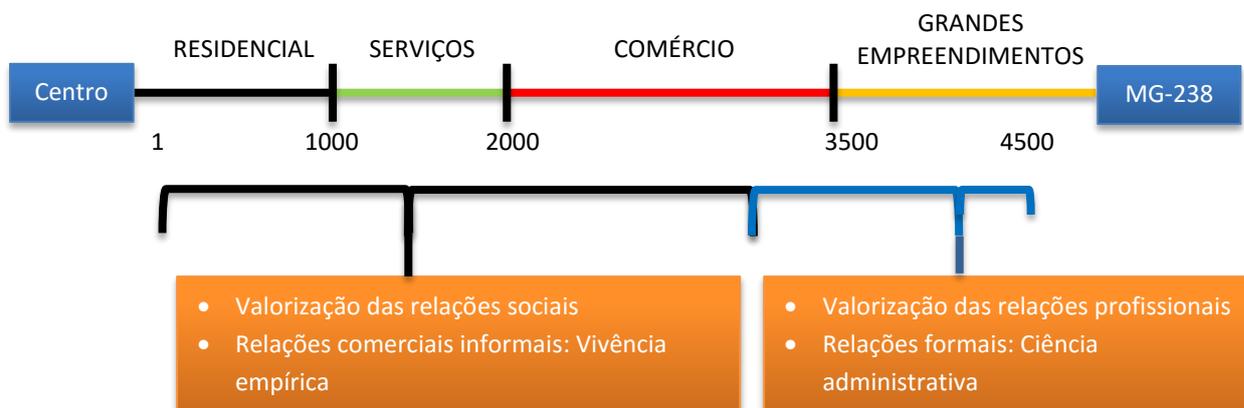
[...] A parte mais residencial da rua é no início perto da rotatória do bairro Boa Vista. Ali tem mais moradores naquela região ali.

Aqui ainda eu acho que é mais residência, né!? Então o fluxo aqui ainda é um pouquinho menor que lá na frente. Lá na frente, o movimento é mais intenso.

O Apêndice S contempla a relação do conjunto dos empreendimentos localizados nesse segmento da rua.

No trecho entre os números 2000 e 3.500, compreendendo o raio de influência do campo do Eucaliptal e da Escola Estadual Saytiro Alvim, constata-se o predomínio de estabelecimentos de serviços, recreação e lazer (APÊNDICE T). É maciça a presença de botequins, bares e restaurantes, grande parte pertencentes a *Empreendedores Tradicionais Remanescentes*. Os modelos de negócios e de gestão desses empreendimentos são tipicamente tradicionais, centrados em estratégias relacionais e na adoção de dispositivos administrativos com fortes traços de informalidade, fundamentados em laços de amizade e de confiança, conforme ilustrado na Figura 82.

**Figura 82.** Empreendedores segundo a perspectiva da localização espacial



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Já entre os números 2.500 e 4.000, a prevalência de quadras mais curtas e a intensa densidade populacional dos bairros que compõem seu entorno são alguns dos fatores que favorecem uma maior concentração de empreendimentos comerciais nesse trecho (APÊNDICE U).

A distância desse intervalo da Santa Juliana à região central de Sete Lagoas, durante muito tempo, favoreceu sua baixa ocupação para fins residenciais. A disponibilidade de lotes vagos assim como o vertiginoso crescimento de Sete Lagoas na direção da MG-238, a partir da década de 1990, acabariam, no entanto, por torná-la altamente atrativa à indústria imobiliária. O “inchamento” dos bairros vizinhos por operários e trabalhadores das grandes empresas instaladas na região possibilitou, igualmente, sua rápida valorização para fins comerciais ou conjugados – comércio e residência.

Nesse trecho, prédios antigos e de baixo padrão construtivo, erguidos em grande parte nas décadas de 1980 e 1990, vão se mesclando, a partir de fins da década de 1990, com novas edificações, direcionadas aos recém-chegados *empreendedores modernos profissionais*.

Cabe destacar em relação a esse trecho elevada taxa de mortalidade de empreendimentos, com intensa rotatividade de negócios. Empreendedores por necessidade, empreendedores por vocação, empreendedores atraídos por oportunidades, empreendedores de outras regiões da cidade acenados pelo *boom* do comércio local compõem a “ecologia diversa” desse trecho. Como resultante, são intensas as disputas – e também coalisões e alianças – entre os diferentes agentes sociais envolvidos. Não raro, velados ou camuflados sob aparente “cordialidade”,

discursos sobre “harmonia”, “grande família” encobrem duros embates. Leitura atenta da dinâmica local evidencia múltiplas estratégias e táticas direcionadas à sobrevivência e ou ao domínio do campo, envolvendo a mobilização de distintos capitais.

Nesse ambiente, os *Empreendedores Tradicionais Remanescentes* buscam vantagens e formas de diferenciação competitiva mobilizando capitais de base mais tradicional, incluindo o conhecimento do local e seu mercado de consumo, relações interpessoais e de confiança e fortes laços afetivos com a comunidade. Conforme observa Bourdieu (2008):

[...] quando o único capital útil, eficiente, é o capital irreconhecido, reconhecido, legítimo, a que se dá o nome de “prestígio” ou “autoridade”, neste caso, o capital econômico [...] só pode garantir ganhos específicos produzidos pelo campo se vier a se converter em capital simbólico: a única acumulação legítima.

Já os *Empreendedores Modernos Profissionais* irão procurar mobilizar capitais culturais e intelectuais, distinguindo-se pela adoção em seus empreendimentos de novas tecnologias, modelos de negócios e de gestão. Com resultados nem sempre aderentes às suas expectativas, relatos de *empreendedores modernos profissionais* recém-instalados apontam para a relevância de “[...] uma abertura pessoal a constantes mudanças e adaptações”. Diversos respondentes destacam a importância da “[...] flexibilização nos processos, padrões e normas originalmente desenhados”, “[...]ajustando-os à [...] cultura do mercado local”. Ou, ainda, a necessidade de contínuos “*experimentos*”, envolvendo, não raro, transformações radicais, como “mudanças completas no portfólio de produtos e serviços” ou mesmo “mudança de ramo de atividade”.

É interessante constatar a partir do conjunto dos relatos obtidos, assim como de observações diretas, o conjunto de forças em operação, visando a certo “*equilíbrio dinâmico*” entre os agentes. Adotando como “*inimigo comum*” a concorrência do comércio da região central de Sete Lagoas, parece configurar-se, notadamente nesse trecho da Santa Juliana, certo “acordo tácito” de não concorrência direta entre os comerciantes.

Se já existem comércios do mesmo ramo, o novo entrante é rapidamente levado a identificar seu “*nicho*” de complementaridade. Em outros termos, ao invés de embates diretos, traços da cultura da “cordialidade” irão colocar em ação um conjunto de estratégias e táticas – nem sempre verbalizadas ou conscientes – destinadas a mediar um dado conflito ou antecipar futuros confrontos diretos. O discurso caminha na direção da “construção de uma centralidade na região

da Santa Juliana”, em que os empreendimentos possam se complementar, em que novos comerciantes são muito bem-vindos, desde que não afetem o “*equilíbrio*” existente. Ao contrário, serão muito bem integrados se ampliarem o leque de produtos e serviços, favorecendo a diversidade de negócios:

A concorrência é amigável. [...] Um ajuda o outro e a convivência é muito boa. Nós nos complementamos (Relato, Entrevista 4).

Tenho uma ótima relação com os vizinhos, sejam moradores ou outros comerciantes. Tudo tranquilo. É um ajudando o outro, sempre (Relato, Entrevista 12).

Desse modo, mesmo entre empreendedores de ramos de atividade similares, é recorrente a defesa por “[...] negócios complementares: o que um outro comerciante pode ter, que nós não temos ou não temos daquele jeito”, evitando uma concorrência direta. Como exemplo, uma *lan house* terá como fator distintivo serviços de acesso à internet para fins educacionais e comerciais; outra terá como diferencial o entretenimento *online*.

Na mesma linha de raciocínio, diferentes drogarias em operação no logradouro orientam-se, cada qual, para *nichos* específicos de mercado ou adotam distintas estratégias de atendimento. Uma delas, franqueada de uma grande rede de drogarias, irá focar no preço; porém, como exigência da franqueadora, somente aceita parcelamento de compras via cartão de crédito. Diante de tal limitação, outra drogaria, gerenciada por uma ex-balconista de uma antiga farmácia local, a qual é, igualmente, antiga moradora de bairro do entorno, logo, com amplo conhecimento sobre os clientes e o mercado da região, irá se diferenciar pela venda “fiado”, por meio de “caderneta”, bem como pelas habilidades de relacionamento interpessoal da gerente, em especial com os clientes mais idosos. Outra drogaria, ainda, irá se distinguir pela venda de medicamentos genéricos, com descontos significativos para comprar à vista e com eficiente sistema de entregas a domicílio.

O mesmo se verificará em outros ramos, como de venda de autopeças, confecções, artigos de presentes, dentre outros:

Qualidade em atendimento é um ponto alto da empresa, a gente foca bem nisso aí. E várias outras coisas que o pessoal não tem aí, como acessórios, a gente foca. A gente foca mais em acessórios, e os outros focam mais em mecânica. A gente tem a mecânica também, mas *Insulfilm*, por exemplo, é só a gente e mais um outro (Relato, Entrevista 38).

No centro tem muita concorrência. Aqui nessa rua não. Aqui tem vários depósitos de materiais de construção e muitos deles têm tintas, só que nós somos lojistas

especializados em tintas. Assim, a pessoa quando pensa em tinta ele quer ir a uma loja de tintas. Isso então ajuda um pouco. Mesmo assim, eles são concorrentes, mas não tão fortes, os do centro chegam a pesar mais (Relato, Entrevista 5).

Nesse ponto, em relação a essa pessoa eu me distingo, por exemplo, na qualidade do equipamento e no atendimento. O outro é porque é um nicho diferente, ele mexe mais com venda de equipamento, venda com acessório de alumínio, essas coisas. E o outro rapaz ele mexe com manutenção também. Eu também mexo com manutenção, mas não tanto quanto ele, ele mexe mais com recarga de tinta de impressora, o que não é meu forte. Então trabalhamos na mesma linha, informática, só que em acessos diferentes (Relato, Entrevista 38).

Eu sinto isso na Rede, é um querendo ajudar o outro. Eu tenho concorrente meu dentro da rede que ele me ajudou numa área minha de transporte, por exemplo, dentro da empresa: Ele me deu a dica para eu resolver o problema de transporte da transportadora, então não há uma disputa. O que eu penso? Se aquele comércio local ali estiver forte, todo mundo está forte (Relato, Entrevista 7).

Ao se analisarem fatores de mortalidade e ou longevidade dos empreendimentos da Santa Juliana, além da diferenciação e da complementaridade, convém destacar o papel do relacionamento entre os comerciantes e destes com a clientela. Desenvolver relações amistosas e ganhar a confiança do cliente são variáveis reiteradamente descritas como fundamentais à sobrevivência e crescimento. “Dar atenção ao cliente”, “dispor de formas adequadas de crediário” e “entrega a domicílio”, “oferecer descontos e mimos”, “falar a língua do cliente”, tratar bem o freguês” são algumas das estratégias indicadas como diferenciadoras. Muitas delas em formatos, não raro, rotuladas como “ultrapassadas” – como o crediário via caderneta –, porém, amplamente utilizadas por alguns empreendimentos como fatores de distinção e vantagem competitiva:

Muita gente abre negócio aqui por conta de conhecer muita gente. Conhece o pessoal aqui do bairro. E, às vezes, ele fica ali não por conta dele ser forte, por conta dele ser o melhor. Às vezes o contato é o que o mantém. Por exemplo, ela abriu a loja dela e ela conhece a gente aqui da loja e a gente vai lá. O fato de conhecer não é ser conhecido é você conhecer de fato as pessoas, você poder dar palpites, ajudar na escolha de uma roupa, de um tipo de roupa para uma festa, um casamento. Isso também manda muito no fato de criar a sua clientela. Ela abriu uma coisa diferente, ela procurou, falou assim: “Isso aqui não tem na rua”. E ela abriu uma loja disso, e está aí. E eu acho que ela está indo muito bem pelo fato de ela conhecer muita gente e muito a gente. Às vezes, a gente mesmo ajuda por conta disso: aqui não tem então eu digo que lá tem, para a pessoa ir lá e procurar fulano. Um vai passando para o outro, às vezes a gente não tem mercadoria aqui e eu mando para outro. Eu digo, olha na loja tal, lá deve ter (Relato, Entrevista 12).

A confiabilidade manda muito, não é!? O pessoal confia na qualidade do produto que ele vende. Tem gente que tenta entrar, tenta criar demanda, tenta fazer uma coisa diferente, mas infelizmente a confiança manda muito, porque o povo quer realmente lidar com aquele que ele confia. O cliente chega aqui e confia, ele pede a sua opinião, manda muito isso. Eu sou mais voltada para o popular. Já a loja da Hering, por exemplo, ela tem a sua clientela, mas não tem aquela fixa. Geralmente as pessoas vão ali, eu acho que vão para comprar um presente por conta da marca, do nome da loja, da embalagem. Aqui elas vêm para comprar pra elas mesmas, elas procuram minha

opinião sobre se ficou bom ou não, se ficou legal para uma festa. Elas querem opinião. Esse eu acho que é o nosso forte (Relato, Entrevista 37).

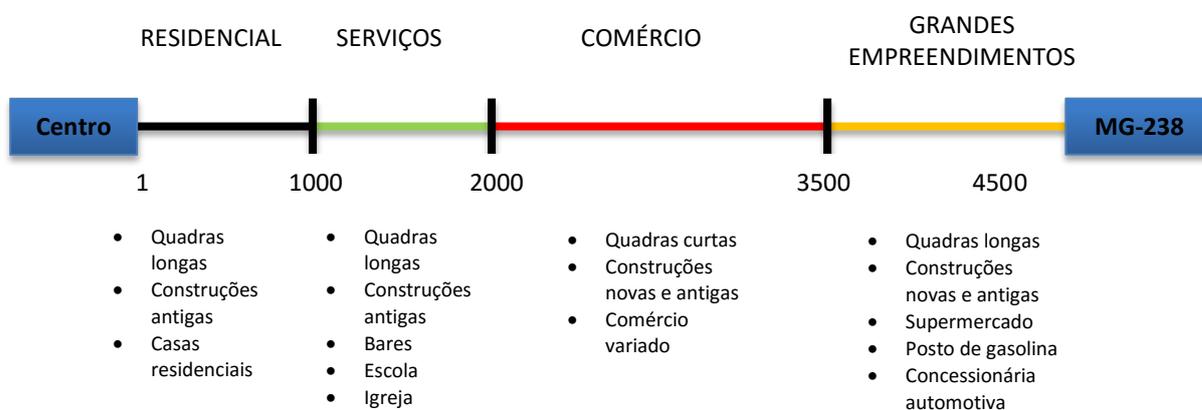
Ah... fiado sempre vende. Não tem jeito de não vender fiado, não. Não tem jeito de não vender fiado. O fiado... Antes de existir o mundo já existia o fiado! (Relato, Entrevista 14).

No fundo da Rua tem um varejão. A comunidade toda compra lá porque tem as antigas cadernetas. Eu acredito que seja isso, os mais antigos, por afinidade com o pessoal de lá e pela condição de pagamento. Nem olham muito o preço ou outros pontos, compram só lá. Os comerciantes mais novos, esses já buscam atrair mesmo a gente por outras coisas: pela variedade, preço, outras coisas. Senão não vão pra frente (Relato, Entrevista 7).

Já o trecho abrangendo o intervalo entre os números 4.000 a 4.500, onde finda a rua, caracteriza-se pela predominância de empreendimentos maiores, de maior porte, os quais demandam maior espaço físico, como supermercados, concessionárias de veículos, grandes lojas de varejo de materiais de construção, lojas de matérias elétricos e locadores de equipamentos de construção. Dessa forma, a maior disponibilidade de terrenos, o maior afastamento em relação à região central de Sete Lagoas, assim como o valor elevado dos imóveis nos trechos anteriores da Santa Juliana são reiteradamente apontados como determinantes do interesse dos grandes empreendimentos por se instalarem nesse trecho. O Apêndice V detalha o conjunto de empreendimentos, por ramo de atividade, localizados nesse trecho do logradouro.

A Figura 83 possibilita uma visão geral das características centrais de cada um dos trechos identificados.

**Figura 83.** Santa Juliana: Trechos Principais



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

É unanimidade entre os entrevistados, todavia, que, dentre as novas edificações, a maior parte direciona-se a fins comerciais. O perfil da rua – trânsito intenso, principal via de acessos Sete Lagoas-MG-238 e amplo mercado consumidor em seu entorno – assim como a crescente valorização de seus imóveis, dificilmente fomentam a construção de habitações para fins exclusivamente de moradia. Mesmo as exceções caracterizam-se por imóveis mistos, conjugando estabelecimentos comerciais, no térreo, e residência, no piso superior.

Outro aspecto facilmente detectável é a dominância de imóveis novos no lado direito da via, sentido centro-bairro, considerado o lado mais valorizado, quer pela facilidade de estacionamento – no sentido contrário há proibição de parar e estacionar veículos – quer pelo maior fluxo de pessoas dos bairros limítrofes à rua, os quais a frequentam para utilização de transporte coletivo para acesso ao trabalho – na região central ou na MG-238. Ramos como açougues, padarias, drogarias têm nesse lado da rua forte presença. Destacam-se, ainda, estabelecimentos destinados a produtos agropecuários, os quais têm em sitiantes e proprietários rurais do entorno da MG-238 importante ponto de compras, haja vista sua localização estratégica no deslocamento Sete Lagoas-zona rural.

No mais, convém destacar percepções dos entrevistados quanto a maior protagonismo recente dos empreendedores da rua nas respostas aos descasos do setor público – expressos, sobretudo, no aumento de problemas vinculados ao trânsito e à violência. Tanto para os moradores e empreendedores mais recentes quanto para os mais novos constata-se percepções quanto a mudanças entre o que a rua era e o que é, em face de maior diversidade e potencialidades de complementaridade de competências e capitais, tais como a maior qualificação dos mais jovens *vis-à-vis* o maior conhecimento do local, por parte dos comerciantes e moradores mais antigos; ou a utilização de tecnologias de comunicação mais sofisticadas pelos mais novos *vis-à-vis* a capacidade de relacionamento interpessoal dos veteranos.

Por fim, uma distribuição dos empreendedores locais na tipologia proposta por Sant’Anna *et al.* (2011) revela a predominância, na Santa Juliana, de *Empreendedores Tradicionais* (56%), seguidos pelos *Empreendedores Pós-modernos Camaleões ou Bricoleurs* (38%) e *Empreendedores Modernos* (6%) (TABELA 5).

**Tabela 5.** Santa Juliana: percentual de empreendedores por grupamentos

<b>Grupamento de Empreendedores</b>	<b>%</b>
Empreendedores Tradicionais	56
Empreendedores Modernos	6
Empreendedores Pós-modernos ( <i>Bricoleurs</i> )	38

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Em uma análise considerando os principais trechos da via – *Residencial, Serviços, Comercial, Grandes Empreendimentos* – constata-se, em relação ao primeiro – *Residencial* –, maior percentual de *Empreendedores Bricoleurs* (61%), seguidos pelos *Empreendedores Tradicionais* (35%) e *Empreendedores Modernos* (4%) (TABELA 6).

**Tabela 6.** Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - Residencial

<b>Grupamento de Empreendedores</b>	<b>%</b>
Empreendedores Tradicionais	35
Empreendedores Modernos	4
Empreendedores Pós-modernos ( <i>Bricoleurs</i> )	61

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

É significativo verificar, ainda hoje, predominância no ponto de nascimento da via de empreendedores “*bricoleurs*” e de que forma, seguindo a expansão da via, no sentido bairro-centro, tem-se a ampliação de empreendedores tradicionais e modernos. Nessa linha de raciocínio, dados da Tabela 7 indicam, para o segundo trecho, marcado pela dominância de serviços, lazer e recreação, 72% de empreendimentos com características *Tradicionais*, seguidos pelos *Bricoleurs* (25%) e *Modernos* (3%).

**Tabela 7.** Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - Serviços

<b>Grupamento de Empreendedores</b>	<b>%</b>
Empreendedores Tradicionais	72
Empreendedores Modernos	3
Empreendedores Pós-modernos ( <i>Bricoleurs</i> )	25

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Por sua vez, o trecho mais dinâmico da via irá apresentar perfil de empreendimentos bastante similar ao constatado para a rua como um todo: *Empreendedores Tradicionais* (57%), *Empreendedores Bricoleurs* (36%) e *Empreendedores Modernos* (7%), conforme ilustrado na Tabela 8.

**Tabela 8.** Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - Comercial

<b>Grupamento de Empreendedores</b>	<b>%</b>
Empreendedores Tradicionais	57
Empreendedores Modernos	7
Empreendedores Pós-modernos ( <i>Bricoleurs</i> )	36

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Por último, o trecho final da Santa Juliana, com o maior número de empreendimentos de grande porte, destaca-se pela maior presença de *Empreendedores Modernos* (20%). Os dados da Tabela 9 dispõem a distribuição dos empreendimentos desse trecho, segundo a “tipologia” proposta por Sant’Anna *et al.* (2011).

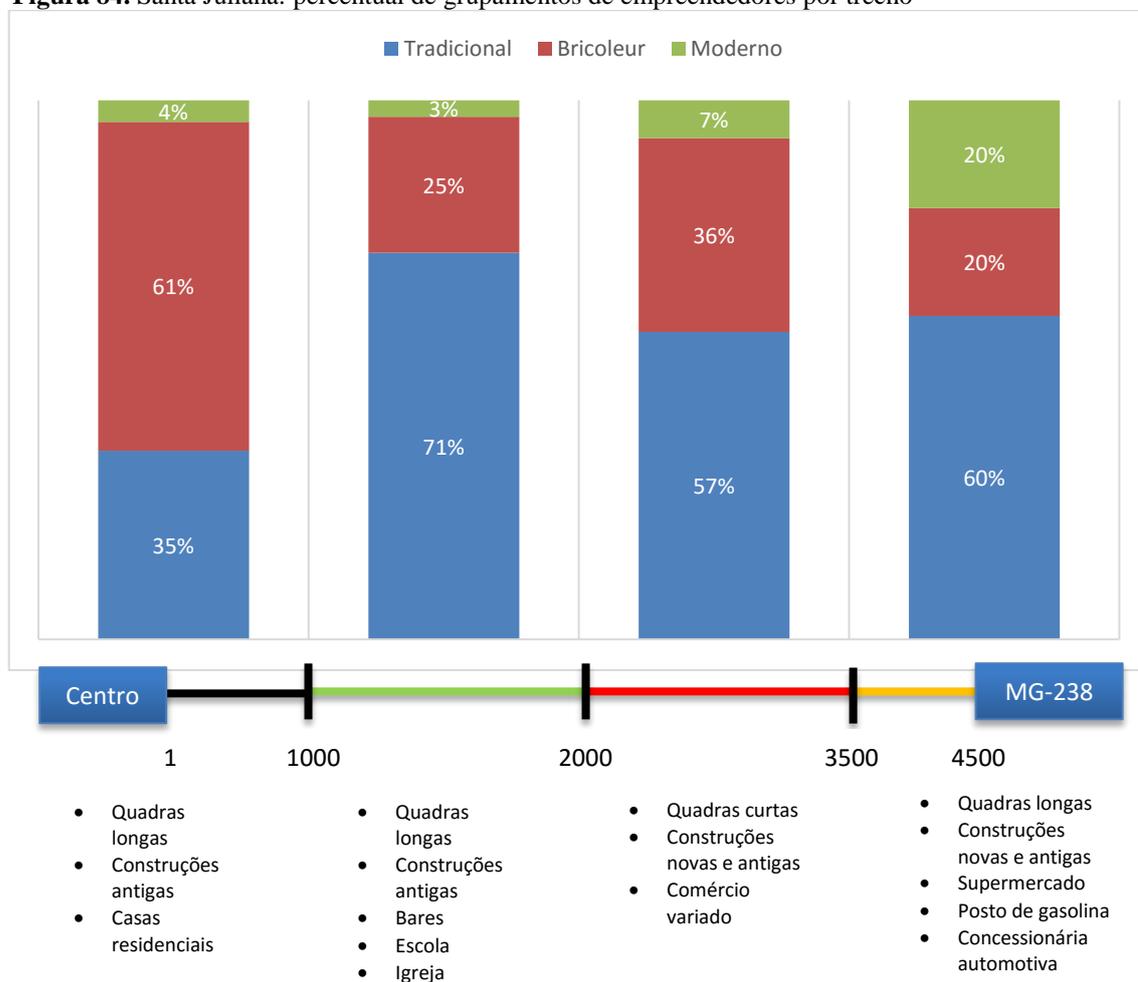
**Tabela 9.** Santa Juliana: grupamentos de empreendedores - Grandes Empreendimentos

<b>Grupamento de Empreendedores</b>	<b>%</b>
Empreendedores Tradicionais	60
Empreendedores Modernos	20
Empreendedores Pós-modernos ( <i>Bricoleurs</i> )	20

**Fonte:** Elaborada pelo autor.

A Figura 84 apresenta uma visão geral dos diferentes grupamentos de empreendedores presentes nos trechos que caracterizam a Santa Juliana.

**Figura 84.** Santa Juliana: percentual de grupamentos de empreendedores por trecho



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

Tais achados apresentam-se relevantes, na medida em que, conforme adverte Bourdieu (2013), uma análise dos “capitais espaciais” envolvidos em uma dada dinâmica somente pode ser procedida em relação a outros espaços. Afinal, para o autor, a privação ou a dominância desse “atributo” somente se apresenta significativa quando articulada com os demais. Porém, partindo do pressuposto de que alterações em um dos componentes da estrutura terão implicações em todos os seus demais componentes – prerrogativa que não compete apenas ao componente espacial, mas igualmente às demais instâncias envolvidas – econômica, social, cultural e simbólica – apresenta-se estimulante também se pensar o espaço como um capital, aos moldes dos capitais considerados por Bourdieu.

Já visando avanços a partir de resultados deste estudo, Jelihovschi (2015) trabalha em projeto de dissertação, sob minha co-orientação, objetivando a proposição de abordagem diagnóstica, a partir da perspectiva da “Ecologia Organizacional” (HANNAN; FREEMAN, 1977; PINA, 1999; TURETA *et al.*, 2009; BATAGLIA; FRANKLIN; CALDEIRA; SILVA, 2010; BAUM, 1998), a qual tem como foco melhor compreender o porquê da existência de tantas organizações em um mesmo contexto.

Para Bataglia *et al.* (2010, p. 22), as teorias em torno da noção de “Ecologia Organizacional” fundamentam-se “[...] no questionamento teórico do pressuposto da capacidade de adaptação da organização ao seu ambiente”, na medida em que, segundo Hannan e Freeman (1977), a sobrevivência de uma organização depende da natureza do ambiente e de sua realidade competitiva. Conceitos darwinianos, como seleção natural, aplicados à ecologia organizacional significariam que o ambiente elege as organizações, favorecendo sua sobrevivência ou morte, bem como propiciando sua evolução.

Assim sendo, o ambiente teria caráter fundamental na sobrevivência organizacional, uma vez que favoreceria as organizações mais aptas. Em estudos iniciais, a tônica recaía, portanto, em uma compreensão determinista do ambiente, com a análise centrada nas taxas de fundação e fracasso organizacionais (ASTLEY; VAN DE VEN, 1983; PERROW, 1986). Para esses autores, a sobrevivência de uma organização dependeria de sua capacidade de adaptação à natureza do ambiente e às condições competitivas.

Hannan e Freeman (1977) discutem ainda o conceito de isomorfismo, por meio do qual o ambiente levaria as organizações, dentro de uma mesma população e com restrições semelhantes, a se assemelharem, com vistas a respostas às demandas específicas daquele ambiente, propiciando um maior “equilíbrio” ecológico. Propõem, também, a noção de “*nicho*” como um espaço fechado onde os recursos seriam utilizados e combinados para a sobrevivência e desenvolvimento das populações. Nestes *nichos* não haveria competição entre as organizações, mas a busca pelo “equilíbrio”. Enfim, Hannan e Freeman (1977) propõem formas de análise visando, a partir de elementos da biologia, identificar por que existem tantos tipos de organizações em um mesmo espaço.

Resultados desses esforços de pesquisa apontam para o fortalecimento de um “novo paradigma organizacional”, em que a cooperação e a complementaridade convertem-se em conceitos importantes a serem contemplados pelas organizações e demais agentes envolvidos em uma dada dinâmica socioespacial.

Baum (2006), ao aprofundar análises sobre processos de cooperação e complementaridade entre indivíduos e organizações, irá destacar a importância da variável “reforço mútuo”. Para ele, dizer que uma relação é bem-sucedida compreende verificar se tanto o indivíduo quanto a organização beneficiaram-se. Em outros termos, “[...] se a relação for bem-sucedida, o conjunto dos agentes envolvidos deve de alguma forma se beneficiar de seu funcionamento”. Essa troca de benefícios retroalimentaria, por sua vez, as relações de complementaridade e confiança.

O autor acrescenta ainda que tais relações devem ser percebidas de maneira a obedecer a relações de equidade, em que os ganhos imediatos e condições de ganho a longo prazo possam ser intuídos de maneira equitativa pelos agentes envolvidos. A relação mútua somada à equidade entre as partes permitiria a “coo-competição”. Tomando como referência a Biologia, poder-se-ia identificar relações de coo-competição tanto centradas em relações “harmônicas” – mutualismo, protocooperação, inquilinismo, comensalismo – quanto “desarmônicas” – amensalismo, predação, parasitismo, esclavagismo.

Adaptado aos estudos organizacionais, tal esquema poderia ser desdobrado em duas categorias: “Relações de Complementariedade” e “Relações de Competição”, englobando 10 subtipos de relações entre o ambiente externo e características dos agentes sociais nele envolvidos (QUADRO 13).

**Quadro 13.** Relações de Complementaridade vs. Competição

<b>Relações de Complementaridade</b>	<b>Relações de Competição</b>
Mutualismo	Competição
Protocooperação	Predação
Inquilinismo	Herbivorismo
Comensalismo	Amensalismo
Parasitismo	Esclavagismo

**Fonte:** Jelihovschi, 2016, p. 6.

Por meio da análise da dinâmica da Santa Juliana, em particular considerações em torno do par antitético “Competição-Complementaridade”, é possível levantar importantes pistas quanto ao comportamento de estratégias de negócios centradas na cooperação e complementariedade. O

perfil dos consumidores – em sua maioria moradores da própria rua ou região, com baixo grau de escolaridade e renda, em grande número operários ou trabalhadores pouco qualificados, atuantes em grandes empresas do setor industrial localizadas no entorno da MG-238, onde, igualmente, encontram-se suas cidades natais, com perfil de renda que os inclui majoritariamente nos extratos de consumo C e D – sugere forte aderência com estratégias dessa natureza, notadamente ao possibilitarem a redução de investimentos em tecnologias mais sofisticadas, otimização de competências disponíveis no local, focalização do negócio. Isso tem impactos potencialmente significativos na redução de custos e melhoria das margens operacionais, por natureza baixas, em virtude do perfil do mercado consumidor.

**Figura 85.** Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

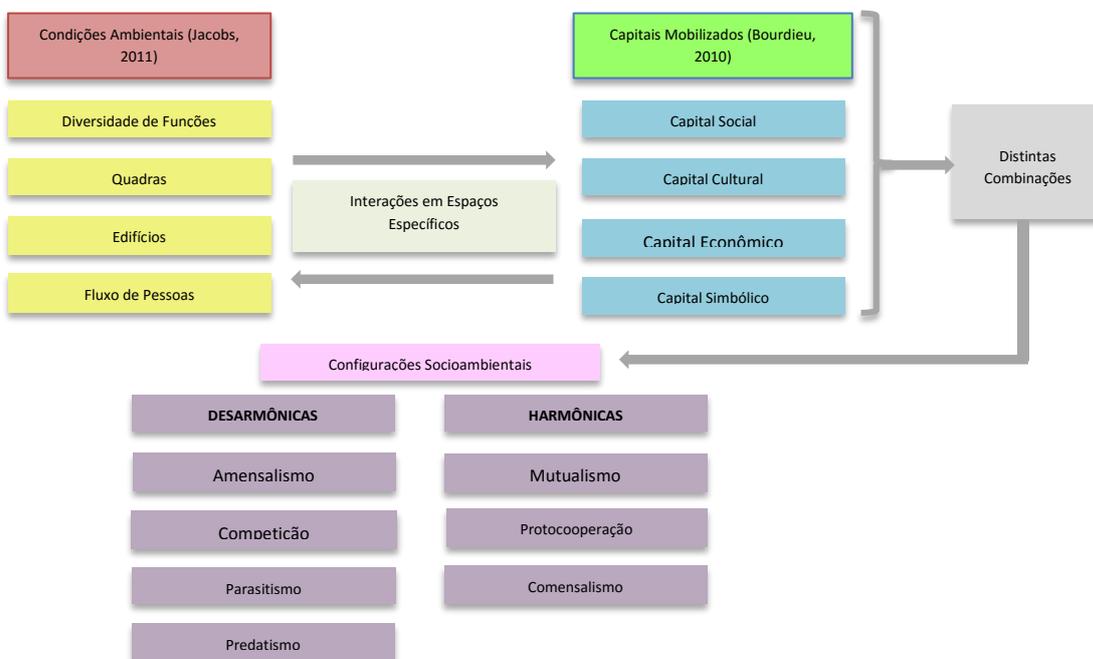
Figura 86. Rua Santa Juliana, Trecho 3 (Comércio)



Foto: Anderson Sant'Anna

Nesse sentido, apresenta-se significativa uma transposição desses achados para o contexto dos Estudos Organizacionais, aos moldes do sugerido na Figura 87.

Figura 87. Modelo de desenvolvimento socioespacial



Fonte: Jelihovschi, 2016, p. 6.

Desse modo espera-se poder ampliar achados e resultados aqui apresentados, considerando de forma mais sistêmica relações entre espaço e práticas sociais, com destaque para a análise de competências e capitais mobilizados por diferentes agentes sociais – e organizacionais – envolvidos.

## Capítulo 8

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual relevância atribuída à dimensão espacial pode ser evidenciada pelo crescente interesse que lhe dedicam não somente geógrafos, urbanistas, planejadores, como também sociólogos, etnólogos, historiadores e demógrafos. Conforme assinala Santos (2014), tal interesse encontra-se diretamente associado aos processos contemporâneos de mundialização da economia e dos mercados, os quais implicam demandas por redefinições de conceitos como os de “local” e “acontecimento”, bem como por enfoques epistêmico-metodológicos capazes de apreender sua complexidade na realidade em que vivemos.

Demanda-se, desse modo, dispositivos de apreensão dos objetos e ações que animam essas “novas” relações tempo-espaciais, bem como de captura de suas lógicas de estruturação e formas de funcionamento. Um desafio nesse contexto é, todavia, como estabelecer categorias de análise adequadas capazes de respostas sistemáticas a tais demandas. Para Maffesoli (1987), o desafio é como ir além do “*Umwelt*”<sup>9</sup> e do domínio das especificidades meramente históricas.

Uma promissora possibilidade é a busca pela compreensão de tais conceitos como realidades relacionais, isto é, como articulações indissociáveis entre objetos e relações humanas, em que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos e naturais e, de outro, a vida que os preenche e os acalora (SANTOS, 2014).

Bourdieu (2008: 38), porém, adverte que, se as posições e oposições constitutivas dos diferentes grupamentos de pessoas que compõem a tessitura entre objetos e relações sociais se manifestam espacialmente, isso não deve induzir o pesquisador incauto ao erro: “[...] *o espaço físico não passa de suporte vazio das propriedades sociais dos agentes e instituições que, estando*

---

<sup>9</sup> “O *Umwelt* define-se como a esfera das necessidades biológicas, dos impulsos e dos instintos, isto é, ‘o mundo da limitação e do determinismo biológico’ (MAY, 2000, p. 139)”; em contraposição a “*Mitwelt*, o mundo dos relacionamentos sociais e da partilha de valores, da interação comunitária”. (PACHECO; SILVA; RIBEIRO, 2007: 54).

*distribuídos por essa superfície, transformam-na em um espaço social, socialmente hierarquizado”.*

Tal relevante advertência não quer dizer que para Bourdieu (2008a) o espaço se resume ao “morto” (SANTOS, 2012), como em abordagens clássicas da economia e da geografia. Igualmente, não significa que esse autor lhe atribuía o mesmo *status* destinado às instâncias econômica, social, cultural e simbólica. Para ele, o espaço somente pode ser apreendido nas relações que envolvem o conjunto de tais instâncias. Apreendê-lo significa investigar suas intercessões com os capitais – econômicos, sociais, culturais e simbólicos – mobilizados em um dado campo social. Somente nessa articulação ele pode ser capturado em sua complexidade e para além de sua materialidade, ou seja, em sua essencialidade de espaço humano.

Muito embora a precaução de Bourdieu quanto a leituras calcadas em “determinismos ambientais” ou perspectivas eminentemente substancialistas, um importante achado deste estudo refere-se à riqueza do “capital espacial” na compreensão da dinâmica investigada. A prevalência de trechos com características espaciais específicas; a maior valorização econômica e simbólica de um dos lados da via; o maior fluxo de pessoas, de variedade de usos e funções, de combinação de prédios novos e antigos e de disposição de quadras influenciando maior ou menor vitalidade de diferentes trechos da Santa Juliana sugerem o caráter ativo do espaço, assim como sua relevância como categoria de análise nos moldes dos capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos. Longe de desconsiderar a dimensão relacional do espaço, por meio da qual o “capital espacial”, assim como os demais, somente pode ser apreendido a partir de uma contraposição aos outros elementos da estrutura, parece-nos indiscutível o papel da representação cartográfica da distribuição do espaço de grupamentos de agentes e instituições investigados.

Uma vez mais, longe de enfatizar abordagens substancialistas, subjetivistas ou interacionistas, os achados da Santa Juliana apresentam-se sugestivos ao apontar para o espaço não apenas como elemento que “transversaliza” a dinâmica pesquisada. Ao contrário, foi possível apreendê-lo também como componente “estruturante” da relação. Estruturante, na medida em que alterações em sua composição e natureza – assim como em quaisquer dos outros elementos envolvidos na relação – impactam o “equilíbrio dinâmico” da arquitetura socioespacial em análise, manifesta na articulação entre o conjunto dos capitais envolvidos.

Recorrendo, uma vez mais, a Bourdieu, o autor tecerá, em obras como “*A Produção da Crença*” (2008), analogamente ao pretendido neste estudo junto à Santa Juliana, uma série de considerações acerca da distribuição de moradores e empreendimentos – teatros, editoras, galerias de arte –, ao longo da geografia de cidades como Paris. Como resultado, constata que o valor social da residência privada somente se define por referência às características sociais do bairro onde se estabelece, por referência às características sociais de seus moradores, assim como das características sociais dos lugares públicos, profissionais, escolas, calçadões, edifícios culturais, bem como – e, em especial – da representação que os agentes têm desse espaço social. Tal representação é dependente não somente de sua posição na “classe dominante”, mas, igualmente, de sua trajetória social e, dir-se-ia, também, espacial.

Desse modo, ainda segundo Bourdieu (2008), para se compreender a distribuição de uma população no espaço físico, é necessário fazer intervir, além de aspectos arquitetônicos e dos recursos financeiros – capital econômico – as disposições que se exprimem também na própria localização – “capital espacial” – e estilo do imóvel – capital cultural –, bem como na maneira particular de operá-lo – capital simbólico. A proximidade ao espaço físico permite que a proximidade no espaço social produza seus efeitos não somente ao facilitar e favorecer a acumulação de capital social – relações, conexões, ligações – mas, também, ao torná-la possível.

A maior presença de residências de um único pavimento, no início da Santa Juliana, e não por coincidência em sua área mais próxima à região central da cidade e, portanto, como resultado da expansão periférica da cidade em épocas passadas; a maior incidência de atividades de lazer, recreação e de serviços nas proximidades da Escola Satyro Alvim e do campo do Eucalipal; a maior vitalidade do comércio no trecho de quadras mais curtas, calçadas mais largas e de maior contato com os bairros mais densamente povoados do entorno, o maior fluxo de moradores, de mistura mais intensa de prédios novos e usados, de maior diversidade de usos e funções; bem como a prevalência de terrenos maiores, de prédios mais novos, de maior distância entre as quadras e de disponibilidade de estacionamento privado, incentivando a locomoção por automóveis e favorecendo a implantação de empreendimentos de maior porte, no final da via, nas proximidades com a MG-238, apresentaram-se sintomáticos da relevância de um certo

“capital espacial” nas estratégias de adaptação e diferenciação adotadas pelos diferentes agentes sociais envolvidos na dinâmica da rua.

Conforme salientado, uma das críticas direcionadas à sociologia de Bourdieu diz respeito à sua desconsideração às transformações decorrentes da transição de uma economia industrial para a atual, com possíveis implicações em seu olhar sobre categorias como espaço, tecnologia e criatividade, cujas centralidades na era atual se evidenciam (BOUDON e BOURRICAUD, 1993). Para Florida (2011: 6,11): “[...] não é incomum ouvir que, na atual era da alta tecnologia, a “geografia morreu” e a noção de lugar não é mais relevante”. No entanto, complementa o autor, “[...] para ver que isso não é verdade, basta observar que as empresas de alta tecnologia estão concentradas em pontos específicos”. E avança afirmando que “[...] o lugar geográfico se tornou o principal elemento organizador da nossa era, assumindo muitas das funções que antes eram exercidas por empresas e outras organizações”. Para, finalmente, inferir que “[...] é bem possível que a sociedade esteja se dividindo em dois ou três tipos de economia, cultura e comunidade, com distinções cada vez mais profundas em termos de educação, profissão e localização geográfica”.

Nessa direção, o método e as potencialidades operativas da “Teoria da Ação Prática”, de Bourdieu, com destaque para seu caráter relacional, multidimensional e dinâmico, expôs, sob uma outra visada, sua robustez, inclusive, na própria extrapolação de campos e capitais originalmente estabelecidos pelo autor, revelando-se central à análise dos dados obtidos em nossa “*Grounded Theory*” junto à Rua Santa Juliana. De fato, por meio dela foi possível identificar semelhanças e diferenças quanto a distintos capitais mobilizados por seus principais agentes sociais. Em relação aos empreendedores locais configurou-se possível, *a posteriori*, inclusive, a identificação de prevalência das categorias de empreendedores “*Tradicionais*” (remanescentes), “*Modernos*” (profissionais) e “*Pós-modernos*” (camaleões ou *bricoleurs*), conforme originalmente identificadas por Sant’Anna *et al.* (2011).

Esses “grupamentos” de empreendedores, quando não outros, caracterizam-se por disporem de capitais econômicos, simbólicos, culturais, sociais – e, acrescentaríamos, também, espaciais –, identidade pessoal, valores e interesses que os distinguem (BOURDIEU, 2010), bem como suas habitações e, de modo ainda mais evidente, seus estabelecimentos comerciais, os quais contemplam diferentes modelos de negócios e estilos de gestão. Juntos, eles concorrem para

definir tais empreendimentos e a “comunidade” investigados e dispor de seus recursos espaciais, humanos e econômicos. Além disso, o conjunto dos dados investigados permitiu corroborar achados de estudos similares conduzidos por Sant’Anna e Nelson (2013); Sant’Anna *et al.* (2013), Nelson e Sant’Anna (2012), Sant’Anna *et al.* (2011), Oliveira, Sant’Anna, Diniz (2012), dentre eles:

1. As comunidades investigadas desenvolveram vocabulários compartilhados de pares de opostos que expressam as principais tensões sociais advindas de sua dinâmica socioeconômica, cultural e espacial.
2. Posicionamentos distintos dos agentes sociais estão localizados em diferentes espaços criados pela interseção ou justaposição desses pares de opostos.
3. Os diferentes tipos de empreendedores identificados têm consciência de sua localização e da localização dos outros nos esquemas de opostos.
4. No caso dos empreendedores, evidenciados como agentes protagônicos nas dinâmicas investigadas, os mesmos têm diferentes metas e preferências em relação ao desenvolvimento das comunidades, com implicações diferentes sobre a natureza das comunidades, no longo prazo.
5. A distribuição proporcional de diferentes tipos de empreendedores tem impactos na dinâmica econômica e social das comunidades.
6. A diversidade entre tipos de empreendedores não favorece a busca por metas comuns, oportunizando assim o poder das oligarquias políticas tradicionais, com implicações na qualidade do desenvolvimento econômico futuro das comunidades.
7. Os tipos de empreendedores identificados se sobrepõem, mas não duplicam as tipologias existentes na literatura sobre empreendedores.

8. Embora alguns empreendedores pareçam compartilhar comportamentos em comum com os tipos identificados na literatura tradicional sobre empreendedorismo, apresentam variações quanto às suas origens sociais, motivações e valores pessoais (SANT'ANNA e NELSON, 2013; NELSON e SANT'ANNA, 2012).

A identificação de pares opostos, presentes nos relatos e categorias usados pelos entrevistados na descrição da rua e seus membros, revelou-se igualmente crucial – como demonstram os achados citados – na identificação de temas principais que expressam as tensões, distinções e contradições vivenciadas na dinâmica investigada: 1. entre áreas geográficas da cidade (Centro-Periferia); 2. entre nativos e não nativos da rua (Veteranos-Novatos); 3. nos modelos de negócios e filosofia dos empreendimentos locais (Conservadores-Orientados a Resultados); 4. nas relações entre os empreendedores entre si (Competição-Complementariedade); 5. nas relações entre os empreendedores e demais membros da comunidade (Empreendedores-Moradores). Igualmente, possibilitou elementos para análise dos capitais por eles mobilizados (BOURDIEU, 2010).

Embora de natureza indutiva, obtiveram-se, já nas primeiras entrevistas, relatos que refletem conflitos que marcam a dinâmica local. À medida, no entanto, que se aprofundava a análise dos dados, a importância da variação entre os agentes e, em particular, entre os empreendedores locais e suas relações quer entre si quer com a comunidade, tornou-se evidente, possibilitando identificar mais claramente um conjunto de estudos disponíveis na literatura passíveis de os apoiar ou, mesmo, de ampliá-los.

Vale observar que a literatura dos primórdios das pesquisas sobre o empreendedorismo é marcada pelo esforço de se identificarem atributos que distinguissem o empreendedor dos demais agentes sociais. Desse modo, características psicológicas, como tolerância ao risco e nível de agressividade, assim como fatores demográficos – educação, etnia e classe social – foram amplamente considerados na tentativa de definição de um perfil de empreendedor típico ou bem-sucedido (SANT'ANNA e NELSON, 2013; NELSON e SANT'ANNA, 2012).

Com a evolução dos estudos no campo, esse tipo de pesquisa perde espaço, tendo-se percebido que os empreendedores variam entre si de forma significativa, bem como que essas variações apresentam ampla gama de implicações sobre o comportamento e desempenho de seus empreendimentos. Mesmo em subcategorias do empreendedorismo, como o chamado Empreendedorismo Social, evidenciam-se estudos e análises que apontam para diferentes tipos e estilos pessoais de empreendedores (SANT'ANNA e NELSON, 2013; NELSON e SANT'ANNA, 2012).

Como a maioria desses estudos é de origem norte-americana e, ocasionalmente, europeia, pouco se sabe sobre distinções entre empreendedores brasileiros e de demais países, senão os de origem nórdica. Exceções são os estudos realizados por Mallman, Borba e Ruppenthal (2002) sobre tipos psicológicos encontrados em incubadora de empresas, em Santa Maria (RS). Desse modo, sabe-se ainda muito pouco sobre a atuação *in loco* de empreendedores, no Brasil, e quase nada sobre sua atuação *vis-à-vis* a comunidade em que se estabelecem (SANT'ANNA e NELSON, 2013; NELSON e SANT'ANNA, 2012).

Análises subsequentes e mais pormenorizadas dos dados coletados na Santa Juliana, desta vez já se incorporando os arcabouços teóricos de Jacobs e Bourdieu, permitiram corroborar fatores que definem a vitalidade da rua (JACOBS, 2011), assim como principais capitais mobilizados por seus agentes. Nessa etapa do percurso, convém destacar a relevante contribuição de estudos de Santos (2008), particularmente sua noção de circuitos econômicos – “Circuito Superior-Circuito Inferior” –, sustentada na ideia de “seletividade do espaço”, assim como sua compreensão do processo de urbanização como derivado de múltiplos vetores – congregando processos de mudança, que tomam como central a organização do espaço, constituindo e singularizando-o, em função de diferenças nas esferas econômica e social. Tais aportes foram fundamentais ao delineamento do *framework* teórico que se estabeleceu ao longo da pesquisa, essencial à análise dos dados empíricos obtidos.

No *framework* delineado, o arcabouço teórico de Jacobs desempenhou papel fundamental como referencial para a verificação das condições de diversidade e vitalidade, a partir dos dados empíricos coletados na Santa Juliana. Como resultado, foi possível constatar sólidas evidências empíricas, que asseguram o alcance do conjunto dessas condições:

1. Intenso fluxo de pessoas e veículos favorecido por sua posição geográfica estratégica: principal via de acesso entre a região central da cidade e os condomínios de classe média-alta, conjuntos habitacionais populares, plantas industriais de grandes empresas e cidades rurais do entorno. Além disso, a rua atravessa sete diferentes bairros, com forte adensamento populacional: Boa Vista, Olinto Alvim, Braz Filizolla, Emília, São Vicente, São João e Montreal, contando com ampla diversidade de meios de transporte coletivos em toda a sua extensão, com conexões com diferentes bairros de Sete Lagoas e cidades de seu entorno.
  
2. Variedade de usos e funções, com a prevalência de alternância, ao longo de toda a rua, entre residências, ampla diversidade de estabelecimentos comerciais e de serviços. Além disso, evidencia-se seu caráter de “centralidade local”.
  
4. Diversidade de usuários, por meio da presença de usuários de diferentes idades, níveis de escolaridade e orientações religiosas.
  
5. Heterogeneidade de imóveis, com significativa mistura de prédios novos e antigos.

É relevante destacar que a Rua Santa Juliana, muito embora exerça atração e compreenda ampla gama de empreendimentos comerciais e de serviços, contempla relações que se caracterizam muito mais pela adoção de estratégias de cooperação e complementaridade que de competição, propriamente dita. Nesse sentido, bares e restaurantes, padarias e lanchonetes, lojas de presentes, mercearias e supermercados, lojas de confecções e presentes vão, ao longo do tempo, configurando diferentes estilos entre si, direcionando-se a distintos *nichos* de negócios, especializando-se em perfis de consumidores, padrões de atendimento e portfólios específicos de produtos, serviços e/ou soluções.

Concessionária de motos, revendas de veículos usados, lojas de autopeças, de acessórios automotivos, oficinas de motos, veículos leves e pesados, borracharias. Agência bancária e

casas lotéricas. Drogarias, redes de distribuição de medicamentos, farmácia de distribuição de genéricos. Salões de beleza, barbearias, lojas de cosméticos, perfumarias. Academias de musculação, estúdios de Pilates, centros de estética e massagem, escolas de artes marciais. Clínicas e consultórios odontológicos. Lojas de pisos e acabamentos, de tintas, de artigos elétricos, de lajes pré-moldadas, de ferragens, de materiais para alvenaria, de aluguel de equipamentos de construção, além, é claro, de amplo número de empreendimentos individuais, comumente não formais – feirantes, camelôs e prestadores de serviços – convivem, lado a lado, com quitandas, açougues, sacolões e barracas de verduras.

Subjacente a essa diversidade, é possível, no entanto, observar uma sofisticada produção de discursos e saberes, bem como elaborados dispositivos de reconhecimento e controle dos capitais a serem – ou não – articulados, de forma a produzir as complementaridades, as distinções e, portanto, suas relações específicas de poder (FOUCAULT, 1995; BOURDIEU, 2010; 2008; 2008a). Dificilmente, um estabelecimento comercial sobrevive sem levar em conta o *habitus* local, cuja legitimação é evidenciada nos relatos recorrentes em torno de “*inimigos comuns*”: o comércio da região central da cidade, a insegurança, as deficiências na infraestrutura física da rua.

Conforme já evidenciado, os dados coletados, ao serem analisados à luz da “tipologia” de empreendedores proposta por Sant’Anna *et al.* (2011), a partir da “Teoria da Ação Prática”, de Bourdieu, permitiram, concomitantemente, identificar a presença de representantes nas três categorias de empreendedores propostas por aqueles autores: *Empreendedores Tradicionais* (“*Remanescentes*”), *Empreendedores Modernos* (“*Profissionais*”) e *Empreendedores Pós-Modernos* (“*Camaleões*”).

Constata-se, ainda, que aos *empreendedores tradicionais* contrapõem-se mais diretamente aos *Empreendedores Modernos*. Enquanto os primeiros denotam forte apego às suas “origens”, bem como a um “*clã familiar específico*”, com intensa ligação afetiva ao local, à sua história familiar e pessoal, os *empreendedores modernos*, já em bom número na rua, visam se distinguir pela adoção de lógicas de negócios centradas em técnicas “modernas” de gestão.

Os *Empreendedores Pós-Modernos ou Camaleões*, por sua vez, serão compostos por indivíduos com poucos recursos financeiros, comparativamente aos *Empreendedores Tradicionais e*

*Modernos*, constituindo seus empreendimentos na base do “jeitinho”, da “gambiarra” e da “improvisação”. Típicos *bricoleurs* (STINCHFIELD, NELSON, WOOD, 2009; LÉVI-STRAUSS, 2012), distinguem-se pela capacidade de adaptação e de assumir riscos, assim como pelo elevado senso de oportunidade. Comumente encontram-se na economia informal.

Poder-se-ia, ainda, considerando o caráter protagônico atribuído aos agentes empreendedores na dinâmica socioespacial da Santa Juliana, agrupá-los considerando suas respectivas posições no espaço geográfico da rua. Como resultado, quatro trechos apresentaram-se distintivos. Um primeiro trecho, sob forte influência da maior proximidade à região central da cidade, se vê dominado por edificações residenciais. Um segundo trecho, localizado no raio de influência da Escola Estadual Satyro Alvim e do Campo do Eucalipal, é marcado pelo predomínio de estabelecimentos comerciais, novos e antigos, orientados a serviços, recreação e lazer. Um terceiro, localizado em trecho de maior contato com bairros de forte adensamento populacional, caracteriza-se pela presença mais intensa das condições de vitalidade sugeridas por Jacobs (2011). Nele se tem a maior concentração e diversidade de empreendimentos comerciais do logradouro. Finalmente, o quarto trecho, próximo à rotatória que dá acesso à MG-238, define-se pela predominância de empreendimentos maiores, mais “modernos” e de maior “porte”, como grandes supermercados, concessionárias e revendas de veículos, grandes lojas de varejo de materiais de construção e elétricos e locadores de equipamentos de construção, de implantação mais recente.

Em nível teórico, a relevância desses achados faz-se notar, uma vez mais, ao indicarem que os empreendedores da Santa Juliana apresentam variações entre si – em termos de papéis desempenhados, atributos pessoais, estilos de gestão de seus empreendimentos – e convivem em constantes inter-relações, conflitos e alianças. Tais achados revelam-se proeminentes visto que a literatura clássica sobre o empreendedorismo ainda não se apresenta suficientemente atenta às dinâmicas de coexistência e tensão entre tipos de empreendedores distintos. Do mesmo modo, a literatura clássica sobre urbanismo não dispensa maior atenção à coexistência de tais tensões em diferentes tipos de configurações socioespaciais.

De fato, cabe observar que os sujeitos personificados nos diferentes tipos de empreendedores investigados não surgem, nem atuam em um “vácuo social”, nem são independentes uns dos outros. Ao contrário, fazem parte de uma “ecologia social comunitária” (HANNAN e

FREEMAN, 1984), repleta de competição, colaboração, assim como de sinergias intencionais e inconscientes (SANT'ANNA e NELSON, 2013; NELSON e SANT'ANNA, 2012). De forma similar, a literatura revela não considerar a importância da “ecologia social comunitária” no estabelecimento de dinâmicas socioespaciais que contribuam para a definição dos parâmetros de interação entre tais agentes e o seu papel social na comunidade.

As dinâmicas observadas por meio dessa *Grounded Theory* na Santa Juliana, igualmente, apresentam resultados distintos dos dois extremos que caracterizam o pensamento tradicional sobre o empreendedorismo (SANT'ANNA e NELSON, 2013; NELSON e SANT'ANNA, 2012). De um lado, a visão dos empreendedores como elementos quase míticos que, ao contrário dos demais indivíduos, por seu gênio e competências singulares, estariam aptos a identificar, “liderar”, aproveitar oportunidades e criar novas riquezas que outros não conseguem vislumbrar (COLLINS e MOORE, 1964; CARLAND, CARLAND, STEWART, 1996; HULL, 1980; MILLER, 1983; MINER, 2000; SCHUMPETER, 1950). De outro lado, a ideia de que macroforças tecnológicas e econômicas criariam oportunidades para novos empreendimentos, os quais seriam idealizados ao acaso por pessoas que não por virtudes particulares acontecem de estar no lugar certo, na hora certa (HANNAN e FREEMAN, 1984; FREEMAN e AUDIA, 2006). Sem dúvida, acidentes de história e geografia forjam configurações de recursos de certa forma únicas. Uma vez mais, todavia, não se tem claro o papel das configurações espaciais nesses processos. Em outros termos, a literatura deixa sem respostas a questão sobre de que forma diferentes arranjos relacionais que caracterizam as dinâmicas investigadas correspondem a distintas configurações espaciais.

Verificar que diferentes empreendedores estão inseridos em contextos sociais nos quais seus agentes têm papéis diferenciados e conflituosos parece não ser, no entanto, a única contribuição desses estudos. Reitera-se, também, que o empreendedor depende de seu entorno – assim como modifica a configuração espacial em que se insere – de forma ainda não claramente explicitada pela literatura (SANT'ANNA e NELSON, 2013; NELSON e SANT'ANNA, 2012).

Adicionalmente, os achados e resultados sugerem que, muito embora os “tipos” de empreendedores encontrados na literatura internacional possam ser reconhecidos nos casos investigados, as trajetórias e origens sociais das pessoas que os representam podem ser bastante diferentes. Isso indica que, mesmo que esses distintos grupamentos acabem manifestando um

perfil universal típico, o caminho que cada um percorre para ocupar determinado papel de liderança em seu campo pode variar de forma significativa, em função da dinâmica socioeconômico-espacial prevalecente.

Por fim, a diversidade entre os grupamentos de empreendedores identificados, ao impedi-los de perseguir objetivos comuns, tende tanto a estimular mudanças – dependendo do equilíbrio de forças e capitais mobilizados (BOURDIEU, 2008; 1996) – quanto à preservação do equilíbrio, assim como da amplitude e da qualidade do desenvolvimento local futuro (SANT’ANNA e NELSON, 2013).

Igualmente, o conjunto dos dados coletados parece corroborar teses defendidas por autores como Harvey (1989) e, no Brasil, Maricato (2000). Segundo esses autores, com os processos de reestruturação produtiva “pós-era de ouro do capitalismo”, o poder público perde representatividade como elemento-chave na dinâmica de regulação dos rumos da macroeconomia. Ao mesmo tempo, constata-se maior exigência em relação a essas lideranças quanto a assumirem formas de administração mais “modernas” (BRESSER PEREIRA, 1996, 1997; MARTINS, 1997) e vinculadas às forças produtivas capitalistas, resultando na adoção de conceitos, discursos e práticas gerenciais típicas do contexto empresarial.

Se em diversas cidades brasileiras é possível observar a transposição de conceitos empresariais para a gestão pública, tal situação não foge ao observado em Sete Lagoas. Se relatos apontam, no passado, para a presença de lideranças públicas protagonistas “na preparação das bases para o desenvolvimento atual, com ênfase no instrumento do planejamento de longo prazo e em uma maior sensibilidade comunitária”, atualmente, a tônica parece reduzir-se a posturas menos proativas, senão ao papel de meros “alocadores de recursos a necessidades” (FRIEDMAN, 1991). Como consequência, depoimentos apontam para um “vácuo”, “carência” ou mesmo “incapacidade” das lideranças públicas locais em formular e levar a cabo iniciativas de mais longo prazo. Segundo relato, a última “[...] grande ação, mais sistematizada, de se pensar a cidade, por meio de processo de planejamento formal, deu-se há mais de quarenta anos”.

Tal “vácuo”, todavia, apresenta-se como fomento à busca por formas alternativas de exercício da liderança, incluindo a adoção de dispositivos mais “coletivos”. Muito embora tendo por base motivos que se poderiam definir como claramente “privados” ou “pragmáticos”, constata-se na

Santa Juliana, até certo ponto, “eficiente” mecanismo de influência sobre os poderes legislativo e executivo locais, calcado em iniciativas que propõem extrapolar a “dimensão individual”, por meio da construção de “competências mais coletivas”, não raro orquestradas por grandes empreendimentos localizados na via (MAFFESOLI, 1987).

Como consequência reitera-se, a partir do conjunto dos relatos e documentos analisados redução sistemática da participação de moradores e transeuntes usuais da Santa Juliana em iniciativas voltadas às “causas” associadas à rua. Quer em decorrência da expansão desenfreada do número de estabelecimentos comerciais, quer pela diminuição do número de moradias, o fato é que os comerciantes assumem papel cada vez mais protagonismo nas pautas e decisões que envolvem a vida cotidiana da rua. Análise da influência da “Rede de Comerciantes Protegidos”, bem como de requerimentos apresentados por vereadores, junto à Câmara Municipal, são algumas das evidências da redução, ao longo do tempo, do número de pleitos decorrentes de moradores e demais usuários da via, comparativamente aos proprietários e gestores de estabelecimentos comerciais locais.

Já em termos metodológicos, as principais contribuições deste estudo dizem respeito à adoção de método de pesquisa inspirado na *Grounded Theory*, a qual visa, em essência, “deixar o campo falar”. Sob a condução de certa “atenção flutuante”, revelou-se significativo lidar com a “agonística” (LATOURE, 1994) de ouvir a fala do campo, para somente, *a posteriori*, ir formatando um quadro teórico que melhor permitisse a análise dos significantes apreendidos. Tal “aventura”, embora em certa medida dolorosa, por não se ter, de início, um esquema em que “fixar” os dados empíricos, configurou-se extremamente compensadora, permitindo capturar, como bem sintetiza Maffesoli (1987: 43), que “[...] é possível propor e impor uma hegemonia, mas esta não resiste à usura do tempo”.

Significativa, também, foi a aprendizagem decorrente da adoção de múltiplas metodologias, técnicas e instrumentos de coleta de dados – observação direta do tipo não participante, análise documental, entrevistas semiestruturadas e fotolinguagem associada à técnica de evocação de imagens. Em relação à utilização de dispositivos mais lúdicos – como a fotolinguagem – convém apontar a riqueza não somente ao possibilitar maior implicação e abertura dos respondentes ao estudo, bem como por evidenciar o quão relevante é o “[...] mundo onírico para se descobrir as características do mundo real” (FEYERABEND, 2011: 29).

Igualmente, em termos práticos, espera-se que o estudo contribua com elementos que venham a propiciar formas outras de educação e desenvolvimento de cidadãos, lideranças, empreendedores, urbanistas e planejadores públicos. Nessa direção, espera-se: 1. propiciar subsídios para o desenvolvimento de metodologias de análise de dinâmicas de empreendedorismo social; 2. apresentar contribuições para o desenho de metodologias de desenvolvimento de lideranças direcionadas a tais processos; 3. aportar elementos para elaboração de políticas públicas e ações orientadas ao desenvolvimento local, incorporando perspectivas mais coletivas e assentadas no cotidiano de seus agentes.

Quanto às suas limitações há que se destacar que as escolhas de recorte de uma pesquisa, ao mesmo tempo que fundamentais para se delimitar um problema e permitir foco na investigação, impõem restrições, cuja superação representa oportunidades de desdobramentos da pesquisa. Nesse sentido, na abordagem adotada para este estudo, duas escolhas importantes correspondem, igualmente, a duas consideráveis limitações. A primeira relaciona-se ao próprio caráter “exploratório” do estudo e, nesse sentido, à opção por um método menos ortodoxo de pesquisa, a *Grounded Theory*. A segunda diz respeito à realização de sua parte empírica considerando um caso único, ainda que emblemático, do fenômeno em análise. Seria interessante descrever e comparar o estudo junto a outros casos, o que se propõe como recomendação para futuras investigações.

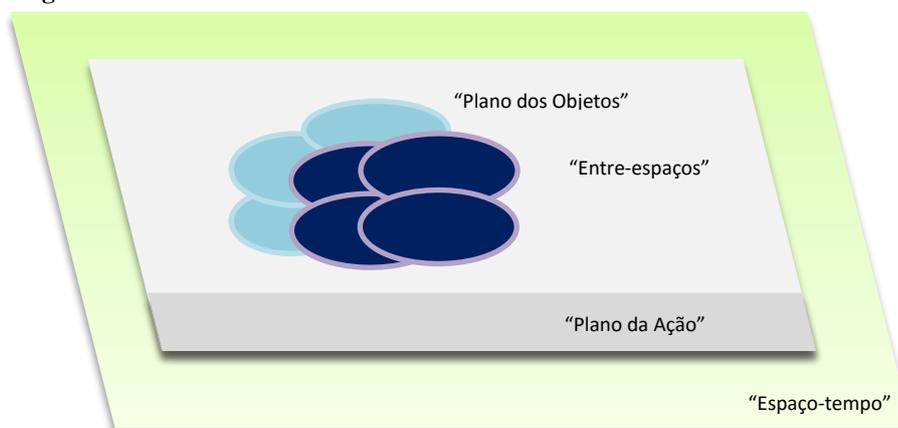
Não obstante as limitações, cabe destacar, do confronto entre teoria e dados empíricos, possibilidades de resposta à questão de pesquisa formulada. A partir do conjunto dos dados analisados, evidenciou-se que os diferentes atores sociais envolvidos na dinâmica da Santa Juliana se articulam por meio da mobilização de diferentes capitais culturais, econômicos, simbólicos, bem como “espaciais”. Da mesma forma, diferentes características de diversidade e vitalidade se veem associadas a distintas formas de mobilização de tais capitais. Em outros termos, grupamentos de agentes sociais específicos, mobilizando distintos capitais, condicionam e são condicionados por configurações e capitais espaciais igualmente específicos, que resultam em dinâmicas mais ou menos favorecedoras de diversidade e vitalidade.

Uma decorrência dessa constatação, retomando ao modelo que se foi delineando para análise dos dados empíricos deste estudo (FIGURA 1), é que para além de uma concepção newtoniana,

o espaço não constitui apenas uma instância em que se projetam as transformações que se dão no tempo. Por meio do artifício de análise de um “espaço-entre”, no caso específico, a rua Santa Juliana, é possível, sob uma outra concepção, a einsteiniana, vislumbrar que “espaço-mundo” é “espaço-tempo”.

Em outros termos, os planos dos objetos e das ações, quando projetados no “espaço-tempo”, não se configuram em planos distintos, como *a-priori* sugerido em nosso modelo analítico. De fato, pelas possibilidades propiciadas pela adoção de método de pesquisa inspirado na *Grounded Theory* foi possível constatar, *in loco*, que as ações, em suas temporalidades, não se constituem em meras projeções no espaço. Ao contrário, ambos os planos se mostram colabados: “espaço e tempo”, “objetos e relações” como faces de uma mesma moeda. Temporalidades, relações e espaços como capitais que transacionados são capazes de acelerar ou operar como fatores de atrito ao movimento complexo que caracteriza os circuitos superior e inferior, cuja leitura constitui umas das possibilidades de apreensão do “espaço-mundo”, do “espaço-tempo” (FIGURA 88).

**Figura 88.** Modelo teórico revisitado



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

No mais, vale destacar que o campo social analisado, por se revelar não monolítico, apresentou como pontos fortes: 1. a capacidade de se mobilizarem diversos agentes sociais locais em torno de “causas comuns” – segurança, trânsito, infraestrutura física, equipamentos públicos; 2. a capacidade de forjar órgãos coletivos de representação, por exemplo, a “Rede de Comerciantes Protegidos”; 3. a habilidade em exercer pressão sobre lideranças públicas em iniciativas de impacto coletivo, por meio de utilização de instituições de representação – como CDL-Sete Lagoas, SindiComércio-Sete Lagoas, associações comunitárias e veículos locais de

comunicação. No que tange ao papel da mídia local, cabe reiterar, conforme indicado por Junqueira (1998: 8), que “[...] a grande mídia tornou-se, na última década, o mais importante locus do espaço público existente; todos os grandes “jogos” sociais se ganham ou se perdem na mídia”. O mesmo também se verificando no âmbito das lutas menores, entre grupos, pessoas e indivíduos.

Adicionalmente, contribuições a novos estudos incluem, também, pesquisas que remetam a dimensões intramuros das organizações. Se determinados ambientes – regiões e também organizações – promovem a criatividade e a vitalidade e, portanto, dispõem de *habitus* e visões que as favorecem, como, então, desenvolvê-los?

Segundo Florida (2011), tal questão nos redireciona a conversações entre dois dos principais cronistas de meados do século XX: de um lado, Whyte (1956), que, em seu clássico “*The Organization Man*”, aponta para o modo como as grandes corporações desse período selecionavam e “produziam” competências aptas aos modelos taylorista-fordista da era industrial, produzindo uma “geração de burocratas”. E, de outro lado, Jacobs, que no seu “*Morte e Vida de Grandes Cidades*”, publicado cinco anos antes, enfatiza a criatividade e a diversidade dos bairros urbanos (FLORIDA, 2011).

Logo, enquanto Whyte (1956) descreve o conformismo e a uniformidade dos espaços organizacionais, Jacobs lança luz sobre fontes de singularidade, diversidade e interação social em bairros cujos segredos se evidenciam na vida agitada de suas ruas. Um olhar mais atento sobre vínculos entre as obras desses dois autores parece significativo, portanto, também em nível organizacional, em que fatores de vitalidade parecem cada vez mais se associarem – pelo menos em nível do discurso – àquilo que de mais humano há no humano: sua criatividade, suas emoções, sua capacidade de inovação e engajamento.

Ainda como contribuições a novos estudos, achados aqui obtidos apontam para a relevância de se melhor compreender os motivos que levam à existência de tantas organizações em um mesmo contexto, temática, essa, central das abordagens em torno da “Ecologia Organizacional” (HANNAN e FREEMAN, 1977; PINA, 1999; TURETA *et al.*, 2009; BATAGLIA *et al.*, 2010, BAUM, 1998).

Nessa direção, Jelihovschi (2015), a partir de resultados deste estudo, propõe projeto de dissertação de mestrado, sob minha co-orientação, visando análises mais aprofundadas em torno dos construtos *Dinâmicas Socioespaciais* e *Estratégias de Cooperação e Complementariedade* evidenciadas em torno do par antitético “Competição-Complementaridade”, identificado em nossa pesquisa.

Adicionalmente, conforme observa Santos (2008), as relações de complementariedade e competição, como sínteses da vida do sistema urbano, são marcadas por um estado de equilíbrio instável entre seus circuitos superior e inferior. E, na medida em que ambos os circuitos não são isolados e impermeáveis entre si, quanto mais a economia se moderniza e os consumos intermediários e finais se modificam, mais o circuito inferior tende a recorrer a *inputs* do circuito superior. Enquanto, no sentido inverso, a demanda do circuito superior ao inferior tende a diminuir com a evolução da economia para a complexidade, isto é, para a maturidade. Para Santos (2011), todavia, estudos empíricos sobre o tema, notadamente em países periféricos, são ainda restritos, apresentando-se relevante desenvolvê-los com vistas a uma compreensão mais sistêmica das inter-relações entre globalização, circuito moderno, Estado, estratégias monopolistas, companhias multinacionais e condições espaciais que produzem a dialética entre os dois circuitos. Ou, em outros termos, os capitais e dispositivos mobilizados no e a partir do espaço, quer para a sobrevivência, quer para o domínio do campo em análise.

Por fim, o estudo sugere, como ações de desenvolvimento, abordagens que fomentem a vitalidade dos espaços, por meio de formas de atuação que extrapolem a dimensão individual, assim como os “intramuros” dos empreendimentos e instituições, considerando a construção de competências capazes de articular, simultaneamente, especificidades e inter-relações entre os principais capitais envolvidos: econômicos, sociais, culturais, simbólicos e, também, espaciais.

## REFERÊNCIAS

AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Tempo, 2011.

ANDER-EGG, E. *Introducción a las técnicas de investigación social para trabajadores sociales*. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ASCHER, F. *Métapolis ou l'avenir des villes*. Paris: Odile Jacob, 1995.

ASTLEY, W. G.; VAN DE VEN, A. H. Central perspectives and debates in organization theory. *Administrative science quarterly*, p. 245-273, 1983.

AZEVEDO, I. B. *O prazer da produção científica*. São Paulo: Hagnos, 2001

BARRAGINHAS, Informativo Projeto. *Carne com qualidade desde o frigorífico em Sete Lagoas*, Sete Lagoas, 14/04/2013.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2014.

BATAGLIA, W.; FRANKLIN, M. A.; CALDEIRA, A.; SILVA, A. A. Implicações das teorias ambientais para a administração estratégica. *Gestão.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 7(3), 2010.

BAUM, J. A. C. Ecologia organizacional. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. *Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais*, v. 1. São Paulo: Atlas, 1998.

BAUM, W. M. (). *Compreendendo o behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOLSON, E. *Desenvolvimento Econômico da cidade de Sete Lagoas: do “carro de bois” ao “Iveco Stralis”*. Sete Lagoas: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Sete Lagoas, 2011.

BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONOMA, T. V. Case-research in marketing: problems and opportunities and a process. *Journal of Marketing Research*, XXII, pp. 199-208, 1985.

BORJA, J.; CASTELLS, M. *Local y Global, La gestión de las ciudades em la era de la información*. Madrid: Santillana de Ediciones, S.A, 1997.

BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos Avançados*, v. 27, n. 79, São Paulo, 2013.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, P. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008a.

BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, P. *O Poder do simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P.; ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Atica, 1994.

BRYMAN, A. *Social Research Methods*. Oxford: Oxford Press, 2001.

BRESSER PEREIRA, L. C. Da administração pública burocrática à gerencial. *Revista do Serviço Público*, v. 120, n. 1, p. 7-41. 1996.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

CACHADO, R. A. *Hindus da Quinta da Vitória em processo de realojamento: uma etnografia na cidade alargada*. Tese (Doutorado em Antropologia) - ISCTE-IUL, Lisboa, 2008.

CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, Informativo. *Melhorias na rua Santa Juliana foram discutidas em mais uma Audiência Pública*, Sete Lagoas, 07/11/2013.

CARLAND, J.; CARLAND, J. W.; STEWART, W. H. Seeing what's not there: The enigma of entrepreneurship. *Journal of Small Business Strategy*, v. 7, n. 1, p. 1-20, 1996.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, F. J. R. Rua Santa Juliana. In: II Encontro de Arquitetura e Urbanismo UNIFEMM. *Anais...* Sete Lagoas: Unifemm, 2015.

CATHARINA, P. P. G. F. *Quadros fin-de-siècle: estudo de "Às Avestas", de Joris-Karl Huysmans*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

CDL SETE LAGOAS, Informativo. *Projeto de revitalização da Santa Juliana: do papel para o canteiro de obras*, Sete Lagoas, 16/07/2014.

CDL SETE LAGOAS, Informativo. *Rede de Comerciantes Protegidos da Rua Santa Juliana foi instalada*, Sete Lagoas, 22/08/2014.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.

COLLINS, O. F.; MOORE, D. G. *The enterprising man*. Michigan State Univ Pr, 1964.

COMPANS, R. *Empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática*. São Paulo: Ed. da UNESP: ANPUR, 2001.

COOPERANDO, Jornal Informativo da Cooperativa dos Produtores Rurais de Sete Lagoas. *Sicoob/Credisete inaugura quarta agência na cidade*. Sete Lagoas, ano 45, n. 469, 15/10/2010.

CORBIN, J. M.; STRAUSS, A. Grounded theory research: Procedures, canons, and evaluative criteria. *Qualitative sociology*, v. 13, n. 1, p. 3-21, 1990.

CORDEIRO, G. I. *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Livros Horizonte, 2008.

CUSTÓDIO, L. S. *Servidores do setor público de Minas Gerais: valores pessoais e organizacionais, suas implicações sobre expectativas e trajetórias profissionais e correlações com a questão geracional*. Tese (Doutorado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DA MATTA, R., 1997. *A Casa & a Rua: espaço, cidade, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

BRUYNE, P.; HERMAN, M.; DE SCHOUTHETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1991.

DEY, I. Grounding Categories: In: BRYANT, Z; CHARMAZ, T. A. (Eds.). *The SAGE Handbook of Grounded Theory*. SAGE Publications: Los Angeles, 2007.

EISENHARDT, K. M. B. Theories from case study research. *Stanford University. Academy of Management Review*. Stanford, n. 4, v. 14, 1989.

EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E. Theory building from cases: opportunities and challenges. *Academy of management journal*, v. 50, n. 1, p. 25-32, 2007.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FANZINI, Revista. *Serviço de marcação de faixas de pedestres é realizado pela Prefeitura Municipal*, Sete Lagoas, 19/05/2015.

FANZINI, Revista. *Menores apreendidos na Santa Juliana*, Sete Lagoas, 13/02/2008.

FANZINI, Revista. *25º BPM apreende armas de fogo*, Sete Lagoas, 23/04/2012.

FERREIRA, J. S. W. Globalização, ideologia e planejamento urbano. In: FERREIRA, J. S. W. *O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis: Vozes, 2007.

FEYERABEND, P. K. *Contra o método*. São Paulo: Unesp, 2011.

FISCHER, T. Gestão contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e reconfigurações do local. In: FISCHER, T. (Org.). *Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

FLORIDA, R. *A ascensão da classe criativa*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREEMAN, J. H.; AUDIA, P. G. Community ecology and the sociology of organizations. *Annual review of sociology*, p. 145-169, 2006.

GARFINKEL, H. The curious seriousness of professional sociology, *In*: CONEIN, B.; FORNEL, M.; QUÉRÉ, L. *Les formes de la conversation*. Paris, CNET, 1990.

GERSICK, C. J. G. Time and transition in work teams: Toward a new model of group development. *Academy of Management journal*, v. 31, n. 1, p. 9-41, 1988.

GIOIA, D. A.; THOMAS, J. B. Identity, Image and issue interpretation: Sensemaking during strategic change in academia, *Administrative Science Quarterly*, v. 41, pp. 370-403, 1996.

GIUST-DESPRAIRIES, F. *L'imaginaire collectif*. Paris: Eres, 2004.

GLASER, B. *Basics of grounded theory analysis: Emergence vs. forcing*. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1992.

GLASER, B. *Sensitivity: Advances in the methodology of grounded theory*. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1978.

GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter: New York, 1967.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, mar./abr. 1995.

GOLDSTEIN, J.; HAZY, J. K.; LICHTENSTEIN, B. B. *Complexity and the nexus of leadership: leveraging nonlinear science to create ecologies of innovation*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

GOMES, A. L. R. A. *Imagens de carreira: um estudo com graduandos em administração de distintos grupos geracionais*. Dissertação (Mestrado em Administração) - PPGA/Pucminas, Belo Horizonte, 2014.

GONÇALVES, N. G. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUBA, E. G. 'Competing paradigms in qualitative research', in Denzin, N. K. and Lincoln, YS (eds.) *Handbook of Qualitative Research*, Thousand Oaks CA, Sage. 1995.

HALL, P. G. *Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos do século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. The population ecology of organizations. *American Journal of Sociology*, p. 929-964, 1977.

HANNAN, M.; FREEMAN, J. Structural inertia and organizational change. *American Sociological Review*, v. 49(2):149-164, 1984.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HULL, D. L. Individuality and selection. *Annual review of ecology and systematics*, p. 311-332, 1980.

IBGE, Censo Demográfico. Resultados gerais da amostra. *IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, 2011. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/home.pdf>>. Acesso em: 25/01/2016.

ISABELLA, L. A. Evolving interpretations as a change unfolds: How managers construe key organizational events. *Academy of Management journal*, v. 33, n. 1, p. 7-41, 1990.

JACOBS, J. *Cities and the wealth of nations: principles of economic life*. New York: Vintage Books, 1985.

JACOBS, J. *Dark Age Ahead*. New York: Vintage Books, 2004.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JACOBS, J. *The economy of cities*. New York: Vintage Books, 1969.

JACOBS, J. *The Nature of Economies*. New York: Vintage Books, 2000.

JACOBS, J. *Systems of survival: a dialogue on the moral foundations of commerce and politics*. New York: Random House, 1992.

JACOBS, J. *The question of separatism: Quebec and the struggle over sovereignty*. New York: Random House Inc, 1980.

JELIHOVSCHI, P. H. G. *Proposta metodológica de categorização e análise de ambientes socioespaciais: um estudo de caso na cidade de Sete Lagoas (MG)*. Projeto (Dissertação em Administração) - FUMEC, Belo Horizonte, 2016.

JORNAL DO LEGISLATIVO, *Melhorias na rua Santa Juliana foram discutidas em mais uma audiência pública*, Sete Lagoas, ano 6, n. 94, 30/11/13.

JORNAL SETE DIAS. *Sete Lagoas inaugura 4ª agência do SICOOB Credisete*, Sete Lagoas, 05/10/2010.

JORNAL SETE DIAS. *Câmeras do olho vivo passam por manutenção*, Sete Lagoas, 17/09/2013.

JORNAL SETE DIAS. *Falta de segurança no trânsito preocupa*, Sete Lagoas, 09/09/2013.

JORNAL SETE DIAS. *Rua Santa Juliana soma 100 acidentes somente em 2011*, Sete Lagoas, 08/12/2011.

JORNAL SETE DIAS. *Ufa! Até que enfim o trânsito da Rua Santa Juliana será debatido por nossos Edis*, Sete Lagoas, 15/12/2011.

JUNQUEIRA, L. A. P. Descentralização e intersetorialidade: a construção de um modelo de gestão municipal. *Revista de Administração Pública*, v. 32, n. 2, p. 11-22, 1998.

KILIMNIK, Z. M. *Trajetórias e transições de carreiras profissionais de recursos humanos*. Tese (Doutorado em Administração) - CEPEAD/UFMG, Belo Horizonte, 2000.

KRAFT, S.; NIQUE, W. M. Desvendando o consumidor através das metáforas: uma aplicação da Zaltman Metaphor Elicitation Technique (ZMET). In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração, *Anais...* Salvador: ANPAD, 2002.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, c1994. 149 p.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 2012.

LINCOLN, Y. S.; DENZIN, N. K. The seventh moment: Out of the past. *Handbook of qualitative research*, v. 2, p. 1047-1065, 2000.

LINDÓN, A. Los giros de la geografía humana y la búsqueda del sujeto perdido. In: CARCÓ, E. R.; CAPRON, G. C.; MONTES, C. I. LEVI, S., THIÉBAUT. V. *La geografía contemporánea y Elisée Reclus* (Orgs.). San Diego, CA: Mi Lybro, 2011.

LIPIETZ, A. *Miragens e milagres: problemas da industrialização no terceiro mundo*. São Paulo: Nobel, 1985.

MAFFESOLI, M. *O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão*. Lisboa: Veja, 1987.

MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MASSA, A. S. C. *Jeunes de banlieues et jeunes favelados: l'expression artistique dans la construction du sujet en territoires stigmatisés*. Tese (Doutorado em Sociologia Clínica) – Diderot/Paris VII, Paris, 2013.

MENDONÇA, J. G. *Segregação e mobilidade residencial na região metropolitana de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) - IPPUR/UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

MICELI, S. A Força do Sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MILES, M.; HUBERMAN, A. *Qualitative data analysis. An expanded sourcebook*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.

MILLER, D. The correlates of entrepreneurship in three types of firms. *Management Science*, 29(7): 770-791, 1983.

MINER, J. Testing a psychological typology of entrepreneurship using business founders. *Journal of Applied Behavioral Science*, 36(1): 43-69. 2000.

MINTZBERG, H. Criando organizações eficazes: estruturas em cinco configurações. São Paulo: Atlas, 2006.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 240-264

MONTE-MÓR, R. L. M. A questão urbana e o planejamento urbano-regional no Brasil contemporâneo. In: DINIZ C. C.; LEMOS M. B. *Economia e Território*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

NELSON, R. E.; SANT'ANNA, A. S. A Community ecology of entrepreneurs in Tiradentes, Brazil. In: I Congresso Internacional Lusófono de Gestão. *Anais...* Lisboa: Portugal, 2011.

NELSON, R. E.; SANT'ANNA, A. S. Entrepreneurial types and community dynamics in Tiradentes, Brazil. In: Academy of Management Annual Meeting. *Proceedings...* Boston: AoM, 2012.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2005.

NOGUEIRA, M. *Sete Lagoas: a dinâmica funcional de um lugar na rede urbana de Minas Gerais*. Tese (Doutorado) - UFRJ, IGEO, 2003.

OLIVEIRA, F. B.; SANT'ANNA, A. S.; DINIZ, D. M. *Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: o caso Paraty (RJ)*. Rio de Janeiro: EBAPE-FGV/FAPERJ, 2012. (Relatório de pesquisa).

OLIVEIRA, F. B.; SANT'ANNA, A. S.; DINIZ, D. M. *Liderança e dinâmica de requalificação de espaços urbanos: um estudo do Porto Maravilha (RJ)*. Rio de Janeiro: FGV/FAPERJ, 2015. (Relatório de pesquisa).

PADGETT, D. *The qualitative research experience*. Wadsworth/Thomson Learning, 2004.

PECI, A. Estrutura e ação nas organizações: Algumas Perspectivas Sociológicas. *Revista de Administração de Empresas*. v. 43, n. 1, 2003.

PERROW, C. Economic theories of organization. *Theory and society*, v. 15, n. 1, p. 11-45, 1986.

PINA, M. Ecologia organizacional: implicações para a gestão e algumas pistas para a superação de seu caráter anti-management. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 39(4), 21-28, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, Informativo. *Lei nº 5722, de 25 de novembro de 1998*. Sete Lagoas, 25/11/1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SETE LAGOAS, Informativo. *Pedido de Providência 860/2011: Limpeza Pública na Rua Santa Juliana*. Sete Lagoas, 04/02/2012.

PRESTES MOTTA, R. A modernização da administração pública brasileira nos últimos 40 anos. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro: p.87-96, 2007.

REIS, P. O. B. Palmas: entre muros, vazios urbanos e ausência de vitalidade. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 117.03, 2010.

RICHARDSON, R. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1985.

ROSA, A. R.; TURETA, C.; PAÇO-CUNHA, E. Estudos críticos e pesquisa organizacional: uma proposta teórico-metodológica a partir da análise crítica do discurso e da teoria do discurso de Pierre Bourdieu. In: XXX Encontro Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2006.

SAAE EM FOCO, *Obras na rua Santa Juliana: sinalização e comunicado minimizam transtornos*, Sete Lagoas, 30/05/2014.

SÁNCHEZ, F. *A reinvenção das cidades: para um mercado mundial*. Chapecó: Editora Argos, 2003.

SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B.; DINIZ, D. M.; CARVALHO, T. M.; SOUZA, I. A. Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: um estudo do caso Sete Lagoas (MG). Nova Lima: FDC/FAPEMIG, 2013. (Relatório de pesquisa).

SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B.; DINIZ, D. M.; CARVALHO, T. M. Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: um estudo do caso Tiradentes (MG). Nova Lima: FDC/FAPEMIG, 2011 (Relatório de pesquisa).

SANT'ANNA, A. S.; OLIVEIRA, F. B.; DINIZ, D. M. Tipos de empreendedores em dinâmicas de reconversão de funções econômicas de cidades: uma análise sob a perspectiva de Bourdieu. *Gestão e Sociedade*, n. 6, v. 15, p. 378-406, 2012.

SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E. Reconversão de funções econômicas de cidades: contribuições aos estudos sobre empreendedorismo. *Pretexto*, v. 14, p. 81-97, 2013.

SANT'ANNA, A. S.; OLIVEIRA, F. B.; DINIZ, D. M. Liderança no setor público: uma análise em processo de reconversão de funções econômicas de cidades. *Faces: Revista de Administração (Belo Horizonte. Impresso)*, v. 12, p. 96-115, 2013.

SANTOS, M. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*, São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Edusp, 2014a.

SANTOS, M. *Por uma geografia nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SASSEN, S. As cidades na economia global. *Cadernos de Urbanismo*, ano 1, n. 1, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo, 1999.

SATO, L. *Feira Livre: organização, trabalho e sociabilidade*. São Paulo: Edusp, 2012.

SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. Fundo de Cultura, 1961.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SETELAGOAS.COM.BR. *Bosque é campeão da Copa Sênior de Sete Lagoas*, Sete Lagoas, 30/11/2015.

SETELAGOAS.COM.BR. *Missa em celebração da família foi realizada no Campo do Eucalipal*, Sete Lagoas, 12/08/2015.

SETELAGOAS.COM.BR. *Acidente trágico na Santa Juliana deixa vítima fatal*, Sete Lagoas, 06/07/2015.

SETELAGOAS.COM.BR. *Santa Juliana recebe placas de proibido estacionar*, Sete Lagoas, 06/08/2012.

SINDICOMÉRCIO SETE LAGOAS, Informativo. *Alterações no trânsito Rua santa Juliana*, Sete Lagoas, 30/06/2012.

SOJA, E. W. Para além de posmetropolis. *Revista UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.136-167, 2013.

SOJA, E. W. *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. Oxford: Backwell, 2000.

SOUZA, I. V. A.; SANT'ANNA, A. S. A sociologia de Bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em administração. *Maestria (Sete Lagoas)*, v. 1, p. 27-54, 2014.

SOUZA, M. L. *ABC do desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOY, A. K. *The case study as research method*. University of Texas. Disponível em <<http://www.gslis.utexas.edu/~ssoy/useusers/1391d1b.htm>>. Acesso em 08 de agosto de 2005.

STINCHFIELD, B. T.; NELSON, R. E.; WOOD, M. S. Entrepreneurial opportunities: bricolage, art, craft, engineering, and brokerage. *Frontiers of Entrepreneurship Research*, 30(5), 2009.

STRAUSS, A. L. *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge University Press, 1987.

SUTTON, R. I. The process of organizational death: Disbanding and reconnecting. *Administrative Science Quarterly*, p. 542-569, 1987.

TEDESCO, J. C. *Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

TEIXEIRA, J. C. Fatores considerados para escolha de parceiros de pesquisa: uma proposta teórico-metodológica para estudos em redes colaborativas de pesquisa por meio dos capitais simbólicos de Pierre Bourdieu. In: XXXIV Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro 40 (1): p. 27-55, Jan./Fev. 2006.

TURETA, C.; ROSA, A. R.; ÁVILA, S. C. Da teoria sistêmica ao conceito de redes interorganizacionais: um estudo exploratório da teoria das organizações. *Unimep Business Journal*, 4(1), 2009.

VASCONCELOS, M. D. Pierre Bourdieu: A herança sociológica. *Educação e Sociedade*, Campinas, 23 (78): 77-87, 2002.

VELHO, O. G. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. São Paulo: SciELO-Centro Edelstein, 2009.

WHYTE, W. H. *The organization man*. New York: Simon & Schuster 1956.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOOD, M. S.; MCKINLEY, W. The production of entrepreneurial opportunity: a constructivist perspective. *Strategic Entrepreneurship Journal*, v. 4 (1), pp. 66-84, 2009.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZALTMAN, G.; COULTER, R. Seeing the voice of the customer: metaphor-based advertising research. *Journal of Advertising Research*, July, 1995.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### Roteiro de Entrevista

1. Em sua opinião, quais os principais fatores que levaram à expansão econômica e populacional vivenciada pela Rua Santa Juliana?
2. Quais as principais oportunidades e melhorias decorrentes desse processo de expansão?
3. E quanto às dificuldades decorrentes desse processo, quais você destacaria?
4. Que pessoas (empreendedores, políticos, formadores de opinião etc.) e instituições você destacaria pela importância nesse processo? Que papel elas desempenharam?
5. Quais as principais atividades econômicas da Rua Santa Juliana? Há alguma atividade predominante ou é possível observar bastante diversidade?
6. Quais os tipos de empreendimentos presentes na região? Caracterize-os.
7. Como você caracterizaria o público que frequenta a Rua Santa Juliana? Você percebe um perfil mais homogêneo ou heterogêneo?
8. E com relação aos moradores, qual o perfil desse público?
9. Como você caracteriza a Rua Santa Juliana do ponto de vista estético? Você observa a presença de construções mais antigas, novas, ou há uma mistura de tipos?
10. Em qual horário há maior movimento de pessoas na Rua Santa Juliana? Há concentração em um horário específico (manhã, tarde ou noite) ou você observa grande contingente de pessoas em horários diversificados?
11. Como você caracteriza o tráfego na Rua Santa Juliana? É mais intenso em algum período do dia?

12. Quais os locais mais comuns onde as pessoas se encontram e interagem na região da Rua Santa Juliana? São geralmente espaços públicos ou privados?
13. Como você avalia o nível de integração e interação das pessoas que moram no entorno da Rua Santa Juliana?
14. Quais as implicações que a expansão da Rua Santa Juliana tem trazido para a cidade de Sete Lagoas como um todo?
15. Que lições a experiência da Rua Santa Juliana pode dar em relação a contextos que geram diversidade e vitalidade?
16. Em relação ao futuro, quais os principais desafios para o desenvolvimento da Rua Santa Juliana?

**Questões para informantes com fotografia:**

1. Qual a relação que você possui com a Rua Santa Juliana?
2. Quando você pensa nessa região, o que lhe vem, de imediato, à mente?
3. Explique a razão de você ter escolhido esses aspectos e/ou espaços como tema central da sua fotografia.
4. Em sua opinião, quais são os aspectos positivos da expansão da Rua Santa Juliana? E os aspectos negativos?

## APÊNDICE B

### Empreendimentos Localizados na Rua Santa Juliana: Detalhamento por Ramo de Atividade

Nº de Ordem	Ramo de Atividade	Empreendimentos Comerciais
1	Açougues e Peixarias	Casa de Carnes Bastos - São Vicente
2		Frigorífico Asa Dourada - Brejinho
3		Casa de Carnes Martins
4		Casa de Carnes Leo Vasconcelos
5		Casa de Carnes Marusa
6		Edinaldo Felizardo da Costa - São Vicente
7		Casa de Carnes Cristal - São João I
8		Peixaria Santa Juliana – Brejinho
9		Peixaria e Bar Boa Vista
10		Casa de Carnes São Vicente - São Vicente
11		Marcia Rosana Damásio
12	Agência de Propaganda	Águia Silk e Propaganda
13	Alimentação e Bebidas	Sacolão Família - São Vicente
14		Sacolão Manancial
15		Disena - Distribuidora Sena
16		Bar e Mercearia Barbosa
17		Supermercado Dom Ferrão - São Vicente
18		Distribuidora e Mercearia Bom Preço
19		Casa do Pão de Queijo
20		Padaria Santa Juliana
21		Chalé Brasil
22		Varejão Santa Juliana
23		Gelo & Mel
24		New Stilu's
25		Casa de Pães Gosto do Trigo - São Vicente
26		Daniela Marques ME
27		Silvarejão
28		Distribuidora Silvatac
29		DIS Sena Distribuidora - São Vicente
30	Veículos e Autopeças	Lagoa Motos - São Vicente
31		Orcínio Veículos
32		Autoshopping Peças e Acessórios
33		Mustang Veículos
34		Lanternagem e Pintura Soguel
35		Nô Veículos
36		Total Motos
37		Borracharia Marques & Miranda
38		Karrão Acessórios
39		Ferro Velho Recife - São João I
40		Alinhasete Peças e Serviços - São Vicente
41		Lidersete Auto-Peças – Brejinho
42		Gonçalves Autopeças - São Vicente
43		Auto Rodas Santa Juliana - São João I
44		Lubrific – Brejinho
45		Auto Elétrica Silva
46		Gaspar Motores e Motoserras

**Continua**

## Continuação

Nº	Ramo de Atividade	Empreendimentos Comerciais	
47	Jogos	Casa Lotérica Matos e Ribeiro	
48		Pé Quente Loterias	
49	Confecções e Vestuário	Impecável Modas	
50		Corujinha para Crianças	
51		JN Comercio de Roupas e Acessórios	
52		Vice-Versa Modas - São Vicente	
53		S&E Modas	
54		Marias Comércio de Roupas	
55		Regina Presentes	
56		Lopes Presentes - São Vicente	
57		Mil Modas - São Vicente	
58		Silvana Confecções - São Vicente	
59		Babil Calçados	
60		Moreira Modas	
61		Victor Modas	
62		Hering Store	
63		Facelly Modas	
64		Anésia Presentes	
65		Tropical Modas – Brejinho	
66		Meire Tecidos - São Vicente	
67		Érica Fashion - São Vicente	
68		Km Modas – Brejinho	
69		Andreia Vieira Lopes	
70		Construção	Rei das Pedras
71			J J Material de Construção
72	Santa Juliana Material de Construção		
73	Sotelhas		
74	Marques Barbosa Material de Construção		
75	Pedra Forte		
76	J F V Com. Pedras Decorativas - São João I		
77	Madeiraira 2 Irmãos		
78	Lojão dos Pisos		
79	Casa do PVC		
80	Depósito Mangueiras - São Vicente		
81	Depósito Santa Juliana - São Vicente		
82	Depósito Nacional		
83	AFP Materiais de Construção LTDA		
84	Paraíso Piso Azulejo		
85	Serralheria Gouveia - São João I		
86	GRW Marmoraria - São Vicente		
87	Agroverde		
88	Saúde	Jânio Vasconcelos Souza	
89		Adriana Ferreira Espósito - São Vicente	
90	Eletricidade e Energia	Eletrônica Opção	
91		Verdolin Elétrica - Braz Filizolla	
92		Marcelino da Silva	
93		Eletrônica Belo Horizonte	
94		Eletrônica Eletro Sete - São Vicente	

Continua

## Continuação

Nº	Ramo de Atividade	Empreendimentos Comerciais
95	Entretenimento	G & G Vídeo Locadora - São João I
96		Filadélfia Vídeo - São Vicente
97	Educação	Escola Estadual Doutor Olinto Satyro Alvim
98	Esportes	Lico Bikes
99		Ciclo Lopes
100	Farmácias e Drogarias	Farmácia Popular do Brasil Unidade I
101		Drogaria Líder
102		Wanderson Geraldo Machado
103		Drogaria Santa Juliana - São Vicente
104		Drogaria Popular - São Vicente
105		Drogaria e Perfumaria Ribeiro Pinto e Machado
106		Drogaria Líria
107	Floricultura	Floricultura Arte Verde
108	Gráfica	Celso de Sousa
109		Gráfica Guarani - São Vicente
110	Industrial	Distribuidora Ômega
111		Universo da Borracha
112	Informática	Pro - Futuro Informática
113		IP Games Lan House
114	Livrarias e Papelarias	Verdolin Verdolin
115		Papelaria Bahia
116	Locação de Máquinas	Lokmaq
117	Presentes	Ousadia Presentes
118		Solução Presentes - São Vicente
119	Máquinas e Ferramentas	Lobo Máquinas
120		Peças Usadas V8
121		Airton Máquinas – Brejinho
122	Mecânicas e Oficinas	Zé Oficina de Bicicletas
123		Peças Usadas Boa Vista
124		Mecânica H B – Brejinho
125	Móveis e Decoração	Mobiliadora Carmeg
126		Mobilart
127		Márcio Douglas Lopes - São Vicente
128		Escritório Celina Goncalves
129	Combustíveis	Posto Mamoré
130		Santa Juliana Derivados de Petróleo
131		Posto Santa Juliana
132	Produtos Agropecuários	FOS Sete Nutrição Animal LTDA
133	Restaurantes	Pizzaria Forninho Mineiro - São Vicente
134		Restaurante Verdum
135		Rebbola Lanches e Presentes
136		Bar e Merceria Santo Antônio
137		Só Frangos
138		Restaurante Self Service
139	Beleza	Salão Santana

Continua

**Conclusão**

<b>Nº</b>	<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Empreendimentos Comerciais</b>
140	Transporte	Moto Táxi Santa Juliana - São Vicente
141		Maria Petrina Soares de Oliveira – Brejinho
142		Moto Táxi CDI - São Vicente
143		Abc Moto-Táxi – Brejinho
144	Vidros e Acessórios	Roberto Pereira
145		Vidraçaria Copa Brasil
146		Vidraçaria Brasil
147		Vidraçaria Satélite

**Fonte:** Adaptado de Apontador (2014)

## APÊNDICE C

### Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Limpeza e Capina de Lotes

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2014	Pedido de Providência	Limpeza do Trevo no final da Rua Santa Juliana, no Bairro Luxemburgo, nessa Cidade.	Que o Trevo conhecido como Trevo da “Barbosa Melo”, localizado no final da Rua Santa Juliana (saída de Sete Lagoas para Iveco) está repleto de mato, dificultando a visibilidade do local, cujo trânsito é intenso.	Milton Martins	PSC
2014		Capina e limpeza do canteiro central e da rotatória que estão localizados entre as confluências da Rua Santa Juliana com Avenida Sabará, no bairro São Vicente.	A presente proposição tem como finalidade, garantir mais segurança e qualidade aos pedestres que utilizam a via para realização de exercícios físicos e para locomoção geral. A falta de limpeza e capina, faz com que moradores tenham que passar pelo local causando sérios transtornos, com mato alto e com tanta sujeira o local se torna moradia de animais peçonhentos e ratos.	Décio Márcio Magela Abreu	PP
2013	Pedido de Providência	Serviço de capina e limpeza da Av. Guimarães Rosa entre a rua Santa Juliana e Av. Zoelo Sola localizada no bairro Braz Filizolla.	O pedido se faz necessário, uma vez que o mato tomou conta da referida rua e está causando transtornos aos moradores pela falta de manutenção e tem como objetivo manter a rua em boas condições.	Euro de Andrade Lanza	PP
2011	Pedido de Providência	Realizar em caráter de urgência/urgentíssima a “limpeza em todos os bueiros”, da rua Santa Juliana, principalmente nas proximidades do nº 1.437, bairro São João I.	É importante e urgente que seja feita a “limpeza em todos os bueiros” localizados na via pública acima citada, porque a comunidade local está tendo sérios problemas, que devido ao entupimento traz graves riscos para os moradores que necessitam desviar para a via pública desviando da água e outros detritos que inundam a calçada e parte da rua. Ressaltando que se um canal que recebe o despejo de volumes consideráveis de água não estiver preparado para o rápido escoamento, ou seja, com perda de nível ou obstruído, é natural que transborde. Uma alternativa de solução é a limpeza dos bueiros, retirando os depósitos de sedimentos, daí, propiciando o ganho na velocidade de escoamento das águas no período das chuvas intensas. Os moradores aguardam o benefício acima solicitado, sendo dada oportunidade única ao Executivo Municipal atual, para que possa atender a sociedade, especificamente a população do Bairro São João I, através deste nosso pedido.	Marcelo Freitas de Oliveira	PMN

**Continua**

					<b>Conclusão</b>	
<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>	
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Serviço de limpeza, capina e colocação de meio-fio na gleba de terra localizada na Rua Santa Juliana, em frente ao nº 4.343, Bairro Jardim Primavera.	Necessidade urgente de limpeza e capina do local que se encontra demasiadamente sujo, causando o acúmulo de lixo e proliferação de insetos e roedores. Ressalta-se que o lugar é ponto comercial e a sujeira tem causado imensos transtornos à comerciante que tenta manter o lugar limpo, mas o mato cresceu tanto que fica impossível sua conservação.	Reginaldo Tristeza	PSOL	
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Limpeza de um lote de terreno, parcialmente murado, localizado na Rua Santa Juliana, ao lado do nº 2.988, no Bairro Emília.	O local acima citado está quase sempre tomado pelo mato e entulhos, e necessita urgentemente de limpeza, para resguardar a saúde dos moradores vizinhos, além do que, a limpeza sendo realizada imediatamente pela administração, evitará o abrigo de animais peçonhentos e a grande possibilidade da existência de foco do mosquito da dengue, e concretizada a limpeza, esta será um exemplo do Poder Público para os moradores, que devem limpar sempre os quintais de suas casas, sendo aguardado pelos moradores ao redor, de longa data, o benefício acima solicitado, e agora é dada oportunidade única ao Executivo Municipal atual, para que possa atender aquelas pessoas, através deste nosso pedido. Caso seja necessário, pelas características do local, seja intimado o proprietário, dando-lhe o prazo legal para a limpeza do local.	Marcelo Freitas de Oliveira	PMN	
<b>2010</b>	Requerimento	Serviço de capina na praça José Lucídio de Avelar no bairro Boa Vista.	Este pedido é para atender ao Sr. Miguel Carlos de Carvalho, residente na rua Santa Juliana, nº 1375 e demais comerciantes de moradores do referido local.	João Pena	PMDB	
<b>2010</b>	Pedido de Providência	Capina e limpeza em torno do lote vago localizado entre as Ruas Santa Juliana e Santo Agostinho – Bairro Braz Filizolla.	O referido lote está sendo utilizado como bota-fora de lixo, entulho e animais mortos, o que causa muito transtorno e traz danos à saúde dos moradores que residem próximo ao local, bem como aos transeuntes.	Claudinei Dias da Silva	PT	
<b>2009</b>	Requerimento	Limpeza do asfalto no início da rua Santa Juliana próximo à rotatória, entre a Rua Cel. Randolpho Simões e a Av. Sérvulo Soalheiro.	O presente requerimento visa a atender a uma reivindicação dos moradores que reclamam o acúmulo de areia e sujeira no local que tem provocado entupimento dos bueiros e sujeiras nas casas.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN	

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE D

Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Passarelas e Faixas de Pedestres

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2015	Requerimento	Passarela para travessia de pedestres, no final da Rua Santa Juliana, no Bairro Luxemburgo, próximo a Escola Alípio Maciel de Oliveira, nessa Cidade.	A pedido dos moradores do Bairro Luxemburgo e dos alunos da Escola Alípio Maciel de Oliveira eis que, não há lugar para travessia de pedestres no final da Rua Santa Juliana, próximo ao Trevo da saída de Sete Lagoas para a Iveco e o trânsito no local é intenso.	Milton Martins	PSC
2015	Pedido de Providência	Remarcação da faixa de pedestres em frente a Escola Estadual Dr. Olinto Sátiro Alvim, situada na Rua Santa Juliana, bairro Brejinho, neste município.	Disponibilizar ferramentas que ajudam a proporcionar um espaço mais humano, com qualidade de vida, conforto e acessibilidade e, acima de tudo, segurança para os alunos e para a população é dever do Poder Público. Este deve procurar adequar a circulação nas áreas escolares, destinando espaço para os diferentes usuários visando o bem-estar da comunidade. Com o intuito de melhorar o trânsito e a vida dos estudantes, cidadãos e moradores do local, a realização deste serviço deve ser efetivada o mais breve possível	Joaquim Gonzaga Barbosa	PSL
2014	Pedido de Providência	Remarcação da faixa de pedestres em frente a Escola Estadual Dr. Olinto Sátiro Alvim, situada na Rua Santa Juliana, bairro Brejinho, neste município.	Disponibilizar ferramentas que ajudam a proporcionar um espaço mais humano, com qualidade de vida, conforto e acessibilidade e, acima de tudo, segurança para os alunos e para a população é dever do Poder Público. Este deve procurar adequar a circulação nas áreas escolares, destinando espaço para os diferentes usuários visando o bem-estar da comunidade. Com o intuito de melhorar o trânsito e a vida dos estudantes, cidadãos e moradores do local, a realização deste serviço deve ser efetivada o mais breve possível.	Joaquim Gonzaga Barbosa	PSL
2014	Requerimento	Construção de uma passarela para travessia de pedestres, no final da Rua Santa Juliana, no Bairro Luxemburgo, próximo a Escola Alípio Maciel de Oliveira, nessa Cidade.	A pedido dos moradores do Bairro Luxemburgo e dos alunos da Escola Alípio Maciel de Oliveira eis que, não há lugar para travessia de pedestres no final da Rua Santa Juliana, próximo ao Trevo da saída de Sete Lagoas para a Iveco e o trânsito no local é intenso.	Milton Martins	PSC

**Continua**

## Continuação

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2013	Requerimento	Construção de uma passarela sobre a Rua Santa Juliana ligando o bairro Jardim Primavera ao bairro Luxemburgo, próximo ao Supermercados Santa Helena.	A construção de uma passarela ligando os bairros Jardim Primavera e Luxemburgo, tornou-se uma medida necessária e urgente, tendo em vista que a travessia da via oferece muitos perigos, sobretudo para os alunos que estudam nas escolas existentes nas proximidades e são obrigados a enfrentar um intenso fluxo de veículos, inclusive de caminhões e carretas pesadas, correndo riscos de atropelamentos. A referida avenida tem grande fluxo de veículos e a sinalização proporcionar segurança e tranquilidade para todos.	Renato Gomes	PV
2013	Pedido de Providência	Pintura de faixa de pedestre na Rua Santa Juliana em frente ao número 2287, bairro Emília.	A solicitação se faz necessária devido à falta de sinalização adequada aos motoristas que por ali trafegam, ressaltando-se a importância de o local ter a sinalização, uma vez que, é a travessia de alunos que saem da Escola Estadual Satyro Alvim. A sinalização garantiria maior segurança, inibindo ainda o tráfego de veículos desenvolvendo velocidade acima do permitido pela legislação de trânsito vigente, evitando ainda maiores riscos à integridade física e a vida de muitos moradores, pedestres e alunos.	Ismael Soares de Moura	PSOL
2012	Pedido de Providência	Viabilidade de se realizar em caráter de urgência/ urgentíssima a “pintura de faixa de pedestre e as devidas placas de sinalização”, em frente a Escola Estadual Dr. Olinto Satyro Alvim, localizada na Rua Santa Juliana, nº 2.287, Bairro Emília, nesta cidade de Sete Lagoas/MG.	É importante e urgente que seja realizado o serviço em frente a Escola citada acima, objetivando dar segurança para os Pais, responsáveis, estudantes, e funcionários da Instituição Educacional, e não se deve medir esforços para a preservação da vida, especialmente quando se trata de crianças, que ao saírem das escolas, geralmente estão ansiosas para chegarem em casa, e não costumam prestar muita atenção ao atravessarem as vias públicas. Ressaltando que, manter a sinalização correta é uma forma de evitar acidentes e, dessa maneira, o Município não poderá ser responsabilizado, caso ocorram acidentes provocados pelo não cumprimento da legislação vigente. Os moradores aguardam o benefício acima solicitado, sendo dada oportunidade única ao Executivo Municipal, para que possa atender a sociedade.	Marcelo Freitas de Oliveira	PMN

Continua

**Conclusão**

<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Pintura de faixa de sinalização de pedestre na rua Santa Juliana, em frente a Escola Estadual “Dr. Olinto Satyro Alvim, bairro São João I.	O pedido supracitado tem a finalidade de sinalização do local, pois é importante mencionar que no local há uma escola e os motoristas trafegam em alta velocidade, colocando em risco a vida dos alunos e demais pessoas que transitam pelo local.	Reginaldo Tristeza	PSOL
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Tapar um grande buraco na Rua Santa Juliana esquina com a Rua Agostinho Monteiro – localizadas no Bairro Braz Filizolla.	De acordo com moradores e motoristas, o referido buraco pode a qualquer momento provocar acidente, com danos aos veículos e risco para as pessoas.	Claudinei Dias da Silva	PT
<b>2011</b>	Requerimento	Faixas de pedestres na rua Santa Juliana, próximo ao Posto São Paulo.	É preciso diminuir a velocidade dos veículos na referida rua, devido os graves acidentes que ocorrem frequentemente. Este pedido é para atender à Geraldo Aparecido Marques de Moura residente à rua Jací, nº 101, bairro Emília e demais moradores da referida região.	João Pena	PMDB
<b>2009</b>	Requerimento	Sinalização em toda extensão da Rua Santa Juliana, com faixas de pedestres, redutores de velocidade, parada e estacionamento proibido em um dos lados da via etc.	Trata-se de uma via com altíssimo fluxo de veículos, principalmente veículos pesados, e constantemente tem sido palco de graves acidentes e atropelamentos, trazendo sérios riscos para pedestres e proprietários de veículos que por ali transitam.	Celso Reynaldo Campolina Paiva	PT
<b>2008</b>	Pedido de Providência	Sinalização para toda a extensão da Rua Santa Juliana, com faixa de pedestres, redutores de velocidade, estacionamento proibido (proibir estacionamento dos dois lados da rua) paradas obrigatórias etc.	Trata-se de uma via pública com altíssimo fluxo de veículos, principalmente veículos pesados, e constantemente tem sido palco de graves acidentes e atropelamentos, trazendo sérios riscos para pedestres e proprietários de veículos que por ali transitam.	Gilmar Rodrigues da Silveira	PSC

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE E

Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Trânsito e Mobilidade Urbana

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2015	Pedido de Providência	Demarcação da sinalização horizontal em toda a extensão da Rua Santa Juliana	Melhoria da condição da via e uma maior comodidade a todos que por ela trafegam	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
2014	Pedido de Providência	Providências junto ao órgão competente (Secretaria Municipal de Segurança, Transito e Transporte), para a fiscalização de toda a extensão da Rua Santa Juliana	Proibição de parada e estacionamento, no sentido Bairro/ Centro e que existem vários casos de infração sobre o assunto	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
	Pedido de Providência	Realização do serviço urgente de instalação de um redutor de velocidade de veículos tipo “quebramolas” na Rua Santa Juliana, Bairro São Vicente, em frente a Bandeirante Motos, próximo a Lamifer.  Executar serviço de marcação de faixa de pedestres em frente ao banco SICOOB na rua supracitada.	A referida rua possui tráfego intenso de carros, caminhões e demais veículos, que trafegam pela dita rua em alta velocidade, sem respeitar os limites inerentes à via urbana, e diversos acidentes já ocorreram no local. A marcação de uma faixa de pedestres em frente ao Banco citado é importante para atender o fluxo de pessoas na região e proporcionar maior segurança aos mesmos.	Joaquim Gonzaga Barbosa	PSL
	Pedido de Providência	Estudos para colocação de redutor de velocidade na Rua Santa Juliana, altura do nº 1.919, bairro Emília	Os veículos que transitam pela via têm abusado do excesso de velocidade colocando em risco a integridade física dos moradores da região	Marli Aparecida Barbosa	PMM
		Mover gestões junto ao órgão competente, solicitando um estudo técnico para colocação de olho de gato em toda extensão da Rua Santa Juliana	Tal solicitação visa dividir claramente as duas mãos da referida rua, proporcionando mais segurança à população, pois a via é bastante movimentada e nela vêm ocorrendo acidentes devido à falta de separação visível entre as faixas aliada ao abuso de velocidade dos motoristas que por ali trafegam, colocando em risco a integridade física e a vida de inúmeras pessoas.	Ismael Soares de Moura	PSOL
	Pedido de Providência	Implantação de placa de sinalização parada obrigatória na Rua Guanumbi, esquina com Rua Santa Juliana, Bairro São João, nessa Cidade	A pedido dos moradores do Bairro, uma vez que se trata de ruas com movimento acentuado com intenso tráfego de veículos, colocando em risco a vida dos pedestres e moradores da região.	MiltonMartins	PSC

**Continua**

## Continuação

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
	Pedido de Providência	Estudo técnico para a implantação de redutores de velocidade (quebra-molas) e/ou radares em pontos estratégicos da Rua Santa Juliana.	O objetivo do presente pedido é diminuir a velocidade dos veículos que transitam pela Rua Santa Juliana, pois a população vem sofrendo com as imprudências dos motoristas que lá trafegam em alta velocidade, causando insegurança e riscos de acidentes. É importante lembrar que a Rua Santa Juliana é uma importante rua da cidade, que além de ter grande concentração comercial e intenso tráfego de veículos e pessoas, passa por diversos bairros e liga Sete Lagoas à MG 238, dando acesso a outras cidades vizinhas.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
	Pedido de Providência	Implantação de sinalização na rotatória da rua Santa Juliana com a Av. Prefeito Alberto Moura	Risco de acidentes pela falta de sinalização e a imprudência dos motoristas	Ana Carolina Pontelo Canabrava	DEM
	Pedido de Providência	Instalação de um redutor de velocidade de veículos tipo “quebra-molas” na Rua Santa Juliana, Bairro São Vicente, em frente a Bandeirante Motos, próximo a Lamifer. Executar serviço de marcação de faixa de pedestres em frente ao banco SICOOB na rua supracitada.	A referida rua possui tráfego intenso de carros, caminhões e demais veículos, que trafegam pela dita rua em alta velocidade, sem respeitar os limites inerentes à via urbana, e diversos acidentes já ocorreram no local. A marcação de uma faixa de pedestres em frente ao Banco citado é importante para atender o fluxo de pessoas na região e proporcionar maior segurança aos mesmos. Com este intuito, a realização deste serviço vem ao encontro do interesse coletivo municipal.	Joaquim Gonzaga Barbosa	PSL
	Pedido de Providência	Providências junto ao órgão competente (Secretaria Municipal de Segurança, Transito e Transporte), para a fiscalização de toda a extensão da Rua Santa Juliana.	Considerando que há a proibição de parada e estacionamento, no sentido Bairro/ Centro e que existem vários casos de infração sobre o assunto, solicita este Vereador que o Poder Executivo tome as devidas providências para solucionar a situação.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
	Pedido de Providência	Placas de sinalização no entroncamento da Av. Prefeito Alberto Moura, Rua Santa Juliana e MG 238, próximo ao bairro Interlagos II.	Visando uma maior segurança e comodidade a todos que trafegam pela via e, complementando o Pedido de Providência nº 2778/2014, do nobre Edil Milton Martins, solicita este Vereador que o Poder Executivo tome as devidas providências para solucionar a situação ora apontada.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN

Continua

## Continuação

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
	Pedido de Providência	Serviço de tapa buraco na Rua Cipó com a Rua Santa Juliana, no bairro Emília, neste município.	Por ser uma rua bem movimentada de carros e caminhões, ao se desviar dos buracos, os mesmos colocam em risco a vida da população. Com o intuito de melhorar o trânsito e a vida dos moradores, transeuntes, motoristas e demais cidadãos setelagoanos que utilizam as citadas ruas, a realização deste serviço deve ser efetivada o mais breve possível.	Joaquim Gonzaga Barbosa	PSL
	Pedido de Providência	Estudo de viabilidade para afim de que sejam colocadas placas de trânsito, nas proximidades do Trevo localizado no final da Rua Santa Juliana, no Bairro Luxemburgo, nessa Cidade.	Inexistência de sinalização no Trevo conhecido como “Trevo da Barbosa Melo”, no final da rua Santa Juliana, o qual compreende trânsito intenso haja vista estar na saída de Sete Lagoas para a Iveco.	Milton Martins	PSC
	Requerimento	Audiência Pública para discutir melhorias no trânsito da Rua Santa Juliana.	Em recentes pedidos protocolados nesta Casa Legislativa, a pedido dos moradores e comerciantes que sofrem com o atual trânsito, peço esta audiência para discutir melhorias no trânsito da Rua Santa Juliana.	Marcelo Pires Rodrigues Gilberto Pereira da Silva	PMN
	Pedido de Providência	Retirada de dois carros inutilizados e abandonados na rua Santa Juliana próximo ao número 3082, bairro Emília.	A solicitação deste pedido se deve a questão de que esses veículos estão abandonados há vários meses na rua Santa Juliana, causando vários transtornos aos motoristas e pedestres. Por ser uma via de tráfego intenso, este veículo tem prejudicado o andamento normal durante o horário de pico, podendo causar acidente de alta proporção.	Décio Márcio Magela Abreu	PP
	Pedido de Providência	Viabilidade de se realizar em caráter de urgência/urgentíssima o afastamento da placa de “início de carga e descarga”, localizada na Rua Santa Juliana, próximo ao nº 2.573, Bairro São João I, nesta cidade de Sete Lagoas/MG.	O local acima citado necessita urgentemente do serviço solicitado, visando proporcionar maior tranquilidade para os clientes e proprietários dos comércios localizados neste endereço, devido ao espaço atual não ser satisfatório para a demanda existente atualmente. Os moradores aguardam o benefício acima solicitado, sendo dada oportunidade única ao Executivo Municipal, para que possa atender a sociedade, através deste nosso pedido.	Marcelo Freitas de Oliveira	PMN

Continua

## Continuação

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
	Requerimento	Proibição de estacionamento em um determinado lado da Rua Santa Juliana, em caráter experimental, até a sua transformação em mão única.	Por tratar-se de rua estreita e com intenso trânsito de veículos, principalmente de ônibus coletivos, o estacionamento, atualmente permitido em ambos os lados, prejudica o tráfego. Nesse sentido, a colocação de placas de proibido estacionar na Rua Santa Juliana, irá melhorar a fluidez do trânsito.	Claudinei Dias da Silva	PT
	Pedido de Providência	Colocação de placas de sinalização em todas as ruas que dão acesso à Rua Santa Juliana, indicando aos motoristas de quem é a preferencial.		Dalton Antônio de Avelar Andrade	PT
	Requerimento	Audiência pública para debater o Trânsito da Rua Santa Juliana	O presente requerimento visa buscar soluções para os graves problemas causados pelo tráfego intenso de veículos na referida via.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
	Requerimento	Audiência pública para discutir sobre assuntos referentes a rua Santa Juliana.	O presente requerimento visa promover uma discussão entre moradores e comerciantes sobre os problemas relacionados ao trânsito dessa rua.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN
	Requerimento	Colocação de dois quebra-molas na Rua Santa Juliana nas imediações do número 4.280 e a Felt Elétrica localizada no Bairro Emília desta cidade.	A referida rua encontra-se com tráfego sobrecarregado de veículos, que transitam em alta velocidade, trazendo transtornos aos moradores que circulam por esta via. Este pedido foi feito pela senhor Edil Viana Costa, residente no endereço.	Dr. Caio Dutra	PMDB
	Requerimento	Colocação de placa de sinalização "Pare" no cruzamento da Rua Hirara com Rua Santa Juliana, localizadas no Bairro Emília.	A referida solicitação visa proporcionar segurança à população, pois trata-se de uma via pública bastante movimentada, e no referido trecho vem ocorrendo constantes acidentes.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
	Pedido de Providência	Sinalização adequada da rua Santa Juliana, no trecho compreendido entre a rua Joaquim Ávila Bastos, Bairro Jardim Primavera, próximo ao Supermercado Santa Helena até E.E. Alípio Maciel Oliveira, Bairro Luxemburgo.	O pedido supracitado, tem a finalidade de promover a sinalização adequada da via que fica próxima à escola, supermercado e outros estabelecimentos. A via ora mencionada possui grande fluxo de veículos, pois é umas das principais vias de ligação entre o Bairro Cidade de Deus e da empresa Iveco ao centro da cidade, contanto ainda com presença de muitos pedestres e ciclistas e, devido à ausência de sinalização, muitos veículos transitam em alta velocidade, colocando em risco a vida das pessoas.	Reginaldo Tristeza	PSOL

Continua

## Continuação

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
	Pedido de Providência	Realizar em caráter de urgência/ urgentíssima a “colocação de placas de sinalização”, na Rua Santa Lúcia, bairro São Vicente, paralela à Rua Santa Juliana, bairro São João I.	É importante e urgente que seja realizada a “colocação de placas de sinalização” na via pública acima citada, devido ao fluxo de veículos que trafegam neste trecho estão desenvolvendo uma velocidade acima do permitido, causando transtornos aos moradores e pedestres que ali transitam, podendo levar a maiores consequências e podendo, ainda, causar danos aos mesmos, tanto físicos, quanto materiais. Os moradores aguardam o benefício acima solicitado, sendo dada oportunidade única ao Executivo Municipal atual, para que possa atender a sociedade, especificamente a população do Bairro São Vicente, através deste nosso pedido.	Marcelo Freitas de Oliveira	PMN
	Requerimento	Colocação de placa de sinalização “Pare” no cruzamento da Rua Guaraci com Rua Santa Juliana, localizadas no Bairro Emília.	Trata-se de uma via pública com grande fluxo de veículos, e no referido local não há sinalização, fator que vem aumentando consideravelmente as ocorrências de acidentes no cruzamento.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
	Requerimento	Colocação de placa de sinalização “Pare” no cruzamento da Rua Guanumbi com Rua Santa Juliana, localizadas no Bairro Emília.	A referida solicitação visa proporcionar segurança à população, pois trata-se de uma via pública bastante movimentada, e no referido trecho vem ocorrendo constantes acidentes.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
	Requerimento	Colocação de placa de sinalização “Pare” na esquina da Rua Agostinho Monteiro com Rua Santa Juliana, Bairro Braz Filizolla.	Tal medida visa proporcionar maior segurança à população e os moradores pleiteiam a concretização da medida, para proteger a integridade física e até mesmo a vida das pessoas.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
	Requerimento	Colocação de placa de sinalização “Pare” no cruzamento da Rua Iara com Rua Santa Juliana, localizadas no Bairro Emília.	Trata-se de um local onde vem ocorrendo constantes acidentes, até mesmo fatal, deixando os moradores preocupados. Assim sendo, venho solicitar a instalação da referida placa de sinalização, a fim de proporcionar maior tranquilidade aos moradores e transeuntes que trafegam no local.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
	Requerimento	Colocação de placa de sinalização “Pare” no cruzamento da Rua Hirara com Rua Santa Juliana, localizadas no Bairro Emília.	A referida solicitação visa proporcionar segurança à população, pois trata-se de uma via pública bastante movimentada, e no referido trecho vem ocorrendo constantes acidentes.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB

Continua

**Conclusão**

<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>
	Requerimento	Colocação de placa carga e descarga, na Rua Santa Juliana, em frente a Merceria Liderança, N° 1795, bairro São João.	Tal solicitação se prende ao fato de no momento de carga e descarga, o referido local se encontra com outros veículos estacionados no local, dificultando assim o trabalho dos funcionários, onde muitas das vezes têm que atravessar a rua com peso nas costas e correndo risco de acidente.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
	Pedido de Providência	Providenciar sinalização adequada para toda extensão da Rua Santa Juliana e suas transversais.	Tal solicitação, torna-se necessária pois a falta de sinalização nestes locais vem ocasionando a ocorrência de vários acidentes, envolvendo veículos, motociclistas, ciclistas e pedestres, o que causa insegurança a toda população que transitam neste local.	Reginaldo Tristeza	PSOL
<b>2009</b>	Requerimento	Sinalização em toda extensão da Rua Santa Juliana, com faixas de pedestres, redutores de velocidade, parada e estacionamento proibido em um dos lados da via, etc.	Trata-se de uma via com altíssimo fluxo de veículos, principalmente veículos pesados, e constantemente tem sido palco de graves acidentes e atropelamentos, trazendo sérios riscos para pedestres e proprietários de veículos que por ali transitam.	Celso Reynaldo Campolina Paiva	PT
	Requerimento	Placas de “parada obrigatória” nas ruas que cruzam com a Rua Santa Juliana.	A Rua Santa Juliana é via arterial de acesso para a região leste da cidade, tendo por isso, um grande fluxo de veículos. A necessidade de melhorar o trânsito não é assunto recente. Tanto os moradores, quanto os condutores que passam por aquela Rua sempre reclamaram e reivindicaram melhorias, sem nunca terem sido atendidos. Atualmente a rua Santa Juliana também recebe o trânsito de veículos que ligam ao pólo industrial do complexo Iveco, que tem se ampliado naquela região, bem como o trânsito de ônibus intermunicipais para o distrito Sede, as cidades de Santana de Pirapama, Jequitibá e outras. Por isso, torna-se essencial o início do planejamento do trânsito daquela rua, através do controle das vias secundárias que tem acesso a Rua Santa Juliana.	Renato Gomes	PV
<b>2008</b>	Pedido de Providência	Sinalização para toda a extensão da Rua Santa Juliana, com faixa de pedestres, redutores de velocidade, estacionamento proibido (proibir estacionamento dos dois lados da rua) paradas obrigatórias etc.	Trata-se de uma via pública com altíssimo fluxo de veículos, principalmente veículos pesados, e constantemente tem sido palco de graves acidentes e atropelamentos, trazendo sérios riscos para pedestres e proprietários de veículos que por ali transitam.	Gilmar Rodrigues da Silveira	PSC

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE F

### Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Recapeamento Asfáltico

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2015	Pedido de Providência	Asfaltamento do trecho compreendido entre a Rua Santa Juliana e Rua Rio Cipó, Bairro Emília	O referido trecho encontra-se em obras. Além do fluxo de veículos e pedestres já estar comprometido, a poeira e os restos de massa asfáltica têm colocado em risco os trabalhadores e moradores da região. Objetivando solucionar os problemas desta rua, dos empresários, moradores e da população em geral, chamo a atenção dos nobres pares e do poder executivo local para a realização do referido pedido.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN
2015	Pedido de Providência	Recapeamento asfáltico em toda a extensão da Rua Santa Juliana	Promover a recomposição asfáltica e proporcionar melhores condições a todos que por ali trafegam, já que o trânsito é intenso.	Euro de Andrade Lanza	PP
2015	Pedido de Providência	Operação tapa buracos na Rua Santa Juliana, Bairro São Vicente.	A pedido dos moradores da Rua Santa Juliana, pois a rua está repleta de buracos, atrapalhando o tráfego de veículos pesados, leves e pedestres.	Milton Martins	PSC
2014	Pedido de Providência	Serviço de tapa buraco na Rua Cipó com a Rua Santa Juliana, no bairro Emília, neste município.	Por ser uma rua bem movimentada de carros e caminhões, ao se desviar dos buracos, os mesmos colocam em risco a vida da população. Com o intuito de melhorar o trânsito e a vida dos moradores, transeuntes, motoristas e demais cidadãos setelagoanos que utilizam as citadas ruas, a realização deste serviço deve ser efetivada o mais breve possível.	Joaquim Gonzaga Barbosa	PSL
2014	Pedido de Providência	Recapeamento asfáltico em toda extensão da Rua Santa Juliana	É importante e urgente que seja feita o “ Recapeamento de Asfalto” na via pública acima citada, em toda sua extensão, uma vez que os buracos ali existentes estão aumentando, devido ao intenso movimento de veículos e ônibus Urbano. Esta situação está causando problemas aos motoristas e moradores, que ali transitam, dificultando o trânsito e podendo, ainda, causar danos aos mesmos. A População aguarda com urgência a medida ora pleiteada.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
2014	Pedido de Providência	Operação tapa buracos na Rua Santa Juliana, em frente ao número 2988, Bairro São Vicente	A pedido dos moradores da Rua Santa Juliana, próximos ao número 2988, pois a rua está repleta de buracos, atrapalhando o tráfego de veículos pesados, leves e pedestres.	Milton Martins	PSC

**Continua**

## Continuação

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2013	Pedido de Providência	Efetuar em caráter emergencial a correção de nível do piso asfáltico, na Rua Santa Juliana, altura no nº1728, no bairro Braz Filizolla.	Devido as constantes chuvas deste período, no trecho citado, houve um rebaixamento na via. Surgindo assim, uma vala de aproximadamente 20cm de profundidade, no meio da pista. Diante disso, solicita este Vereador que o Poder Executivo tome as devidas providências para solucionar a situação ora apontada.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
2013	Pedido de Providência	Operação tapa buracos, em toda a extensão da Rua Santa Juliana, no Bairro Interlagos, nessa Cidade.	A pedido dos moradores e comerciantes da Rua, pois, trata-se de uma rua com muito movimento repleta de buracos e ao desviarem dos buracos são causados inúmeros acidentes que colocam em risco a vida dos motoristas, pedestres e ciclistas.	Milton Martins	PSC
2013	Pedido de Providência	Providências necessárias e cabíveis junto à Secretaria competente, que providencie, em <b>caráter de urgência operação tapa-buracos</b> na Rua Santa Juliana em frente ao número 2.067, no bairro Braz Filizolla.	O referido pedido visa atender a solicitação da moradora Dulcinéia Pereira, e garantir mais segurança ao tráfego de veículos e pedestres na via.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN
2012	Requerimento	Operação tapa buraco, em caráter de urgência, em toda extensão da Rua Santa Juliana, que se inicia no Bairro Boa Vista e termina no Bairro Interlagos.	A presente proposição visa realizar um serviço público necessário na rua mencionada, especialmente para melhorar o trânsito no local. A Rua Santa Juliana é uma importante via de acesso da cidade, e necessita de urgente reparação do piso asfáltico, uma vez que iniciará o período de chuvas e as enxurradas poderão esconder os buracos e causar acidentes graves. Ademais, trata-se de via arterial, numa região de comércio intenso e de movimentação constante de veículos rumo aos complexos industriais Iveco e Ambev. Eventualmente, caso não seja interessa do Poder Executivo, requer que seja encaminhado ofício informando os motivos do não atendimento.	Renato Gomes	PV
2012	Pedido de Providência	Tapar buracos com a máxima urgência em toda extensão da Rua Santa Juliana.	Atendendo a pedido de usuários do trecho, motoristas e moradores que circulam pelo local.	Milton Saraiva	PP
2011	Pedido de Providência	Operação tapa buraco na rua Santa Juliana, bairro Emília.	Em visita realizada ao local constatamos a existência de vários buracos que está dificultando o trânsito dos automóveis e causando transtornos à população que transitam neste local.	Reginaldo Tristeza	PSOL

Continua

**Conclusão**

<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Operação tapa buracos, na rua Santa Juliana, altura do nº 2361, no bairro São João.	De acordo com os moradores, motoristas e transeuntes esta rua encontra-se nas proximidades do nº citado sem condições de transitar, trazendo grandes transtornos e riscos de acidentes.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Tapar um enorme buraco situado na Rua Santa Juliana, em frente ao número 2.710 (próximo à padaria Santa Juliana), localizada no Bairro Emília.	Trata-se de local com grande fluxo de pedestres e veículos, que são obrigados a desviarem do referido buraco durante o trajeto. Assim sendo, de acordo com moradores e motoristas, o enorme buraco está trazendo transtornos para todos.	Claudinei Dias da Silva	PT
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Operação tapa buracos na rua Santa Juliana, bairro Emília, nos bairros Boa Vista, Canadá I e II, Montreal especialmente a Rua Resedás, Avenças, Levindo Damásio e Petúnias e também bairros Bela Vista I e II Boa Vista.	As áreas acima citadas encontram-se em péssimas condições, estão praticamente tomadas pelos buracos.	Renato Gomes	PV
<b>2011</b>	Pedido de Providência	Tapar um grande buraco na Rua Santa Juliana esquina com a Rua Agostinho Monteiro – localizadas no Bairro Braz Filizolla.	De acordo com moradores e motoristas, o referido buraco pode a qualquer momento provocar acidente, com danos aos veículos e risco para as pessoas.	Claudinei Dias da Silva	PT
<b>2009</b>	Solicitação	Recapeamento asfáltico em toda a extensão da Rua Santa Juliana	Por motivo do período de chuvas intensas, o asfalto ficou muito danificado prejudicando o trânsito de veículos e colocando em risco a vida dos pedestres.	Duílio de Castro Faria	PMN

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE G

### Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Iluminação Pública

<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>
<b>2015</b>	Pedido de Providência	Estudo técnico para a substituição da iluminação pública da Rua Santa Juliana por uma iluminação mais moderna, que possibilite o melhor clareamento da via durante o período noturno.	O presente pedido se justifica pelo fato de que a referida rua possui uma iluminação antiga que quase não ilumina a via, causando insegurança e descontentamento por parte da população, em especial os moradores e comerciantes. A Rua Santa Juliana é uma importante rua da cidade, que além de ter grande concentração comercial e intenso tráfego de veículos e pessoas, passa por diversos bairros e liga Sete Lagoas à MG 238.	Ismael Soares de Moura	PSOL
<b>2014</b>	Requerimento	Sistema de iluminação pública no trecho da rua Santa Juliana, saída para a cidade de Jequitibá.	A iluminação pública no local em referência se faz necessária para melhorar o trânsito, principalmente à noite e também para aumentar a segurança para os transeuntes que por ali transitam.	Alcides Longo de Barros	PMDB
<b>2010</b>	Pedido de Providência	Substituir poste de iluminação danificado, localizado na Rua Santa Juliana esquina com a Rua Guanumbi, Bairro São Vicente.	O referido poste está danificado há mais de 3 semanas, devido a um caminhão que ao virar na esquina das vias mencionadas acima, esbarrou a carroceria no poste danificando quase que por completo a sua base, deixando os vergalhões internos expostos e retorcidos. Os moradores temem que o poste venha a cair trazendo enormes consequências.	Celso Reynaldo Campolina Paiva	PT

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE H

### Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Sistemas de Água e Esgoto

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2015	Pedido de Providência	Captação de águas pluviais em toda extensão da Rua Santa Juliana, localizada no bairro Emília.	Atender a demanda dos moradores da referida região, em virtude da mencionada área não possuir escoamento pluvial a água de chuva entra nas residências mais baixa, causando vários transtornos e prejuízos aos proprietários como: desabamento de casa, queda de muro e outros fatores negativos.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
2015	Pedido de Providência	Efetuar, em caráter emergencial, o estudo de viabilidade e a implantação de sistema de drenagem pluvial, em toda extensão da Rua Santa Juliana, nos bairros São João, Brejinho, Olinto Alvim, Emília e São Vicente.	Visando a melhoria da infraestrutura e a conservação da via.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
2015	Pedido de Providência	Efetuar, em caráter emergencial, o estudo de viabilidade e a implantação de sistema de drenagem pluvial, em toda extensão da Rua Santa Juliana, nos bairros São João, Brejinho, Olinto Alvim, Emília e São Vicente	Melhoria da infraestrutura e a conservação da via.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
2014	Pedido de Providência	Serviço de captação de águas pluviais em toda extensão da Rua Santa Juliana, localizada no bairro Emília.	O pedido ora citado visa atender a demanda dos moradores da referida região. Em virtude da mencionada área não possuir escoamento pluvial a água de chuva entra nas residências mais baixa, causando vários transtornos e prejuízos aos proprietários como: desabamento de casa, queda de muro e outros fatores negativos.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
2014	Pedido de Providência	Serviço de captação de águas pluviais em toda extensão da Rua Santa Juliana, localizada no bairro Emília.	O pedido ora citado visa atender a demanda dos moradores da referida região. Em virtude da mencionada área não possuir escoamento pluvial a água de chuva entra nas residências mais baixa, causando vários transtornos e prejuízos aos proprietários como: desabamento de casa, queda de muro e outros fatores negativos.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB

**Continua**

					<b>Conclusão</b>	
<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>	
<b>2013</b>	Pedido de Providência	Efetuar em caráter emergencial a correção de nível do piso asfáltico, na Rua Santa Juliana, altura no nº 1728, no bairro Braz Filizolla, em virtude das constantes chuvas deste período.	Devido as constantes chuvas deste período, no trecho citado, houve um rebaixamento na via. Surgindo assim, uma vala de aproximadamente 20cm de profundidade, no meio da pista. Diante disso, solicita este Vereador que o Poder Executivo tome as devidas providências para solucionar a situação ora apontada.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN	
<b>2013</b>	Pedido de Providência	Estudo de viabilidade para implantação de sistema de drenagem pluvial na Rua Antônio Carlos de Almeida com Rua Santa Juliana, no Bairro Olinto Alvim.	O presente pedido tem por finalidade o estudo de viabilidade para escoamento de água na Rua Antônio Carlos de Almeida com Rua Santa Juliana, uma vez que as águas pluviais estão inundando toda aquela localidade, gerando assim grandes transtornos aos moradores e motoristas que utilizam da via.	Douglas Melo	PSC	
<b>2010</b>	Requerimento	Serviço de captação de águas pluviais, com a colocação de canaletas para escoamento de águas pluviais na Rua Santa Juliana, em frente o nº 2878, bairro Emília.	Tal solicitação se faz necessária uma vez que no período das chuvas as águas empoçam na referida via, causando assim vários transtornos para os comerciantes e clientes das lojas existentes neste local, por se tratar de uma via com grande fluxo de veículos, as águas das chuvas são lançadas dentro das lojas. Razão pelo qual os comerciantes solicitam com possível urgência a medida pleiteada.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB	

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE I

### Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Demandas Comerciantes Locais

<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>
<b>2015</b>	Pedido de Providência	Realizar as obras da Rua Santa Juliana a partir das 18 horas e nos finais de semana.	Atender a demanda de inúmeros comerciantes, que desde o início das obras de asfaltamento vem sofrendo com a queda no comércio, devido o impedimento da via. A continuidade da obra no horário sugerido contribuirá com o setor comercial além de evitar acidentes com os transeuntes.	Gilberto Pereira Da Silva	PMDB
<b>2014</b>	Requerimento	Agilidade na obra na rua Santa Juliana, uma vez que já foi pedido em Audiência Pública nº16/2013, realizada no dia 30//10/2013, solicitando melhorias para a rua e região.	O referido pedido visa atender à solicitação dos comerciantes e moradores da região que estão sofrendo com a morosidade das obras. A terra que se acumulam nas portas e garagens estão prejudicando as vendas do comércio e o cotidiano dos moradores. Segundo o comércio da região as vendas caíram 50% e os próprios comerciantes estão sendo notificados pela Guarda Municipal por transitar nas portas de suas lojas.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE J

Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Lazer e Recreação

<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Solicitação</b>	<b>Justificativa</b>	<b>Vereador</b>	<b>Partido</b>
<b>2015</b>	Pedido de Providência	Estudo da viabilidade de construção de uma praça e instalação de uma academia pública na área entre a quadra de esportes, localizada ao lado do Campo do Eucalipal, e a Rua Santa Juliana, no bairro Olinto Alvim.	Espaço que poderia ser utilizado para construção de uma praça de lazer e diversão, a ser utilizada também para a prática de exercícios físicos através da instalação de uma academia ao ar livre, com o objetivo de beneficiar e apoiar as pessoas que buscam uma melhor qualidade de vida.	Ismael Soares de Moura	PSOL
<b>2015</b>	Pedido de Providência	Revitalização do piso e do alambrado da quadra de esportes localizada ao lado do Campo do Eucalipal, na Rua Santa Juliana, bairro Olinto Alvim.	Há tempos a quadra supracitada encontra-se sem condições para a prática de esportes, precisando de melhorias. Trata-se de uma reivindicação da comunidade local, devido ao estado de conservação precário em que se encontra, principalmente no que diz respeito ao piso e ao alambrado. Sem o alambrado, os frequentadores encontram dificuldades com as bolas, que muitas vezes vão em direções distantes. Além disso, eles também correm o risco de se machucar devido às más condições do piso.	Ismael Soares de Moura	PSOL
<b>2010</b>	Requerimento	Poda de árvores em volta do campo de futebol denominado “Campo Eucalipal”, na Rua Santa Juliana, em frente à Escola Estadual Dr. Olinto Satyro Alvim, no Bairro Olinto Alvim.	O presente requerimento visa atender às pessoas que utilizam a referida área de lazer, para práticas esportivas.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE K

### Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Segurança Pública

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
<b>2015</b>	Pedido de Providência	Estudo técnico para a instalação de câmeras do sistema Olho Vivo em toda extensão da Rua Santa Juliana.	A Rua Santa Juliana é uma importante rua da cidade, com grande concentração comercial e intenso tráfego de veículos e pessoas. É alto o número de ocorrências policiais registradas nessa via, com assaltos a pessoas e estabelecimentos comerciais. Nesse contexto, a instalação das câmeras do sistema Olho Vivo tem como finalidade contribuir para coibir o registro de assaltos, além de garantir mais segurança aos moradores, motoristas e transeuntes que passam por esta rua.	Ismael Soares de Moura	PSOL
<b>2014</b>	Requerimento	Câmera de segurança, olho vivo, nas imediações do número 2852, da Rua Santa Juliana, no Bairro São Vicente.	São constantes os assaltos às pessoas e lojas das imediações do local citado. A instalação uma câmera contribuiria para amenizar a insegurança de comerciantes e moradores.	Renato Gomes	PV
<b>2013</b>	Pedido de Providência	Instalação de um posto policial na Rua Santa Juliana.	O referido pedido visa atender solicitação dos moradores e comerciantes, pois com a instalação do posto policial, os moradores terão mais segurança.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN

**Fonte:** Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE L

### Relação de Pedidos de Providência e Requerimentos junto à Câmara Municipal de Sete Lagoas - Transporte Coletivo

Ano	Natureza	Solicitação	Justificativa	Vereador	Partido
2015	Pedido de Providência	Instalação de ponto de ônibus com cobertura na Av. Guimarães Rosa, no trecho compreendido entre a Rua Álvaro Ferreira Fraga e a Rua Santa Juliana, no bairro Olinto Alvim.	Devido à falta de identificação e de condições mínimas para o aguardo, embarque e desembarque do transporte público coletivo, solicita este Vereador que o Poder Executivo tome as devidas providências.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
2014	Pedido de Providência	Colocação de placa de embarque e desembarque de ônibus do transporte coletivo urbano, em todos os respectivos pontos de parada da Rua Santa Juliana, na extensão dos bairros São João, Braz Filizolla, Brejinho, Emília, São Vicente e Interlagos.	Visando uma melhor identificação dos locais de parada do transporte coletivo urbano, solicita este Vereador que o Poder Executivo tome as devidas providências para solucionar a situação ora apontada.	Pr. Fabrício Nascimento	PMN
2014	Requerimento	Estudo técnico, visando à possibilidade de fixar um ponto de parada para coletivos na Rua Santa Juliana nas confluências com as ruas Guaraci e Virgínia Gonçalves Pires, no bairro São Vicente.	Os moradores da região têm reclamado da concessionária e da permissionária a grande distância dos pontos de “pare” na referida via fazendo com que os usuários de transporte coletivo façam uma caminhada considerável para chegarem ao seu destino. Este pedido é para atender todos os moradores do local que necessitam do transporte citado.	Alcides Longo de Barros	PMDB
2014	Pedido de Providência	Mudar o ponto de ônibus existente na Rua Santa Juliana, em frente ao Nº2782, localizado no bairro Emília.	Trata-se de uma reivindicação realmente necessária, uma vez que no referido local será inaugurado uma loja de Peças (7 Peças), que terá constante entrada e saída de veículos. Contudo é de grande importância a mudança desse ponto uma vez que irá atender os anseios dos moradores e de quem irá embarcar nos ônibus e ate mesmo do proprietário da loja.	Gilberto Pereira da Silva	PMDB
2013	Pedido de Providência	Mudanças nos pontos de parada do transporte público municipal da Rua Santa Juliana e da Rua Cel. Randolpho Simões.	O referido pedido visa atender à solicitação dos moradores da via, que pedem que os pontos de parada sejam mais próximos, já que atualmente são distantes, causando transtornos à população que necessita usufruir do sistema de transporte público oferecido pelo município.	Marcelo Pires Rodrigues	PMN

Fonte: Adaptado de Câmara Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE M

Relação de Estabelecimentos da Santa Juliana, por Ano de Registro – Período 1976-1989

Ano de Registro	Ramo de Atividade
07/01/1976	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
12/03/1976	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
05/05/1980	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
04/06/1980	18.22-0-11 – Costureiro
04/08/1980	18.22-0-17 – Pedreiro
13/05/1981	18.22-0-17 – Pedreiro
13/11/1981	18.22-0-17 – Pedreiro
26/03/1982	18.22-0-08 – Carpinteiro
25/10/1983	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
01/11/1983	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
08/11/1984	18.22-0-17 – Pedreiro
01/03/1985	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
14/06/1985	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/08/1985	18.21-1-20 – Mecânico
27/06/1986	47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis
27/06/1986	47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis
07/09/1986	43.13-4-00 - Obras de Terraplenagem
01/10/1986	47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral
01/06/1987	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/09/1987	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
15/01/1988	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/03/1989	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
01/03/1989	80.11-1-02 - Serviços de Adestramento de Cães
01/03/1989	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
01/03/1989	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
01/06/1989	95.29-1-02 – Chaveiros
01/07/1989	18.22-0-31 – Eletricista
10/07/1989	47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas
01/08/1989	23.91-5-03 - Aparelhamento de Placas e Execução
01/09/1989	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE N

Relação de Estabelecimentos da Santa Juliana, por Ano de Registro – Período 1990-1995

Ano de Registro	Ramo de Atividade
01/01/1990	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
01/01/1990	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
16/05/1990	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/06/1990	Radiotécnico
01/10/1990	47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados
16/11/1990	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
01/04/1991	18.21-0-98 – Barbeiro
28/05/1991	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
31/10/1991	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
31/10/1991	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
31/10/1991	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
01/01/1992	47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos
01/01/1992	47.61-0-01 - Comércio Varejista de Livros
01/01/1992	47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários
01/07/1992	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
01/07/1992	47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas
01/07/1992	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/08/1992	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
15/08/1992	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
15/08/1992	47.21-1-03 - Comércio Varejista de Laticínios e Frios
01/10/1992	15.31-9-01 - Fabricação de Calçados e Couro
01/10/1992	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
01/10/1992	95.29-1-01 - Reparação de Calçados, Bolsas e Artigos
21/10/1992	18.21-0-98 – Barbeiro
02/01/1993	47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados
02/01/1993	38.31-9-01 - Recuperação de Sucatas de Alumínio
01/04/1993	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/04/1993	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
07/04/1993	Mecânico de Bicicletas e Similares
28/05/1993	18.21-1-20 – Mecânico
01/07/1993	46.39-7-02 - Comércio Atacadista de Produtos Alimentícios em Geral com Atividade de Fracionamento e Acondicionamento

**Continua**

## Conclusão

Ano de Registro	Ramo de Atividade
27/07/1993	56.20-1-02 - Serviços de Alimentação para Eventos e Recepções Bufê
10/01/1994	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
01/03/1994	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas
01/03/1994	47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos
01/03/1994	33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas
16/03/1994	10.53-8-00 - Fabricação de Sorvetes
29/04/1994	18.21-1-04 – Lanterneiro
01/06/1994	47.42-3-00 - Comércio Varejista de Material Elétrico
01/06/1994	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
01/07/1994	47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines
01/07/1994	25.39-0-02 - Serviços de Tratamento e Revestimentos em Metal
06/07/1994	18.22-0-27 – Borracheiro
29/08/1994	18.22-0-17 – Pedreiro
20/10/1994	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/01/1995	18.11-0-09 – Dentista
01/01/1995	33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas
16/01/1995	45.20-0-03 - Serviços de Manutenção e Reparação Elétrica de Veículos Automotores
16/01/1995	45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores
01/02/1995	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
01/02/1995	47.59-8-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos de Uso Pessoal e Doméstico não Especificados Anteriormente
01/03/1995	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/03/1995	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
01/03/1995	68.21-8-02 - Corretagem no Aluguel de Imóveis
25/07/1995	Pintor de Geladeira
01/08/1995	85.99-6-99 - Outras Atividades de Ensino Não Especificados Anteriormente
01/08/1995	77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares
17/08/1995	18.22-0-27 – Borracheiro
17/08/1995	Hortigranjeiros (Barraca)
23/08/1995	18.21-0-98 – Barbeiro
29/08/1995	18.21-1-06 – Cabelereiro
29/08/1995	18.21-1-19 – Manicure
01/09/1995	47.55-5-03 - Comércio Varejista de Artigos de Cama, Mesa e Banho
01/10/1995	47.44-0-05 - Comércio Varejista de Materiais de Construção Não Especificados Anteriormente
01/10/1995	47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos
01/10/1995	47.42-3-00 - Comércio Varejista de Material Elétrico
02/10/1995	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE O

Relação de Estabelecimentos da Santa Juliana, por Ano de Registro – Período 1996-2000

Ano de Registro	Ramo de Atividade
01/03/1996	10.91-1-00 - Fabricação de Produtos de Panificação
09/04/1996	18.22-0-27 – Borracheiro
02/05/1996	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
02/05/1996	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
10/06/1996	47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis
01/07/1996	47.44-0-02 - Comércio Varejista de Madeira e Artefatos
03/07/1996	18.11-0-09 – Dentista
01/08/1996	47.61-0-02 - Comércio Varejista de Jornais e Revistas
12/08/1996	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
01/10/1996	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
01/11/1996	69.20-6-02 - Atividades de Consultorias e Auditorias
01/11/1996	41.10-7-00 - Incorporação de Empreendimentos Imobiliários
02/01/1997	47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários
12/02/1997	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
12/02/1997	Livre
03/03/1997	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
03/03/1997	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
10/03/1997	77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares
15/03/1997	47.43-1-00 - Comércio Varejista de Vidros
01/04/1997	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
04/04/1997	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
01/08/1997	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
20/08/1997	45.43-9-00 - Manutenção e Reparação de Motocicletas e Motonetas
19/09/1997	56.12-1-00 - Serviços Ambulantes de Alimentação
01/10/1997	47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas
02/10/1997	Hortigranjeiros (Barraca)
02/10/1997	18.22-0-27 – Borracheiro
06/10/1997	47.29-6-01 – Tabacaria
11/11/1997	47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados
11/11/1997	18.21-0-98 – Barbeiro
19/12/1997	Mecânico de Bicicletas e Similares
01/01/1998	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
06/01/1998	47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas
01/04/1998	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
01/04/1998	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/04/1998	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
22/04/1998	18.21-1-20 – Mecânico
01/06/1998	47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral
01/06/1998	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/06/1998	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
08/06/1998	18.22-0-26 – Estofador

**Continua**

## Continuação

Ano de Registro	Ramo de Atividade
09/06/1998	18.21-1-06 – Cabelereiro
09/06/1998	18.11-0-48 – Restaurador
15/06/1998	Eletricista de Autos
22/06/1998	18.22-0-42 – Capoteiro
22/06/1998	18.21-1-06 – Cabelereiro
25/06/1998	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
25/06/1998	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
25/06/1998	93.29-8-04 - Exploração de Jogos Eletrônicos Recreativos
01/07/1998	47.89-0-99 - Comércio de Outros Produtos
01/07/1998	45.30-7-04 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Usados para Veículos Automotores
01/07/1998	47.43-1-00 - Comércio Varejista de Vidros
07/07/1998	18.22-0-27 – Borracheiro
01/08/1998	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
27/08/1998	46.49-4-08 - Comércio Atacadista de Produtos de Hortifrutigranjeiros
01/09/1998	77.29-2-01 - Aluguel de Aparelhos de Jogos Eletrônicos
01/09/1998	77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares
01/10/1998	Livre
01/10/1998	47.83-1-01 - Comércio Varejista de Artigos de Joalheria
01/11/1998	47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas
01/01/1999	45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar
02/01/1999	43.99-1-01 - Administração de Obras
02/01/1999	47.44-0-02 - Comércio Varejista de Madeira e Artefatos
02/01/1999	43.99-1-03 - Obras de Alvenaria
04/01/1999	18.22-0-74 – Faxineiro
01/02/1999	47.43-1-00 - Comércio Varejista de Vidros
01/02/1999	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
01/02/1999	47.21-1-03 - Comércio Varejista de Laticínios e Frios
01/02/1999	47.21-0-01 - Padaria e Confeitaria
01/03/1999	18.22-0-74 – Faxineiro
01/04/1999	45.20-0-04 - Serviços de Alinhamento e Balanceamento de Veículos Automotores
16/04/1999	47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons
16/04/1999	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
27/04/1999	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
23/06/1999	Autônomo
01/08/1999	45.20-0-03 - Serviços de Manutenção e Reparação Elétrica de Veículos Automotores
16/09/1999	29.69-6-00 - Fabricação de Outras Máquinas e Equipamentos
23/09/1999	18.21-0-98 – Barbeiro
27/09/1999	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/10/1999	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/10/1999	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
01/10/1999	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
25/10/1999	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
07/12/1999	47.61-0-02 - Comércio Varejista de Jornais e Revistas
01/01/2000	47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários
17/01/2000	47.21-0-01 - Padaria e Confeitaria
24/01/2000	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
24/01/2000	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue

Continua

**Conclusão**

<b>Ano de Registro</b>	<b>Ramo de Atividade</b>
24/01/2000	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
01/06/2000	18.21-0-28 - Técnico Eletrônico ou Eletromecânica
01/07/2000	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
02/08/2000	47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados
02/08/2000	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
01/10/2000	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
01/10/2000	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
11/10/2000	47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons
16/10/2000	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas
10/11/2000	47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis
01/12/2000	46.39-7-02 - Comércio Atacadista de Produtos Alimentícios em Geral com Atividade de Fracionamento e Acondicionamento
01/12/2000	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/12/2000	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
15/12/2000	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
26/12/2000	47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE P

Relação de Estabelecimentos da Santa Juliana, por Ano de Registro – Período 2001-2005

Ano de Registro	Ramo de Atividade
01/01/2001	18.22-0-27 – Borracheiro
01/01/2001	47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários
05/01/2001	75.00-1-00 - Atividades Veterinárias
05/01/2001	47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários
08/01/2001	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
15/02/2001	45.41-2-05 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios para Motocicletas e Motonetas
07/06/2001	18.21-0-98 – Barbeiro
19/06/2001	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
01/08/2001	45.20-0-05 - Serviços de Lavagem, Lubrificação e Polimentos de Veículos Automotores
08/08/2001	47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados
13/09/2001	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
13/09/2001	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
17/09/2001	18.22-0-62 – Sapateiro
20/09/2001	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
21/09/2001	18.21-1-64 - Mecânico de Máquinas Industriais
24/09/2001	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
26/09/2001	45.12-9-02 - Comércio Sob Consignação de Veículos Automotores
26/09/2001	52.23-1-00 - Estacionamento de Veículos
10/10/2001	14.12-6-01 - Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas Íntimas e as Confeccionadas sob Encomenda
01/12/2001	45.12-9-02 - Comércio Sob Consignação de Veículos Automotores
01/12/2001	52.23-1-00 - Estacionamento de Veículos
01/01/2002	29.10-7-01 - Fabricação de Automóveis, Camionetas e Utilitários
01/01/2002	42.92-8-02 - Obras de Montagem Industrial
16/01/2002	52.23-1-00 - Estacionamento de Veículos
19/02/2002	45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores
01/04/2002	47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias
01/04/2002	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
10/04/2002	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
10/04/2002	47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos
10/04/2002	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
18/04/2002	96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza
24/04/2002	Hortigranjeiros (Barraca)
25/04/2002	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
07/05/2002	Hortigranjeiros (Barraca)
01/06/2002	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
01/06/2002	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
10/06/2002	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
05/07/2002	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
10/07/2002	82.19-9-01 – Fotocópias
01/08/2002	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
20/09/2002	47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas

**Continua**

Continuação

Ano de Registro	Ramo de Atividade
01/10/2002	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/10/2002	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
14/10/2002	18.21-1-06 – Cabelereiro
04/11/2002	18.22-0-08 – Carpinteiro
01/01/2003	47.55-5-03 - Comércio Varejista de Artigos de Cama, Mesa e Banho
02/01/2003	18.21-1-06 – Cabelereiro
01/02/2003	33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas
01/02/2003	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas
20/02/2003	47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática
20/02/2003	45.20-0-01 - Serviços de Manutenção e Reparação Mecânica de Veículos Automotores
20/02/2003	45.20-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios
01/03/2003	47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores
22/04/2003	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/05/2003	82.91-1-00 - Atividades de Cobrança e Informações
01/05/2003	82.99-7-06 - Casas Lotéricas
01/05/2003	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/07/2003	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
01/07/2003	11.13-5-02 - Fabricação de Cervejas e Chopes
15/07/2003	14.12-6-01 - Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas Íntimas e as Confeccionadas sob Encomenda
16/07/2003	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
16/07/2003	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
15/08/2003	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
18/08/2003	18.21-1-20 – Mecânico
01/09/2003	46.34-6-01 - Comércio Atacadista de Carnes Bovina
05/09/2003	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
16/09/2003	18.22-0-81 - Lavador de Veículos
21/10/2003	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
01/01/2004	45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar
09/01/2004	47.63-6-03 - Comércio Varejista de Bicicletas e Triciclos
26/01/2004	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
26/01/2004	15.31-9-01 - Fabricação de Calçados e Couro
12/04/2004	45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores
07/05/2004	47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis
01/06/2004	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/06/2004	47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados
13/08/2004	18.21-1-28 – Serralheiro
01/09/2004	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
01/09/2004	46.43-5-01 - Comércio Atacadista de Calçados
01/09/2004	15.31-9-01 - Fabricação de Calçados e Couro
02/09/2004	18.22-0-62 – Sapateiro
23/09/2004	47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis
01/10/2004	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
22/10/2004	18.22-0-27 – Borracheiro
16/11/2004	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
03/12/2004	18.22-0-11 – Costureiro

Continua

**Conclusão**

<b>Ano de Registro</b>	<b>Ramo de Atividade</b>
05/01/2005	47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas
03/02/2005	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
03/02/2005	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
23/02/2005	18.22-0-35 – Motorista
11/04/2005	18.22-0-86 - Motorista de Caminhão
05/05/2005	18.21-0-98 – Barbeiro
26/07/2005	18.22-9-00 - Serviços de Acabamentos Gráficos
01/09/2005	82.99-7-06 - Casas Lotéricas
10/10/2005	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
16/11/2005	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
16/11/2005	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
01/12/2005	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE Q

Relação de Estabelecimentos da Santa Juliana, por Ano de Registro – Período 2006-2010

Ano de Registro	Ramo de Atividade
01/04/2006	77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares
03/04/2006	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
17/04/2006	18.21-1-64 - Mecânico de Máquinas Industriais
09/05/2006	18.22-0-35 – Motorista
01/06/2006	77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares
03/08/2006	47.63-6-03 - Comércio Varejista de Bicicletas e Triciclos
03/08/2006	47.63-6-02 - Comércio Varejista de Artigos Esportivos
31/10/2006	47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas
27/11/2006	47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores
27/11/2006	47.89-0-04 - Comércio Varejista de Animais Vivos
27/11/2006	47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários
01/02/2007	47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática
16/02/2007	46.79-6-02 - Comércio Atacadista de Mármore
12/03/2007	18.21-1-31 – Instalador
20/03/2007	45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores
20/03/2007	45.43-9-00 - Manutenção e Reparação de Motocicletas e Motonetas
26/03/2007	47.21-0-01 - Padaria e Confeitaria
26/03/2007	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
18/04/2007	18.22-0-31 – Eletricista
18/04/2007	Técnico em Eletrodomésticos
17/05/2007	18.21-0-98 – Barbeiro
01/06/2007	47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos
01/06/2007	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
01/06/2007	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
01/06/2007	47.62-8-00 - Comércio Varejista de Discos, CDs, DVDs
09/08/2007	47.52-1-00 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos de telefonia e Comunicação
04/09/2007	95.29-1-04 - Reparação de Bicicletas, Triciclos e Outros Veículos não Motorizados
08/10/2007	Eletricista de Autos
29/10/2007	Instrutor(a) de Danças
01/12/2007	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
01/01/2008	18.11.0.09 – Dentista
01/01/2008	47.44-0-02 - Comércio Varejista de Madeira e Artefatos
01/01/2008	47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas
01/02/2008	18.21-2-23 - Transportador Escolar Urbano
01/03/2008	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
01/03/2008	47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática
01/03/2008	82.19-9-01 – Fotocópias
12/03/2008	38.31-9-01 - Recuperação de Sucatas de Alumínio
15/04/2008	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas

**Continua**

## Continuação

Ano de Registro	Ramo de Atividade
23/04/2008	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
29/05/2008	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
29/05/2008	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
25/07/2008	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
01/08/2008	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
01/08/2008	93.29-8-04 - Exploração de Jogos Eletrônicos Recreativos
01/08/2008	47.59-8-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos de Uso Pessoal e Doméstico não Especificados Anteriormente
01/08/2008	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
01/08/2008	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
01/08/2008	82.99-7-07 - Salas de Acesso à Internet
04/08/2008	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
04/08/2008	47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines
04/08/2008	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
18/08/2008	43.22-3-01 - Instalações Hidráulicas e Sanitárias
18/08/2008	47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos
18/08/2008	47.42-3-00 - Comércio Varejista de Material Elétrico
18/08/2008	43.21-5-00 - Instalação e Manutenção Elétrica
18/08/2008	43.99-1-05 - Perfuração e Construção de Poços de Água
28/08/2008	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
01/10/2008	18.22-0-27 - Borracheiro
01/10/2008	47.55-5-02 - Comércio Varejista de Artigos de Armarinho
01/10/2008	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
24/10/2008	47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis
28/10/2008	18.22-0-35 - Motorista
03/12/2008	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
03/12/2008	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
04/12/2008	45.20-0-05 - Serviços de Lavagem, Lubrificação e Polimentos de Veículos Automotores
09/12/2008	47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos
09/12/2008	47.42-3-00 - Comércio Varejista de Material Elétrico
01/01/2009	45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar
15/01/2009	47.42-3-00 - Comércio Varejista de Material Elétrico
15/01/2009	47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos
19/01/2009	86.30-5-04 - Atividade Odontológica
22/01/2009	47.44-0-05 - Comércio Varejista de Materiais de Construção Não Especificados Anteriormente
02/03/2009	27.22-8-02 - Recondicionamento de Baterias
01/04/2009	18.21-1-06 - Cabelereiro
03/04/2009	86.30-5-04 - Atividade Odontológica
13/04/2009	93.13-1-00 - Atividades de Condicionamento Físico
13/04/2009	23.30-3-01 - Fabricação de Estruturas Pré-moldados
13/04/2009	47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral
22/04/2009	45.11-1-01 - Comércio e Varejo de Automóveis
22/04/2009	96.02-5-01 - Cabelereiro
22/04/2009	45.12-9-02 - Comércio Sob Consignação de Veículos Automotores
06/05/2009	45.20-0-03 - Serviços de Manutenção e Reparação Elétrica de Veículos Automotores
06/05/2009	45.20-0-02 - Serviços de Lanternagem ou Funilaria

Continua

## Conclusão

Ano de Registro	Ramo de Atividade
15/07/2009	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
12/08/2009	95.21-5-00 - Reparação e Manutenção de Equipamentos
14/08/2009	77.32-2-02 - Aluguel de Andaimos
14/08/2009	49.30-2-02 - Transporte Rodoviário de Carga, Exceto Produtos Perigosos e Mudanças Intermunicipal e Interestadual
14/08/2009	49.30-2-04 - Transporte Rodoviário de Mudanças
24/08/2009	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
29/09/2009	45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar
07/10/2009	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
02/11/2009	45.20-0-06 - Serviços de Borracharia para Veículos Automotores
24/11/2009	64.62-0-00 - Holdings de Instituições Não Financeiras
01/01/2010	96.02-5-01 - Cabelereiro
11/01/2010	96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza
11/01/2010	96.02-5-01 - Cabelereiro
10/02/2010	96.02-5-01 - Cabelereiro
03/03/2010	14.12-6-02 - Confeção, sob Medida de Peças do Vestuário
19/03/2010	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
19/03/2010	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
31/03/2010	47.44-0-02 - Comércio Varejista de Madeira e Artefatos
31/03/2010	47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis
01/04/2010	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas
16/04/2010	95.29-1-02 - Chaveiros
20/04/2010	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
30/04/2010	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
05/05/2010	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
05/05/2010	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
14/05/2010	69.20-6-01 - Atividades de Contabilidade
28/05/2010	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
28/05/2010	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
28/05/2010	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
28/05/2010	47.21-1-03 - Comércio Varejista de Laticínios e Frios
28/05/2010	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
02/06/2010	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
12/08/2010	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
12/08/2010	45.20-0-04 - Serviços de Alinhamento e Balanceamento de Veículos Automotores
19/08/2010	53.20-2-02 - Serviços de Entrega Rápida
09/09/2010	47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral
10/09/2010	86.30-5-04 - Atividade Odontológica
17/09/2010	81.30-3-00 - Atividades Paisagísticas
17/09/2010	47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores
04/10/2010	64.24-7-04 - Cooperativas de Crédito Rural
08/10/2010	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
28/10/2010	43.21-5-00 - Instalação e Manutenção Elétrica
18/11/2010	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
18/11/2010	47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática
26/11/2010	95.12-6-00 - Reparação e Manutenção de Equipamentos
23/12/2010	77.11-0-00 - Locação de Automóveis sem Condutor

Fonte: Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE R

Relação de Estabelecimentos da Santa Juliana, por Ano de Registro – Período 2011-2014

Ano de Registro	Ramo de Atividade
01/01/2011	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
03/01/2011	82.99-7-06 - Casas Lotéricas
05/01/2011	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
08/02/2011	85.20-1-00 - Ensino Médio
14/02/2011	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
22/03/2011	41.20-4-00 - Construção de Edifícios
15/04/2011	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
15/04/2011	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
26/04/2011	18.22-0-37 – Vidraceiro
11/05/2011	01.22-9-00 - Cultivo de Flores e Plantas Ornamentais
11/05/2011	47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores
19/05/2011	33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas
19/05/2011	33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas
25/05/2011	96.02-5-01 – Cabelereiro
21/06/2011	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
22/06/2011	38.31-9-01 - Recuperação de Sucatas de Alumínio
22/06/2011	38.32-7-00 - Recuperação de Materiais Plásticos
01/07/2011	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
01/07/2011	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas
01/07/2011	47.55-5-02 - Comércio Varejista de Artigos de Armarinho
01/07/2011	47.55-5-03 - Comércio Varejista de Artigos de Cama, Mesa e Banho
01/07/2011	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
22/07/2011	47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos
28/07/2011	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
23/08/2011	47.53-9-00 - Comércio Varejista Especializado de Eletrodoméstico e Equipamentos de Áudio e Vídeo
23/08/2011	47.55-5-02 - Comércio Varejista de Artigos de Armarinho
23/08/2011	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
23/08/2011	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
23/08/2011	47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos
01/09/2011	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas
09/09/2011	47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons
13/09/2011	43.99-1-03 - Obras de Alvenaria
13/09/2011	77.39-0-99 - Aluguel de Outras Máquinas e Equipamentos
01/10/2011	47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores
03/10/2011	45.41-2-05 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios para Motocicletas e Motonetas
03/10/2011	47.89-0-04 - Comércio Varejista de Animais Vivos
03/10/2011	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
03/10/2011	95.29-1-04 - Reparação de Bicicletas, Triciclos e Outros Veículos não Motorizados
06/10/2011	47.89-0-99 - Comércio Varejista de Outros Produtos
10/10/2011	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
10/10/2011	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
10/10/2011	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
21/10/2011	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue
24/10/2011	45.41-2-03 - Comércio a Varejo de Motocicletas e Motonetas

**Continua**

## Continuação

Ano de Registro	Ramo de Atividade
04/11/2011	45.20-0-03 - Serviços de Manutenção e Reparação Elétrica de Veículos Automotores
04/11/2011	45.20-0-01 - Serviços de Manutenção e Reparação Mecânica de Veículos Automotores
04/11/2011	52.29-0-02 - Serviços de Reboque de Veículos
01/01/2012	47.55-5-03 - Comércio Varejista de Artigos de Cama, Mesa e Banho
19/01/2012	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
26/01/2012	56.20-1-04 - Fornecimento de Alimentos Preparados
09/03/2012	14.12-6-01 - Confeção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas Íntimas e as Confeccionadas sob Encomenda
09/03/2012	14.12-6-02 - Confeção, sob Medida de Peças do Vestuário
13/03/2012	45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores
13/03/2012	45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar
13/03/2012	47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis
19/03/2012	47.82-2-02 - Varejista de Artigos de Viagem
19/03/2012	47.83-1-02 - Comércio Varejista de Artigos de Relojoaria
19/03/2012	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
19/03/2012	47.63-6-02 - Comércio Varejista de Artigos Esportivos
19/03/2012	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
19/03/2012	47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Biju
23/03/2012	47.21-1-03 - Comércio Varejista de Laticínios e Frios
23/03/2012	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
17/04/2012	47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines
17/04/2012	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
17/04/2012	47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática
17/04/2012	82.19-9-01 - Fotocópias
22/04/2012	45.41-2-04 - Comércio a Varejo de Motocicletas
22/04/2012	45.41-2-03 - Comércio a Varejo de Motocicletas e Motonetas
22/04/2012	47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis
23/04/2012	61.90-6-99 - Outras Atividades de Telecomunicações
24/04/2012	33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas
03/05/2012	18.11-0-01 - Advogado(a)
09/05/2012	45.41-2-05 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios para Motocicletas e Motonetas
15/05/2012	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
17/05/2012	96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza
17/05/2012	96.02-5-01 - Cabelereiro
17/05/2012	96.02-5-01 - Cabelereiro
23/05/2012	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
23/05/2012	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
23/05/2012	47.55-5-02 - Comércio Varejista de Artigos de Armarinho
23/05/2012	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
23/05/2012	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
23/05/2012	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
24/05/2012	47.82-2-02 - Comércio Varejista de Artigos de Viagem
24/05/2012	15.21-1-00 - Fabricação de Artigos para Viagem, Bolsa e Semelhantes de qualquer Material
25/05/2012	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
25/05/2012	56.20-1-03 - Cantinas - Serviços de Alimentação
25/05/2012	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
25/05/2012	56.20-1-04 - Fornecimento de Alimentos Preparados
25/05/2012	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares

Continua

Continuação

Ano de Registro	Ramo de Atividade
30/05/2012	47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos
30/05/2012	47.63-6-02 - Comércio Varejista de Artigos Esportivos
12/06/2012	15.29-7-00 - Fabricação de Artefatos de Couro
06/07/2012	45.41-2-05 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios para Motocicletas e Motonetas
10/07/2012	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
12/07/2012	45.41-2-05 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios para Motocicletas e Motonetas
18/07/2012	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
01/08/2012	47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas
05/08/2012	49.23-0-01 - Serviço de Táxi
21/08/2012	47.89-0-04 - Comércio Varejista de Animais Vivos
21/08/2012	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
22/08/2012	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
27/08/2012	45.11-1-02 - Comércio a Varejo de Automóveis, Camionetas e Utilitários Usados
31/08/2012	47.44-0-06 - Comércio Varejista de Pedras para Revestimentos
28/09/2012	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
28/09/2012	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
28/09/2012	47.62-8-00 - Comércio Varejista de Discos, CDs e DVDs
28/09/2012	47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos
17/10/2012	96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza
24/10/2012	96.02-5-01 - Cabelereiro
25/10/2012	47.52-1-00 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos de telefonia e Comunicação
26/11/2012	10.91-1-01 - Fabricação de Produtos e Panificação Industrial
28/11/2012	47.29-6-01 - Tabacaria
30/11/2012	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
30/11/2012	47.82-2-02 - Comércio Varejista de Artigos de Viagem
30/11/2012	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
30/11/2012	47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados
30/11/2012	82.19-9-01 - Fotocópias
07/12/2012	25.42-0-00 - Fabricação de Artigos de Serralherias
17/12/2012	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
17/12/2012	47.83-1-01 - Comércio Varejista de Artigos de Joalheria
17/12/2012	47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios
17/12/2012	47.89-0-08 - Comércio Varejista de Artigos Fotográficos e Filmagem
17/12/2012	47.61-0-01 - Comércio Varejista de Livros
17/12/2012	82.19-9-01 - Fotocópias
01/01/2013	45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar
17/01/2013	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
17/01/2013	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
17/01/2013	47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons
21/01/2013	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes - Açougue
21/01/2013	47.21-1-03 - Comércio Varejista de Laticínios e Frios
22/01/2013	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
22/01/2013	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
24/01/2013	96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza
24/01/2013	96.02-5-01 - Cabelereiro
25/01/2013	69.20-6-01 - Atividades de Contabilidade
25/01/2013	96.02-5-01 - Cabelereiro
25/01/2013	82.19-9-01 - Fotocópias
05/02/2013	77.39-2-02 - Aluguel de Equipamentos Científicos
05/02/2013	77.11-0-00 - Locação de Automóveis sem Condutor

Continua

## Continuação

Ano de Registro	Ramo de Atividade
21/02/2013	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
27/02/2013	47.55-5-02 - Comércio Varejista de Artigos de Armarinho
27/02/2013	47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas
27/02/2013	47.21-1-03 - Comércio Varejista de Laticínios e Frios
08/03/2013	96.02-5-01 – Cabelereiro
14/03/2013	86.40-2-02 - Laboratórios Clínicos
16/04/2013	49.23-0-02 - Serviços de Transporte de Passageiros
16/04/2013	49.29-9-01 - Transporte Rodoviário Coletivo de Passageiros sob Regime de Fretamento Municipal
01/07/2013	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue
08/07/2013	47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis
12/08/2013	96.02-5-01 – Cabelereiro
26/09/2013	47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines
26/09/2013	47.55-5-02 - Comércio Varejista de Artigos de Armarinho
26/09/2013	47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria
26/09/2013	47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos
02/10/2013	95.29-1-05 - Reparação de Artigos do Mobiliário
18/10/2013	45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores
25/10/2013	45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar
25/10/2013	45.30-7-01 - Comércio por Atacado de Peças e Acessórios
05/11/2013	Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
05/11/2013	56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas
05/11/2013	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
04/12/2013	56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares
05/12/2013	77.11-0-00 - Locação de Automóveis sem Condutor
05/12/2013	45.11-1-01 - Comércio e Varejo de Automóveis
01/01/2014	47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários
16/01/2014	38.11-4-00 - Coleta de Resíduos Não-Perigosos
16/01/2014	47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons
16/01/2014	77.11-0-00 - Locação de Automóveis sem Condutor
16/01/2014	49.30-2-01 - Transporte Rodoviário de Carga Exceto de Produtos Perigosos e Mudanças, Municipal
22/01/2014	Autônomo
11/02/2014	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares
24/02/2014	47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis
12/03/2014	47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas
12/03/2014	47.73-3-00 - Comércio Varejista de Artigos Médicos e Ortopédicos
14/03/2014	73.19-0-02 - Promoção de Vendas
25/03/2014	47.62-8-00 - Comércio Varejista de Discos, CDs, DVDs
25/03/2014	47.55-5-02 - Comércio Varejista de Artigos de Armarinho
25/03/2014	47.83-1-01 - Comércio Varejista de Artigos de Joalheria
25/03/2014	47.83-1-02 - Comércio Varejista de Artigos de Relojoaria
25/03/2014	47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal
25/03/2014	47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios
25/03/2014	47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou <i>Magazines</i>
25/03/2014	89.99-6-03 - Treinamento em Informática
01/04/2014	96.02-5-01 – Cabelereiro
16/04/2014	96.02-5-01 – Cabelereiro
23/04/2014	45.20-0-05 - Serviços de Lavagem, Lubrificação e Polimentos de Veículos Automotores

Continua

**Conclusão**

<b>Ano de Registro</b>	<b>Ramo de Atividade</b>
30/04/2014	47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros
30/04/2014	47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue
06/05/2014	47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática
06/05/2014	47.89-0-99 - Comércio Varejista de Outros Produtos não Especificado Anteriormente
06/05/2014	82.19-9-01 – Fotocópias
06/05/2014	82.99-7-07 - Salas de Acesso à Internet
06/05/2014	18.22-9-01 - Serviços de Encadernação e Plastificação
28/05/2014	Autônomo
01/06/2014	47.44-0.05 - Comércio Varejista de Materiais de Construção
04/06/2014	82.11-3-00 - Serviços Combinados de Escritório e Apoio Administrativo
11/06/2014	23.91-5-03 - Aparelhamento de Placas e Execução
28/07/2014	53.20-2-02 - Serviços de Entrega Rápida
05/08/2014	53.20-2-02 - Serviços de Entrega Rápida
11/08/2014	47.89-0-04 - Comércio Varejista de Animais Vivos
27/08/2014	96.02-5-01 – Cabelereiro
28/08/2014	18.11-0-09 – Dentista
10/09/2014	Autônomo
11/10/2014	56.11-2-01 - Restaurantes e Similares

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE S

Relação de Estabelecimentos, por Trecho da Santa Juliana – Trecho 1 (Residencial)

Ramo de Atividade	Número do Logradouro
Mecânico de Bicicletas e Similares	21
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	236
47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal	469
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	660
47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos	1209
45.20-0-03 - Serviços de Manutenção e Reparação Elétrica de Veículos Automotores	1375
25.39-0-02 - Serviços de Tratamento e Revestimentos em Metal	1375
Pintor de Geladeira	1376
96.02-5-01 – Cabelereiro	1412
96.02-5-01 – Cabelereiro	1412
10.53-8-00 - Fabricação de Sorvetes	1418
Hortigranjeiros (Barraca)	1426
73.19-0-02 - Promoção de Vendas	1437
43.13-4-00 - Obras de Terraplenagem	1459
18.22-0-08 – Carpinteiro	1478
18.22-0-17 – Pedreiro	1481
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	1501
18.21-0-98 – Barbeiro	1510
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	1515
Autônomo	1522
18.21-0-98 – Barbeiro	1531
18.22-0-27 – Borracheiro	1550
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	1550
96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza	1559
Autônomo	1559
47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines	1600
18.21-1-28 – Serralheiro	1600
45.43-9-00 - Manutenção e Reparação de Motocicletas e Motonetas	1600
45.12-9-02 - Comércio Sob Consignação de Veículos Automotores	1620
46.79-6-02 - Comércio Atacadista de Mármore	1620
56.11-2-01 - Restaurantes e Similares	1620
41.20-4-00 - Construção de Edifícios	1659
18.22-0-37 – Vidraceiro	1659
Eletricista de Autos	1671

**Continua**

Ramo de Atividade	Conclusão Número do Logradouro
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	1671
77.11-0-00 - Locação de Automóveis sem Condutor	1671
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	1671
18.22-0-74 – Faxineiro	1676
18.22-0-74 – Faxineiro	1676
47.82-2-02 - Varejista de Artigos de Viagem	1683
18.22-0-26 – Estofador	1709
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	1709
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	1718
93.13-1-00 - Atividades de Condicionamento Físico	1721
Radiotécnico	1774
47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados	1786
47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas	1795
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	1826
18.21-1-20 – Mecânico	1826
47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados	1826
47.63-6-03 - Comércio Varejista de Bicicletas e Triciclos	1826
77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares	1831
69.20-6-01 - Atividades de Contabilidade	1831
18.22-0-17 – Pedreiro	1860
18.22-0-35 – Motorista	1872
85.99-6-99 - Outras Atividades de Ensino Não Especificados Anteriormente	1884
18.21-1-20 – Mecânico	1904
85.99-6-99 - Outras Atividades de Ensino Não Especificados Anteriormente	1904
18.21-1-31 – Instalador	1907
18.22-0-31 – Eletricista	1916
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	1916
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	1916
56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares	1916
Autônomo	1916
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	1916
47.42-3-00 - Comércio Varejista de Material Elétrico	1916
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	1916
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	1916
38.31-9-01 - Recuperação de Sucatas de Alumínio	1928

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE T

### Relação de Estabelecimentos, por Trecho da Santa Juliana – Trecho 2 (Serviços)

Ramo de Atividade	Número do Logradouro
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2009
47.44-0-02 - Comércio Varejista de Madeira e Artefatos	2009
18.21-1-06 – Cabelereiro	2009
18.11-0-48 – Restaurador	2009
75.00-1-00 - Atividades Veterinárias	2009
96.02-5-01 – Cabelereiro	2009
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2020
47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados	2030
56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares	2030
47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores	2034
96.02-5-01 – Cabelereiro	2036
18.22-0-86 - Motorista de Caminhão	2100
18.22-0-35 – Motorista	2100
47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários	2122
47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários	2122
46.39-7-02 - Comércio Atacadista de Produtos Alimentícios em Geral com Atividade de Fracionamento e Acondicionamento	2140
43.22-3-01 - Instalações Hidráulicas e Sanitárias	2140
33.29-5-99 - Instalação de Outros Equipamentos não Especificados Anteriormente	2140
Hortigranjeiros (Barraca)	2145
47.44-0-06 - Comércio Varejista de Pedras para Revestimentos	2176
47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores	2220
95.29-1-05 - Reparação de Artigos do Mobiliário	2228
56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares	2240
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2259
47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas	2272
96.02-5-01 – Cabelereiro	2272
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2272
18.21-0-98 – Barbeiro	2282
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2282
18.11-0-09 – Dentista	2282
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2282
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2282
85.20-1-00 - Ensino Médio	2287

**Continua**

	<b>Conclusão</b>
<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Número do Logradouro</b>
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	2361
47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas	2361
47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis	2361
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2361
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2361
45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores	2361
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2361
47.44-0-05 - Comércio Varejista de Materiais de Construção Não Especificados Anteriormente	2365
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2365
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2365
47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedra, Brita, Tijolos e Telhas	2365
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2377
56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares	2379
93.29-8-04 - Exploração de Jogos Eletrônicos Recreativos	2379
86.40-2-02 - Laboratórios Clínicos	2379
47.63-6-03 - Comércio Varejista de Bicicletas e Triciclos, Peças e Acessórios	2379
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2379
45.20-0-03 - Serviços de Manutenção e Reparação Elétrica de Veículos Automotores	2387
45.20-0-04 - Serviços de Alinhamento e Balanceamento de Veículos Automotores	2387
18.21-1-20 - Mecânico	2387
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2387
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2400
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2400
47.44-0.05 - Comércio Varejista de Materiais de Construção	2411
47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral	2500
47.59-8-01 - Comércio Varejista de Artigos de Tapeçaria, Cortinas e Persianas	2500

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

## APÊNDICE U

### Relação de Estabelecimentos, por Trecho da Santa Juliana – Trecho 3 (Comércio)

Ramo de Atividade	Número do Logradouro
47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis	2501
47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas	2522
96.02-5-01 – Cabelereiro	2522
47.89-0-99 - Comércio de Outros Produtos	2561
56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares	2573
18.22-0-17 – Pedreiro	2574
18.22-0-27 – Borracheiro	2574
18.22-0-42 – Capoteiro	2574
18.22-0-27 – Borracheiro	2574
45.20-0-06 - Serviços de Borracharia para Veículos Automotores	2574
45.20-0-04 - Serviços de Alinhamento e Balanceamento de Veículos Automotores	2574
46.87-7-03 - Comércio Atacadista de Resíduos e Sucatas Metálicas	2574
45.20-0-03 - Serviços de Manutenção e Reparação Elétrica de Veículos Automotores	2580
47.84-9-00 - Comércio Varejista de Gás Liquefeito de Petróleo	2580
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2588
47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos	2598
18.21-0-28 - Técnico Eletrônico ou Eletromecânica	2598
18.21-1-64 - Mecânico de Máquinas Industriais	2598
95.21-5-00 - Reparação e Manutenção de Equipamentos	2598
33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas	2598
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2601
47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados	2601
47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados	2601
95.12-6-00 - Reparação e Manutenção de Equipamentos	2601
18.21-0-98 – Barbeiro	2602
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2602
18.21-1-06 – Cabelereiro	2606
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2618
47.44-0-05 - Comércio Varejista de Materiais de Construção Não Especificados Anteriormente	2618
47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral	2618
47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria	2637
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2637
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2648
96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza	2648

**Continua**

<b>Continuação</b>	
<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Número do Logradouro</b>
96.02-5-01 – Cabelereiro	2648
96.02-5-01 – Cabelereiro	2648
47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria	2648
96.02-5-01 – Cabelereiro	2648
96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza	2648
18.22-0-81 - Lavador de Veículos	2649
18.11-0-09 – Dentista	2660
47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons	2660
82.11-3-00 - Serviços Combinados de Escritório e Apoio Administrativo	2660
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2660
47.61-0-02 - Comércio Varejista de Jornais e Revistas	2672
69.20-6-02 - Atividades de Consultorias e Auditorias	2672
77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares	2672
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2672
47.43-1-00 - Comércio Varejista de Vidros	2672
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2672
82.91-1-00 - Atividades de Cobrança e Informações	2672
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2672
18.22-0-62 – Sapateiro	2672
47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática	2672
47.29-6-01 – Tabacaria	2672
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2672
47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis	2695
47.54-7-01 - Comércio Varejista de Móveis	2695
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2695
18.11.0.09 – Dentista	2695
86.30-5-04 - Atividade Odontológica	2695
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2695
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2709
47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas	2709
77.29-2-01 - Aluguel de Aparelhos de Jogos Eletrônicos	2709
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2709
18.22-0-31 – Eletricista	2709
56.11-2-01 - Restaurantes e Similares	2709
47.61-0-02 - Comércio Varejista de Jornais e Revistas	2710
47.21-0-01 - Padaria e Confeitaria	2710
47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática	2722

**Continua**

<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Continuação Número do Logradouro</b>
47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria	2722
47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria	2722
47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines	2722
53.20-2-02 - Serviços de Entrega Rápida	2722
80.11-1-02 - Serviços de Adestramento de Cães	2725
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2734
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2758
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	2770
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2773
47.55-5-03 - Comércio Varejista de Artigos de Cama, Mesa e Banho	2782
82.19-9-01 – Fotocópias	2782
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2782
47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas, Britas Tijolos e Telhas	2782
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2787
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2787
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2787
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2787
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2787
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	2794
18.21-2-23 - Transportador Escolar Urbano	2794
Autônomo	2794
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2811
82.99-7-06 - Casas Lotéricas	2811
47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal	2811
47.89-0-01 - Comércio de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos	2811
77.22-5-00 - Aluguel de Fitras de Vídeo, DVDs e Similares	2820
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2820
Eletricista de Autos	2820
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2820
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2821
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2821
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	2821
47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados	2823
96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza	2823

**Continua**

<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Continuação Número do Logradouro</b>
47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos	2823
47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines	2823
47.21-1-03 - Comércio Varejista de Laticínios e Frios	2823
47.82-2-02 - Comércio Varejista de Artigos de Viagem	2823
18.22-0-27 – Borracheiro	2825
45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores	2825
18.22-0-27 – Borracheiro	2825
82.99-7-06 - Casas Lotéricas	2825
18.22-0-17 – Pedreiro	2826
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2826
18.22-0-27 - Borracheiro	2834
56.11-2-01 - Restaurantes e Similares	2837
47.43-1-00 - Comércio Varejista de Vidros	2838
18.21-1-64 - Mecânico de Máquinas Industriais	2838
96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza	2840
45.12-9-02 - Comércio Sob Consignação de Veículos Automotores	2844
25.42-0-00 - Fabricação de Artigos de Serralherias	2852
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2853
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2854
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2854
47.21-0-01 - Padaria e Confeitaria	2854
56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares	2854
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	2854
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2854
46.34-6-01 - Comércio Atacadista de Carnes Bovina	2854
47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral	2855
Mecânico de Bicicletas e Similares	2871
18.21-1-06 – Cabelereiro	2871
47.44-0-02 - Comércio Varejista de Madeira e Artefatos	2871
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2871
14.12-6-01 - Confecção de Peças do Vestuário, Exceto Roupas Íntimas e as Confeccionadas sob Encomenda	2871
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2873
18.21-1-06 – Cabelereiro	2874
47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas	2876
86.30-5-04 - Atividade Odontológica	2877
77.39-2-02 - Aluguel de Equipamentos Científicos	2877
18.22-0-11 – Costureiro	2878

**Continua**

<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Continuação Número do Logradouro</b>
45.11-1-02 - Comércio a Varejo de Automóveis, Camionetas e Utilitários Usados	2878
47.55-5-01 - Comércio Varejista de Tecidos	2880
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2880
15.31-9-01 - Fabricação de Calçados e Couro	2880
18.21-0-98 – Barbeiro	2880
18.21-1-06 – Cabelereiro	2880
18.21-0-98 – Barbeiro	2880
47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados	2880
96.02-5-01 – Cabeleireiro	2880
10.91-1-01 - Fabricação de Produtos e Panificação Industrial	2880
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	2880
47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas	2884
47.61-0-03 - Comércio Varejista de Artigos de Papelaria	2925
47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal	2925
47.72-5-00 - Comércio Varejista de Cosméticos, Produtos de Perfumaria e de Higiene Pessoal	2925
47.71-7-01 - Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos com Manipulação de Fórmulas	2925
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	2925
47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados	2935
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	2945
47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados	2945
18.22-0-35 – Motorista	2953
47.63-6-04 - Comércio Varejista de Artigos de Caça, Pesca e Camping	2953
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	2965
Instrutor(a) de Danças	2965
47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons	2988
47.52-1-00 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos de telefonia e Comunicação	3014
69.20-6-01 - Atividades de Contabilidade	3014
47.59-8-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos de Uso Pessoal e Doméstico não Especificados Anteriormente	3037
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	3037
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	3037
18.11-0-09 – Dentista	3053
47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias	3053
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	3053
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	3053
47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas	3053

**Continua**

Ramo de Atividade	Continuação Número do Logradouro
86.30-5-04 - Atividade Odontológica	3053
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	3053
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	3053
95.29-1-02 – Chaveiros	3054
18.22-0-08 – Carpinteiro	3054
18.22-0-11 – Costureiro	3054
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	3054
45.41-2-05 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios para Motocicletas e Motonetas	3054
53.20-2-02 - Serviços de Entrega Rápida	3062
53.20-2-02 - Serviços de Entrega Rápida	3062
47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral	3070
47.53-9-00 - Comércio Varejista Especializado de Eletrodoméstico e Equipamentos de Áudio e Vídeo	3073
47.13-0-01 - Lojas de Departamentos ou Magazines	3073
47.89-0-01 - Comércio Varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos	3073
18.21-1-06 – Cabelereiro	3080
18.21-1-19 – Manicure	3080
47.21-1-04 - Comércio Varejista de Doces, Balas, Bombons	3080
47.82-2-01 - Comércio Varejista de Calçados	3086
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	3123
47.89-0-01 - Comércio Varejista de <i>Suvenires</i> , Bijuterias e Artesanatos	3123
85.99-6-04 - Treinamento em Desenvolvimento Profissional	3123
18.21-1-20 – Mecânico	3124
47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas	3124
18.22-9-00 - Serviços de Acabamentos Gráficos	3124
45.30-7-03 - Comércio a Varejo de Peças e Acessórios Novos para Veículos Automotores	3124
18.22-0-27 – Borracheiro	3124
43.21-5-00 - Instalação e Manutenção Elétrica	3124
82.11-3-00 - Serviços Combinados de Escritório e Apoio Administrativo	3124
45.20-0-04 - Serviços de Alinhamento e Balanceamento de Veículos Automotores	3124
14.12-6-02 - Confecção, sob Medida de Peças do Vestuário	3146
18.11-0-01 - Advogado(a)	3146
15.29-7-00 - Fabricação de Artefatos de Couro	3146
47.24-5-00 - Comércio Varejista de Hortifrutigranjeiros	3152
29.10-7-01 - Fabricação de Automóveis, Camionetas e Utilitários	3155
45.11-1-01 - Comércio e Varejo de Automóveis	3155
77.11-0-00 - Locação de Automóveis sem Condutor	3155

**Continua**

<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Continuação Número do Logradouro</b>
45.12-9-02 - Comércio Sob Consignação de Veículos Automotores	3155
64.24-7-04 - Cooperativas de Crédito Rural	3164
47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas	3175
47.85-7-99 - Comércio Varejista de Outros Artigos Usados	3176
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3185
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3185
47.51-2-01 - Comércio Varejista Especializado de Equipamentos e Suprimentos de Informática	3185
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3185
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3185
45.43-9-00 - Manutenção e Reparação de Motocicletas e Motonetas	3186
18.21-0-98 – Barbeiro	3188
33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas	3188
33.14-7-11 - Manutenção e Reparação de Máquinas	3188
47.89-0-04 - Comércio Varejista de Animais Vivos	3188
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	3550
77.22-5-00 - Aluguel de Fitas de Vídeo, DVDs e Similares	3550
45.41-2-04 - Comércio a Varejo de Motocicletas	3550
23.30-3-02 - Fabricação de Artefatos de Cimento para uso na Construção	3562
47.29-6-01 – Tabacaria	3581
96.02-5-01 – Cabelereiro	3581
96.02-5-02 - Atividades de Estética e Outros Serviços de Cuidados com a Beleza	3581
47.55-5-03 - Comércio Varejista de Artigos de Cama, Mesa e Banho	3581
47.63-6-01 - Comércio Varejista de Brinquedos e Artigos Recreativos	3593
47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários	3593
Hortigranjeiros (Barraca)	3593
47.23-7-00 - Comércio Varejista de Bebidas	3593
47.62-8-00 - Comércio Varejista de Discos, CDs, DVD	3593
47.44-0-04 - Comércio Varejista de Cal, Areia, Pedras, Britas Tijolos e Telhas	3593
45.43-9-00 - Manutenção e Reparação de Motocicletas e Motonetas	3593
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	3595
45.20-0-01 - Serviços de Manutenção e Reparação Mecânica de Veículos Automotores	3605
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	3615
46.34-6-01 - Comércio Atacadista de Carnes Bovina	3615
47.22-9-01 - Comércio Varejista de Carnes – Açougue	3615
47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas	3615
56.11-2-03 - Lanchonetes, Casas de Chá, Sucos e Similares	3615
47.81-4-00 - Comércio Varejista de Artigos do Vestuário e Acessórios	3615

**Continua**

Ramo de Atividade	Conclusão Número do Logradouro
56.12-1-00 - Serviços Ambulantes de Alimentação	3627
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3627
47.31-8-00 - Comércio Varejista de Combustíveis	3628
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	3634
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3634
49.23-0-01 - Serviço de Táxi	3634
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3634
47.63-6-03 - Comércio Varejista de Bicicletas e Triciclos, Peças e Acessórios	3635
43.99-1-01 - Administração de Obras	3701
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3701
56.11-2-01 - Restaurantes e Similares	3701
56.11-2-01 - Restaurantes e Similares	3701
56.11-2-01 - Restaurantes e Similares	3701
56.11-2-01 - Restaurantes e Similares	3701
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3701
18.22-0-17 - Pedreiro	3711
18.22-0-27 - Borracheiro	3711
Hortigranjeiros (Barraca)	3711
56.11-2-02 - Bares e Outros Estabelecimentos Especializados em Servir Bebidas	3721
45.43-9-00 - Manutenção e Reparação de Motocicletas e Motonetas	3726
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	3731
18.21-0-98 - Barbeiro	3731
42.92-8-02 - Obras de Montagem Industrial	3741
18.22-0-62 - Sapateiro	3763
47.44-0-02 - Comércio Varejista de Madeira e Artefatos	3785
47.44-0-99 - Comércio Varejista de Materiais de Construção em Geral	3785
23.91-5-03 - Aparelhamento de Placas e Execução	3788
18.21-1-04 - Lanterneiro	3802

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

**APÊNDICE V**  
 Relação de Estabelecimentos, por Trecho da Santa Juliana – Trecho 4  
 (Grandes Empreendimentos)

Ramo de Atividade	Número do Logradouro
47.44-0-03 - Comércio Varejista de Materiais Hidráulicos	4200
64.62-0-00 - Holdings de Instituições Não Financeiras	4200
23.30-3-01 - Fabricação de Estruturas Pré-moldados	4202
81.30-3-00 - Atividades Paisagísticas	4202
01.22-9-00 - Cultivo de Flores e Plantas Ornamentais	4202
45.30-7-05 - Comércio a Varejo de Pneumáticos e Câmaras de Ar	4202
45.20-0-05 - Serviços de Lavagem, Lubrificação e Polimentos de Veículos Automotores	4202
45.12-9-02 - Comércio Sob Consignação de Veículos Automotores	4238
56.20-1-02 - Serviços de Alimentação para Eventos e Recepções Bufê	4280
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	4343
47.12-1-00 - Comércio Varejista de Mercadorias em Geral, com Dominância de Produtos Alimentícios	4343
47.89-0-02 - Comércio Varejista de Plantas e Flores	4347
43.99-1-03 - Obras de Alvenaria	4347
47.44-0-01 - Comércio Varejista de Ferragens e Ferramentas	4347
47.71-7-04 - Comércio Varejista de Medicamentos Veterinários	4347

**Fonte:** Adaptado de Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (2014).

**ANEXOS**

## ANEXO A

Ata da Audiência Pública Nº 16 / 2013, realizada no dia 30 de outubro de 2013 com o objetivo de discutir melhorias no transito da rua Santa Juliana

Conforme Edital nº 16/2013, publicado no Diário do Legislativo do dia 30 de setembro a 31 de outubro de 2013 e em atendimento ao Requerimento nº 861/2013 de autoria do Vereador Marcelo Pires e Gilberto Pereira da Silva, aprovado em reunião plenária do dia 27/08/2013, a Câmara Municipal de Sete Lagoas realizou no dia 30 de outubro de 2013, no Plenário Deputado Wilson Tanure, sito na Av. Getúlio Vargas, nº 111, Centro, audiência pública com o objetivo de discutir MELHORIAS NO TRÂNSITO DA RUA SANTA JULIANA A abertura da reunião foi realizada pelo Cerimonial desta Casa, que fez uma explanação sobre o tema, e informou aos presentes que as inscrições para manifestações ainda se encontram abertas. Logo após, o Cerimonial convidou para compor a mesa: o Vereador Márcio Paulino da Silva Torres, Presidente desta Casa Legislativa; o Vereador Marcelo Pires Rodrigues, autor do requerimento que originou esta audiência; Vereador Gilberto Pereira da Silva co-autor do Requerimento que gerou esta Audiência, os Vereadores Renato Gomes, Milton Mauricio Martins, Décio Márcio Majela Abreu, Alcides Longo de Barros, bem como Silvio Augusto Carvalho, Secretário de Trânsito e Transportes, Renata Lopes Cançado Resende representando Arnaldo Nogueira, Secretário Municipal de Obras, Afonso Henrique Gonçalves França, Engenheiro Orçamentista da Secretaria de Obras, Mislene Pontes, Supervisora Administrativa da Empresa Felt Elétrica, Senhor Sérgio Shell, representando a Secretaria de Desenvolvimento de Turismo, e o Senhor Ananias Antônio Neto, Empresa Karrão. Foi destacada as presenças da Senhora Morgane Ferreira Veiga, representando o Deputado Duílio de Castro, Jornalista Gustavo Miranda da Rádio Eldorado, Juventino de Souza, representando o Vereador Caramelo, Abdala Nacif, representando o Deputado Estadual Adelmo Leão, Senhora Carolina Costa, representando a Vereadora Marli de Luquinha, Vitor Messias, Secretário de Juventude PT de Sete Lagoas, Senhor Ivan Luiz, representando o Vereador Milton Luiz Saraiva e o Senhor Wagner Redoan, representando o Vereador Euro de Andrade Lanza. Foi lido ofício de justificativa de ausência do Vereador Pastor Fabrício. Para considerações iniciais, a palavra foi dada ao presidente desta casa Marcio Paulino que agradeceu a presença de todos, e enfatizou a importância desta Audiência e das opiniões diversas que, certamente, contribuirão para solução dos diversos problemas do trânsito da Rua Santa Juliana. O presidente Márcio Paulino convidou ao Vereador Marcelo Pires Rodrigues que ocupasse a cadeira de Presidente para que ele conduzisse os trabalhos e pediu ao Mestre de Cerimônias que fosse feita a leitura do Requerimento que deu origem a esta audiência. Antes de fazer a leitura do Requerimento, o Mestre de Cerimônias convidou o co autor do Requerimento para compor a mesa principal. Após a leitura do Requerimento 861/2013, o Mestre de Cerimônias perguntou ao Vereador Marcelo Pires Rodrigues se seria necessária a leitura na íntegra do Edital desta Audiência, o qual pediu que se lesse somente os pontos mais importantes. Retornando a palavra ao presidente desta audiência, o vereador Marcelo Pires Rodrigues, cumprimentou a todos os presentes, agradecendo a presença citando o quão fundamental e importante é a participação de todos. O Vereador Marcelo da Cooperselta pediu que fosse invertida a ordem das manifestações. Que as pessoas que vivem o dia a dia na Rua Santa Juliana falassem sobre as suas rotinas e problemas enfrentados na referida Rua. A moradora e também comerciante da Rua Santa Juliana, Mislene Pontes disse que a seu ver muita coisa seria resolvida se o trânsito da Rua em questão fosse transformado em mão única, desviando o fluxo para a Rua Sabará. Antes de continuar com as sugestões e propostas foi colocado um vídeo feito pela TV Câmara, onde foi mostrado imagens e entrevistas a moradores e comerciantes da Rua Santa Juliana. Logo depois o Vereador

Marcelo da Cooperselitta passou a palavra ao Vereador Gilberto Doceiro que disse querer bastante que os problemas da Rua Santa Juliana sejam resolvidos da melhor maneira possível, e que terá que se ausentar pois irá a um velório. O Senhor Ananias da empresa Karrão e representante de todos os comerciantes disse não haver mais congestionamentos. Os maiores problemas foram sanados após a audiência do ano de 2011. Há alguns problemas quanto a lombadas, motos em alta velocidade, mas, com certeza, mão única vai criar problemas para os comerciantes, o movimento irá diminuir, podendo assim levar alguns à falência. O Vereador Marcelo da Cooperselitta agradeceu a presença do Senhor Sebastião do Egito, presidente da Associação do Bairro Bouganville, ao Vital José de Abreu, comerciante, e ao Jean Karlo, comerciante. Chamou o Vereador Milton Maurício Martins para compor a mesa principal. Em seguida passou a palavra ao Vereador Renato Gomes que cumprimentou a todos e disse que a importância da Rua Santa Juliana vem crescendo cada vez mais com o passar dos anos, onde se encontra empresas de pequeno, médio e até grande porte. Disse ao Secretário de Trânsito que é necessário que se ofereça opções melhores para que as pessoas não necessitem passar pela Rua Santa Juliana. Que os ônibus de transporte coletivo possam fazer um outro trecho, desafogando assim o intenso movimento nessa rua. A palavra foi passada para o Vereador Padre Décio que disse que existem em todas as cidades, ruas que criam vida própria, e a Santa Juliana é uma delas, e ruas que criam vida própria é impossível transformá-las em mão única. Naquela rua existem problemas próprios de uma cidade grande, mas que com bom senso, ajuda da população e empenho da prefeitura poderão ser bem resolvidos. O Vereador Milton Martins, leu e-mail de uma moradora do Bairro São Vicente e que diariamente precisa passar pela Santa Juliana. Ela relatou o quanto é sofrido e perigoso trafegar por esta via. O Vereador Milton Martins tem a opinião de que realmente não seja viável fazer da Rua Santa Juliana mão única, e que estudos sejam feitos para que as verbas que estão chegando para melhoria da rua em questão sejam bem empregadas. O presidente da Audiência passou a palavra para o presidente da Câmara Municipal Márcio Paulino que realçou mais uma vez a importância de uma audiência. Até então ele pensava que a Rua Santa Juliana, precisasse apenas de um asfalto novo como fizeram na Rua Equador, que um banho de logística resolveria a maioria dos problemas. Antes de ouvir o Senhor Ananias pensava que a Rua deveria sim ser transformada em mão única, e diante de tantas opiniões divergentes, nada melhor do que ouvir o Secretário de Trânsito, que poderá nos dizer o que realmente pode ser feito mediante essa situação, visando o bem-estar coletivo, sem prejudicar ninguém. Devemos ouvir mais, para que tenhamos opinião formada. O Vereador Pastor Alcides disse que opiniões tem que ser respeitadas. Ideias nascem e tem que ser melhoradas. A solução ali com certeza, é técnica, os entendidos em trânsito é que poderão saber realmente o que poderá ser feito. Na sua opinião, mão única é a única solução viável para a Santa Juliana, e que mão única não significa inacessibilidade. A Senhora Renata Lopes Cançado Resende, coordenadora de ordenamento urbano informou que há um recurso de 2012, (uma emenda parlamentar), no valor de dois milhões, cento e oitenta mil reais, sendo 30% desse recurso contrapartida do Município. É uma emenda que está vinculada ao Ministério das Cidades e tem um objeto que é a drenagem e pavimentação da Rua Santa Juliana. Por ser um recurso vinculado ao Ministério das cidades, tem que ser feito algumas coisas no projeto para atender a demanda do Ministério das Cidades, por exemplo dar travessia aos pedestres, dar mobilidade urbana, e para isso estão sendo criadas rampas de acessibilidade, pintadas e não elevadas. Por ser um recurso do ano passado, já está em tramitação na Caixa Econômica des abril desse ano, sendo que o projeto e a planilha já estão prontos. Disse ainda que não foi feito nenhum desvio de trânsito para a Santa Juliana, mesmo porque isso não cabe à Secretaria de Obras. É algo passível de estudo, mas é de competência da Secretaria de Trânsito, a nível de futuro. No projeto há a inclusão de mais sinalização vertical, de piso tátil e a via vai ser reconstruída parcialmente em toda sua extensão. A Senhora Renata pediu licença, pois precisou sair, devido a outros compromissos. Foi passada a palavra aos inscritos: O primeiro inscrito o

Senhor Abdala Nacif defende a ideia de que a mão única é a melhor solução para a Santa Juliana. Disse que em Sete Lagoas há uma deficiência muito grande quanto à sinalização, e que as placas que sinalizam para a Iveco e Ambev, todas jogam para a Santa Juliana. Lamentou que a aplicação do recurso já está definida, mas espera que os técnicos resolvam da melhor maneira possível os problemas da Rua Santa Juliana. O próximo inscrito, o Senhor Jeann Karlo, comerciante da Rua Santa Juliana e morador da região, informou que um problema muito grave da Santa Juliana já foi resolvido com a proibição de parar e estacionar de um lado da via. O que está faltando atualmente é uma fiscalização mais rigorosa, porque mesmo com a proibição alguns ainda continuam a desrespeitar. Acredita também que a Rua passar a ser mão única vai fazer com o comércio sofra graves consequências, como já aconteceu em outras vias. Sugeriu que colocando um tapete novo na rua, seja colocado redutores de velocidade, pois com certeza a velocidade dos veículos vai aumentar. O inscrito a seguir foi Gustavo Miranda da Rádio Eldorado disse que como morador do Bairro tem que passar todos os dias pela Rua Santa Juliana e sofre com os problemas da via e acha que com revitalização, será necessária uma delimitação mais precisa, seja ela com o “olho de gato”, para se demarcar mão e contra mão. Deseja que realmente sejam tomadas medidas que atendam a todos, comerciantes, moradores e aos que precisam passar pela Santa Juliana. O Senhor Anderson Geraldo da Drogaria Americana, morador da região há 20 anos e comerciante há 16 anos, disse que os problemas da Santa Juliana se devem à de falta de infraestrutura. Acredita que mão única para aquela rua seja algo para o futuro, pois para se fazer isso, teria que jogar o trânsito para as ruas paralelas, e com certeza essas ruas paralelas não suportarão o aumento do fluxo. Marcos José Pinto, assessor do Vereador Pastor Alcides disse ter 19 anos e passa pela Rua Santa Juliana há 19 anos. E pode falar que a Santa Juliana já esteve pior e tem percebido que os problemas da Santa Juliana têm diminuído. Mas, há muito a ser feito, e por isso desejou sorte a todos que estão envolvidos nesse projeto de melhoria da Rua Santa Juliana. Sérgio Shell representando Secretaria de Desenvolvimento e Turismo e justificou a ausência da Senhora Mônica Vasconcelos. Disse que a Santa Juliana é muito importante, não só por ser um corredor comercial, mas por ser opção para quem vai a Serra do Cipó ou para quem faz o Circuito das Grutas, portanto tem importância turística também. Informou que em conjunto com a Secretaria de Trânsito estarão sendo instaladas na cidade placas de sinalização turística. Serão um total de cerca de 187 placas. Em seguida o Engenheiro senhor Afonso Henrique Gonçalves disse que as obras na Santa Juliana incluem drenagem exclusiva, demolição do piso existente, rampas de acessibilidade e outras. E em sua opinião a Santa Juliana não deve ser analisada isoladamente, deve-se analisar levando em conta outras ruas, pois corre-se o risco de melhorar aquela rua e transferir o problema para outras ruas. O Vereador Marcelo da Cooperselta pediu desculpas ao Senhor Tarcisio da CDL, pois foi falha do seu gabinete não ter mandado convite, e pediu a ele para compor a mesa. O Secretário do Trânsito Silvio Carvalho começou sua fala fazendo a seguinte pergunta: O que a Santa Juliana hoje? E continuou dizendo que a Santa Juliana é uma via que nasceu para um trânsito local e hoje é o principal corredor para a Região Norte, não só para os outros bairros mas para as cidades que estão após. Disse que como o Senhor Ananias colocou a questão da ligação Norte Sul. O projeto é que a Norte Sul vai ligar na 238. Há uma duplicação da 238 nesse trecho onde vai encontrar com a Norte Sul, indo até as indústrias. Então o objetivo disso num primeiro momento é captar uma grande parte desse movimento para a Norte Sul e criar na Perimetral, fundo Jardim Arizona e Mangabeiras. O segundo projeto que ainda não está autorizado é o entroncamento que vai passar contornando pelo outro lado que faria a ligação. Enquanto este projeto não existir a principal via de acesso vai ser essa. Com isso, parte do trânsito pesado vai ser desviado da Santa Juliana. Não trabalhamos ainda com a possibilidade de mão única para a Santa Juliana, pois a primeira coisa para se fazer nessa questão é o paralelo binário, que é desviar o trânsito para vias paralelas. E isso na Santa Juliana hoje não é viável, não é técnico. Viável é quando acontece por exemplo na Rua Paulo Frontin e Rua Quintino

Bocaiuva, uma vai a outra vem. Quanto ao problema da Rotatória Barbosa Melo, tecnicamente ela não existe. É muito confusa e não tem sinalização que resolva, é engenharia. A solução para aquela rotatória é que seja desmanchada e refeita. Quanto à sinalização, adotamos uma medida muito importante, que é a de não aprovarmos nenhum loteamento se não existir um projeto de sinalização. Segundo o Senhor Silvio de Carvalho no trânsito existem três pilares que favorecem um bom funcionamento que é engenharia, educação e fiscalização. Ele prometeu que vai verificar novamente a questão dos pontos de ônibus e a questão das placas privativas que não existam mais, existe hoje o estacionamento rotativo. Disse que é fato que a fiscalização da Santa Juliana é muito precária, e que precisa realmente ser melhorada, que tem convênio com a Polícia Militar e em parte a atuação da Guarda Municipal. Disse que está sendo trabalhada a questão dos Agentes de Fiscalização de Trânsito, que é um projeto que deve chegar em breve para apreciação desta Casa Legislativa. O Vereador Marcelo da Cooperselta passou a palavra ao Senhor Tarcisio da CDL, que lamentou não estar presente desde o início, pois é uma tratativa que diz respeito a um nicho mais forte em Sete Lagoas que é a Santa Juliana. E a CDL tem tido um olhar bem específico para aquela via, pois é impressionante o volume e a diversidade de comércio existente naquela rua. Temos tido muito apoio da Secretaria de Trânsito, porque ontem foi feita uma reunião para falar da necessidade da ostensividade da fiscalização em determinado ponto da Santa Juliana, em frente a um Posto de Combustíveis. Hoje mesmo já foi resolvido esse problema por parte da Secretaria de Trânsito. O Vereador Marcelo Pires Rodrigues mais uma vez agradeceu a presença e colaboração de todos, e disse que com certeza muitos frutos serão colhidos advindos desta audiência. A íntegra desta Audiência Pública encontra-se à disposição na Secretaria Especial de Comunicação desta Casa Legislativa. Sala das Sessões, 30 de outubro de 2013. Laura Dulcineia de Melo Souza, Matrícula 816.

